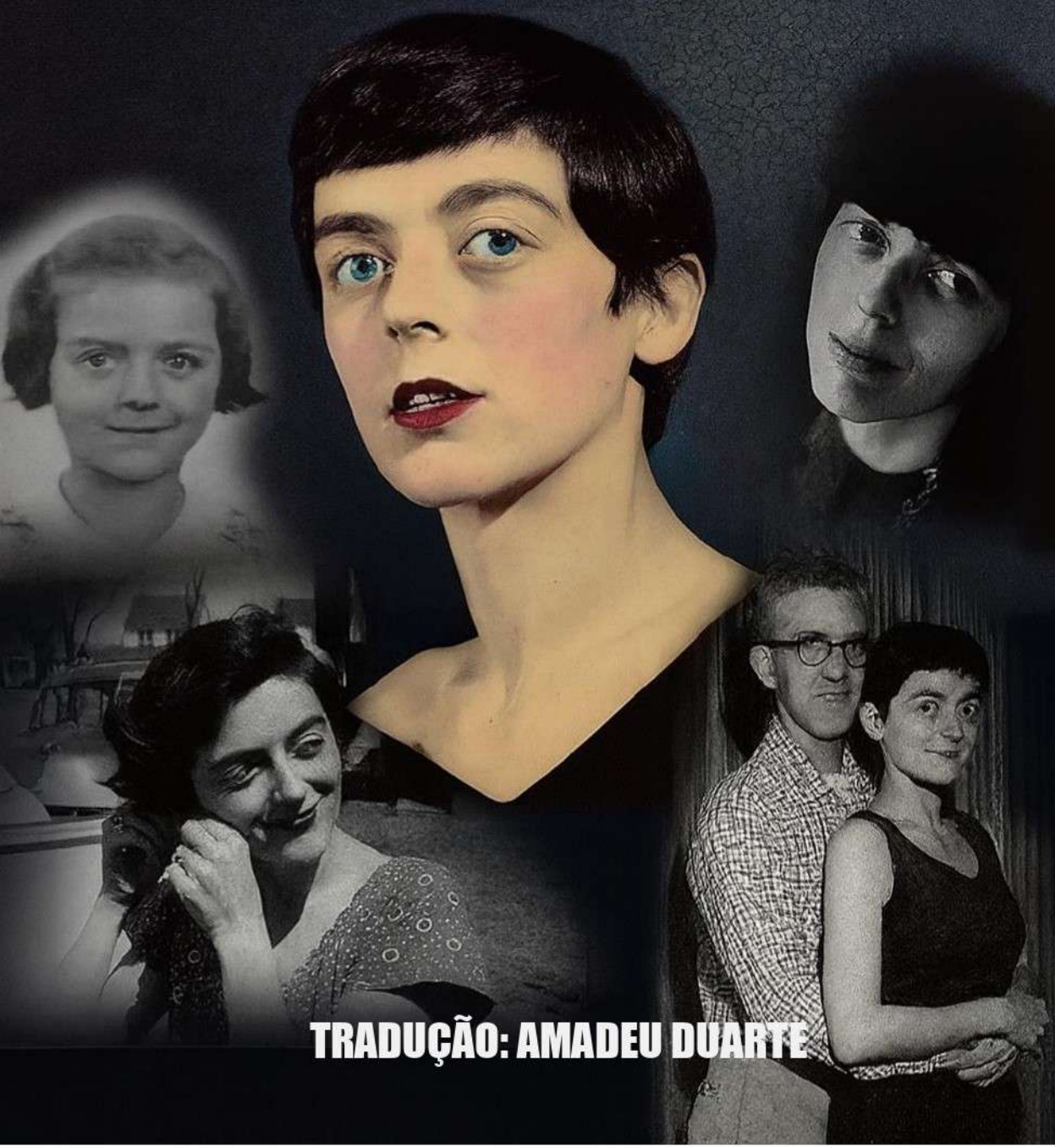


UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO
AS SESSÕES PESSOAIS

LIVRO SETE



TRADUÇÃO: AMADEU DUARTE

SESSÕES PESSOAIS 7
THE PERSONAL SESSIONS
Livro 7 de
The Deleted Seth Material Sessions
14/05/82–02/01/84

© 2006 por Robert Butts
Publicado por New Awareness Network Inc.
New Awareness Network Inc.
P.O. Box 192
Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre questões de saúde e medicina expressas neste livro são da autoria do autor e não são necessariamente as do editor, nem por este endossadas. Essas opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de uma consulta com um médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode
Fotografia: Fotos da capa por Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.
Edição: Rick Stack
Tipografia: Raymond Todd, Michael Goode

Dedico The Personal Sessions à minha esposa, Jane Roberts, que viveu os seus 55 anos com a maior criatividade e a mais valente coragem.
— Rob

Nota: Neste ebook, Rob Butts por vezes remete o leitor para rever material em páginas específicas. Essas referências aplicam-se apenas à numeração de páginas da edição comercial em formato trade paperback deste livro.

SESSÃO APAGADA

14 DE MAIO DE 1982

(Ainda não nos foram dados os resultados da análise ao sangue da tireoide que deveria ter sido feita na última quarta-feira, segundo a enfermeira do Dr. K. Não telefonei, achando que pouco adiantaria. Podem ter havido atrasos ou confusões, como aconteceu enquanto a Jane esteve no hospital. Penso que ela está a melhorar muito gradualmente como as coisas estão, e, pelo menos por agora, contento-me em tirar algum alento disso. A Jane concorda. Continua na dosagem reduzida de Synthroid, já que não nos disseram para a alterar.

(Telefonei ao serviço de enfermagem da Upjohn na última terça-feira, comunicando que, a partir da próxima segunda-feira, vamos precisar de uma enfermeira em casa apenas três vezes por semana em vez de cinco. Nos outros dias, eu próprio farei as mudanças de penso necessárias para os decúbitos da Jane. A enfermeira, Peggy, já foi informada da alteração na rotina. A nossa ideia é em breve reduzir as visitas para duas vezes por semana, e depois para uma só...

(A Roe Cantando, responsável pelo serviço local da Upjohn, veio cá uns dias depois de eu ter telefonado. Trouxe consigo uma estudante de enfermagem, a Julia, do Arnot-Ogden. [Aliás, na visita anterior também trouxe uma estudante de enfermagem.]

(Uma das razões que nos levou a reduzir as visitas foi o facto de eu sentir que muitas vezes a Jane parecia pior depois de as enfermeiras irem embora do que estava antes de chegarem, embora o facto de ela ser agitada durante umas horas possa ter contribuído para essa impressão. Mas, no melhor dos casos, parece um benefício misto. Estamos sempre atentos a sugestões negativas, e algumas das enfermeiras transmitem-nas com bastante facilidade. Uma delas, a Eleanor, veio à Jane nas duas últimas segundas e terças. Está agora de férias, e esperamos que o horário reduzido acabe por eliminar as suas visitas. É uma boa pessoa, bem-intencionada, mas transmite sugestões negativas como um farol de rádio, e sem dar por isso. Vê-se bem que construiu a vida em torno desses sentimentos e que está satisfeita com isso. [Disse à Jane que já passou por cinco operações.] A Jane chegou ao ponto de, quando a Eleanor cá estava, ficar constantemente a dizer para si própria “não, não, não” enquanto a enfermeira falava, como forma de se proteger daquele bombardeamento contínuo.

(Estivemos ambos em baixo ontem, eu próprio até há já uns dias. Mas ontem à noite a Jane captou algumas mensagens encorajadoras do Seth, que me transmitiu em parte. Eu disse que gostava que ela tivesse feito apontamentos, o que a aborreceu, pois pensava que eu devia ter ficado contente só pelo facto de ela ter recebido o material, escrito ou não. Um bom ponto, concedi. Uma das observações do Seth foi que tínhamos “feito um curso intensivo” de crenças médicas, ou algo assim, penso eu. Achei que hoje a Jane queria tentar uma sessão curta para registar esse material.

(“Estás aberta a perguntas esta noite?”, perguntei-lhe enquanto nos sentávamos à mesa de cartas à espera da sessão. A Jane não sabia, embora eu não achasse que estivesse. Disse-lhe que queria informações sobre o estado atual e as crenças do seu eu pecador, para comparar com as posturas anteriores na vida. Esta questão surgiu por causa do meu trabalho na introdução de Dreams, claro, e tenho a sensação de que poderia ser útil obter algo sobre isto para encerrar a introdução, mas logo se verá. Na verdade, considero as atitudes e crenças do seu eu pecador como a chave para a recuperação da Jane, já que atitudes melhores aí deixariam o caminho livre para restaurar automaticamente a mobilidade, tanto física como psicológica. Espero que essa nova síntese esteja a acontecer agora e que se acelere à medida que a Jane responda. Tenho a opinião de que o estado da tiroide está intimamente envolvido aqui.

(Agora com uma voz mais forte do que o habitual, com pouco tremor e a bom ritmo:)

Ora bem—

(“Boa noite.”)

—Quero simplesmente registar alguns comentários úteis que fiz ao Ruburt ontem à noite. (O Seth chama a Jane de Ruburt, e a mim de Joseph.)

São uma tentativa de lançar luz sobre a área física. A pele do Ruburt está notavelmente saudável, sobretudo tendo em conta a situação. (Pausa.) Não é dada a “abrir feridas”. Ele tem feito o seu próprio tipo de exercícios energéticos, envolvendo a ferida em particular (a úlcera no cóccix, que está a fechar lentamente), mas sugiro que faça um desses exercícios com fidelidade todos os dias, e que ambos visualizem simplesmente a área curada. Nem precisam de dizer “vai curar”, basta vê-la mentalmente nesse estado. Façam o exercício o mais naturalmente possível, e depois esqueçam-no.

(É sábado de manhã enquanto escrevo este material. Interrompi para perguntar à Jane sobre a referência do Seth à pele dela estar saudável. Como suspeitava, isto surgiu porque tanto a Eleanor como a Peggy lhe têm dito que tem de ter muito cuidado para que a pele não se rompa noutras sítios e surjam mais úlceras. A Jane disse que já se cansou de estar sempre a tentar contrariar tais ideias. Respondi que talvez venhamos a livrar-nos das enfermeiras ainda mais depressa do que pensava.

(A Jane respondeu dizendo como se sentia esta manhã — “desconcertada” — querendo dizer que várias partes do corpo parecem mover-se, ou querer mover-se, fora de ritmo ou em descompasso com as outras — mas que, no geral, reconhece que isso são sinais saudáveis do corpo a tentar curar-se. Disse depois que, cada vez mais, ia depender de nós próprios tirarmo-nos das dificuldades, já que parecia que pouca ajuda viria de fora. Quer que sejamos o mais otimistas possível. Estas ideias são uma grande melhoria em relação às atitudes anteriores dela, claro, e veremos o que conseguimos fazer. Provavelmente também respondem a algumas das minhas questões sobre o papel que o seu eu pecador pode estar a desempenhar hoje em dia.)

Dá-nos um momento... Não há dúvida de que o Ruburt ficou profundamente chocado com alguns dos pareceres dos médicos relativamente à sua capacidade de andar — mas já há sinais de maior flexibilidade nos joelhos e também nos músculos das pernas.

Não forcem movimentos terapêuticos. A ideia da caixa (*sustentar as pernas enquanto ela está deitada na cama*) é excelente, mas deve ser tentada de forma muito gradual e fácil no início, e depois expandida aos poucos no tempo.

(Longa pausa.) Como referi, as crenças da vossa sociedade estão em todo o lado, incorporadas em todas as suas organizações e profissões. A troca entre cada indivíduo e a sua sociedade é, portanto, fascinante, pois as crenças individuais e coletivas reforçam-se mutuamente. Como estão a começar do zero, por assim dizer, só têm um ao outro em quem confiar. Tentem mesmo encarar isso como um desafio — o reforço diário da confiança e da crença — para que, de novo, cada um de vós encoraje especialmente as emoções de esperança e otimismo que são tão importantes. De certo modo, vocês são a vossa própria igreja, escola, universidade. Num sentido, são os vossos próprios pais ao tentarem trazer à realidade física um corpo inteiramente novo de conceitos e crenças. Têm as

capacidades individuais e conjuntas para se ajudarem mutuamente de forma incalculável nesse sentido. Antes simplesmente não estavam preparados para fazer essa transição plena, e de novo, essa transição, uma vez decidida, é de facto sem esforço.

Estão ambos providos. Todos os elementos das vossas vidas vão agora trabalhar para a vossa vantagem geral. A vossa saúde natural, criatividade e movimento vão expressar-se a todos os níveis da vossa experiência. O vosso intelecto não precisa de conhecer as respostas a todas as vossas perguntas — mas ambos usem diariamente as últimas sugestões que vos dei. O intelecto sente a verdade de tais questões, mesmo que não compreenda totalmente as razões interiores ou as technicalidades envolvidas. Podem certamente esperar mais melhorias no estado do Ruburt em todos os níveis. Ele precisa de tempo para reconstruir a confiança depois dos pareceres dos médicos.

Ambos confiem que cada dia vos aproxima mais dos vossos objetivos. As sugestões que dei são todas promotoras de energia e movimento. São marcos para partes interiores do corpo e da mente, profundamente reconfortantes, e podem servir para combater as sugestões negativas que tantas vezes são em número abundante. Considerem a noite como um período criativo. Tanto quanto possível, deixem o Ruburt seguir as sensações do seu corpo durante a noite. Ele ainda está demasiado preocupado com o facto de vos acordar com frequência, mas o corpo expressa muitas vezes a sua necessidade de movimento e mudança.

A situação dele será diferente à medida que ganhar mais energia e força. E a vossa própria energia também pode ser revitalizada. (*Longa pausa.*) Não quero parecer indiferente, Joseph, relativamente ao vosso incómodo nesses momentos ou à quebra do padrão de sono. Digo-vos é que a situação contém excelentes oportunidades criativas que superam a falta de sono ou o que quer que tenha sido experienciado até agora.

Deem-nos um momento... É sensato reduzir as visitas das vossas enfermeiras.

Essas visitas, no entanto, mostram-vos de forma bastante clara que a ideia da medicina preventiva, na perspetiva da profissão médica, pode muitas vezes levar precisamente às condições que supostamente querem evitar.

Dar-vos-ei mais sobre o eu pecador (*longa pausa*), e eu próprio gosto que o nosso material flua suavemente nas vossas direções, para que o

material do eu pecador surja naturalmente quando for mais naturalmente oportuno e necessário.

(A Jane fez uma pausa. Depois, de olhos fechados, começou a inclinar-se lentamente de lado na cadeira, como se adormecesse...)

Deem-nos um momento... Podem, portanto, elevar as vossas vidas. Têm a oportunidade de tirar grande proveito do uso da abordagem mágica. *(Longa pausa.)* Há mais material, e tentarei transmiti-lo, por agora, em várias sessões curtas por semana. Quero que seja o mais adequado às vossas necessidades em cada momento — mas também, essa prática deixa a porta aberta, por exemplo, para a inserção de material criativo.

Tentem identificar-se com a nova estação *(o verão)*, pois a atividade acrescida dá-se, naturalmente, dentro da estrutura do corpo assim como dentro da estrutura da terra. De certo modo, florescem biologicamente tal como as flores florescem no verão. As sugestões que dão ajudam a orientar o vosso próprio movimento e atividade.

Há mais nesta sessão do que pode parecer à primeira vista, e o mesmo se pode dizer de quase todas as sessões.

Despeço-me então com um caloroso boa noite—

(“Igualmente para ti.”)

—e a minha expressão de gratidão da parte do Ruburt pela vossa contínua assistência.

(“Estava consciente disso quando comecei a adormecer”, disse a Jane assim que saiu do transe. Mas a sua transmissão tinha sido boa, com poucas pausas longas. Tenho reparado ultimamente que, em transe, os olhos dela parecem especialmente escuros e luminosos quando fala pelo Seth.

(Como o Seth observou, a sessão é excelente, e temos de tentar pô-la em prática. Penso que muitas das suas sugestões estão automaticamente a encaixar-se nas nossas vidas também, e que o nosso “curso intensivo em medicina” serviu como um gatilho e impulso inestimáveis nesse sentido. Que irónico poderá vir a ser o facto de um curso que evitámos durante tantos anos — o médico — poder vir a ser o empurrão final que precisávamos para pôr as nossas crenças em ordem.)

SESSÃO APAGADA
22 DE MAIO DE 1982

(Levei a Jane de volta a casa vinda do hospital St. Joseph, em Elmira, Nova Iorque, por volta das 16h15 de ontem. A sua médica, Marsha Kardon, tinha-a internado à hora do jantar do dia anterior [20 de maio, quinta-feira], porque o dedo médio da mão esquerda da Jane começara a ficar azul desde a última articulação até à unha.

(A Jane apercebeu-se pela primeira vez de que algo não estava bem com o dedo por volta das 14h de quinta-feira, quando estávamos a terminar uma entrevista com a Peggy Gallagher sobre a nossa experiência na cheia de 1972 em Elmira. O dedo começou a doer-lhe enquanto o mantinha pousado no colo, enquanto nos reuníamos à mesa da cozinha. Ao mesmo tempo começou a parecer mais frio que os outros, e a Jane sentia dor na palma da mão e a meio do braço, tanto na parte exterior como por baixo, formando um trajeto bastante direto até ao dedo, como notámos. No entanto, tornou-se logo evidente que a circulação para o dedo estava comprometida. A Peggy foi-se embora, depois de dizer que uma situação daquelas não devia ser deixada sem acompanhamento.

(Desde que se levantara na quinta-feira, a Jane tinha falado de aumento de atividade muscular em muitas partes do corpo, como se este estivesse a tentar libertar-se de forma benéfica. Tinha estado bastante desconfortável por vezes, especialmente nas pernas. Assim, o problema no dedo foi uma completa surpresa para nós. Notámos também um aumento da vermelhidão em torno das unhas dos outros dedos da mão esquerda, mas essa situação já se verificava em graus variáveis há muito tempo.

(Telefonei à médica pouco depois de a Peggy sair. A Dra. K. disse: “Acho que é melhor dar uma olhadela a isso.” Tinha estado fora do consultório, mas respondeu de imediato ao meu telefonema para a enfermeira. Estava em nossa casa às 18h, examinou o dedo e fez à Jane um rápido exame geral. Falou da possibilidade de um coágulo sanguíneo, de “outras causas”, e mencionou vasculite, uma condição que resulta em restrição do fluxo sanguíneo capilar para as extremidades e que pode acompanhar a artrite. Já suspeitara de vasculite quando a Jane fora internada pela primeira vez no Arnot Ogden, no início de fevereiro, mas os testes tinham-na descartado. A Dra. K. voltou para casa para telefonar ao Dr. Sobel, em Ithaca, e ao Dr. Wilwerth, no St. Joe’s. O primeiro é reumatologista que examinara a Jane no Arnot, o segundo é especialista

em questões circulatórias. Ligou-nos pouco depois a dizer que o Dr. Sobel estava fora da cidade pelo menos uma semana, e que o Dr. W. não achava que se tratasse de um coágulo, a julgar pela descrição que lhe dera.

(O dedo, porém, estava a ficar mais escuro. Massajar a parte inferior do braço da Jane ajudava. “Se fosses outra pessoa, levava-te já às urgências do St. Joe’s para mais análises de sangue”, dissera a Dra. K. em casa. Estava claramente preocupada, tal como nós. Na chamada, perguntámos-lhe o que faria se fosse consigo própria. Sugeriu que fôssemos às urgências para análises de sangue, e concordámos. Poucos minutos depois, enquanto eu metia à pressa algumas coisas numa mala, a Dra. K. telefonou de novo, a dizer que podíamos poupar a taxa das urgências se ela internasse diretamente a Jane num quarto. Concordámos. A Jane chorou brevemente. Dei a volta ao carro na garagem, levei-a na cadeira do consultório e, com dificuldade e desconforto, consegui colocá-la no banco da frente. Tinha telefonado aos Bumbalo, os nossos vizinhos da frente, a pedir ajuda, mas estavam fora.

(Fiz apenas uma viragem errada a caminho das urgências do St. Joe’s, já que nunca lá tínhamos ido, mas encontrei facilmente a entrada. Um segurança corpulento retirou a Jane do carro para uma cadeira de rodas. Estavam à nossa espera no quarto. Enquanto alguém levava a Jane para o quarto — o 456, na pediatria — encontrei o caminho até às admissões, depois de me perder uma vez nos corredores. Como a Jane ainda não tinha seguro, só pude conseguir-lhe um quarto semiprivado. A funcionária negra à máquina de escrever já tinha os papéis preparados, com base nas informações que a Dra. K. fornecera em fevereiro quando falara em transferir a Jane do Arnot.

(Enfermeiras muito amáveis ajudaram rapidamente a instalar a Jane no quarto, que era bastante agradável. Duas delas tiraram-lhe sangue para uns nove testes diferentes quase antes de nos apercebermos do que se passava. Disseram-nos que duas das culturas sanguíneas demorariam pelo menos 48 horas, pelo que imaginei que a Jane ficasse no hospital alguns dias. Puseram-na desajeitadamente na cama depois de a sentarem no comodo. Contudo, tinham colocado previamente um colchão de espuma grossa, e a Jane achou-o bastante confortável. Perto das 22h, um técnico trouxe uma máquina portátil de raios-X para tirar uma chapa ao tórax da Jane. Coloquei o suporte frio do filme debaixo das costas dela, enquanto estava apoiada no colchão, mas tudo correu rapidamente. Aparentemente,

a Dra. K queria a chapa para verificar se não havia coágulos a soltar-se junto ao coração.

(Como me tinha esquecido de trazer a medicação da Jane, tive de a listar às enfermeiras. Uma delas arranhou-lhe torradas, gelado, café e pudim, já que tínhamos perdido o jantar. A Jane acabou por não comer muito. Fumou, apesar de ser proibido. As visitas deviam sair até às 21h, mas fiquei até às 22h30: estava grogue nessa altura.

(No dia seguinte de manhã tiraram mais sangue à Jane para mais testes. A Dra. K. foi vê-la, tal como o Dr. Wilwerth, que ficou apenas alguns minutos e não achava que houvesse coágulo. A Dra. K. estava bastante convencida de que se tratava de vasculite, “que nunca melhora”, etc., na sua perspetiva. A Jane continuava a sentir que a condição do dedo resultava de outros eventos musculares no corpo. Quando lhos descrevemos em casa, a reação da Dra. K. fora: “Quer dizer câibras?” — ou seja, não via nada de positivo ou curativo em toda aquela atividade muscular, apenas sinais de mais problemas. Aprendemos que a Dra. K. é uma pessoa extremamente conscienciosa, mas a nossa forma de pensar está muito fora da dela. As enfermeiras disseram-nos que ela tinha ligado várias vezes na noite em que a Jane foi internada e que tinha fama de ser muito cuidadosa e atenciosa — qualidades que certamente podemos admirar e respeitar.

(Quando cheguei ao quarto da Jane à 13h de sexta-feira, fiquei bastante surpreendido ao saber que ela iria para casa nessa tarde. As coisas paravam mais ou menos ao fim de semana, e ainda não havia resultados dos testes sanguíneos. A enfermeira Joyce, responsável pelo tratamento dos decúbitos no hospital, passou muito tempo a explicar-nos o tratamento adequado e deu-nos uma quantidade de água estéril, Silvadene, compressas, solução salina, etc. Percebia-se que adorava o seu trabalho e que era muito sincera nas suas sugestões. As nossas próprias ideias eram de que o tratamento era tanto melhor quanto mais simples fosse.

(A Dra. K., ainda preocupada com o dedo da Jane — que melhorara um pouco, mas mantinha-se claramente azulado — decidiu receitar um medicamento para reduzir ligeiramente a capacidade de coagulação do sangue: Persantine, em comprimidos minúsculos, a tomar três vezes ao dia. A Dra. K. disse que este tratamento tinha de ser equilibrado com o risco acrescido de infeção na única úlcera aberta da Jane, no cóccix, já que o Persantine reduzia em parte a capacidade do corpo de combater

infecções. Isto levantou logo barreiras no nosso pensamento, mas sobretudo no da Jane. Ela também soube que toda a gente no hospital era contra o facto de fumar e disseram-lhe que a nicotina ajudava a restringir o fluxo de sangue nos capilares. Em outras palavras, seria melhor não fumar. Quando a Jane disse que a Dra. K. tinha dito que os seus pulmões estavam bem enquanto estivera no Arnot, a Dra. K. defendeu essa análise lembrando-lhe que dissera que o coração estava bom, mas que ao estetoscópio ouvira vários “pieiros e borbulhas” nos pulmões da Jane. Não que os pulmões não parecessem normais nos raios-X.

(Antes de sair, a Jane teve de fazer um eletrocardiograma. Os resultados dos traçados no papel gráfico eram excelentes, disse a Dra. K., mostrando-mos. Pareciam três linhas de traçado regular e belamente ondulante. Pedi a folha, mas a Dra. K. precisava dela para registo. Os resultados deixaram a Jane satisfeita, contudo.

(Nessa manhã também lhe tinham dado um duche — o primeiro em meses, aliás — e lavaram-lhe o cabelo. A Jane disse ter ouvido que parte das análises seriam feitas em Rochester, Nova Iorque: os resultados demorariam a chegar. Até hoje, domingo, enquanto escrevo isto, não tivemos notícias de nenhum resultado. A Dra. K. também não telefonou, nem ontem nem hoje. Mandeï aviar as receitas para o Synthroid de 100 mcg e o Persantine na Gerould’s ontem. A Dra. K. disse que a Jane podia começar a tomar os 100 mcg de Synthroid na segunda-feira em vez de esperar até quarta, como inicialmente previsto. E a Jane anunciou que não queria começar a tomar o Persantine — que sente que sabe o que causou o problema no dedo e que quer obter informação sobre isso em sessões, dela ou do Seth.

(Por agora o dedo mantém a aparência algo melhorada, mas obviamente não está resolvido. O tom azulado varia em intensidade, mas nunca desaparece completamente. Esperamos que os testes não mostrem que está em causa vasculite. Sugerí à Jane que cortasse o consumo de cigarros para metade, mas ela recusou, mesmo sendo essa uma forma de terapia natural.

(Para sair do St. Joe’s bastou-me assinar um papel prometendo o pagamento, mas não sabemos qual será a conta nem quando a receberemos — dentro de uns dias, suponho. (A sessão desta noite começou mais tarde que o habitual devido a um desencontro de comunicação entre nós: pensei que a Jane estava demasiado grogue depois

do jantar enquanto se sentava à mesa da sala, por isso fui para o meu quarto trabalhar na introdução de Dreams — enquanto ela esperava que eu saísse e me sentasse com ela para vermos se teríamos alguma sessão. A impressão dela era que faríamos isso todas as noites, pelo que devo estar errado. Na sexta-feira, depois de voltar para casa, eu disse que era vital termos sessões para tentar perceber que acontecimentos tinham desencadeado toda a situação da sua última doença desde o início. Acrescentei que, se não aprendêssemos a pensar de forma positiva e a ter fé — mesmo fé cega — estaríamos verdadeiramente perdidos. Acredito que é a única forma de nos livrarmos do sistema médico. Ela concorda. Mas eu queria mesmo saber o que tinha dado origem a tudo. Continuo a achar que os problemas da Jane têm origem na resistência, disse eu, uma resistência maciça, e que as últimas crises foram desencadeadas pela publicação, no ano passado, de God of Jane e Mass Events. Estava à espera de algo sobre tudo isto esta noite.

(Enquanto esperávamos para ver o que se desenvolvia, a Jane disse várias vezes que se sentia realmente estranha. Tem tido movimento acrescido nos braços, cotovelos e pulsos, especialmente, e mantém que isso está relacionado com o bloqueio no dedo. Duvidava que ouvíssemos o Seth esta noite. “Não sei qual vai ser”, disse. “Mas é uma sessão terapêutica...” E então começou a falar, ou a ditar, por conta própria:)

Neste momento, sinto que tu, eu, a casa e tudo o resto estamos sustentados por uma grande força que gira em torno da casa e das árvores e através do meu corpo, de modo que circula pelo meu sangue. E sinto verdadeiramente que, seja qual for o termo que quisermos usar, este é o grande movimento de Deus, a mover-me e a sustentar-me. Tal como move e sustenta toda a Terra. Mas consigo sentir esse movimento, e sinto-o agora, em vez de apenas dizer as palavras intelectualmente.

Acho que penso que toda a doença, em maior ou menor grau, é medo (*pausa*), e há uns minutos senti o meu pescoço a fazer coisas estranhas. Não sei o que são. Mas senti tubos a descerem pelo pescoço, onde estavam tão rígidos que dobravam onde não deviam, e o fluxo de sangue não era tão bom nessas dobras. E vi, visual e mentalmente, um deles na parte de trás do pescoço e ombro a relaxar e a endireitar-se, de modo que o sangue começou a fluir mais facilmente e rapidamente. E senti o mesmo a acontecer nos braços, e que havia um tubo comprido em particular no meu braço esquerdo que tinha estado dobrado e torcido, como uma parte de uma

mangueira de borracha — e que isso também tinha a ver com a libertação do movimento do pulso e do cotovelo, e que isso estava a libertar-se, a ficar mais direito e sem dobras.

Mas, em diferentes momentos, ao fazê-lo, dobrava-se num canto e depois noutro, e isso causava uma limitação temporária, como aconteceu neste dedo.

(Longa pausa.) Mas os nossos medos conduzem-nos, de tal modo que, por vezes, estamos quase destinados a interpretar tais acontecimentos como ameaças de vida — e foi por isso, claro, que telefonámos à médica. *(Longa pausa.)* Neste momento continuo a ter a sensação dessa força ou movimento, e emocionalmente identifico-me com isso. Sinto-me apoiada dessa maneira. Sinto o Robby e a casa e todas as nossas existências sustentados da mesma forma — e isto, sei, faz parte da sensação mágica de que o Seth fala. Neste momento sinto-me certamente grata por isso.

Sinto que há definitivamente uma mobilidade mais importante nos meus pulsos e nos cotovelos, e que novamente isso se consegue de algum modo, e os nós vão-se desfazendo. Há também pequenas dobras temporárias causadas à medida que os tubos — o que quer que sejam — se endireitam.

Penso que toda a arte é criada nesse nível — isto é, com esse sentido de apoio que não é apenas nosso, mas parte da grande força que sustenta toda a vida. *(Longa pausa.)* Em todo o caso, sinto tudo isso no meu corpo agora. É assim que me sinto. Acho que o Rob e eu devíamos sentar-nos um pouco todas as noites, depois do jantar, para uma sessão do Seth ou para algum outro desenvolvimento como este.

(Muito longa pausa.) A questão, suponho, é conservar essa sensação ou sentir essas garantias, que na verdade remontam à nossa infância. E, em menor grau, comecei a sentir algum envolvimento com os olhos que não consigo explicar bem. Mas, de novo, incluía o endireitar até dos tubos mais pequenos, por onde a energia flui, de modo que os bloqueios eram libertos.

(Longa pausa.) Preferia esperar um minuto, para ver se é só isto por esta noite, ou se se desenvolve mais, ou o que seja — mas a sensação diz-me que as coisas podem e vão correr bem, desde que se reconheça que isto é verdade. E, uma vez que se reconheça que isto é verdade, nada pode impedir que as coisas corram bem. O Rob disse há pouco algo sobre a carta do John Nelson parecer ser um bom sinal — e é um sinal, e poderoso — e sinto que o trabalho do Rob no livro do Seth, a minha própria escrita e o

meu comportamento corporal são apoiados, novamente, por esse grande movimento, que nos conduz nas direções adequadas para nós. Agora gostava de relaxar, ou esperar um pouco, não sei bem.

(A Jane sentou-se em silêncio. O nosso gato, Bill, saltou pela janela da cozinha aberta e veio até à minha cadeira. Depois de andar às voltas, saltou para o meu colo — o que é um pouco invulgar. Circulando de forma desajeitada, tentou acomodar-se, ronronando, enquanto eu tentava terminar estas notas. Os olhos, os movimentos, o pelo — eram belos — um excelente exemplo daquela “ação de apoio” de que a Jane tinha falado. (A articulação azul do dedo dela parecia um pouco melhor. O Billy saltou para o chão.)

(“É só isto?”, perguntei.

(“Não sei. Continuo a sentir isto tão fortemente que não consigo dizer nada....”

(Hoje, domingo, o dedo da Jane parece um pouco melhor, mas longe de estar curado. Nesta sessão não escrevi sobre as sugestões negativas que a Dra. K. deu à Jane no hospital acerca do dedo: ulceração, perda da articulação, etc.)

SESSÃO APAGADA

23 DE MAIO DE 1982

(“Bem, de certeza que vou ter uma sessão esta noite”, disse a Jane às 19h50. Tínhamos jantado mais tarde que o habitual. Eu estava muito cansado e dormi uma hora e meia esta tarde, depois tivemos uma grande refeição de solha frita que o Frank Longwell nos tinha dado há uns dias. De manhã e de tarde estive a datilografar a sessão que a Jane deu ontem à noite.

(O dedo médio da mão esquerda dela continua obviamente descolorido, mas menos, e não a tenho ouvido queixar-se. Amanhã de manhã a Jane passa pela primeira vez à dose de 100 mcg de Synthroid, em vez dos 75 mcg. Hoje adormeceu muitas vezes na cadeira, como é habitual.

(Não sabia quem iria falar esta noite. “Raios, quero tanto uma sessão com o Seth”, disse a Jane às 20h11. Ao mesmo tempo, agitava-se desconfortavelmente na cadeira — o assento doía-lhe porque eu arrastei as calças por cima dela hoje todas as vezes que fui à casa de banho....

“Senti-o por perto há pouco”, acrescentou, e depois começou a adormecer novamente enquanto estávamos sentados à mesa de cartas. Acordou o

suficiente para me pedir que lhe acendesse um cigarro. “As tuas notas não mostram isso em relação a ontem à noite, mas eu estava mesmo muito perturbada com aquela experiência no hospital”, disse, referindo-se à estadia no St. Joseph’s. “Meu Deus, fiquei tão contente de te ver e de voltar para casa....”

(Devo acrescentar também que a médica da Jane, a Dra. K., quer que ela volte lá na sexta-feira para ver o Dr. Sobel de Ithaca — se ele estiver disponível, claro. Dissemos que sim, se fosse necessário.

(A voz de Seth da Jane estava bastante estável na maior parte do tempo. Tinha os olhos muitas vezes fechados ao falar, as pausas eram normais.)

Agora: este é o estado atual do corpo do Ruburt.

Ambos os braços, cotovelos, pulsos e mãos estão a ser trabalhados, prontos a proporcionar maior liberdade em certas áreas de movimento, altamente importantes para a escrita e outras manipulações. Trata-se de um procedimento bastante extenso, envolvendo também em particular as partes certas do pescoço e incluindo, naturalmente, a ação dos ombros e do tronco. As sensações resultantes podem ser desagradáveis por vezes — mas todo o procedimento equilibra-se, de modo que nenhuma área fica sob tensão excessiva por muito tempo, à medida que outras áreas se libertam.

Isto também começará a ajudar a atividade ocular. Há definitivamente mais flexibilidade nos joelhos, nos músculos das coxas, nas zonas junto ao tendão de Aquiles e nos pés. As mesmas sensações de desconforto podem ser sentidas por vezes nessas áreas, mas são acima de tudo terapêuticas, e “doem” muito menos quando ele não está perturbado por outras razões. Concordo, então, com a interpretação que o Ruburt deu acerca do estado do seu corpo.

(Ontem à noite, por exemplo, a Jane esteve muito agitada. Chamou-me várias vezes durante a noite para lhe massajar as pernas e os pés, relatando muitas sensações estranhas neles. Tomei toda essa atividade como exemplo do material do Seth, acima, e mencionei-lho na altura. Ela pareceu concordar, mas estava bastante desconfortável.)

Ele não deverá ter problemas com o extrato de tiroide, mas deverá começar a sentir algum sentido de realização corporal. Tu deverás ter o teu próprio programa, já que agora tens um programa médico. *(Longa pausa.)* Queres remover a ideia de que a situação é crítica e, por mais irrealista que

possa parecer, começar a mudar os teus pensamentos com mais coragem sempre que isso for possível.

Há coisas muito difíceis de dizer em prosa, porque parecem demasiado cliché, mas dentro deste programa, diariamente, cada um de vós deve assumir (*sublinhado*) o compromisso de expressar o seu amor pelo outro com mais frequência. Quanto mais vezes puderem dizer “amo-te”, melhor a situação se tornará. Tais garantias são importantes para ambos neste período. Devem começar cada dia com algumas sugestões — sugestões destinadas a realinhar os vossos estados de espírito e objetivos.

(*Longa pausa.*) Toda a abordagem mágica está de facto ao vosso dispor e, com o vosso forte impulso agora, deverão ser capazes de a usar de forma muito melhor do que antes.

Escolho falar sobre tais questões esta noite porque é extremamente importante que ambos estejam assegurados de que a condição física do Ruburt pode de facto melhorar, e além disso que está a melhorar. O dedo que tanto vos perturbou a ambos (*longa pausa às 20h37, inclinando-se para a direita, a adormecer...*)

Continuo a tentar explicar a abordagem mágica de formas novas, para evidenciar a sua grande eficácia. No seu cerne está a garantia de que, apesar de todas as aparências em contrário, relativamente a qualquer questão, o presente pode de repente ser transformado para melhor de uma forma notável. O dedo do Ruburt está, afinal, a curar-se por si mesmo. Apesar de toda a preocupação no hospital (muito longa pausa), o dedo estava a usar as suas próprias capacidades de cura, e sabia que não corria perigo.

(*Agora muito lentamente.*) Não há razão para que não possam começar já amanhã. (*Muito longa pausa.*) No passado não estavam suficientemente convencidos para fazer alterações tão profundas. Deram forma aos vossos fantasmas. Devem dizer a vós próprios, contudo, que estão de facto sustentados e amparados. Essa doçura é livre, está disponível, é vossa e está aqui. Mesmo lembrar-se de tais verdades pode ser de grande benefício energético.

Estou consciente da defasagem temporal aqui e anteriormente. É extremamente importante agora que realmente se concentrem nas belezas e prazeres do momento. (*Longa pausa.*) Ao longo dos séculos houve várias cerimónias, rituais e afins, destinados a ativar a abordagem mágica. Ler as minhas sessões sobre o tema ajudará — mas devem sobretudo perceber que

estamos aqui a falar da própria verdade, e se o fizerem então começarão a ver acontecimentos notavelmente benéficos nas vossas vidas em todos os níveis (*mais intensamente*).

Não há nada que precisem temer, portanto, no estado do Ruburt como sendo crítico. Ele deve, naturalmente, recordar a si próprio os excelentes resultados obtidos nos terminais nervosos (*o ECG*) e através de exames a outras partes do corpo por raios-X, por exemplo.

(De repente a Jane saiu do transe e olhou para mim.

(“É só isto?”

(“Não sei... Foi mesmo estranho. Sinto como se o Seth tivesse estado aqui durante cinco minutos, e depois voltei. Não sei. Se conseguir mais, conseguirei....” Tateou por um cigarro. À luz suave o dedo parecia azulado. “Dá-me lume.... Vou tentar fazer mais. Sim, acho que vai haver mais.” Sentámo-nos em silêncio. Depois, com voz mais forte e rápida:)

Vou ajudar-vos a iniciar um tempo de nova dedicação, para que estes sentimentos e ideias se tornem ainda mais eficazmente focados nas vossas vidas.

As vossas sugestões matinais, seja qual for a forma, devem incluir a garantia de que o universo está de facto inclinado na vossa direção — que o impressionam com os sentimentos do vosso coração e emoções — que está atento e responde às vossas necessidades, já que, a certos níveis, vocês e o universo são inseparáveis. Portanto, vejam-se a vós próprios e ao vosso ambiente privado não só como seguros e protegidos, mas magicamente tocados por essa grande vitalidade que é a fonte da vida, de modo que cada dia todos os acontecimentos trabalhem a vosso favor.

Ajudar-vos-ei com sessões, trazendo material pertinente, mas sei também que precisam destas afirmações de confiança para vos colocar firmemente no caminho mais produtivo neste momento. As relações entre Estrutura 1 e 2 tornar-se-ão quase instantaneamente de novo mais proeminentes, e muitos aspetos das vossas vidas que agora parecem tão problemáticos parecerão ter-se afastado magicamente — ou seja, irão de repente aperceber-se de que a mudança aconteceu.

Agora despeço-me com um caloroso e afetuoso boa noite. Leiam esta sessão para começar o dia de amanhã.

SESSÃO APAGADA

27 DE MAIO DE 1982

(Depois do jantar de ontem à noite, a Jane e eu tivemos uma daquelas nossas discussões que nos deixam desconfortáveis — meio zangados e ressentidos, acusatórios e arrependidos por não termos feito melhor no passado. Não vale a pena entrar em detalhes aqui, mas acabou com a Jane a pedir-me que fosse buscar o caderno com o material do eu pecador. Já eram 21h, mas ela leu bastante e disse que estava a retirar algumas percepções valiosas.

(Teve uma noite muito agitada e chamou-me várias vezes. Uma vez, por volta das 4h da manhã, as pernas estavam muito inquietas, então voltou para a cadeira. Eu, meio grogue, pedi-lhe que me explicasse o que queria dizer com aquelas “boas percepções” que tinha tido na véspera. O que me explicou de forma resumida está relacionado abaixo. Penso que é um material muito bom e que se revelará muito útil. As pernas, especialmente a esquerda, incomodaram-na bastante, o que a levou a levantar-se. Comentei na altura que talvez pudesse ditar de manhã sobre essas novas percepções, e esta sessão é o resultado.

(Mal começámos, apareceu o Bill Tolbert a cortar a relva e a usar o aparador, ainda mais barulhento do que o corta-relva, mas a Jane perseverou depois de eu fechar portas e janelas, dependendo do local onde ele trabalhava. Depois telefonou a Sra. Austin sobre a entrega da roupa lavada. Mas, no geral, este material é bom.

(A Jane começou a falar bastante depressa, mas consegui acompanhar. A voz estava aceitável, na maior parte do tempo.)

Na noite passada, por sugestão do Rob, olhei para o meu caderno de material do eu pecador e material relacionado, esperando, claro, que pudesse desencadear algum impulso ou pista importante que me desse compreensão sobre a minha própria posição.

Essa posição tinha tantos aspetos que era difícil acompanhá-los — e até eu tinha dificuldade em seguir a interminável saga de detalhes médicos. A Dra. Kardon tinha vindo nessa tarde. Disse a mim própria que reagiria apenas a sugestões construtivas, mas logo me senti derrubada pela interpretação que ela fez dos acontecimentos. Ainda não havia realmente resultados dos testes de sangue (*do St. Joe's, da semana passada*). Ela tinha

dito antes que apenas indicariam se a vasculite poderia ou não estar presente — não dariam um sim ou um não.

Mas, em qualquer caso, decidi que eu tinha a doença, e como o meu corpo já mostrava algumas evidências, o passo seguinte era como tratar. Mesmo deixando de lado, por agora, os medicamentos mais perigosos — drogas com muitos efeitos secundários, às vezes bastante severos — havia uma menos arriscada. O seu efeito secundário tinha a ver com impedir o sangue de coagular tão facilmente nos capilares, penso eu.

(Persantine.) As mais perigosas, por amor de Deus, enfraqueciam os próprios mecanismos de defesa do corpo e a imunidade, um efeito que me parecia absolutamente sem sentido.

De qualquer forma, ela queria que o Dr. Sobel me visse na sexta-feira *(amanhã às 14h45)*. Depois reunir-nos-íamos quando os resultados dos testes chegassem, para discutir tratamento. Mesmo que a vasculite não voltasse a manifestar-se, ela ressalvou, podia atacar invisivelmente o corpo, afetando os órgãos internos da forma mais desastrosa. Assim, tomar um medicamento para prevenir tal desenvolvimento futuro parecia-lhe a face mais sábia da moeda — mas não para mim, nem para o Rob. Como poderia o meu corpo ter ficado tão mau outra vez em apenas uma semana — ou será que tinha? Os meus dedos já tinham estado vermelhos antes, embora nunca tão azuis, quando escrevia à máquina, e a condição desaparecera. Mas, de repente, a minha condição física parecia horrenda, e eu olhei para o rosto bondosamente preocupado dela, tenho a certeza, com terrível consternação.

Fazia todo o sentido tomar a tiroide artificial que o meu corpo obviamente estava a exigir. Introduzir toda uma nova linha de drogas, com efeitos secundários conhecidos, para uma condição que poderia ser bastante transitória — se é que eu a tinha — ia contra tudo em que acreditava. Assim, a visita da Dra. Kardon esteve na origem da sugestão do Robby de que eu consultasse o material do meu eu pecador, e senti intuitivamente que a altura era provavelmente a certa. Folheei um caderno, no fundo foi isso.

(Fizemos uma pausa de um minuto às 9h32. O Bill estava a usar o aparador na frente da casa — operação muito barulhenta.)

A maior parte desse material fora escrita no verão passado. Mal conseguia acreditar: para onde raio é que o ano tinha ido? Olhando para trás, parecia um vazio.

Mas o material teve impacto. Eu conseguia senti-lo de novo. Li quase tudo. À superfície, as razões para a minha posição e condição física pareciam tão estúpidas que era difícil acreditar que tivessem tido tanto peso. Faziam ainda menos sentido para o Rob, que senti que as achava totalmente sem razão.

Contudo, senti que tinham moldado a minha vida e comportamento durante anos, culminando na situação física. Na verdade, expliquei-os muito bem em *God of Jane*. Estavam ligados à minha formação religiosa, à minha alegria e apreciação das minhas capacidades criativas, e ao meu medo de as usar ao mesmo tempo, não fosse levarem-me a mim — ou aos meus leitores — por maus caminhos.

Uma frase que eu tinha esquecido colocava a situação de forma bastante clara: tinha medo de que o trabalho do Seth e o meu próprio pudessem ter alguma falha fatal para a qual eu estivesse cega, de modo que, ao confiar no eu interior e na inspiração individual, pudesse estar a abrir a horrenda Caixa de Pandora.

Voltarei a trabalhar com estas ideias de novo, mais claramente — mas elas ainda me impediam de dar aquele passo final para uma aceitação suficientemente satisfatória das minhas capacidades, de modo que, cada vez que atingia um novo impasse.

Embora ainda não tenha explorado esta ideia em profundidade, tive a sensação de que, ao terminar *Manifestações em Massa* e o meu *O Deus da Jane*, cheguei a um ponto de indecisão e talvez até de desânimo, porque não tinha resolvido essas questões. A minha concentração no correio tinha-me levado a considerar cada vez mais os aspetos negativos da condição humana. Penso que me pareceu que não podia avançar mais, que me faltava aquilo de que precisava.

Esse verão também me pareceu uma época de crise, quando o Rob me pressionava, pelo menos parecia-me, para procurar atenção médica. Ganhei uma trégua, mas a trégua não trouxe resultados positivos. Ao reler as notas comecei a ver algum sentido na situação hospitalar. Deve ter chegado ao ponto em que pensei: “Está bem, se tens medo de confiar completamente em ti e na tua própria vida, então vamos ter uma amostra do que é não ter outro lugar aonde recorrer senão o mundo da medicina convencional e das crenças.” E meu Deus, falar em falhas fatais! Não nego que tal enquadramento tem os seus pontos positivos, mas a visão global é realmente muito pior do que eu imaginava.

Vais confiar nisto ou naquilo, ou numa combinação de ambos? Em qualquer caso, consegui ver quão importantes eram as nossas ideias, e o quanto eram necessárias — e espero ter começado a sentir que, de facto, podia confiar na minha própria vida quando chegasse o momento de escolher *(tudo dito com ênfase)*.

É sexta-feira de manhã agora, enquanto o Rob escreve estas notas para mim. Foi há uma semana, ontem, que o dedo de repente ficou tão escuro — quase negro — e percebi outra coisa: a condição do dedo aconteceu quando eu explicava à Peggy Gallagher como o Rob e eu tínhamos confiado as nossas vidas às nossas intuições durante a cheia de 72. A Peggy ia usar parte do material para um artigo de aniversário no jornal. Nesse caso eu tinha confiado em mim — por exemplo, não tomei vacinas antitetânicas, embora os conselhos médicos iniciais na rádio as recomendassem como medida de emergência.

O dedo deve ter escurecido enquanto falávamos. Provavelmente não queria escrever mais. Tinha medo de ter perdido toda a inspiração — que 20 anos de respostas não fossem suficientes. E que talvez a minha vida não tivesse para onde ir, se fosse o caso.

(Material muito importante em toda esta parte....)

Planeio, claro, trabalhar com o resto do material do eu pecador. Sinto, de facto, uma sensação de libertação. Se alguma vez pensei que os métodos e exercícios necessários eram demasiado difíceis, então tenho de admitir que, quando se põem esses requisitos simples contra o tempo e energia assustadores necessários para seguir os procedimentos médicos, a comparação é quase inexistente.

(Pausa.)

Não quero ser demasiado dura comigo própria, também. Ser informada de que poderia ter um tumor cerebral ou esclerose múltipla numa semana, como me aconteceu nos primeiros tempos no hospital; depois ser-me dito que provavelmente nunca mais conseguiria pôr o meu peso nos pés sem uma possível série de longas operações. Ser-me dito que poderia perder a audição para sempre, ou que poderia precisar de uma operação imediata para não perder um dedo, ser-me dito que era certamente possível perder dedos e artelhos — todas essas sugestões e ideias, com as suas implicações, foram difíceis de suportar, e em muitos aspetos lidei bem com elas.

Os exames médicos ao longo do tempo provaram que eu não tinha algumas daquelas condições mais assustadoras. Outros testes que recorde deixaram claro que o meu coração, fígado e órgãos internos estavam em bom estado — mas a Dra. Kardon tinha-os visto agora ameaçados pela vasculite, e eu senti: “Meu Deus, que carrossel de expectativas desastrosas deve colorir por toda a parte a profissão médica, os seus praticantes e pacientes.”

Agora que tomo um medicamento — melhor dizendo, extrato da tireoide — estava de certa forma ligada a essa estrutura, mas isso não significava que tivesse de cair no resto. Tenho a certeza de que mais me chegará intuitivamente, e espero que emocionalmente, para dar à minha vida o impulso de que preciso.

Apesar de tudo, sinto que as minhas pernas estão mais ativas, mesmo que não me mova melhor, e espero, claro, que este material em si ajude a despertar maior compreensão.

Sei que as ideias que desenvolvemos são hoje muito mais desesperadamente necessárias no mundo do que eu percebia (*com uma gargalhada*). Essa percepção, só por si, é vital para o meu bem-estar.

Acho que agora sinto que qualquer coisa que se possa fazer para melhorar a situação no mundo está destinada a ajudar, quando antes queria que tudo estivesse concluído de antemão de alguma forma. Por isso sinto um novo tipo de movimento interior, e claro, estou grata ao Rob por escrever estas notas para mim.

(Término às 10h11.)

(A própria sessão contém muitas referências à visita da Dra. Kardon de ontem, mas segue abaixo uma cópia das notas que fiz depois de ela sair de casa. Recomendo que a Jane não leia isto. Estão incluídas aqui apenas para registo.)

(“A Dra. K. veio às 13h30. Explicou os perigos da vasculite à Jane — possíveis danos aos órgãos internos — começar tratamento antes que isso aconteça, se necessário. O dedo da Jane parecia melhor. [Ainda sem resultados das análises de sangue feitas há uma semana no St. Joe’s. Testes enviados para Rochester.] A Jane ficou cada vez mais deprimida e assustada à medida que a Dra. K. falava, eu conseguia ver, apesar das sugestões de que tínhamos falado antes da visita. Os artelhos parecem normais. Parece que talvez tenhamos simplesmente de nos afastar dos médicos e das suas sugestões tanto quanto possível. A Dra. K. quer que o

Dr. Sobel, de Ithaca, examine a Jane na sexta-feira, mesmo que os resultados das análises não estejam prontos: “Posso dar-lhe os resultados por telefone depois.” Eu queria adiar a ida às urgências “até os resultados estarem prontos”, mas o Dr. S. não estará no St. Joe’s na próxima semana. A Peggy Jowett chegou quando a Dra. K. saía. Ajudei-a a colocar a Jane na cama de água. A Jane tinha chorado um pouco depois de a Dra. K. sair e antes de a Peggy entrar, e eu tentei consolá-la. Agora a Jane desatou a chorar na cama de água: “Gostava que tivéssemos tentado mais com as nossas próprias sugestões e ideias....” O choro não durou. A Dra. K. disse que a Jane podia tomar um ou dois comprimidos de aspirina, se necessário, a meio da noite. Disse-lhe que podíamos continuar a usar as nossas próprias ideias. Também pensei — mas não disse — porque é que essas ideias tinham permitido que a questão de algo como vasculite surgisse em primeiro lugar — ou, já agora, a “artrite.” A Jane também chorou na cama de água dizendo que agora “seria mais difícil fazer algo por nossa conta, porque tínhamos de lidar também com o sistema médico”, assim como com as nossas próprias crenças. A Dra. K. disse-nos que a Jane não sentiria quaisquer resultados dos comprimidos de Synthroid de 100 mcg que começou a tomar na segunda-feira passada durante muito tempo, que os efeitos da dosagem aumentada estavam “a semanas de distância”. Interroguei-me se isto não seria uma contradição, porque ao telefone no mês passado a Dra. K. tinha dito que a função tiroideia da Jane estava quase normal com a medicação que vinha a tomar, significando que tinha atuado mais rapidamente do que “semanas de distância.”....”)

SESSÃO APAGADA

1 DE JUNHO DE 1982

(Na sexta-feira passada, às 14h45, levei a Jane às urgências do St. Joseph's para manter a consulta com o Dr. Sobel, de Ithaca, marcada pelo Dra. Kardon. Consegui pô-la no carro, ainda que com desconforto para ela, e no hospital duas pessoas ajudaram a colocá-la numa cadeira de rodas. Mesmo assim, estava muito incomodada, sentada sobre a almofada que eu tinha levado.

(O dedo médio “azulado” da mão esquerda da Jane estava melhor e tem vindo a melhorar lentamente um pouco a cada dia, mas a visita ao Dr. Sobel foi um desastre para ela. Ainda hoje sente os efeitos, cinco dias depois—bem mais do que eu tinha antecipado.

(A ironia de tudo isto é que, durante a consulta, achei que ele tinha ajudado a Jane ao sugerir que não se fizesse nada em relação ao dedo naquele momento—o que também era a nossa vontade. Enquanto lá estávamos, a Dra. K. telefonou-lhe e deu-lhe os resultados das análises ao sangue feitas no hospital na semana anterior: uma normal, outra a sugerir que podia haver vasculite, e a terceira não funcionou—por isso, no fim, os resultados foram escassos e frustrantes. Ainda não vimos a Dra. K., nem tivemos notícias dela, embora presumivelmente o Dr. S. lhe tenha transmitido a sua opinião, fosse ela qual fosse.

(Durante a consulta, depois de examinar o dedo, o Dr. S. pareceu-me pelo menos um pouco surpreendido por o Dr. Wilworth ter excluído a possibilidade de um coágulo sanguíneo; pelo início súbito do problema, percebi que o Dr. S. achava que era uma hipótese plausível. Descreveu-nos uma angiografia, um procedimento estéril em ambulatório em que se injeta um corante no sistema circulatório e se rastreia por raio-x para ver onde poderiam ter ocorrido bloqueios no dedo.

(Também descreveu como se podia inserir um cateter numa veia do braço e conduzi-lo até ao coração—novamente sem dor—para verificar se e onde os coágulos poderiam ter-se originado. A Jane ouviu tudo isto com horror. O Dr. S. descreveu ainda alguns medicamentos—um deles a penicilina—que servem para reduzir a capacidade de coagulação do sangue, mas que também reduzem as defesas naturais do corpo.

(Enquanto estivemos lá, o Dr. S. repetiu várias vezes que não era cirurgião vascular. Ligou a um colega em Ithaca e descreveu-lhe a situação do dedo da Jane, mas, salvo erro, voltou a receber informações

ambíguas. Mais uma vez, achei que a consulta ao menos preservava o statu quo para nós, já que via cada vez mais a Jane virar-se contra a ideia de um tratamento preventivo com fármacos para vasculite ou qualquer outra coisa. Estava convencida de que o dedo se curaria por si, e parecia estar a fazê-lo à sua maneira. Agora há manchas com cor mais normal misturadas com zonas mais escuras.

(Sabia também que ela não queria ir à consulta e que me culpava, pelo menos em parte, por a ter levado. Ao mesmo tempo dizia querer falar com um “especialista” em artrite. Senti-me apanhado entre estas ideias opostas e sem saber bem o que fazer. Achei que devia haver razões para o dedo ter piorado tão de repente, levando-nos contra a nossa própria vontade consciente para todo o cenário hospitalar no St. Joseph’s, e que as lições dessas experiências ainda estavam a ser assimiladas.

(Só quando regressámos a casa, na sexta à tarde, comecei a perceber o quão perturbada a Jane tinha ficado com os pensamentos de artrite, vasculite, angiografias, coágulos, medicamentos, operações, etc. Continuei a pensar que ela estava a encaminhar-se para adotar uma posição de rejeição à ajuda e/ou aconselhamento médico, sempre que possível.

(Não tomei notas na altura sobre tudo isto, por isso estas são reconstruídas cinco dias depois. Disse à Jane que tinha a liberdade de alterar o que quisesse. Quase nunca o faz, contudo, por isso o registo das notas acaba por ser praticamente sempre do meu ponto de vista.

(No fim de semana—a começar na sexta à noite—recebemos a visita de Hal Williams e Rusty Carnarius, de Lancaster, PA. O Hal, claro, é médico e homeopata. Não ficaram muito tempo depois de serem informados da situação, mas no dia seguinte o Hal voltou para oferecer ajuda. Mostrou-nos algumas técnicas de massagem, que foram muito úteis. Tinha muitas outras ideias contrárias à medicina convencional, e gostaríamos que vivesse mais perto. Até acreditava que uma glândula tireoide podia regenerar-se, como o Seth dizia. Representava para nós um corpo de conhecimento a que gostaríamos de poder recorrer. Falou em vir ocasionalmente, mas sendo uma viagem de cinco horas não lhe seria muito prático.

(No domingo de manhã, a caminho de casa desde Geneva, NY, o Rusty e o Hal pararam novamente, como lhes pedimos. O Hal fez mais massagens nas costas e no pescoço da Jane, novamente com bons

resultados. Respondeu a muitas das nossas perguntas. Anotei a sua morada e número de telefone, por precaução.

(Depois da sessão desta noite, e refletindo as minhas próprias ideias sobre o quão firme a Jane estava a ficar contra o meio médico, disse que seria realmente irónico se os encontros dela com a medicina convencional acabassem por fornecer o grande impulso final de que precisava para se libertar dos sintomas e impulsionar a recuperação; qualquer coisa para escapar aos pronunciamentos massivamente negativos dos médicos, deitar fora velhas ideias, e libertar o corpo para se curar a si mesmo.

(A Jane tem dormido mal, deitando-se apenas duas horas de cada vez, no máximo, nas últimas noites. Esta manhã surpreendeu-me—a mim e a ela própria—ao dormir até ao meio-dia, provavelmente de exaustão. Na segunda-feira não veio nenhuma enfermeira. Agora estamos num regime de três visitas por semana, que em breve passará para duas. A Peggy Jowett está de férias durante algumas semanas, e não sabemos quem aparecerá hoje.

(A voz da Jane como Seth esteve boa esta noite, quase sem tremor, e muitas vezes mais enfática do que tem estado. Era óbvio que isso se devia a lidar, como Seth, com material mais carregado.)

Agora: podes ficar mais satisfeito com algumas destas informações do que com certas outras partes.

O Ruburt ainda está a recuperar da ida às urgências na sexta-feira passada. Quero destacar várias coisas. O Ruburt sentia-se fortemente contra a ida à consulta. O corpo mostrou-lhe que não antecipava tal encontro. Usou sugestão, etc.—mas corpo e emoções mantiveram obstinadamente as suas opiniões. Ou assim pareceu.

Acabou por ir porque achava que tu querias. Temeu que a sua forte relutância fosse apenas resultado de condicionamento negativo e, como estava interessado nas opiniões do médico—pois seria o primeiro especialista nessa área da artrite com quem teria oportunidade de falar, já com análises feitas, etc.—acabou por aceitar.

Disse-te que achava que precisariam de ajuda para o pôr no carro, pois os movimentos seriam muito difíceis para ele naquela altura—mas acabou por ir de acordo com a tua opinião, sentindo novamente que só a sugestão negativa era responsável pelos seus sentimentos. O corpo simplesmente sabia que não precisava desse stress adicional num tempo já de stress. O que não foi dito foi tão importante quanto o que foi dito durante a consulta,

já que implicava sempre a visão autoritária da evolução de certos sintomas, culminando nas imagens mais graves.

O Ruburt também soube, mais ou menos, dos resultados ambíguos das análises feitas anteriormente (*na semana passada*). A consulta acabou por ser uma versão psíquica e prática altamente carregada de uma realidade vista pela ciência médica.

Ora, muito de bom resultou de toda a experiência e das vossas reações conjuntas. A intensidade do encontro levou o Ruburt a decidir ali mesmo que não usaria medicamentos para combater antecipadamente condições que poderiam ou não surgir no futuro. Mais ainda, a consulta—amistosa e bem-disposta à superfície—fê-lo perceber de forma imediata e prática as limitações da ciência médica. Tinha de tomar uma posição em algum ponto, mas antes não sabia onde nem como o fazer.

(*Pausa muito prolongada.*) Foi, à sua maneira, uma experiência mais controlada para o Ruburt do que até o fim de semana anterior. Foi uma hora de experiência, sim, mas de uma qualidade muito carregada que trouxe à tona, para ambos, muitas das questões, ideias e crenças que já fervilhavam há algum tempo. Sem dúvida usaram-na como uma experiência de aprendizagem.

Não estou obviamente a dizer (*pausa*) que cortes a medicação da tireoide do Ruburt. O que digo é que devem afastar-se rapidamente de quaisquer intervenções da ciência médica que não sejam absolutamente necessárias. Certamente confiar no eu interior é muito mais fácil, a longo prazo, do que colocar a vida no aperto desconfortável de uma profissão médica nervosa.

O Ruburt precisava de algum tempo para descansar, e tu também. Novamente sugiro que, várias vezes por semana, se sentem na expectativa de um tipo ou outro de sessão. (*Pausa longa.*) “Uma forma” de lidar muito mais eficazmente com os vossos problemas apresentar-se-á automaticamente, e devem acreditar que estão a fazer manipulações em todos os níveis da realidade, quer estas se mostrem ou não—porque irão mostrar-se (*com intensidade*).

Muitos conflitos começam naturalmente a resolver-se na vossa relação à medida que lidas com as condições mutáveis do Ruburt. (*Pausa longa.*) A tua massagem de hoje, por exemplo (*após a de Hal Williams*), foi uma excelente tradução de amor e conforto, sentida diretamente a um nível do teu próprio ser, para o nível dentro do Ruburt onde era mais necessária.

Algumas sugestões pela manhã, e lembretes, são de enorme benefício. As decisões do Ruburt significam também, claro, que ele se está a abrir psiquicamente e espiritualmente—mais do que disposto a aceitar as intuições e percepções que começarão a emergir cada vez mais.

(Pausa longa.) Desejo-vos então uma boa noite afetuosa—

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“E a visita do Rusty e do Hal?”)

Isso, claro, não foi coincidência, e ajudou a dar-te pelo menos uma sensação de apoio extra, lembrando-te que existem médicos que não estão totalmente de olhos vendados, mas sim bastante abertos a novas crenças. Falarei mais sobre isso mais tarde, se quiseres, mas já te dei o material pertinente que espero que alivie agora a condição do Ruburt, ao mesmo tempo que abre caminho para experiências de cura *(pausa longa)*, experiências de cura que acontecerão quase magicamente *(com intensidade)* à medida que o Ruburt relaxa e permite que o seu movimento natural se expresse cada vez mais.

A situação noturna mudará também em breve, naturalmente, e de forma benéfica.

Desejo-vos então uma boa noite afetuosa, e encontros mais suaves e sem esforço com as naturezas dos vossos próprios seres.

(“Obrigado.”)

(A transmissão da Jane tinha sido bastante eficaz. [Nota: a 3 de junho escrevi ao Hal um postal de agradecimento.])

SESSÃO APAGADA

3 DE JUNHO DE 1982

(Como anotado na sessão privada de 22 de maio, trouxe a Jane para casa da sua estadia de uma noite no hospital St. Joseph's no dia anterior. Naturalmente não fazíamos ideia de quanto custariam todos aqueles exames, e não nos cobraram nada na alta, já que os resultados não tinham chegado.

(Algumas noites depois, aparentemente depois de eu ter estado a pensar em quanto seria a conta, tive um sonho a cores, no qual me foi informado o valor da conta—oitocentos e tal dólares. Vi o número numa folha de papel azulado que se desdobrava como uma carta. Fiquei chocado—tanto que acordei após o breve sonho, pois a minha melhor estimativa tinha sido entre 400 e 500 dólares. Disse a mim próprio que o valor que me tinham dado no sonho era demasiado alto.

(Não contei à Jane o sonho. Não tenho feito esforço para registar sonhos desde a doença dela, simplesmente não me focando nessa atividade. Recordei partes de alguns sonhos muito vívidos, também envolvendo os meus pais, mas não os memorizei espontaneamente em detalhe como costumava.

(Hoje [3 de junho] chegou a conta do hospital—812 dólares. Lembrei-me imediatamente do sonho, embora horrorizado com o valor. O sonho tinha-me dado “informação verdadeira”, então—um aviso prévio, se quisermos entendê-lo assim. Suponho que o interiorizou em certos níveis, certamente, pois afinal não fiquei tão chocado depois da surpresa inicial. Expliquei a situação à Jane, para registo, e acrescento estas notas. A conta estava impressa em papel azul e branco e desdobrava-se como no meu sonho também.

(A Jane esteve particularmente “fora de si” durante quase todo o dia de ontem, depois de dormir bem depois das 9h da manhã. Muitas vezes adormeceu na cadeira e falava sozinha, entregando-se a várias divagações imaginativas. Mais uma vez perguntámo-nos se a dose da medicação para a tiroide não teria de ser aumentada, mas não tivemos notícias do Dr. Kardon—nem sobre isso nem sobre mais nada—desde a reunião com o Dr. Sobel na sexta, 28 de maio. As nossas ideias mudaram. O dedo da Jane continua a melhorar e, pelo menos por agora, nem sequer queremos ouvir falar de médicos. Consideramos a estadia de uma noite no hospital, e o enorme custo dela e dos exames, em grande parte um desperdício.

(Tive de ir às compras esta tarde e, enquanto estava fora, o Kenneth Wrigley telefonou do consultório do Dr. Sonsire. Perguntou pela condição da Jane e disse que, daqui a um mês ou dois, a úlcera no cóccix dela talvez tivesse de ser fechada cirurgicamente se não o fizesse sozinha. A última coisa que precisávamos de ouvir. A Jane não ficou perturbada com a chamada, talvez devido ao que já tínhamos aprendido sobre os métodos médicos. O custo dessa pequena operação também seria provavelmente astronómico—bem acima de mil dólares, arrisco eu—por isso, à luz da conta atual do St. Joseph's, duvido que aceitássemos. Planeamos fazer alguns comentários sobre custos na próxima vez que virmos a Dra. K., ou quem quer que seja, já que já fomos “queimados” algumas vezes.

(Todo este episódio médico está a tornar-se numa farsa, a nosso ver.

(“Bem,” disse a Jane às 21h01, “talvez consiga algo muito breve—o que está bem desde que possa depois desenvolver....” Falava enquanto, seguindo as sugestões do Seth, estávamos sentados à mesa redonda da sala, à espera do que pudesse surgir. Mais cedo tinha estado na secretária, na sala de escrita, a ver a chuva enquanto o crepúsculo e depois a noite caíam. [A vegetação esta primavera está incrivelmente viçosa.] Depois voltei a trazê-la para dentro de casa.

(A voz da Jane estava trémula, mas o dedo parecia melhor. A enfermeira, Eleanor Maggi, visita amanhã, e planeamos dizer-lhe para marcar as visitas para terça e sexta na próxima semana. Ou eu ligo à Upjohn com o nosso novo regime de duas vezes por semana. Já estamos nesse regime há algumas semanas, na verdade, e parece ser suficiente. Também reduz custos. Mas uma das principais razões para reduzirmos as visitas das enfermeiras é livrar-nos das sugestões negativas constantes que elas transmitem sem querer, sempre em nome de tentar ajudar.

(Enquanto escrevia estas notas a Jane inclinava-se repetidamente para a esquerda na cadeira e caía no sono. Chamei-a várias vezes. “Bem, vou ver o que consigo fazer....” Depois, com uma voz relativamente boa, mas com pausas:)

Ora bem: chamaremos a isto uma visita muito breve do Seth—pela qual não há cobrança (com muito humor, referindo-se sem dúvida à conta do St. Joseph's).

Quero apenas que saibam que estão a começar bem—pois estão realmente a começar, com uma nova determinação, um programa, um programa da parte do Ruburt para confiar na energia do seu ser, no

movimento, inspiração e vitalidade que lhe deram origem e continuam a sustentá-lo.

Decidiram manter a profissão médica mais à distância, à medida que o Ruburt ganha força e vitalidade. A organização da vida em torno de um padrão médico desses é bastante desagradável, para dizer o mínimo, e por isso essa concentração deve ser quebrada o mais depressa possível.

(Pausa longa.) Com todas as melhores intenções do mundo, as enfermeiras são portadoras das mais infelizes crenças médicas. Todo o seu conceito de cura é corroído porque também acreditam firmemente na vulnerabilidade do corpo.

(Pausa prolongada.) O Ruburt deve agora, de facto, ir ao seu quarto dos fundos uma ou possivelmente duas vezes por dia. Ele precisa desse fundo de alegria e sucesso passados, de horas ensolaradas do passado, para o ajudar a reanimar-se.

(Pausa prolongada.) Que mantenha também o gravador à mão nesse espaço. Exercícios de energia e imaginação devem tornar-se parte do seu dia. Quando estiver no quarto, que comece a cortejar o seu eu criativo *(inclinando-se para a direita, olhos fechados....)*.

Estou consciente destes lapsos. Eles têm a ver com a utilização da energia. Surgem em padrões e geralmente *(sublinhado)* significam que o corpo está pronto para alguma medicação adicional da tiroide, dentro do esquema que estabeleceste para ele. *(Pausa longa.)* No entanto, permitem também um certo relaxamento necessário. Por agora, algum regresso às vitaminas será útil, devido às crenças do Ruburt—mas ainda assim útil. As anunciadas para combater o stress, em particular, podem neste momento funcionar como certas almofadas. O Ruburt deve esforçar-se por seguir quaisquer sugestões que eu dê, pois destinam-se a facilitar o seu bom ânimo e recuperação. Ele está a recuperar. Agora despedimo-nos com uma boa noite afetuosa—mas lembra-te das sugestões que mencionei antes, pois o Ruburt pode realmente utilizá-las agora. Fim da visita—não se espera conta *(com mais humor)*.

(“Obrigado.” A Jane disse que, enquanto eu fazia compras hoje, sonhara ou sentira a si própria a andar à volta da mesa redonda—não perfeitamente direita, mas como se testasse o peso nas pernas. Um sinal muito bom, disse eu.)

SESSÃO APAGADA

5 DE JUNHO DE 1982, 20H27, SÁBADO

(Ontem recebemos do Hal Williams, de Lancaster, PA, três medicamentos que ele prometera enviar: um creme para bebê, um extrato de flor de calêndula para aplicar nas escaras da Jane, e um pó—também penso que à base de calêndula—para ela tomar de 12 em 12 horas para os dedos azulados, se aparecessem. Dissolver o pó em um quarto de copo de água e tomar uma colher de chá de 12 em 12 horas.

(Dei a dose à Jane ontem à noite e esta manhã. Esta tarde, enquanto lhe mudava os pensos, o dedo mindinho da mão esquerda começou a escurecer à medida que estava deitada na cama. Ela não me disse nada nem mostrou até eu a ter levado de volta para a mesa redonda. Disse que a posição, deitada de lado, tinha alguma coisa a ver com isso. [A ironia é que o dedo médio esquerdo está agora com muito melhor aspeto. A Jane perguntou-se se o extrato de flor teria tido influência no problema do mindinho; a cor estava levemente escura, comparada com o azul-escuro inicial do dedo médio. Mas se o pó afetava o mindinho, porque não afetara também o médio?]

(A Jane tentou não entrar em pânico. Eu fiquei estupefacto, surpreendido e deprimido ao mesmo tempo. A pedido dela, comecei a massajar-lhe as costas da forma que o Hal me tinha mostrado, do alto da cabeça até ao cóccix. Disse que ajudou bastante. Pelo menos o mindinho não escureceu mais. A Jane disse que sentiu a mesma atividade muscular nas costas, mãos, braços e pernas que sentira quando o dedo médio começara a mudar de cor. Massajei-a durante meia hora. O mindinho não escureceu mais. Também mergulhámos o dedo por instantes em água morna. Finalmente, fiz uma sesta.

(Depois do jantar, a Jane perguntou-me se eu concordava com a decisão dela de não telefonar ao Dr. Kardon, quando eu próprio nem tinha pensado nisso—sobretudo à luz da conta elevada que tínhamos recebido do St. Joseph's devido ao episódio do dedo anterior. Uma tal série de exames era inconclusiva, para dizer o mínimo, e não tivemos notícias da Dra. K. desde a consulta com o Dr. Sobel, na semana seguinte, nas urgências. Só consegui pensar que, fosse o que fosse que íamos conseguir realizar com este assunto—se é que algo—certamente não seria alcançado facilmente.

(Perguntei à Jane se queria fazer uma sessão, já que eu não conseguia pensar em mais nada a fazer ou dizer. Ela concordou, mas eu não tinha a certeza de que conseguisse compor-se o suficiente para a levar a cabo. Fui buscar o caderno e as canetas.)

O Ruburt utilizou quantidades consideráveis de energia no exercício desta noite. Não há nada de “errado” com o dedo—isto é, ele não está em perigo. As suas sensações corporais, e também as intuitivas, estavam corretas: vias nervosas estavam a tentar reabrir. Vários tipos de nós ou bloqueios estavam a ser desfeitos, ao mesmo tempo que todo o sistema circulatório tinha de ser tido em conta.

(Pausa prolongada.) Ele estava a reativar velhas crenças com a sua representação física no corpo. Esta era uma situação geral, da cabeça aos pés. *(Pausa prolongada.)* Foi uma excelente decisão confiar nas atividades do corpo, aproveitar o episódio como caso de estudo, uma mudança de atitude.

Houve alguma *(sublinhado)* ligação com o medicamento do Hal. Circuitos no corpo... *(Pausa prolongada, inclinando-se para a direita, olhos fechados.)* Espero propositadamente por estes lapsos que vêm e vão—e novamente, eles representam o estado da tiroide. A tua ajuda com a massagem foi excelente, e também muito eficaz.

Em tais casos, o Ruburt procura naturalmente ainda mais garantias, e sente-se algo isolado nessas condições. *(Pausa prolongada.)* A massagem e a água morna são benéficas—mas o maior benefício, claro, é a confiança nos processos do corpo, pois assim muitos mecanismos de cura podem continuar, enquanto o medo, evidentemente, atrasa os efeitos. Mas portaram-se bem com o episódio. Terei mais a dizer sobre isto. Quis apenas deixar as minhas garantias e desejo-vos agora uma boa noite afetuosa. Estarei convosco. Fim da sessão.

(“Rapaz, percebi bem que esses lapsos foram mesmo longos,” disse a Jane. Tinha adormecido várias vezes. Uma vez murmurara algumas frases ininteligíveis enquanto o fazia. “Engraçado,” disse ela, “mas percebi no fim que ele poderia dizer muito mais sobre esses lapsos.”

“Isso depende de ti,” disse eu. Nada se desenvolveu.

(É domingo de manhã enquanto escrevo isto. O mindinho da Jane está ligeiramente mais escuro do que ontem à noite, mas ainda longe de tão escuro como o dedo médio chegou a estar.)

SESSÃO APAGADA

7 DE JUNHO DE 1982

(Esta tarde a Jane disse-me que se sentia “em pânico”. Eu sabia que ela estava a remoer—era óbvio—e retraída. Nem sequer tinha ido à casa de banho desde que se levantara, por volta das 8h—ainda outra forma de retraimento, pensei, quando refleti sobre isso.

(Ela não tinha muita clareza sobre o motivo do pânico, mas à medida que conversávamos comecei a perceber que estava a reviver a mesma ronda de medos que tivera muitas vezes no passado, e a que muitas destas sessões privadas têm sido dedicadas ao longo dos anos: a mãe dela, a necessidade de amor, os medos de abandono, os conflitos envolvendo sucesso e o trabalho psíquico, a nossa relação, e assim por diante, se ainda restasse algo.

(Eu estava, certamente, perturbado e irritado, pois parecia que nada de novo sairia dali. Não conseguia deixar de sentir que era assim que estávamos destinados a viver as nossas vidas—que tínhamos escolhido esses caminhos deliberadamente anos atrás. Tínhamos caído tão longe de uma rotina física “normal” de vida e movimento que mal conseguia recordar como tinham sido as nossas vidas antes. Nem, agora, conseguia imaginar a Jane de outra forma, quanto mais a permitir-se recuperar o suficiente para andar, por exemplo.)

(Nem disse tudo o que pensei, embora tenha dito bastante. Não havia nada de novo em nada daquilo. Perguntei à Jane se tinha consciência de como uma pessoa podia usar uma doença crónica para dominar outra, para evitar a rejeição, e assim por diante, e ela disse que sim. É um pensamento que já tive muitas vezes, mas que não tinha verbalizado. Nem o Seth, tanto quanto me lembro. Mas isso encerra enormes contradições, claro, pois a própria doença cria tensões na relação que nem sequer existiriam se a doença não estivesse presente. Esta é uma das facetas de toda a questão dos sintomas que sempre me intrigou imenso.

(Detive-me também no facto de o Seth—e a Jane—ainda não terem abordado a principal questão que coloquei várias vezes desde que ela regressou do hospital: a atitude e o papel atuais do seu eu pecador. Para mim, disse eu, o eu pecador está mais ativo e dominador do que nunca, e isto depois de tudo o que pensávamos ter aprendido ao longo dos anos. Governa-lhe a vida mais do que nunca, já que este ano ficou mais doente do que nunca. Eu continuava a querer saber por que razão essa parte da

personalidade era tão cega para o mal que estava a causar—porque não percebia, mesmo nos seus próprios termos, que a sua devastação estava a ameaçar gravemente a própria segurança e proteção que dizia querer. Como poderia preservar-se dessa maneira?, perguntei.

(A Jane ficou muito infeliz com a conversa, e eu zangado, como antes—mas estávamos a repetir todo o mesmo terreno. Disse que achava que tanto ela como o Seth tinham evitado as minhas perguntas sobre o eu pecador, o que via como parte do poder do eu pecador para encobrir questões que não queria enfrentar, ou que considerava ameaçadoras.

(No fim da nossa conversa, fiz um esforço para tranquilizar a Jane, dizendo-lhe que a amava e que estaria com ela acontecesse o que acontecesse. Durante todo o tempo a sua voz carregava um tremor muito pronunciado, como acontece agora sempre que se perturba. Estava assustada e, para mim, demonstrava pouca confiança no corpo e não muita em mais nada.

(A meu pedido, ela tinha telefonado ao Mike Appel, que quer gravar o Seth e o Sumari. Como as implicações aqui podiam envolver sucesso, disse-lhe durante a nossa conversa, talvez isso também tivesse alertado o eu pecador para se tornar mais protetor, embora o estado dela tivesse começado horas antes de eu sugerir a chamada. Ele vai enviar-lhe algumas sugestões de possíveis formas de avançar na gravação de material.

(Vê a cópia em anexo da minha carta ao Hal Williams. O dedo médio da mão esquerda da Jane continua a sarar lentamente, e a coloração azulada do mindinho da mesma mão não escureceu. Também está com melhor aspeto. Tenho a certeza de que há mais história nos dedos do que aquilo que aprendemos até agora.

(Ontem—domingo à noite—ao Dr. Kardon telefonou a perguntar como estava a Jane e para nos dizer que estaria fora da cidade durante uma semana. Não mencionei o mindinho, de acordo com as ideias do Seth e da Jane expressas recentemente. Perguntámos sobre aumentar a medicação da tiroide, e a Dra. K. disse que não podia ser feito sem uma análise de sangue. Disse que trataria disso aqui em casa quando regressasse na próxima semana. A Jane só está na dosagem de 100 mcg há duas semanas.

(Depois do jantar, a Jane disse que sentia “imensos materiais do Seth” sobre a nossa conversa desta tarde, e que isso ocuparia não uma

mas muitas sessões. Disse-lhe que estava pronto, enquanto pensava que lá íamos nós outra vez. Sentámo-nos à mesa redonda da sala. “É estranho,” disse a Jane, “mesmo estranho... Tive consciência desses lapsos outra vez assim que disse que teria uma sessão, e antes não tinha. Isso bloqueia-me.” Referia-se aos seus cochilos depois de termos comido.

(Então, com uma voz muito mais forte, quase sem tremor, olhos escuros e muitas vezes fechados, e com muitas pausas longas:)

Serei um supervisor, e mais ainda, na recolha e transmissão deste material.

A sua organização, no entanto, terá de ser própria, vinda de muitos ângulos de experiência, envolvendo a expressão do Ruburt bem como a tua—e este material levar-nos-á a uma reativação (*pausa longa*), de volta a certos pontos de referência em que estiveste envolvido no verão passado.

De uma forma ou de outra o material já foi dado nos nossos livros eliminados—mas a organização desse material muitas vezes seguiu antes a situação presente em cada momento. (*Pausa longa.*) O pânico que o Ruburt sente é, claro, a sensação que está por trás de todos os seus sintomas—e deves lembrar-te, à medida que continuamos, que tais situações não são incomuns no vosso mundo. O Ruburt não é mais tolo do que a maioria das pessoas, por exemplo.

Estou a tentar dar-vos algumas sugestões gerais de antemão sobre como lidar com o material à medida que o recebem, porque a vossa abordagem pode ser bastante vital. A “síndrome do eu pecador” (*pausa longa*) foi ativada ou intensificada ou posta em evidência no último ano, em particular, à medida que se viam numa situação de crise (*pausa longa*), e, em certa medida, o Ruburt sentiu que seria forçado a pedir ajuda médica se não se ajudasse mais a si próprio.

As nuances de tal afirmação são muitas. Por agora, contudo, quero apenas sublinhar que foi acrescentado stress adicional à situação. Uma luta pela sobrevivência, ao que parecia, tornou-se mais próxima, especialmente à luz da situação hospitalar. Após o regresso a casa, o eu pecador sentiu-se ainda mais ameaçado.

O próprio termo provavelmente não é o melhor, embora seja, claro, altamente descritivo. O pânico tem a ver com muitas questões ligadas às experiências anteriores do Ruburt, particularmente com a mãe e a igreja, quando era muito jovem, muito determinado a sobreviver na vida, e a tentar

aprender que tipos de comportamento acrescentavam ou ameaçavam essa sobrevivência.

(Pausa muito prolongada, uma de muitas.)

Tenho agora a maior parte do material de que precisamos, mas também tenho de o organizar de modo a que tenha o maior efeito terapêutico possível, e para que esclareça a compreensão do Ruburt em termos emocionais, intuitivos e intelectuais. Ninguém está à mercê de acontecimentos negativos do passado.

O Ruburt, sendo um excelente escritor, certamente não sente que esteja à mercê de todas aquelas horas desconhecidas e incontáveis passadas na infância a escrever poesia—por isso, é apenas a vossa referência que faz com que a afirmação anterior pareça verdadeira. Enquanto este material é transmitido, e enquanto tu e o Ruburt lidam com ele (pausa longa), certos aspetos emocionais devem vir ao de cima para tornar o processo mais benéfico.

(Pausa muito prolongada.)

Quero recuar em termos de continuidade, e ainda assim, para os propósitos desta noite, quero sublinhar o poder da expressão do amor em combater automaticamente tais situações negativas. Ou seja, a expressão do amor tranquiliza automaticamente o eu pecador de que, de facto, não é pecador *(uma afirmação que de imediato achei difícil de acreditar, considerando as suas ações passadas e recentes)*.

Alguma desta clareza surgirá mais tarde, isto é, o Ruburt sentiu (sublinhado), certamente em alguns momentos, que a mãe o odiava. Quando o Ruburt se apaixonou por ti, o seu vigor, força e expressão vieram à superfície. Precisava da expressão do teu amor, e espontaneamente expressou o seu próprio amor por ti em palavras e ações.

(Pausa muito longa às 20h25.)

As forças emocionais que estão por trás destas afirmações que faço são impossíveis de descrever. Ao começarmos este grupo de sessões, então, expressa o teu amor da forma mais calorosa possível, em gestos e em palavras. Por um tempo esquece a contenção cautelosa *(com intensidade)*. Tais expressões tranquilizarão automaticamente o Ruburt nesses níveis profundos.

(Para mim, isto é como alguém a dizer: “Se não me amas, vou ficar doente e continuar doente.”)

O material que irão receber será muito mais específico do que isto. É impossível dizer qual será o formato. Estão ambos aptos a lidar com a situação, no entanto—e lembra-te de que as grandes forças criativas do vosso corpo e mente estão ativamente a proteger-vos mesmo quando talvez estejam mais preocupados. Parte disto envolverá, claro, a própria expressão do Ruburt—altamente importante. O teu próprio amor pelo Ruburt é muito mais útil do que imaginas—e se conseguires sentir esse amor, ele por si só pode servir como uma força muito potente que pode refrescar e revitalizar ambas as vossas vidas.

Fim da sessão.

(O fim foi abrupto. Senti tantas emoções a revolver-se dentro de mim que me perguntei como é que supostamente deveria expressar todo esse amor no meio de todas elas. Seria suposto simplesmente erguer-me acima delas e esquecer todo o resto, ou o quê? Antes da sessão tinha dito à Jane que sempre sentira que, na nossa relação, as minhas próprias contribuições estavam condenadas a ficar aquém do que ela queria e esperava de mim—que sempre sentira que não conseguia dar tudo o que ela precisava de um parceiro de casamento.

(Esses sentimentos antigos continuam verdadeiros para mim, e agora estão entrelaçados com sentimentos mais recentes de que parece caber-me a mim lutar para tentar salvar a Jane dela própria. Uma tarefa impossível, claro, mas da qual estou intensamente consciente hoje em dia. Um pequeno exemplo: como sempre, se não fosse pelas minhas próprias exigências e sugestões, esta sessão nem sequer existiria—ao passo que, no meu entender, a Jane devia ter exigido tê-la por iniciativa própria.

(Ter-me-ia surpreendido se o tivesse feito, mas teria tido prazer em corresponder. O meu sentimento aqui sempre foi de que é graças a mim que temos qualquer material privado—que ela sempre o evitou. Nos termos atuais penso que essa situação é apenas mais um exemplo do funcionamento do eu pecador—evitar o desafio, ter o seu caminho a qualquer custo.)

(Talvez, pensei enquanto escrevia estas notas, tenha ficado mal condicionado ao longo dos últimos 15 anos, tão assolado por preocupações constantes e frustrações que uma “coisa simples” como a expressão de amor se perdeu algures no meio de todos os escombros. Não havia dúvida de que a sessão me deixou tão frustrado e amargo como sempre, mas pelo menos tinha conseguido obter a admissão de que o eu

pecador continuava altamente ativo. Não conseguia acreditar que, depois de todo este tempo e esforço ao longo dos anos, estivéssemos de volta à estaca zero, a tentar perceber tudo outra vez. Tenho sérias dúvidas de que alguma vez consigamos.

(Disse à Jane que a sessão me tinha deixado furioso. “Vês, é isso que quero dizer,” disse ela, meio a chorar. “Sinto-me tão estúpida, e agora vais gritar comigo—”

(“Não gritei contigo,” disse eu. A Jane continuou a falar de forma intermitente, e acabei por dizer que era melhor não continuar, com receio de ir longe demais, tal era a intensidade dos meus sentimentos no momento. Sabia que, como no passado, os sentimentos iriam moderar-se, e que continuaríamos a lutar como sempre.

(Ela falou de como uma parte forte de mim tinha servido de catalisador no seu próprio trabalho e amor, mas isso só me fez questionar como deveria usar essas qualidades na nossa relação e trabalho, enquanto ignorava todos os outros fatores—maioritariamente negativos—que pareciam atuar o tempo todo.

(Eu também estava assolado por contradições óbvias no material. O Seth tinha dito muito recentemente que a pele da Jane não iria romper-se, por exemplo, mas só na última semana surgiu uma grande área aberta em carne viva na nádega dela, a direita—presumivelmente porque costuma inclinar-se para esse lado quando se senta, pondo pressão adicional nesse lado e na base. Quando sugeri que se sentasse inclinada mais para a esquerda, ela não entendeu o que eu queria dizer.

(Isso, por sua vez, lembrou-me algo que já tinha notado muitas vezes: parece ter perdido aquele sentido vital de como manipular o próprio corpo físico em benefício próprio. Eu tenho capacidades atléticas extra, sei, mas costumava pensar que tal conhecimento de sobrevivência era inato em toda a gente. Para mim, a sua opacidade perante o uso abusivo e impressionante que faz do corpo fala alto e claro do domínio do eu pecador—a disposição para usar o corpo para os seus próprios fins, independentemente das consequências, mesmo que essas consequências acabem por ser autodestrutivas.)

CARTA AO DOUTOR HENRY N. WILLIAMS

7 DE JUNHO DE 1982, SEGUNDA-FEIRA

Caro Hal:

Obrigado por enviar os medicamentos. Incluo o porte.

Tenho usado a técnica de massagem que nos mostraste na Jane com muito bons resultados.

Aqui ficam algumas observações sobre os medicamentos que enviaste para o dedo azulado da Jane, e para a úlcera. Não sabemos se há realmente qualquer ligação entre eles e as situações que vou descrever, e agradeceríamos os teus comentários quando tiveres tempo.

Misturei o pó com água conforme as instruções e dei à Jane duas doses com 12 horas de intervalo. No dia seguinte à segunda dose—de manhã, sábado—o mindinho da mão esquerda da Jane começou a mudar de cor para azul, da articulação do meio para baixo. É a mesma mão em que o dedo médio tinha mudado de cor há algumas semanas. O mindinho não ficou tão escuro, no entanto. Fiz massagem na cabeça, pescoço e costas da Jane, e ela disse que isso ajudou bastante o dedo, já que sentiu que a atividade muscular no corpo estava ligada à mudança de cor do dedo. O mesmo que relatou para o dedo médio, aliás, embora os médicos aqui não tenham dado atenção ao que disse.

Claro que nos perguntámos se a toma do medicamento que enviaste tinha alguma coisa a ver com a reação do mindinho. Numa sessão muito breve o Seth disse que estava relacionado, mas não deu pormenores, por isso outros fatores estarão envolvidos. A Jane disse que um deles era o facto de ter sentido as mudanças no dedo ocorrerem enquanto estava deitada de lado, à esquerda, quando eu mudava o penso da úlcera nessa tarde. Entretanto, deixámos de usar o medicamento.

Ao mesmo tempo, comecei a aplicar o medicamento de calêndula na úlcera duas vezes por dia, quando lhe mudava o penso. Ontem a Jane sentiu-se muito desconfortável sentada na cadeira sobre a almofada de água. Ontem à noite, quando a ajudei a passar da cadeira para a cama, descobrimos que tinha encharcado a almofada debaixo dela numa área de uns 20 cm de diâmetro—algo que nunca tinha acontecido. Misturados estavam coágulos de sangue. A secreção da úlcera foi muito maior do que alguma vez tínhamos notado antes. Contudo, quando mudei o penso, a própria úlcera parecia normal, embora talvez um pouco mais avermelhada. Parecia estar a sarar, preenchendo ligeiramente pelas margens. Mas, mais

uma vez, parámos de usar o medicamento. A Jane dormiu bem durante a noite e, esta manhã, notei que não tinha havido secreção nenhuma da úlcera durante a noite, quando mudei o penso como de costume. Nenhum sangue, por exemplo.

Ainda não tivemos oportunidade de perguntar ao Seth sobre isto, mas faremos da próxima vez que tivermos uma sessão.

Devo acrescentar que continuámos a usar o creme Silvadene na úlcera uma vez por dia, à tarde, como de costume, quando mudo o penso. Apliquei a calêndula de manhã e à noite, tentando acelerar a cura, se possível. Pensámos que, se isso acontecesse, deixaríamos de usar o Silvadene. Como não sabemos o que mais fazer neste momento, usaremos apenas o creme habitual.

Perguntámo-nos sobre as duas reações, depois do uso dos dois medicamentos. Poderá haver uma reação alérgica por parte da Jane? Sentiu-se extremamente desconfortável ontem sentada na poça de humidade, e não poderia manter isso, já que passa tanto tempo sentada.

Pensei que seria melhor escrever do que telefonar, para que tivesses o registo para estudar com calma. Gostaríamos de ouvir a tua opinião quando puderes. Por favor escreve-nos.

Entretanto, os nossos melhores cumprimentos para ti e para a Rusty.

Cumprimentos,

Robert Butts

1730 Pinnacle Road

Elmira, NY 14905

**CARTA PARA ROB E JANE (DE HENRY N. WILLIAMS
[HAL])**

22 DE JUNHO DE 1982

Caro Bob,

Obrigado pela tua nota e carta. Eu interpretaria a coloração azulada do dedo como provavelmente [sic] uma indicação de que o medicamento estava a atuar corretamente, mas que tende a piorar antes de melhorar. Toda a situação pode ser apenas incidental e o medicamento talvez não tenha tido efeito nenhum sobre o problema. Quanto à pomada, acredito que a libertação do fluido será, a longo prazo, benéfica para sarar a área. O simples facto de as granulações parecerem mais vermelhas vai nesse sentido. Contudo, penso que pode ter havido mais atividade aí do que era desejável, por isso fico contente que tenham voltado à medicação antiga.

Falem-nos de como as coisas evoluem.

Com os melhores cumprimentos,

Henry N. Williams, M.D.

HNW: rlr

Cc para:

Sra. Rusty Carnarius

1952 Pine Drive

Lancaster, PA

SESSÃO APAGADA

9 DE OUTUBRO DE 1982

(“Bem, é melhor vires para aqui [para a mesa redonda] e deixa-me tentar antes que adormeça,” disse a Jane às 20h07. “Estou nervosa e perturbada...” Tinha estado a exercitar os joelhos e as mãos. Esta seria a nossa primeira sessão desde 7 de junho de 1982. O que aconteceu entretanto daria um livro por si só. Posso acrescentar algum desse material no fim da sessão. Acabei de reler a última sessão, tal como a Jane, e vou apenas notar aqui que concordo com grande parte dela, especialmente com o que disse nas notas—mas, relendo-as, vejo como as nossas atitudes geraram esse material e as suas consequências. Creio que ambos aprendemos muito desde então.

(Eu já não estou zangado, por exemplo, embora tenha estado até há pouco tempo. Isso passou, mas a Jane está em mau estado; as suas escaras estão muito mais agravadas, e assim têm estado há algum tempo. Sente-se terrível na maioria dos dias. Eu ainda quero saber qual é o papel do eu pecador—usando a designação que o Seth nos deu—em tudo isto, pois estou mais convencido do que nunca de que continua a ser a força dominante por trás de tudo. Uma simplificação excessiva, sem dúvida, mas essencialmente verdadeira, penso eu. Como disse à Jane esta manhã durante a nossa longa conversa, ainda quero saber porque razão uma parte da personalidade haveria de querer conduzir todas as outras à sua frente, mesmo até ao ponto da destruição, e talvez ainda mais além. Certamente não há futuro nisso para a personalidade, pelo menos em termos mundanos.

(Hoje retomámos as terapias de vitaminas e óleo de fígado de bacalhau, que tínhamos interrompido na semana passada, devido ao que interpretei como resistência da Jane. Isso deixou-me zangado: senti que oferecia pelo menos uma via de exploração, que talvez pudéssemos usá-la como caminho para mudar crenças. Caracteristicamente, ela não pediu para retomar o tratamento; fui eu que o fiz esta manhã. Achei que oferecia esperança, simples como é, e não conseguia imaginar o que ela faria sem esperança—sem as sessões, sem usar as próprias capacidades, sem aceitar algum tipo de reforço de mais alguém.

(Ontem a Jane teve provavelmente o pior dia de sempre—muito desconfortável mesmo; estava numa “situação de crise”, como ela própria disse. E era demasiado óbvio. Se se prolongasse, significava hospital, ou

Deus sabe o quê, mas tínhamos de fazer algo. “Se me amas,” disse, “conforta-me como farias a um animal, porque preciso mesmo de ti.” E eu tentei. Dormi com ela ontem à noite—agitado, mas ajudou. Ela disse que não sabia como iria passar a noite, mas conseguiu. O rabo, as nádegas e a parte inferior da coluna são uma zona de desastre em termos de escaras—muito piores do que antes, e disse-lhe que deviam representar uma réplica exata do seu estado interior. Como poderia ser de outra forma? Tal era o estado a que tínhamos chegado.

(Hoje estava muito melhor, psicologicamente pelo menos, e eu também. Falámos intermitentemente durante grande parte do dia, entre interrupções como a visita do Rusty e do Hal, as minhas idas às compras, etc. Concordámos que, a partir de agora, as sessões, e as sessões próprias da Jane, terão de vir primeiro nas nossas vidas, até antes dos livros ou prazos, e assim decidimos. “Rapaz, parece-me uma noite bem estranha,” disse a Jane enquanto esperávamos por uma sessão à mesa às 20h27. Estava agitada e bastante nervosa, entrando pela primeira vez em períodos que quase se assemelhavam ao sono. “E se eu tentar ter a sessão e não acontecer nada?” perguntou. Disse-lhe que tudo iria correr bem. Parte da razão de ambos estarmos melhores era termos tomado algumas decisões que ofereciam esperança: a terapia alimentar, as sessões, etc. Acreditei no que disse, e ainda acredito.

(Lembrei-me de que o Seth disse uma vez que, se uma pessoa prestes a morrer decidir viver afinal, agarra-se à mais pequena esperança e reage. Achei que a situação era análoga à nossa, pois não consigo imaginar nada em que possamos confiar a não ser em nós próprios. Lembrei a Jane de que estava interessado sobretudo no material sobre o eu pecador. Ela concordou, acho, mas sei que muito outro material surgirá juntamente com esse, como deve ser. Teremos de esperar e ver.

(O tratamento do Hal Williams ajudou bastante a Jane. É interessante notar que, depois da sessão de junho passado, o Rusty e o Hal também nos visitaram, e ele fez o mesmo à Jane nessa altura. Também tinha anotado que voltariam no outono. E apareceram hoje, precisamente no dia em que decidimos retomar as sessões. [Devo acrescentar que regressaram no domingo à tarde, como planeado, e que o Hal demonstrou no meu próprio corpo como tratar a Jane. O tratamento deixou-me tão relaxado que quase adormeci, ou assim pareceu. Ainda sinto os efeitos relaxantes mesmo enquanto escrevo este material. Também ajudou a Jane. As mãos e os

joelhos da Jane, penso eu, mostraram melhorias consideráveis desde que começámos a terapia de vitaminas, mesmo com todas as interrupções que teve. O inchaço parece ter desaparecido completamente das mãos. Os dedos da mão direita estão a abrir-se da posição cerrada, e a carne suavizou bastante. Espero e confio que tais mudanças benéficas continuem a ocorrer.

(A Jane ainda estava inquieta e nervosa enquanto esperava que o Seth se manifestasse. “Sinto que podia cagar e arrotar durante uma semana,” riu-se. “E depois ir para a cama e dormir para sempre,” acrescentou com humor. Quando o Seth surgiu, a sua voz estava bastante forte e sem tremor. Com a sua cadência habitual, e com pausas curtas bastante frequentes:)

Será suficiente restabelecer as sessões, e a confiança do Ruburt esta noite, continuando amanhã se preferirem—mas certamente sem perder demasiado tempo.

As sessões estão disponíveis, então. Continuo a operar como sempre, por isso o Ruburt pode sossegar. Quanto à direção, e à exploração profunda dos acontecimentos, deixarei isso para amanhã à noite como ponto de partida, pois obviamente não podemos lidar com tudo numa só noite de qualquer forma. Terei muito a dizer-vos a ambos, esperançosamente com benefício bastante prático.

O Ruburt precisou de algum tempo para estabelecer um certo tipo de “equilíbrio” para a sessão desta noite, mas não haverá dificuldades futuras nesse sentido. Fico satisfeito, pessoalmente, que considerem de facto o regresso às sessões. Dêem-nos um momento...

As vossas atividades de hoje foram realmente vitais. Houve um momento e um ritmo em que ambos souberam que empreendimentos terapêuticos, iniciados agora, poderiam tomar um rumo mais rápido—ou seja, uma nova probabilidade. Determinaram-se a agarrá-la.

(Pausa.) Isso atraiu-vos—sentiram a força da mudança necessária (com gestos), mas esta mudança tinha um novo sentido de atração. Tais períodos acontecem muitas vezes numa vida, claro—tais interseções em realidades prováveis, em que de repente se sente que o momento é particularmente certo, ou pode sê-lo, independentemente da necessidade ou desespero—ou às vezes precisamente por causa disso.

Há interseções, mudanças, de direção espiritual, digamos, que ocorrem constantemente no vosso mundo. Há também certos momentos em

que são aproveitadas, em que a mudança paira no ar, por exemplo, para aqueles com coragem e boa intenção.

(Pausa prolongada.) Por mais deploráveis que pareçam as condições do mundo, por exemplo, à medida que a necessidade desesperada do homem por compreensão de si se lhe torna evidente, também nesse mundo há um tempo de mudança sentida: novos valores que “vão pegar desta vez.” *(Foguetes ao lado.)* Isto aplica-se agora, em privado, a algumas das pessoas que conhecem, mas em particular aplica-se a ambos agora. Ponto final. *(Mais fogo-de-artifício às 20h46, mas o Seth não se incomodou.)* Estes períodos envolvem acelerações, sentidas mesmo quando ainda podem estar invisíveis, e é precisamente neste tipo de período que acabaram de entrar agora. Terei muito mais a dizer sempre que decidirem quando será a nossa próxima sessão—amanhã à noite ou quando for—à medida que embarcam na vossa nova saga. Por agora despeço-me com uma boa noite afetuosa.

(“Boa noite, Seth. Muito obrigado.”

(A Jane suspirou de alívio evidente ao sair do transe. “Isso responde a uma pergunta que já tinha há algum tempo: eu estava a ficar bastante esquisita—perguntava-me se ainda seria capaz de ter uma sessão. Sabes, se alguma parte de mim tinha decidido que já chegava disso, ou algo assim...”

(“Nunca tive dúvidas dessas,” disse eu. Disse-lhe que achava que deviam ter havido muitos momentos, ou “aberturas,” nestes últimos meses em que ela poderia ter tido uma sessão. O facto de não o termos feito é parte do problema, claro. Pessoalmente, tinha estado alternadamente zangado e indiferente por causa das nossas falhas, quando tínhamos vias de ajuda disponíveis em que poucos poderiam confiar, mas nem sequer nos demos ao trabalho de as usar.

(A Jane tinha ouvido os fogos de artifício ao lado, que soaram apenas em dois breves intervalos. Estava tudo quieto agora. Li-lhe a sessão. “É um começo,” disse eu, e ela concordou. Mal posso esperar pela próxima. As alternativas são demasiado dolorosas e desnecessárias para serem consideradas.)

SESSÃO APAGADA

10 DE OUTUBRO DE 1982

(Escrevi uma carta à Eleanor Friede, concordando em comprar o filme para o Emir, como tanto ela como o Tam tinham sugerido. Será enviado para a nossa casa, onde o podemos guardar. Entretanto, a Eleanor tentará colocar o Emir em alguma instituição; já falou com o Tam sobre isso. Estamos gratos pela ajuda deles.

(Hoje a Jane e eu estivemos muito ocupados—tão ocupados que chegámos bastante tarde à sessão. De manhã, dactilografei a sessão de sábado à noite. Acabei mesmo a tempo de almoçar qualquer coisa antes de o Rusty e o Hal regressarem. O Hal demonstrou as suas técnicas de massagem em mim, enquanto eu estava deitado no sofá, para que eu soubesse melhor como ajudar a Jane. Foram muito eficazes—a tal ponto que poderia ter facilmente adormecido; o relaxamento que atingi lembrou-me os tratamentos quiropráticos que tinha tido anos antes, ou os efeitos de auto-hipnose que costumava obter sempre que tinha uma consulta dentária. [Já não uso hipnose para o dentista, aliás; talvez um resíduo permaneça, pois assim que me sento na cadeira do Paul O'Neill começo a ficar muito relaxado e sonolento.]

(Depois de o Rusty e o Hal partirem, fizemos uma sesta, mudámos pensos, etc., e quando demos por nós eu estava a apressar-me para preparar o jantar e tratar de outras tarefas, de modo a termos tempo para a sessão. Tanto o Hal como eu notámos uma melhoria quase marcante na condição da Jane, especialmente nas mãos, joelhos e pés. Penso que a terapia de vitaminas está a ajudar bastante neste aspeto e parece estar a seguir os resultados descritos no livro do Dr. Van Fleet. A Jane também está muito satisfeita.

(De facto, as mãos dela parecem melhores do que estiveram provavelmente nos últimos dois anos, diria eu; o inchaço parece ter desaparecido quase por completo. A minha ideia é que, se a Jane continuar a terapia de vitaminas—termo de que não gosto particularmente—daqui a alguns meses poderá conseguir bons resultados, pois, como lhe expliquei, penso que a chave para curar as escaras está no aumento da mobilidade, especialmente nos joelhos. Isso dar-lhe-á mais liberdade de movimento na cama.

(Depois de toda a pressa para acabarmos o jantar, mais tarde do que o habitual—pareceu que ficámos sem energia. A Jane sentou-se meio a

dormir à mesa redonda, e eu tentei concentrar-me em ler algumas das cartas da semana passada. Ela surpreendeu-me por volta das 21h15 ao dizer que talvez tentasse ter uma sessão, já que nessa altura eu pensava que já era tarde demais. Disse que estava a fazer a mesma coisa que tinha feito na noite anterior antes da sessão: a ficar assustada, a ter lapsos, ao mesmo tempo que tentava encontrar uma posição confortável para as costas. Esperámos e esperámos. Então, com uma voz bastante forte e firme, mas com muitas pausas:)

Agora: faremos o melhor que pudermos nas circunstâncias.

(Pausa longa.) Existem organizações, padrões que as pessoas experimentam ao longo das suas vidas, mudando muitas vezes de uns para outros, interpretando e, portanto, experienciando a realidade através de muitos moldes diferentes. Alguns, no geral, pareceriam bastante destrutivos.

(Pausa longa, olhos fechados.) No entanto, são como recipientes de comportamento. Durante algum tempo, à medida que se envolveram com o hospital e com os hábitos e pessoas da medicina, o Ruburt em particular ficou muito assustado. Começou a olhar para a sua própria experiência, de certa forma, através desse molde médico. *(Pausa longa.)* Viu quão infelizes poderiam ser os resultados. Ambos estavam bem conscientes do facto de que, para quase qualquer outra pessoa, não há culpa em seguir tal premissa. O Ruburt, contudo, ficou muito assustado ao ver para onde tal tendência podia levar.

É tempo não só de renovar as sessões, de iniciar as vossas novas políticas, mas também de serem pacientes com o vosso próprio progresso, uma vez que estejam certos de que estão a fazer o melhor. A ideia de mudar é *(sublinhado)* excelente, porque simbolicamente reorganiza a vossa vida em novos padrões, e liberta “energia” que estava presa em velhos arranjos.

A vossa concentração tem estado primeiro nos impedimentos e, em segundo lugar, em como vos livrar deles. O auxílio durante este período permitir-vos-á ver melhor o que quero dizer—mas a força dos vossos movimentos conjuntos é ascendente.

Mais uma vez, esta será uma sessão breve, mas assegurarei que recebam o material que querem e precisam. A organização do material surge quase em pacotes, por assim dizer, esperançosamente entregues no melhor momento possível, por isso que o Ruburt esteja atento a sessões

durante o dia, pelo menos para começar (*como também já sugeri*). O mesmo tipo de aceleração, no entanto, aplica-se à tua própria vida, Joseph, e também terei mais a dizer a esse respeito.

O Ruburt está a sair-se bem nestas circunstâncias—refiro-me aos últimos dias—com a ajuda que de facto tanto precisava de ti. Esta é a vossa própria expedição, individual e conjunta. (*Pausa longa.*) A terapia do Hal é muito boa. Mas devem seguir os vossos próprios ditames neste momento. Lembrem-se novamente de que ambos têm fortes qualidades de “façam vocês mesmos”, demonstradas muito antes de as sessões começarem.

Terminarei de facto a sessão, sabendo que ela acrescenta à segurança do Ruburt, e que a sessão, por si só, liberta certos tipos de energia altamente benéfica. As minhas mais afetuosas saudações, e o meu interesse, ou inclinação para ambos, acompanha-vos, quer tenhamos sessão ou não. Com um pouco mais de relaxamento, contudo, podem ter tantas ou tão poucas quanto quiserem durante algum tempo, pois as vossas energias individuais e conjuntas estão de facto a ser reabastecidas dessa forma.

Estão a iniciar um novo tempo nas vossas vidas, de maior compreensão, compaixão por vós próprios e pelos outros, por isso mantenham-se firmes nele. Mais uma vez despeço-me com uma boa noite afetuada, a ambos.

(“Boa noite.”

(“Houve longos períodos, não houve?” perguntou a Jane assim que saiu do transe, referindo-se ao facto de ter estado consciente das numerosas pausas longas na sua transmissão. “Quando vi as horas, quase não quis fazer isto—mas ainda assim quis tentar, custasse o que custasse.” Agora estava bem desperta e alerta, muito mais à vontade e a falar rapidamente.

(“Quase acho que agora, depois de um descanso, podia voltar a entrar nisso,” disse, querendo dizer que agora que a pressão tinha passado sentia-se muito melhor.

(“Percebi isso pela forma como falas,” disse eu. “Mas o que obtivemos é muito melhor do que nada. Também tens de te mexer. Tenho de mudar os pensos no teu [cotovelo esquerdo], também. Precisa disso.”

(A drenagem do cotovelo tinha manchado a blusa dela. Na semana passada desenvolvera-se uma infeção relativamente ligeira na área aberta que já tinha estado infetada em agosto. Mandeï renovar a receita de E-Mycin assim que a enfermeira da Jane apontou a reinfeção, mas a Jane

não a tem tomado fielmente, três vezes por dia, como devia. Claro que o corpo dela tem mantido em grande parte a infecção sob controle; na verdade, o cotovelo parece muito melhor. Em pelo menos dois dias não tomou o antibiótico de todo. Penso que o medicamento também ajudaria a úlcera no calcanhar direito.

(“Está bem,” disse a Jane. Pausou. Depois: “Espera um minuto.” E eu soube que ela estava a voltar à sessão. Desta vez a sua voz de Seth estava ainda mais firme e confiante, e fez menos pausas.)

Alguns comentários adicionais. Quaisquer que sejam as condições, não subestimem a natureza da aprendizagem, ou a sua importância—a natureza, isto é, da verdadeira aprendizagem.

Nenhum de vocês tinha muita experiência concreta em lidar com os aspetos médicos do mundo. Em certa medida, as vossas próprias atitudes de “façam vocês mesmos” impediram-vos de ter tal experiência, e enquanto o Ruburt não a tinha, e enquanto tu não a tinhas (com muito mais ênfase do que eu tinha ouvido a Jane usar como Seth em muito tempo), ambos ainda teriam dúvidas sobre a natureza do nosso próprio trabalho aplicado a tais questões—e isto vai além dos limites do nosso trabalho de formas que tentarei clarificar mais tarde.

(Mais uma vez, com muita força:) Mas era material; eram dados de que precisavam, e ao mesmo tempo não queriam. Tinham de compreender até certo ponto o que o resto do mundo tinha de suportar. Só assim poderiam esclarecer o ambiente e tomar as vossas próprias decisões quanto ao rumo que o resto das vossas vidas deveria tomar—o que exigia a vossa total cooperação—particularmente do Ruburt, mas também tua. Estão a tomar agora as decisões corretas, mas ainda têm de as seguir.

Dar-vos-ei mais no nosso próximo encontro. E estou encantado por ter acrescentado este material às notas desta noite. As minhas mais afetuosas saudações novamente.

(“Obrigado, Seth. Boa noite.”

(“Não quis saber de merdas,” disse a Jane ao sair do transe. “Estava determinada a tirar alguma coisa disto...”

(“Foste muito mais enérgica, alta e rápida,” disse eu, aprovando. “Isso foi bom.” Expliquei-lhe que incluía material na minha introdução de Dreams que refletia os comentários do Seth aqui, quanto ao motivo pelo qual nos envolvemos na área médica. Mas a Jane disse que não se lembrava—certamente que não o interpretara dessa maneira.

(“Eu sei,” disse eu. “Nunca comentaste quando leste o material, e eu estava à espera que o fizesses.”

(Devo admitir que a ideia de mudar—para Sayre, como a Jane tem referido ultimamente—não me tinha ocorrido. Será uma complicação. O meu primeiro pensamento é óbvio, suponho: o tempo que levará. Adoro a forma como a vida selvagem abunda na zona da casa da colina. Esta qualidade é algo em que nunca tinha sequer pensado no passado, quando dizia que desejava nunca termos saído de Sayre, e assim por diante. Penso que a minha apreciação pela vida selvagem cresceu bastante desde que começámos a ter tantos problemas físicos nas nossas vidas: a simples capacidade de se mover com a graça e a destreza da natureza tornou-se gradualmente muito importante, e para mim os animais expressam essa qualidade de forma perfeita: os guaxinins, os veados, os cães, gatos, coelhos, ratos, esquilos; as aves, e sim, até os insetos....)

SESSÃO APAGADA

13 DE OUTUBRO DE 1982

(Perguntei várias vezes à Jane, depois do jantar, se queria ter uma sessão hoje. Tinha feito uma refeição saborosa e bastante pesada de hash com ovos e torradas, mais gelado, e começou a adormecer na cadeira assim que terminou de comer. Enquanto pensava no assunto, a meu pedido, de vez em quando—fui para o meu escritório trabalhar na introdução de Dreams. Finalmente, às 20h55, decidiu tentar uma sessão apesar de estar “tão fora de si”. E estava mesmo, mas determinada a fazer alguma coisa. Eu disse que qualquer coisa ajudaria, se quiséssemos continuar a tentar realizar algo com esta série de sessões.

(“Acho que vai ser algo muito breve,” disse às 21h18, “mas será melhor do que nada....”

Continuou, no entanto, a adormecer, e eu pensei que a refeição pesada lhe estava a consumir demasiada energia na digestão—reminiscente dos dias em que regressara a casa do hospital, há sete meses. A única diferença que vejo agora é que o Dr. Kardon lhe dá doses alternadas de 175 e 200 mcg de Synthroid em vez dos 50 iniciais. Mas a Jane faz pouco ou nenhum trabalho criativo e as suas escaras estão muito piores.

(Para minha surpresa, acabou por entrar em transe. A voz estava aceitável, com as pausas habituais:)

Ora bem: vou apenas marcar presença, porque o Ruburt queria ouvir-me. O corpo dele está envolvido num processo em que as trocas das suas energias estão a ser transformadas quase automaticamente em diferentes organizações de poder e utilidade. De certa forma, é como estar a ser recabeado.

Vocês estão (*sublinhado*) a progredir desde que as nossas sessões começaram. Deve ter-vos chamado a atenção que mencionei muitas vezes a natureza do vosso amor um pelo outro—muitas vezes quando prefeririam outro tipo de material—mas quero novamente salientar que é um ingrediente vital na recuperação do Ruburt. Mas não só isso: é importante nas vossas vidas agora, à medida que se veem a virar novas esquinas—pois também serão esquinas de realização.

(Pausa longa às 21h28.) Em todos os casos, ou na maioria dos casos de dificuldades semelhantes a doenças, a questão do isolamento surge sempre, e é um assunto sobre o qual quero falar em termos gerais, devido às suas implicações em qualquer tipo de tratamento mental ou físico. Devem ver mais melhorias, tanto em espírito como em mente, muito em breve, e comprometo-me com essa afirmação—mas por agora despeço-me com uma boa noite afetuosa.

(“Boa noite, Seth. Obrigado.”)

SESSÃO APAGADA

15 DE OUTUBRO DE 1982

(Sentámo-nos para a sessão por volta das 20h55. A Jane estava bastante desligada há algum tempo, tanto antes como depois do jantar. No entanto, ficámos extremamente satisfeitos ao ver que, nos últimos dois dias, as suas pernas ganharam muito mais movimento nos joelhos: os dedos dos pés percorriam uma distância de cerca de 15 cm ao balançar as pernas para a frente e para trás. Isto é muito melhor do que conseguia fazer até há algumas semanas, embora creia que foi nessa altura que me mostrou pela primeira vez um ligeiro aumento do movimento nos joelhos. Medi a distância no tapete.

(Ela também conseguiu mover alternadamente as pernas rapidamente para a frente e para trás, em vez de sempre em unísono. Não a via fazer isto há, talvez, anos.

(A verdade é que a Jane exerceu-se muitas vezes durante o dia, apesar de se sentir tão fora de si. Pedi-lhe para descansar as pernas de vez em quando, pois não queria que desenvolvesse dores que a incomodassem nos dias seguintes. Ela insistia que as pernas queriam mexer-se. E não estava dorida hoje. Quando a enfermeira dela, Peggy Jowett, veio esta tarde, aplaudiu o aumento de movimentos da Jane. A Jane também tem mais mobilidade noutras partes do corpo; consegue mover a cabeça de um lado para o outro muito mais, e disse que os braços e ombros funcionam melhor.

(Fiquei realmente satisfeito. “Parece que esses comprimidos—vitaminas—estão mesmo a começar a ajudar-te,” disse ontem, depois de uma dessas sessões de movimento das pernas.

(“E quanto às crenças e às sessões?” a Jane exigiu de imediato. Respondi que tudo o que sabia era que antes de tomar as vitaminas, as massagens com óleo de amendoim e o óleo de fígado de bacalhau, etc., não conseguia mover-se assim, mas acrescentei que estava mais do que feliz em creditar as sessões, as crenças e/ou qualquer outra coisa que nos trouxesse resultados.

(Disse que pensava que os comprimidos, a mudança das nossas crenças e as sessões estavam a funcionar em conjunto.

(Ontem recebemos do Hal Williams comprimidos de begónia para a dor; ele tinha referido que os enviaria durante a sua visita recente. Também vinha incluído um pedaço de massa plástica para exercitar as

mãos, e a Jane pegou nela imediatamente. Pensei que pudesse ser demasiado rija para ela amassar, mas não.

(“Bem, vou tentar,” disse a Jane às 21h14. Mas continuava a adormecer. “Dá-me um cigarro—talvez isso me acorde,” disse. 21h20. 21h25. Sugerir esquecermos o assunto.

(“Tenho a sensação de que ele está lá atrás,” disse, “à espera que eu esteja pronta....” Às 21h26 pediu-me para desligar a televisão: eu tinha-a ligado para ver a World Series, sem som, espreitando de vez em quando do meu lugar à mesa.

(“Não estou muito confortável,” disse a Jane, “mas vou tentar, porque sinto-o à distância....” Tirou os óculos. Quando o Seth se manifestou, a sua voz estava surpreendentemente boa:)

Agora: mais uma vez, venho dar-vos garantia. O corpo do Ruburt está extremamente ativo, neste momento. Mas quero que saibam que o material que desejam será dado à sua maneira—mas será dado.

Têm muito a agradecer, pelas melhorias claras desde a nossa última sessão. Deve ser óbvio que a nova atividade é extremamente benéfica e *extremamente* pode ser sublinhado. É o resultado do vosso foco de amor um pelo outro e das mudanças de crença do Ruburt, de modo que ele pôde aproveitar os vastos reservatórios do corpo para iniciar um processo tão necessário de rejuvenescimento. Estou extremamente satisfeito (*enfaticamente*).

A experiência do hospital foi traumática. Demorou algum tempo até que o Ruburt a colocasse no seu devido lugar, e tu também. Terei mais a dizer sobre isso em breve—mas a nova utilização e despertar da energia é excelente, e, nestas circunstâncias, continuará e acelerará. Agora despeço-me com uma boa noite afetuosa.

Dêem-nos um momento.... Ambos irão captar outras ou adicionais energias noutras direções das vossas vidas—isto é, a abertura da Estrutura 2 abrir-se-á em todas as áreas. Despeço-me então com uma calorosa e cordial despedida para esta noite. Parabéns (sorrindo).

(“Obrigado. Boa noite.”

(“Vês? Não quero perder nada,” disse logo a Jane, querendo dizer que não queria desperdiçar nenhuma sessão. “Caramba. Eu aceito isso,” disse quando lhe contei que o Seth dissera que o seu novo despertar de energia deveria acelerar.)

A HISTÓRIA DE FRED CONYERS

DOMINGO, 17 DE OUTUBRO DE 1982

“Bem”, disse eu à Jane depois do pequeno-almoço, “suponho que, se não escrever qualquer espécie de relato sobre o que aconteceu ontem, hei de arrepender-me mais tarde. Mas não me apetece nada fazê-lo...”. O estômago sentia-se vazio. Tinha a sensação incômoda de que isso podia significar a minha preocupação com a hipótese de o “convidado” de ontem, um tal Sr. Fred Conyers, voltar.

A meio da tarde de ontem, deitei-me para uma sesta na cama de água, para estar perto da Jane, que se sentava à mesa de cartas. Ela tinha passado dias difíceis e eu não queria deixá-la sozinha. Adormeci profundamente depois de pôr o despertador para uma hora.

Acordei ao ouvir a voz dela a chamar alguém que, evidentemente, estava na porta traseira de rede, que eu tinha trancado como de costume. Pensei que fosse um vizinho. De olhos quase fechados, tropecei até ao alpendre de trás. Mal abri a porta da cozinha percebi que estava enganado.

Ali estava um estranho, um homem de cabelo ralo, olhos escuros fundos, cara rechonchuda, talvez perto dos 50 anos — não tenho a certeza. O cabelo era liso e preto. Vestia camisa branca de tipo executivo, gravata, sem casaco, e calças cinzentas também de tipo executivo. Os sapatos bicudos estavam bastante gastos. Ao lado, na rampa, estavam uma mala castanha grande e uma pasta de trabalho. Assim que começou a falar percebi que estávamos em apuros.

“Você deve ser o Robert.” Um grande sorriso. Acenei com a cabeça. “Sou o Seth. Estou a falar através do Fred Conyers, que voou desde Denver só para o ver a si e à Jane. Tenho aqui o Livro de Cristo, assim como outro livro de Seth, As Regras do Amor: Um Livro de Seth. Se me deixarem falar convosco uns minutos em vossa casa, sei que vos convenço de tudo...”

Felizmente, comecei logo a abanar a cabeça em negativa. Fred parecia magoado mas continuava a falar com suavidade, como Seth. Não consigo reproduzir tudo o que disse, nem como o disse, por falta de tempo. A tarde estava fria. Eu usava chinelos de verão em pés descalços, camisa de flanela e jeans, e comecei a tremer passado pouco. Não percebi, no entanto, que quando o Seth de Fred dizia que o Fred estava com frio, queria mesmo dizer isso. Eu não conseguia acreditar no que se estava a passar e já pensava no que fazer para sair daquela situação. Não vi carro nenhum estacionado por perto.

“Vim de Denver”, disse Fred. “Não tenho um tostão. Veja — nem sequer tenho carteira no bolso de trás. A hospedeira em Denver deixou-me embarcar no avião quando lhe expliquei que tinha de me encontrar convosco—”

“E como veio do aeroporto até aqui?”

“A pé.”

“A pé?” Fiquei incrédulo. Seriam uns vinte quilómetros. Naquele tempo frio, sem casaco? Eu ainda não pensava com clareza, mas seria uma façanha e tanto — ainda por cima carregando duas malas. Da pasta, Fred tirou o manuscrito escrito à mão de *As Regras do Amor*. “Por favor. Eu sou o Seth. Mostre este livro à Jane e peça-lhe que o leia enquanto espero aqui, depois diga-me, Robert, o que ela pensa...” Isto depois de ele perceber que eu não tinha intenção de o deixar entrar em casa. Pensei que a Jane não conseguiria lidar com ele, embora ele não mostrasse sinais de violência. “Por favor, o Fred está a ficar com frio... Se não quiser levar o manuscrito todo, leve só este capítulo — o quinze — e mostre-lho. Que ela o leia. Depois venha dizer ao Fred o que a Jane achou. Eu posso ajudá-la. Ela vai morrer em breve.”

Folheei rapidamente a primeira página, escrita a tinta azul, e apanhei expressões como “num cú de porco” e “acaba com esta merda de escrever tudo”, e por aí fora. O texto todo estava escrito tal e qual como o Fred falava. “Eu sei que não acreditas em mim, Robert, mas eu sou o Seth. Vim ajudar-te a ti e à Jane.” Ele acenou com simpatia quando lhe disse que a Jane estava muito doente e não podia receber ninguém. “Eu sei... Vou ficar calado agora e enviar-lhe uma mensagem telepática. Tu também a conseguirás captar.”

De pé do lado de fora da porta de rede, Fred fechou os olhos e baixou a cabeça para o peito. Eu não ouvi nem senti nada. “Não recebi nada”, disse eu, sem aspereza. “Diz-me, como chegaste aqui? Não tens mesmo dinheiro nenhum? Para onde vais quando saíres daqui?”

“Não tenho dinheiro, nem um cêntimo. Vim de Denver, Colorado. Não sei para onde vou quando sair daqui. O Fred está com muito frio. Está a tremer. Não tem para onde ir.”

“Mas—” A situação que ele apresentava era tão extrema que fiquei sem palavras. O que se faz perante absolutos? “Mas o que vais fazer?” “Se não me deixarem entrar em vossa casa, eu morro”, disse o Fred. Já tinha tirado dois livros de capa dura de uma das malas e entregou-mos. Um de

Jerzy Kosinski e outro de Somerset Maugham. O último era uma antologia cara. Num deles tinha escrito uma dedicatória à Jane, e noutro a mim. O tom correspondia muito ao modo como ele falava. Fred deu-me ainda um embrulho grosso, atado com papel pardo e cordel amarelo — *O Livro de Cristo*, disse ele, que era para nós e para a editora Prentice-Hall. Não o abri, e ainda não o abri. Quando lhe perguntei de onde era realmente, disse Denver, e que a sua morada estava dentro do pacote. Não estava no outro manuscrito. Nem fui rápido o suficiente para lhe perguntar se tinha família, se alguém sabia onde estava, o que fazia para viver — se trabalhava, ou podia trabalhar — ou como tinha encontrado a nossa casa em primeiro lugar. Perguntei-me se seria esquizofrénico. Parecia inofensivo.

“Oh, não vos quero fazer mal nenhum”, disse. “O Fred também não. Mas ele está terrivelmente frio...” Quando lhe perguntei de novo o que faria se não entrasse em nossa casa, respondeu: “Ora, acho que o Fred morrerá. Não importa. Ele morre. Eu sou o Seth; sei que ele ficará bem.” E com isto, Fred sentou-se calmamente nos aparas de madeira junto ao cepo que o Frank Longwell tinha deixado quando construiu o nosso alpendre de trás.

“Estou muito desiludido, Robert, por não poder ver a Jane, nem que fosse por um minuto. Mas se não der, está tudo bem, suponho que terão de chamar a polícia. O Fred está mesmo muito frio.”

Aceitei a sugestão. Abri a porta de rede. “Olhe, entre e sente-se aqui dentro, deixe-me arranjar-lhe um casaco. Não se importa que chame a polícia?” “De maneira nenhuma. O Fred não quer fazer mal a si nem à sua esposa...”

Já eu tremia também. Acho que estariam uns 7 graus. O Fred sentou-se numa das cadeiras dobráveis e eu apressei-me para dentro. Fechei a janela da cozinha para que ele não chamasse pela Jane. Ela ainda estava sentada à mesa de cartas, claro. “Temos um problema”, disse-lhe eu a caminho do armário. “Já te explico...” Agarrei o meu casaco grosso de bombazina. “Temos de chamar a polícia. Volto já.” Ajudou-o a vestir o meu casaco e a aconchegar-se. Ele aceitou prontamente a minha oferta de um chá ou café quente. Voltei para dentro para pôr a água ao lume.

De todos os visitantes que tínhamos tido, este foi o que levou a situação mais longe, pensei, até ao ponto em que tantas vezes tinha imaginado: de facto chamar a polícia para lidar com alguém. Não queria fazê-lo, mas não tinha escolha. Andei às aranhas à procura do número deles

(*não o tínhamos escrito na capa do livro de registos, como é suposto*).

Quando finalmente liguei pelo viva-voz, o telefone tocou quatro vezes, por minha conta, e comecei a pensar no que faríamos se, por algum motivo, a polícia simplesmente não atendesse. Trabalhariam ao sábado? “Ligo à Polícia do Estado”, pensei.

Quando alguém atendeu, expliquei a situação. Quem me ouviu tinha evidentemente sido contactado por alguém também à procura de nós, se não pelo próprio Fred — mas a descrição que me deu, de uma pessoa mais velha e de cabelo branco, não correspondia nada à aparência do Fred, e por isso não insisti (*mais tarde arrependi-me*). Mas mal expliquei grande coisa quando a pessoa disse: “Enviaremos alguém já para aí.” Eu disse que estaríamos à espera.

A água ainda não estava quente. Quando olhei para o alpendre, o Fred já lá não estava. A porta estava entreaberta. Tive uma visão instantânea dele a vaguear, sem realmente querer, mas talvez a perder-se — e com o meu melhor casaco vestido. As malas estavam ainda na rampa que o Frank Longwell tinha feito para a cadeira da Jane. Um momento depois, Fred voltou a aparecer vindo de trás da garagem. “Fui à casa de banho”, disse, apertando o casaco à volta do corpo. Já não parecia com tanto frio. Disse-lhe que tinha chamado a polícia, e ele acenou. “O Fred não quer fazer mal nenhum a si nem à sua esposa”, disse ele, falando outra vez como Seth. Respondi que sabia. Mas continuei a querer saber o que faria quando saísse dali.

Eu estava justamente a voltar para dentro para lhe trazer a bebida quente quando o carro da polícia, escuro, subiu pela Holley Road e entrou na entrada. Acenei ao agente que conduzia. Era um homem novo, de bigode. Entrou no alpendre e comecei a explicar-lhe a situação o mais resumidamente possível. “Como veio até aqui?”, perguntou ele ao Fred. “A pé”, respondeu o Fred. “O Fred leu alguns dos nossos livros”, disse eu. “Isto é difícil de explicar resumidamente, mas ele veio de Denver, disse, não tem dinheiro, nem para onde ir quando sair daqui. Deu-nos estes livros e manuscritos” — apontei para a pilha em cima da mesa de piquenique — “e quer que a minha mulher os leia. Não tenho a morada dele—”

“Está dentro do *Livro de Cristo*”, disse o Fred. A esta altura, parecia bastante resignado a ir embora com o polícia. Nunca demonstrou raiva nem uma perturbação emocional clara. A verdade é que, não importava o que lhe dissessem, ele respondia sempre no mesmo tom razoável, educado, bem

falado, o que até era agradável. Só depois de o ouvir durante algum tempo é que se percebia que havia ali algo errado: que o Fred vivia num mundo próprio, uma mistura de factos e fantasia. Esse mundo parecia impenetrável. Ao mesmo tempo, aceitava quase sem questionar qualquer desfecho ou rumo que os acontecimentos tomassem: quando percebeu que não podia ver a Jane, aceitou-o por fim de forma muito razoável. Para além de manifestar desapontamento, nada mais disse ou fez.

“Vamos levá-lo ao Exército da Salvação”, disse o jovem agente, depois de brincar com o Fred sobre a longa caminhada desde o aeroporto. Visto em retrospectiva, no dia seguinte ainda não sabia se o Fred teria ido à esquadra da polícia em West Elmira pedir direções para a nossa casa na colina. Certamente não me tinha dado essa impressão quando nos encontrámos. Nem o agente com quem falei o disse, embora talvez simplesmente não tivesse recebido essa informação do operador de serviço. Mas a reação deles foi rápida assim que lhes expliquei a situação.

O Fred Conyers não me saiu da cabeça durante o resto do dia, depois de eu lhe acenar quando o polícia fez marcha-atrás na entrada e desceu a colina. Ele ia sentado muito docilmente no banco de trás, com a camisa branca e a gravata escura. Estaria secretamente aliviado pelo modo como as coisas tinham terminado? Mesmo naquela situação drástica, pensei na altura, a nossa sociedade tinha de alguma forma um meio de cuidar dele — assim esperava. Mas será que a sociedade poderia — ou queria — levá-lo de volta a Denver, se fosse verdade que vinha de lá?

Como é que conseguiu chegar aqui sem um cêntimo no bolso? Continuei a pensar se não teria algum dinheiro ou trocos escondidos numa das malas, mas ele jurou — o Seth jurou por ele — que não, e acabei por acreditar. Também acreditei quando se sentou na entrada e disse que estava preparado para morrer de frio. Podia ter querido sentar-se apenas de exaustão física, mas penso que havia mais por trás. Hoje ao meio-dia, quando falava em escrever estas notas, a Jane quis que eu ligasse à polícia a perguntar o que tinha acontecido ao Fred. Eu também queria, mas hesitei. O estômago sentia-se vazio. “Não seria horrível se o Fred voltasse a aparecer à nossa porta?”, perguntei. “Talvez seja daqui da cidade”, disse a Jane. “Talvez a polícia o deixe simplesmente ir e ele volte.”

Esperemos que não. Provavelmente ligaremos à polícia para pedir notícias, eventualmente. Talvez até lhes peça para não encaminharem pessoas cá para casa, se não houver obrigação legal disso. Ao folhear o

manuscrito, encontrei várias referências ao Fred a escrever nele em restaurantes da Pensilvânia — o que significa, claro, que não veio diretamente de Denver num voo. Pode nem haver ligação nenhuma. Talvez tenha aterrado em Pittsburgh. Talvez seja da Pensilvânia. O manuscrito de *As Regras do Amor: Um Livro de Seth* está escrito no verso de papel timbrado espesso de uma estalagem Howard Johnson em Coraopolis, PA, que poderá ser perto de Filadélfia. Não tenho a certeza. Ou seja, o capítulo 16 e algumas páginas. O resto é em papel branco liso, sabe-se lá de onde.

Definitivamente fiquei com pena do Fred, e penso que a Jane também. Foi uma pena ela não o ter visto, porque como lhe disse, ele daria um belíssimo tema para um capítulo, ainda que por inferência. O mesmo se aplica ao manuscrito (nem mau título era), embora não o pudéssemos citar. É uma produção muito coerente, à sua maneira. Sei que é fácil sentir pena perante aquilo que parece ser o dilema de outra pessoa, mas ao mesmo tempo cada um vive na realidade que cria e tem os seus próprios tipos de proteção. As suas regras do jogo são tão rígidas como as nossas — pelo menos foi o que me pareceu no caso do Fred. Todo o seu comportamento era consistente com as suas crenças, diria eu. Nunca senti medo, mas ao mesmo tempo não queria tê-lo dentro de casa, onde poderiam surgir problemas para o fazer sair...

(P.S. Depois de terminar, encontrei no manuscrito do Fred uma referência a estar num restaurante em Pittsburgh à espera de um voo — evidentemente para Elmira. Então Coraopolis deve fazer parte de Pittsburgh... Será que o casaco do Fred foi roubado — talvez numa casa de banho ou no avião? Quando lhe perguntei onde estava o casaco, limitou-se a dizer: “Não tenho nenhum.” (Verificando mais tarde, soube que o Aeroporto Internacional de Pittsburgh fica em Coraopolis, Pensilvânia.)

SEQUELA DA HISTÓRIA DE FRED CONYERS

SÁBADO À TARDE, 23 DE OUTUBRO DE 1982

Por volta das 12h45 um agente da polícia de West Elmira veio à porta de trás. Trouxe o nome e o número de telefone de uma mulher em Alberta, Canadá, que queria que a Jane lhe telefonasse. Era o mesmo agente que nos tinha trazido a mensagem da Julia Bade duas ou três semanas antes. Porém, ele sabia do encontro do colega aqui em casa com o Fred Conyers no sábado passado.

Acontece que o agente levou o Fred à Missão de Socorro, e não ao Exército da Salvação (*talvez estejam ligados, não sabemos*). O Fred passou lá a noite, foi libertado, foi ao Holiday Inn local e foi preso por não pagar os serviços. Suponho que refeições. Ficou preso durante a noite e depois foi libertado. O agente com quem falei hoje não sabia o que lhe tinha acontecido depois disso. Portanto, tal como eu temia no próprio dia, o Fred tinha sido largado na cidade, e podia de facto ter aparecido à nossa porta. Mas não apareceu — até agora.

A polícia também não sabia como ele tinha chegado à cidade sem dinheiro ou sequer um casaco. É provável que já tenha saído da cidade. Não pensam que tenha família. Disse-lhes que tinha um apartamento em Denver, CO, mas obviamente nenhuma instituição local iria pagar-lhe a viagem de regresso; nós também tínhamos pensado nisso.

Expliquei mais alguns pormenores ao agente hoje, e ele disse-me para os chamar caso o Fred aparecesse outra vez. Tal como eu, não acreditava que o Fred tivesse voado de Denver — isto é, convencido uma hospedeira a dar-lhe transporte gratuito até cá — e, no entanto, o Fred chegou cá de alguma forma. Expliquei que o manuscrito dele, que eu tinha lido por alto, contém descrições de ter aterrado em Pittsburgh, PA, e de se deslocar para leste através de várias paragens em restaurantes, onde ia acrescentando ao manuscrito.

Tal como connosco, o Fred não mostrou sinais de violência para com a polícia ou qualquer outra pessoa que eles conhecessem.

SESSÃO APAGADA

18 DE OUTUBRO DE 1982

(No sábado à tarde foi o Fred Conyers, de Denver, CO. [Ver cópia em anexo.] No domingo à tarde foi o Gene Lang, de Nova Iorque. Esta tarde foi o Sr. Lewis, de Honolulu. Os visitantes chegavam como que por agenda marcada. Entrelaçados com estes acontecimentos estavam muitos outros nos últimos dias: a sanita da casa de banho da cave entupiu e inundou parte do chão; tive de chamar o canalizador — que já veio e foi. Apareceu-me uma dor de dentes intermitente e incômoda. A Christine veio limpar a casa. Dactilografei a breve sessão de sexta-feira à noite. Fui ao dentista, às compras, à farmácia e ao banco. A Marguerite Bumbalo visitou-nos, e também a Ellsbeth, e o Frank Longwell [duas vezes]. Trabalhei no orçamento. Comprei comida, mas preciso de voltar a comprar mais. Ainda tenho de comprar vitaminas. Com toda esta atividade, consegui fazer apenas uma hora e meia de trabalho no prefácio de Dreams, nos últimos três dias.

(Às vezes pergunto-me se devo mesmo trabalhar em Dreams nestes dias — se não será um projeto cujo tempo ainda não chegou, nem para a Jane nem para mim. Hoje pensei se não seria melhor pôr o livro de parte durante seis meses ou um ano, até pormos outras coisas em ordem. Fiquei tão cansado de pensar nisso tudo que dormi uma sesta de 20 minutos antes do jantar — o máximo que consegui recuperar da hora habitual de descanso.)

A Jane continua a ter movimentos acelerados nos joelhos — um sinal muito encorajador. Anteontem, pela primeira vez, dormiu praticamente toda a noite deitada sobre o lado esquerdo — algo que talvez não conseguisse fazer há anos. Isto descansa-lhe tanto as costas como as nádegas. Tem estado cada vez mais relaxada ultimamente, durante horas a fio. Muitas vezes adormece na cadeira.

(Nesta noite, depois do jantar, estava tão desligada que pensei não haver hipótese alguma de haver sessão. Lembrei-lhe que estava disponível caso ela quisesse tentar. “Incomoda-me termos voltado às sessões”, disse-lhe, “mas não conseguirmos chegar a todo aquele material magnífico que sei que está lá...”. Ela assegurou-me que se esforçaria por ter pelo menos uma pequena sessão esta noite. A cabeça incomodava-a.)

(Por fim chamou-me por volta das 20h55. Quando o Seth se manifestou, a sua voz tinha um tom nasal distinto. Eu não esperava nada,

mas a voz dela de Seth estava surpreendentemente boa e forte, apesar de tudo.)

Agora: vou falar convosco brevemente, para vos assegurar e para vos dar a saber que estou a acompanhar o vosso progresso — e é *progresso*. O Ruburt está determinado a melhorar a sua condição, e já permitiu muitos movimentos *melhorados*.

(Adormecendo.) Existem dezenas de atividades que ligam vários tipos de movimento muscular. *(Pausa.)* Esses movimentos seguem, claro, padrões mentais. Por agora quero apenas dizer-vos que ambos estão a portar-se bem. O vosso amor e consideração conjuntos, focados novamente, são extremamente vitais.

(Longa pausa, adormecendo.) Então despeço-me com um caloroso boa-noite, sublinhando mais uma vez, no entanto, que o material adicional que desejam será dado, e saberemos quando for o momento certo.

(A Jane ficou a dormir tanto tempo que eu não sabia se era uma pausa ou o fim da sessão. Finalmente, quando estendeu a mão para os óculos, percebi. Gostaria que tivéssemos tido mais material esta noite. Suponho que o meu desconforto se notava. Senti o estômago a ficar-me embrulhado.)

(Depois, enquanto eu estava ocupado a escrever as notas iniciais: 21h28.)

Conforme mencionado antes, o Ruburt tinha pouca experiência com a situação médica. Ficou mais assustado do que percebia quando a enfrentou. A experiência abalou-o profundamente. Ao mesmo tempo, ao regressar a casa, temeu não conseguir lidar com os acontecimentos, e cair numa vigilância médica constante. Se não conseguisse “fazer” à maneira médica, e se também não conseguisse “fazer” sozinho, então onde ficava ele?

Claro que esses medos... *(a adormecer, cabeça baixa)*... Ele fez um esforço determinado para chegar a uma decisão — finalmente — com essa experiência fresca a sustentá-lo — uma determinação em avançar e triunfar.

Não é nada útil, como já vos disse, referirem-se continuamente à condição do Ruburt como artrite, com um título formal. É uma política pobre.

(Longa pausa.)

Por agora chega. E despeço-me com um caloroso boa-noite.

(“Está bem.”

(“Queria tanto tirar o máximo possível”, arfava a Jane entre respirações, “e sentia-me a perder... Cheguei mesmo a apanhar-me a perder; estava exausta”, disse a rir, acrescentando que estaria disposta a ficar ali até às três da manhã para conseguir o que queria numa sessão, mas: “Não vais ficar sentado aí até às três da manhã”, disse-lhe eu. “Ponto final.” As suas escaras estavam demasiado más para permitir isso.)

(Eu queria material sobre o fascinante caso do Fred Conyers, mas nunca esperei que o tivéssemos. Também me lembrei de o Seth nos ter dito há algum tempo para não chamarmos artrite à condição da Jane. Mas depois já não sabia como lhe chamar, sobretudo quando os exames hospitalares a tinham identificado exatamente assim; sobretudo os exames de sangue. Talvez possamos voltar a usar o termo “sintomas”, como fazíamos antes.)

SESSÃO APAGADA

22 DE OUTUBRO DE 1982

(Saí do trabalho na sala de escrita por volta das 20h45 para ver como estava a Jane, sentada à mesa de cartas na sala de estar. Ouvi-a a falar sozinha, presumivelmente enquanto sonhava na cadeira. Descobri que tinha estado a dormir. Senti-me culpado por a deixar sozinha enquanto trabalhava nas notas do prefácio de Dreams depois do jantar. Hoje tivemos interrupções — o canalizador teve de voltar para desentupir outra vez o esgoto, a enfermeira da Jane esteve cá, a Peg Gallagher telefonou, eu aproveitei para escrever uma carta à Nancy Overton, e por aí fora.)

(Quanto à questão da carta: Ontem a Jane telefonou ao Tam, e soube, para nossa total surpresa, que em agosto passado a Pocket Books tinha publicado uma edição de bolso do segundo livro Seven: The Further Education, etc.. Isto era totalmente novo para nós. Não recebemos notificação de ninguém, não sabemos se temos dinheiro a receber, ou o quê, por isso pedi informações à Nancy. Parece que os nossos problemas de comunicação com a Prentice-Hall pioram de mês para mês...)

(Na noite passada, talvez pela segunda ou terceira vez desde que voltou do hospital em março, a Jane dormiu toda a noite seguida, como eu: embora eu me tivesse levantado várias vezes para a vigiar, receando que

não a tivesse posto no bacio, etc. Além disso, dormiu praticamente toda a noite sobre o lado esquerdo — uma ótima notícia. É o tipo de mudança de posição de que precisa para favorecer a cura das suas escaras.)

(O movimento dos joelhos continua a melhorar um pouco todos os dias, enquanto ela mexe as pernas para a frente e para trás. Agora há mais detalhe visível nos próprios joelhos. A Jane tem dormido na cadeira praticamente todo o dia, durante vários dias. Evidentemente o corpo precisa deste tipo de descanso, com os movimentos acrescidos e tudo o mais; não tenho tentado levá-la a ter sessões, achando que o relaxamento evidente é mais importante, por muito que eu queira obter mais informação do Seth.)

(A Sheri Perl também telefonou ontem, com mais notícias sobre o curandeiro em Inglaterra com quem escreve em nome da Jane. Ele substitui o falecido Frank Edwards, penso eu, mas não me recordo agora do nome. [Adicionado depois: Harry Edwards.]

(Nesta noite, portanto, fiquei bastante surpreendido quando a Jane se animou o suficiente para me dizer que queria ter uma sessão, mesmo que breve. “Estive com isso na cabeça o dia todo”, disse, embora não mo tivesse mencionado antes. Fui buscar a caneta e o bloco de notas.)

(Quando começou a falar pelo Seth, a voz estava mais forte do que antes, e tinha uma qualidade monótona diferente, bastante invulgar. Interpretei-o como sinal de que a sessão exigia mais esforço, ou pelo menos que a situação física atual resultava numa entrega diferente. Pausas como de costume.)

Boa-noite (num sussurro).

(“Boa-noite.”)

Agora: isto pode demorar um pouco (pausa), mas o espírito do Ruburt está definitivamente a recuperar-se e a ganhar novo ímpeto.

O corpo dele está naturalmente a responder. O vosso percurso, ultimamente, conduziu a este desenvolvimento, e continua-o, e ele também conseguiu abrir-se à energia de cura que lhe é enviada por outras fontes através da Sheri e do amigo.

Ambos se verão a regressar mais próximos das vossas fontes. Independentemente do que pensam agora, a ideia de se mudarem para Sayre deve ser considerada uma probabilidade muito viável, pois o seu conteúdo simbólico oferece energia e força adicionais.

(Longa pausa às 21h18, olhos fechados. Sayre, PA fica a 29 km de Elmira, NY, e é a minha terra natal. Depois, rapidamente:) Quis pelo menos dizer-vos isto, mas não esqueci o outro material, que receberão antes de muito tempo. Em breve começarão uma nova fase mais agradável e produtiva das vossas vidas, e despeço-me agora com um caloroso boa-noite (intensamente, olhos escuros).

(“Agora espera um minuto”, disse a Jane assim que saiu do transe. “Quero apanhar tudo o que puder...” Mas passados uns minutos: “Acho que é só isto...”)

(A sessão, por breve que fosse, deu-me uma estranha onda de esperança — por causa das notícias relativas à Sheri e à cura, e porque eu não esperava sessão alguma. Agora a Jane disse-me que se tinha esquecido de me contar, mas que hoje tinha sentido claramente, por duas vezes, estar em contacto psíquico com a Sheri e as pessoas em Inglaterra. Notícias muito encorajadoras. Também, penso eu, os resultados relativos à terapia com vitaminas e os nossos próprios esforços — as massagens com óleo de amendoim, o óleo de fígado de bacalhau, e assim por diante.)

(Agora vou escrever à Sheri a pedir cópias de toda a correspondência que ela teve com Inglaterra, tanto da parte dela como da deles, para que talvez possamos correlacionar a mudança da condição da Jane com os seus esforços. Podemos querer esses registos mais tarde se algum de nós fizer alguma exploração ou escrever sobre toda a situação.)

(Quanto à ideia de mudar-nos para Sayre, disse à Jane que não sabia o que pensar — sobretudo, disse-lhe eu, a ideia de desarraigar completamente as nossas vidas neste momento parece-me demasiado — disse-lhe, quando ela nem sequer podia ir comigo ver casas. Se daqui a uns dois meses, digamos, ela conseguir acompanhar-me a ver casas, ficarei encantado. Tal como as coisas estão, não percebo como hei de conseguir trabalhar, ajudar a Jane, tratar dos negócios, até mudar a carta de condução, e mudar de casa ao mesmo tempo. Isto, tudo depois de encontrarmos um lugar adequado e vendermos a nossa casa em Elmira, na 1730 Pinnacle Road.)

(Acrescentei que uma grande atração aqui nos últimos anos tem sido a minha crescente apreciação dos vislumbres que tenho da vida selvagem na zona, desde os veados aos gansos, coelhos, esquilos, guaxinins, cães, gatos e por aí fora. Ao mesmo tempo, reconheço o valor de uma mudança potencial.)

CARTA PARA A SHERI
SÁBADO DE MANHÃ, 23 DE OUTUBRO DE 1982

Querida Sheri:

Escrevo à pressa esta carta, esperando consegui-la meter no correio antes de o carteiro aparecer ao meio-dia.

Em primeiro lugar, Jane e eu agradecemos-te muito pelos teus esforços em nome dela. Sabemos que o sabes, mas queremos dizê-lo na mesma: obrigado!

Agradecemos também a tua chamada de anteontem. Pela primeira vez numa sessão, Seth comentou ontem à noite que Jane conseguiu abrir-se à energia de cura vinda de ti e das pessoas a quem pediste ajuda em nome dela. A sessão foi muito curta, mas muito encorajadora. Jane tem agora mais movimento nos joelhos do que teve em anos. Ainda tem um longo caminho a percorrer, mas é evidente que tu e os teus ajudaram, juntamente com algumas coisas que tentamos por nós próprios, e queremos que saibas disso, para que também possas dizer àqueles a quem escreves em nome da Jane.

O que quero pedir-te são registos da tua correspondência e da deles. Sabes que somos obcecados por registos, para termos algo concreto em que basear-nos quando escrevermos sobre estas últimas ocorrências — e iremos escrever sobre isto. Talvez num epílogo do livro de Seth em que estamos a trabalhar agora, *Dreams, "Evolution," and Value Fulfillment*. Seja como for, precisamos de registos precisos. Gostava de te pedir cópias de quaisquer cartas que tenhas recebido dos curadores, assim como da tua própria correspondência. Podes enviar os originais se preferires, e nós copiamos e devolvemos. Precisamos sobretudo das datas, para podermos correlacionar os esforços dos outros com quaisquer mudanças que a Jane manifeste: caso contrário será muito difícil escrever de forma convincente sobre o que acontece, já que tudo o que escrevermos será destinado também a ajudar outros.

Se não tiveres cópias das tuas próprias cartas, talvez possas dizer-nos o que escreveste nelas, e as datas em que as enviaste. Qualquer coisa será valiosa, e começarei um arquivo para manter tudo em ordem. Descobri que essa é a única maneira de se conseguir fazer alguma coisa a longo prazo, sem ter de enveredar por enormes esforços de tentar reconstruir acontecimentos anos depois, ou o que for. Estamos tão ocupados agora que

só de pensar nisso já me sinto retraído. Estou também a escrever isto em carta em vez de telefonar, para que possas ter o registo e consultá-lo ao teu ritmo. O nosso amor para ti e para aquele que tu sabes — penso que o nome dele é Jerry, ou algo assim... A Jane também envia os seus melhores cumprimentos.

Rob.

P.S. Não planeamos escrever diretamente aos curadores. As coisas estão a correr bem, por isso gostaríamos de continuar assim, com a tua ajuda. Contudo, queremos nomes e endereços, etc. (Lembro-me das cartas que a Jane recebia do Harry Edwards.) Seja como for que a história se desenrole, é essa que vamos querer contar aos outros. Noutras palavras, estamos bastante felizes por ir acompanhando as coisas conforme se desenvolvem, tentando manter-nos abertos ao Quadro 2, por assim dizer.

Com amor,

Rob

(Nota acrescentada mais tarde: Soube-se que Jerry é o marido da Sheri.)

SESSÃO APAGADA

26 DE OUTUBRO DE 1982

(Ao meu incentivo, sentámo-nos para a sessão na mesa de cartas às 14h25. Mal nos sentámos, o telefone tocou. Era outra vez o David Butts — a dizer-me que, desde a nossa conversa da semana passada, se libertara do pensamento obsessivo sobre enviar e receber mensagens telepáticas envolvendo uma certa atriz de comédia que aparece num programa de televisão noturno. [Não me quis dizer quem era a personalidade.] Sou tio do David.)

(Na nossa primeira conversa sugerira ao David que nos escrevesse uma carta descrevendo a sua atração por essa mulher, e ele telefonou hoje a dizer que estava a enviar tal carta, depois de a reescrever algumas vezes. Pensei que a ideia da carta pudesse ajudá-lo a colocar todo o caso, que diz durar há três anos, em melhor perspetiva. Expliquei-lhe que pensava que a personalidade era um símbolo para ele, de quê não tinha a certeza de imediato. Disse-me que a fixação, ou o que fosse, piorara ultimamente, e que tivera palpitações estranhas e dificuldades respiratórias quando

começava a pensar nela. Não conseguira simplesmente sacudir os sentimentos envolvidos.)

(Algo tinha ajudado recentemente, contudo. Sugeri-lhe também que voltasse a tocar guitarra, caso o caso representasse anseios pela música ou pelo espetáculo que pudesse ter suprimido. Ainda não comprou uma guitarra — vendera a antiga há anos, pensando que nunca seria suficientemente bom para ser profissional. Disse-lhe que podia continuar a ser uma atividade válida, e ele concordou em comprar outro instrumento assim que tivesse algum dinheiro. De momento, está desempregado.)

(David contou aos pais sobre os seus anseios em relação a essa pessoa, disse, e o pai respondeu-lhe dizendo que era “tudo coisa da cabeça dele”. Naturalmente, não tinha ideia de se estava envolvida telepatia, mas tentei durante a primeira chamada explicar as nossas ideias sobre tais possibilidades. Duvidava que fosse este o caso.)

(Tencionava escrever uma descrição mais detalhada do que é, na verdade, um caso interessante, mas acabei por me desviar com a experiência do Fred Conyers, trabalho e outras coisas. Até me esquecera de que tinha dito ao David para escrever. Fiquei um pouco surpreendido por ouvir que se libertara tão depressa dos sentimentos depois da nossa conversa. Suspeitei logo que telefonara porque precisava de ajuda que não estava a obter dos pais, mas não lhe disse isso. No entanto, minimizei as ideias de telepatia, pensando que era muito melhor que resolvesse o enigma através de canais e abordagens normais.)

(Ao mesmo tempo, fiquei um pouco preocupado ao saber que o caso durava há três anos, pois isso dava bastante tempo para que algo ficasse bem enraizado. Não sabia realmente se a sua atração pela mulher em questão se tornara obsessiva, mas pensei que talvez houvesse elementos de tal estado envolvidos. “Caramba”, disse à Jane, “hoje em dia já nem se sabe o que dizer. Ouves uma coisa destas e logo pensas no John Hinckley e na Jodie Foster.” Ela concordou. Aguardamos a carta do David. Devo acrescentar que David disse que os sentimentos de pânico — se é isso que são — tinham piorado tanto ultimamente que deixara de ver a mulher em questão na televisão.)

(Há dois dias, a Jane recebeu da Tam uma carta escrita à Tam pelo Saul Cohen, o editor da Prentice-Hall que, ao que parece, foi incumbido de acompanhar a produção da obra da Jane. [A Tam continua a ser a sua editora regular.] Na carta, Cohen dizia coisas positivas sobre o trabalho

dela e sobre as hipóteses de a Prentice-Hall publicar Seven III, cujos cinco primeiros capítulos a Tam já enviara à Prentice-Hall. Parece também haver possibilidade de tentar que a Prentice-Hall publique os três livros Seven em edições simultâneas de capa dura e brochura, se interpretarmos corretamente a carta. Seja como for, a carta gerou reações imediatas na Jane de natureza muito positiva. Nota: a carta de Cohen tem data de 13 de outubro — mas, segundo a nota da Tam nela e o carimbo postal, ela só a recebeu a 21 de outubro, 8 dias depois.)

(A Jane ficou muito relaxada, “desligada”, e chegou mesmo a sorrir de alívio. Ficou então evidente que muitos dos seus maus sentimentos ultimamente estavam ligados a preocupações com o trabalho, com o que a Prentice-Hall publicaria ou não — uma reação antiga à qual eu devia ter estado mais atento, mas de que me esquecera no meio dos nossos problemas diários. “O meu corpo parece estar a ficar mais mole por todo o lado”, disse. Ontem e hoje estive muito relaxada. O movimento adicional nos joelhos continua. Dormiu várias vezes na cadeira. Releu a carta várias vezes, tal como eu. Temos de esperar pelo regresso do John Nelson da Europa no fim do mês, para resolver alguns detalhes, contudo.)

(Hoje estive sol, fresco e calmo, e quando vi que a Jane estava desperta depois do almoço sugeri-lhe que tentasse uma sessão. Eu tinha planeado ir às compras. Ela estivera tão relaxada de manhã que a pus de volta na cama depois do pequeno-almoço. Espero que venha a compreender que viver — pura sobrevivência — vem primeiro, depois o trabalho/arte. “Rapaz, estou a desfazer-me em água”, disse. “Vou ver o que consigo fazer, mas não sei...” Pensei que estava suficientemente estimulada pela carta para ter uma sessão. A sua voz de Seth estava surpreendentemente forte, com as pausas habituais.)

Agora.

(“Sim.”)

Isto pode demorar um pouco. O Ruburt está a ter a sessão agora porque, da última vez, quis certificar-se de que não perde nada. Como disse, de facto converteram uma esquina de probabilidades no que só pode ser uma nova era — que vocês próprios, aliás, prepararam para vós, pois, dentro da integridade dos vossos seres, chegaram às vossas próprias decisões.

A interpretação que o Ruburt fez da carta está correta. Por trás da importância da carta como agente desencadeador, contudo, há ainda, como

ele sabe, muito material relacionado com o chamado material do eu pecador, que vos darei em breve. *(Longa pausa.)* Terá então perdido o seu agulhão. Devem, naturalmente, confiar no vosso amor conjunto, que vos sustentou através de muitos erros — cada um apoiando-se nos seus próprios caminhos individuais e em conjunto — e estão prontos para ouvir *(longa pausa)* algumas histórias de família *(enfaticamente)* que antes não estavam prontos para ouvir.

Em termos práticos, em breve terei algumas coisas a dizer acerca de alimentos e vitaminas que espero que sejam úteis. Disse-vos também que a vossa nova perspectiva vos traria benefícios do Plano Subjetivo noutras áreas das vossas vidas, e disso, naturalmente, a carta é uma clara evidência. Assim, podem esperar algumas gargalhadas em breve *(divertido)*.

Uma sessão curta mas espero que proveitosa, e talvez agora ambos possam, em maior medida, começar a apreciar o amor de que estão realmente rodeados, no meu reino e no vosso também. Por isso desejo-vos uma tarde afetuosa, natural e abençoada.

(“Obrigado.”

(A voz da Jane manteve o volume. Esperei para ver se algo mais poderia surgir. Ela demorou alguns momentos a sair. “Dá-me um cigarro — se receber mais alguma coisa volto a entrar...” Mais tarde: “Está bem, acho que vou fazer mais alguma coisa... Mas não sei...” Tirou os óculos. “Sinto-me estranha.” Numa voz ainda forte:)

Agora: com o nascimento de uma criança, a natureza multiforme da divindade, seja qual for o nome, é instigada, e através dos infinitos reinos da história humana essa individualidade, essa singularidade, e essa multissingularidade, são proclamadas eternamente de formas além do vosso conhecimento conhecido. Não são permitidas violações que manchem a personalidade ou o cumprimento de valor dessa pessoa.

Assim também o nosso trabalho é um nascimento de tipo diferente, igualmente natural. É de facto uma espécie de pré-nascimento que, de uma forma ou de outra, se entrelaça antes de qualquer nascimento físico poder emergir — e assim, naturalmente, os seus efeitos tornar-se-ão conhecidos. Estão envolvidos com trabalhos e vidas que são os vossos. *(Pausa.)* Compreendem, quase sem se aperceberem, questões *(longa pausa)* que outrora foram grandes impedimentos no vosso mundo: deixaram-nas para trás, sem nunca se darem conta.

Agora, os vossos caminhos estarão relativamente claros. Há mais que vos darei, e há bênçãos que conquistaram por vós próprios e que agora também entram na vossa experiência. Assim, desejo-vos novamente uma tarde afetuosa.

(“Obrigado.”

(“Não consigo lembrar-me de tudo aquilo”, disse a Jane, “mas parece realmente significativo. Como se algo tivesse acontecido.” Ela estivera consciente, durante toda a sessão, da voz mais forte de Seth e da sua entrega mais vigorosa.)

(Não tinha a certeza, mas perguntei-me se a segunda intervenção de Seth poderia ter sido em resposta à conversa que a Jane e eu tínhamos tido recentemente, em que tentei explicar as minhas próprias ideias sobre até onde se pode ir com desafios pessoais como a doença, por exemplo, ou o trabalho, ou o que for. Parte disto baseara-se em material de Seth que surgira ultimamente, juntamente com as minhas próprias ideias de longa data.)

(Não vou tentar repetir aqui tudo, claro, embora na altura pensasse que tinha algumas coisas boas para dizer. A Jane concordara, assim pensei. O essencial era sobre até onde alguém quer levar os seus desafios pessoais, e que esses limites ou extensões seriam diferentes para cada indivíduo. A minha própria reação aos acontecimentos das nossas vidas ao longo dos anos foi que, conscientemente, tínhamos atingido limites, e que cabia ao resto da personalidade — especialmente da Jane — reconhecer isso e recuar o suficiente dos seus próprios objetivos para que o corpo físico pudesse recuperar, pelo menos o bastante para assegurar sobrevivência e uma vida de trabalho em que pudesse lidar com os objetivos diários da vida, e com a arte também. Caso contrário, disse, todo o processo torna-se autodestrutivo, não apenas para as partes conscientes da personalidade, mas para o próprio corpo. Admito que certos indivíduos podiam escolher perseguir determinados objetivos e desafios até à própria morte física, sem nunca relaxar esse foco; ainda assim, a maioria não o fazia.)

(“Todos vamos morrer”, disse eu, “portanto, o que estamos realmente a discutir é como e quando essa morte terá lugar... Se tu, ou qualquer pessoa, escolher extrair o máximo da experiência que decidiu ter, então tem de ir até ao fim. Mas também é como dizer que um médico não pode ajudar pessoas com cancro a menos que ele próprio tenha cancro,

para realmente saber o que é. A certa altura tem de se decidir um ponto de corte — isto é, todas as partes da personalidade têm de o decidir em conjunto, ou o eu consciente é arrastado sem vontade de cooperar...

(“Os teus leitores certamente não esperam isso de ti”, disse eu, explicando que tinha em mente a declaração recente de Seth de que ambos tínhamos decidido as nossas experiências conjuntas, querendo e não querendo os sintomas ao mesmo tempo. “Os teus leitores escrevem pedindo ajuda com a ideia de que conseguiste resolver certos desafios com os quais eles ainda lutam...”)

(Tais ideias remetem, naturalmente, para as ideias do eu pecador — material que ainda precisamos. Quanto ao material sobre alimentos e vitaminas, tenho-me tornado cada vez menos insistente para que a Jane siga qualquer tipo de programa regular, pois penso que ela continua a mostrar que não acredita realmente nesse tipo de terapia. Não sei ao certo se essa atitude anula os meus esforços ou não. A minha ideia original era simplesmente oferecer ao corpo físico alguma ajuda de que pudesse beneficiar, mesmo independentemente das crenças envolvidas, e usar essa ajuda como trampolim para mudar certas crenças. Não acredito que qualquer medicação ou vitaminas — ou seja o que for — vá fazer bem a alguém sem uma mudança de crença. Essa mudança dar-se-ia de forma socialmente aceitável através da medicação.)

(Neste ponto, estou mais do que razoavelmente certo de que a Jane começou a mostrar certas melhorias marcadas depois de eu ter iniciado a rotina diária de vitaminas, óleo de amendoim e óleo de fígado de bacalhau: as suas mãos começaram primeiro a mostrar reduções definidas do inchaço em poucos dias, seguidas de um excelente aumento do movimento dos joelhos poucos dias depois. Certas vitaminas B no regime eram supostas ajudar especificamente nessas áreas, e aparentemente ajudaram. Estou bem consciente de que essas mudanças foram também acompanhadas por possíveis mudanças de crença, já que falámos sobre o que estávamos a fazer, obviamente. Mas certamente mais do que coincidência está envolvido aqui. Penso que já vi mudanças temporárias semelhantes de crença antes, sem as mudanças correspondentes nas mãos e nos joelhos. Alterações mais pequenas, talvez [embora de momento não me lembre], mas nada como o que está a acontecer agora. A minha opinião pessoal é que a combinação dos três elementos — vitaminas, óleo de amendoim e óleo de fígado de bacalhau — ajudaram bastante a

conseguir estas melhorias, e que cada vez que dispensamos o “tratamento”, que é absurdamente simples, perdemos algo útil. Mas posso estar enganado. O Seth prometeu comentar.)

(Suponho que poderia continuar indefinidamente a falar sobre porque é que a própria Jane não se agarra a algo que parece ajudar com tão pouco tempo e esforço envolvidos. Em vez disso, sou eu quem tenta iniciar estas coisas. Tudo isto é uma história muito antiga. Para mim, fala muito claramente de forças que retêm, de resistência à mudança do status quo. Como disse durante a nossa conversa, evidentemente, depois de se terem alimentado certos sentimentos e ideias a níveis inconscientes durante muito tempo, eles ganham vida própria e acabam por resistir ativamente a serem descartados: são vivos e não querem morrer. Em vez disso, procuram perpetuar a sua existência tão seguramente como qualquer outro organismo vivo, e em certos sentidos chegam a parecer irracionais, pois parecem incapazes de compreender que certas mudanças benéficas perpetuariam as suas próprias vidas assim como a do seu hospedeiro, a quem estão a prejudicar em demasia. Muitas mortes devem ser diretamente atribuíveis a este tipo de mecanismos em funcionamento, e eu imaginaria que, psicologicamente, é uma velha história.)

SESSÃO APAGADA

28 DE OUTUBRO DE 1982

(“Sai um quarto para as oito”, disse-me a Jane às 19h15, “e teremos uma sessão.” Ela já tinha mencionado uma sessão mais cedo nesse dia, e eu também. Ao mesmo tempo, passara quase todo o dia a dormir na cadeira, e voltava a fazê-lo na mesa de cartas quando finalmente lá cheguei por volta das 19h55. Estava parcialmente desorientada quando a chamei: “Pensei que já a tinha tido”, exclamou. “Além disso, as minhas mãos pareciam estar uns centímetros afastadas do lugar onde realmente estão... e os meus pés...”)

(Hoje perguntei-lhe se conseguia chegar, por si própria, a algum entendimento sobre porque continuava a dormir tanto na cadeira, mesmo depois de estar em casa há seis meses desde o hospital. O aumento constante da medicação para a tiroide não pareceu influenciar o sono de todo, embora tivéssemos esperado que sim no início. A Jane disse que a pergunta a assustara, porque ela própria andava a pensar o mesmo. Tive receio de que ainda houvesse resistência envolvida.)

(Contudo, os joelhos parecem balançar cada vez melhor, o que é um excelente sinal, e ela ainda consegue dormir deitada sobre o lado esquerdo. As úlceras de pressão continuam a agravar-se, porém, e pergunto-me quais serão os limites aqui. Uma nova ferida está a abrir-se na parte inferior das costas, e noto que é causada pela pressão contra uma saliência pélvica — e, ironicamente, penso eu, pode ter começado porque ela exerce nova pressão nesse ponto ao deitar-se de lado... Hoje voltei a aplicar óleo de amendoim em massagens nos joelhos, pulsos e articulações. Não temos usado as vitaminas, nem óleo de fígado de bacalhau, há vários dias, e como de costume sinto uma frustração com isto, acompanhada de uma incerteza sobre se uma rotina destas deve ou não ser seguida de forma demasiado rígida. Mas lamento ver o que podem ser oportunidades de ajuda a passarem ao lado, e receio que estes sentimentos se baseiem na nossa falta de conhecimento específico.)

(Para minha surpresa, a Jane começou a sessão antes que pudesse terminar as notas acima; tive de voltar a elas depois. Considerando o estado sonolento em que estivera poucos minutos antes, a sua voz de Seth estava muito boa, olhos abertos e escuros, pausas habituais.)

Bem:

(“Boa noite.”)

O relaxamento geral de Ruburt é excelente. É verdade que precisa de uma constante reafirmação nesse ponto, contudo — pois deixar-se ir era algo que antes não faria de todo dessa forma.

Pode ser assustador, mas ele está a conquistar isso com a tua ajuda.

A sua energia está a ser reafirmada, contudo, já que o relaxamento ajuda a libertar o movimento. *(Pausa.)* Tens sido muito útil nas tuas reafirmações, e elas são de facto primordiais, e ele mantém-se bem nessas condições. A esquina de probabilidades de que falei foi de facto virada, e está a ser virada.

(Pausa prolongada.) Maior energia e movimento também estão a ser gerados. Ruburt deverá em breve conseguir ver-se a mover-se bastante mais rapidamente do que agora, e parte desse movimento já está a ser libertada e expressa, quer tenha ou não chamado suficientemente a tua atenção.

O óleo de amendoim nas pernas é bom — também nas mãos. A massagem pessoal também fala do seu próprio tipo de amor e cura. As vitaminas, no geral, são úteis. No entanto, têm sido colocadas tensões sobre

os atos de comer de que poderiam prescindir, e à vossa maneira seguiram o melhor procedimento sem o saber, ao seguir toda a rotina durante algum tempo, depois interromper, depois continuar. Isto dá ao corpo a ideia de que estas vitaminas e minerais devem ser, por vezes, fornecidos por ele próprio.

A ideia dos alimentos de conforto, no entanto — comidas que trazem conforto, favoritas da infância ou de outras alturas — podem ser excelentes auxiliares. São como uma comida-recompensa, enquanto muitas das comidas ditas saudáveis aproximam-se um pouco mais — um pouco mais (*muito mais alto*) — de uma espécie de síndrome de punição, embora não queira insistir no ponto.

Dá-nos um momento... Há momentos, percebem, em que certos alimentos são de grande benefício, e momentos em que não são. Uns poucos “batidos naturais” com gelado, ou refrigerantes, como os que se compram em qualquer drogaria americana (com grande divertimento), podem ser bastante benéficos por vezes, mesmo que sejam considerados bastante antinaturais pelas organizações de comida natural. O corpo, por vezes, precisa de certos tipos de gorduras, e outras vezes não — por isso, quando fazem demasiadas leis alimentares (*pausa*), então já há pelo menos indícios dos antigos hábitos dietéticos judaicos. Muito disto aprende-se à medida que se avança.

A vitamina C é particularmente útil. Também os óleos, mas qualquer coisa que adicione mais trauma a uma refeição deve ser evitada. Estão ambos, no entanto, a fazer bem na vossa determinação em avançar para novas liberdades — descobrindo, finalmente, que o universo de facto (*sublinhado*) se inclina para o vosso lado.

Façam o Ruburt reler a sua carta. (*Sobre Seven III.*)

(*Longa prolongada.*) Quero que mantenham as vossas mentes abertas, no entanto, também, para não descartarem automaticamente qualquer mudança para Sayre ou arredores, mas para se verem apoiados em quaisquer mudanças que façam. Mais uma vez, a energia que estão a libertar mostrar-se-á noutras áreas, tanto no vosso trabalho como nas vossas relações com os outros. Desejo-vos então uma boa noite afetuosa.

(“*Posso fazer uma pergunta?*”)

Podes.

(“Estou bastante interessado no caso Fred Conyers. Não sei se queres entrar nisso agora, mas gostaria de saber mais sobre o assunto se te apetecer comentar.”)

Dar-te-ei a informação noutra sessão. Lembra-me, e deixa isso por agora.

(“Está bem.” Era a resposta que eu esperava.)

(A Jane ficou em silêncio durante algum tempo após a sessão. Pela primeira vez em muito tempo, diria eu, a sua entrega e maneira foram muito mais como o Seth de antigamente — firme, divertido, enfático por vezes, e sem tremor, com as pausas habituais.)

(“Estou mesmo contente por a ter feito”, disse. “Estava determinada.” Pediu-me que esperasse antes de lha ler, “enquanto me recomponho.”)

(Não fiz qualquer esforço no sentido de descartar uma mudança para Sayre. A Jane não tem mencionado isso ultimamente. Vou tentar manter-me aberto a essa possibilidade e confiar que os meios para isso virão através do Quadro 2... Expliquei-lhe que tinha ficado bastante interessado no caso de Fred Conyers porque andava a ler umas páginas por dia de um dos manuscritos que ele nos deixou: The Rule Book of Love: A Seth Book. Achei o título intrigante. Achei também partes do manuscrito em si intrigantes, bastante lúcidas, misturadas com as obsessões e compulsões do Fred, a sua vida pessoal e familiar, as suas ideias extravagantes, as suas tentativas e frustrações ao tentar usar o manuscrito como veículo para compreender a si mesmo enquanto tentava desvendar os segredos da sua personalidade: achava-os trancados, fora do seu entendimento, pelo próprio dispositivo que escolhera de falar por Seth. Inacessível para ele conscientemente. Soube também que o Fred tinha — tem — mulher, Heidi, e pelo menos uma filha, e que vivia — vive — em Denver, Colorado.)

(Como disse hoje à Jane, um estudo deste caso seria fascinante de muitas maneiras, sobretudo porque teria de envolver o comportamento e as crenças do Fred associados ao material de Seth. Ainda nem sequer abri o outro manuscrito dele, The Christ Book. O Fred embrulhou-o em papel pardo e tanto cordel amarelo que, ao início, pensei que tivesse usado uma corda como de estendal como encadernação.)

(Talvez o Fred Conyers seja a versão mais recente do Augustus.)

(“Quando fico confortável na minha cadeira, começo a divagar”, disse a Jane enquanto eu trabalhava nestas notas. “Adormeço...” E voltou

a fazê-lo. Acordou confusa: “Não tinha acendido um cigarro? Achei que sim...” Já tinha tido a mesma reação em relação ao cigarro mais cedo à noite. Finalmente li-lhe a sessão. “Estou aqui sentada a sentir-me estranha de uma forma muito estranha”, disse, “sem conseguir explicar o que quero dizer.” Fizemos um lanche de torradas com leite e fomos para a cama pouco depois das 22h.)

(Tinha estado bastante inquieta na noite anterior. Tive de a colocar na sanita duas vezes, tal como tinha feito na noite anterior. Os nossos padrões de sono têm sido bastante caóticos, embora pareçamos estar a safar-nos. Suponho que a situação da noite explica em parte o facto de ela dormir durante o dia, mas penso também que há mais envolvido.)

(Nota: Michaellen Grangier, uma mulher na casa dos 30, que tem distrofia muscular, visitou-nos ontem à noite. Falei com ela na varanda traseira até ficar bastante enregelado [a temperatura rondava os 3-4 °C]. Tinha-nos enviado uma cassette há umas semanas — que ainda não ouvimos — e fez alguns escritos para a Reality Change, a newsletter de Seth publicada por Maude Cardwell em Austin, Texas. A Michaellen ia regressar hoje à Califórnia. Deixou à Jane duas cassetes de canções [de outros] e um pedaço de quartzo de cura. Durante a última semana esteve hospedada em casa de um parente que vive na Underwood Avenue, aqui na cidade — a uns passos de nós.

(“Quais são as probabilidades disso acontecer?”, perguntei à Jane. “Devem ser muito reduzidas, matematicamente. Alguém ligado à Reality Change, no Texas, que nos conhece através do nosso trabalho, e afinal tem um parente a viver na Underwood Avenue... incrível.” Acrescentei que até ela própria deve ter ficado surpreendida quando soube de nós e percebeu que vivíamos em Elmira; não podia saber, então, que vivíamos tão perto da Underwood Avenue, onde tinha um parente.)

(Diverti-me durante a visita ao saber que “duas velhinhas, uma interessada no vosso trabalho e outra céptica”, esperavam no carro na entrada enquanto a Michaellen e eu falávamos à luz do alpendre. Ela sentou-se numa das cadeiras da varanda enquanto eu estava de pé para poder movimentar-me e aquecer. De tempos a tempos, quem estivesse ao volante ligava o carro para ligar o aquecedor. Mas na noite escura só conseguia ver o capô do pequeno carro, nunca as duas senhoras. Podia muito bem estar ali sozinho a trabalhar, sem sinais de vida. Falámos tanto tempo que as duas devem ter ficado bastante impacientes à espera... A

Michaelen e eu abraçámo-nos e beijámo-nos na despedida, e perguntei-me o que terão pensado as suas companheiras ao ver tal comportamento entre estranhos, ali mesmo à luz.)

(Nota: a carta do David Butts chegou hoje, mas ainda não a li.)

SESSÃO APAGADA

30 DE OUTUBRO DE 1982, 21H34, SÁBADO

(Pelas 16h de ontem a Jane chamou-me até à mesa de cartas para me mostrar os movimentos muito melhorados que conseguia fazer com a cabeça: rodava-a mais livremente para cima e para baixo e de lado a lado, com o corpo a participar um pouco enquanto estava sentada na cadeira. Eram os melhores movimentos nessa área que mostrara em muito tempo.

(Ficámos ambos muito contentes. Perguntei-lhe se os novos movimentos seriam um sinal da maior liberdade de movimento que em breve mostraria, segundo Seth na sessão da noite de 28 de outubro, mas ela foi evasiva.

(Disse-lhe que o aumento de movimento representava a chave para controlar as úlceras de pressão, que quaisquer medos que tivesse sobre mais liberdade de movimento tinham simplesmente de ser descartados ou muito atenuados — transformados em forças e ações positivas em direção ao movimento, para que o corpo inteiro pudesse sarar. Boa reflexão, pensei.)

(“Bob, sinto-me estranha”, disse a Jane às 21h31, enquanto eu lia no sofá. “Acho que posso ter uma sessão, curta, se estiveres para isso. Sei que estás cansado, mas talvez consiga fazê-lo. Vou ver se consigo...”

(Fiquei um pouco surpreendido, já que estava a ficar tarde e eu estava a preparar um lanche antes de me deitar. Dormira profundamente durante algumas horas à tarde. A Jane estivera sentada na cadeira à mesa de cartas o tempo todo — na verdade, está na cadeira desde cerca das 7h30 da manhã; não foi à casa de banho nem se deitou. Mas cheguei à conclusão de que já não posso incomodá-la com tais coisas; ela própria será responsável pelo seu corpo e destino.)

(Mais uma vez Seth surgiu antes de eu terminar de escrever estas notas, e mais uma vez a voz da Jane estava forte, como na última sessão.)

Ora bem: esta será sem dúvida uma sessão bastante breve — mas queria que soubessem que algumas organizações importantes de

comportamento que vos incomodaram a ambos — particularmente ao Ruburt — perderam o seu poder. Isto é, nos últimos dias.

Não quero, neste momento, relembrar-vos, por isso deixo apenas a observação.

Se continuarem como têm feito nos últimos dias, deverão encontrar-se, até às férias, muito mais claros nas vossas vidas e caminhos do que talvez agora pareça possível. As questões de provação estão a dissolver-se, por outras palavras.

O Ruburt tem também captado algumas informações, bastante interessantes, sobre versões invulgares de percepção, em que, digamos, seres vivos e não vivos se combinam momentaneamente para formar novos tipos de objetos.

A sua energia aumentada mostrar-se-á à medida que os seus movimentos crescentes e em aumento se tornem mais aparentes.

(Longa prolongada.) Ainda existe, em ambos, contudo, um movimento em direção à Pensilvânia, um anseio do coração.

Fim da sessão — mas queria que tivessem esta informação.

(“Obrigado.”

(A Jane suspirou de alívio. “Ainda bem que a fiz... Aquela parte do anseio — sinto-a mais do que tu. Mas senti a sessão muito forte quando começou a chegar.” A sua voz de Seth fora forte. “Não sei”, disse depois de eu lhe acender um cigarro. “Quase sinto como se tivesse feito algum tipo de orientação completamente diferente...”)

SESSÃO APAGADA

2 DE NOVEMBRO DE 1982

(A hora indicada acima é enganadora, já que nenhuma sessão foi realizada esta noite. Representa antes a hora a que fui até à mesa de cartas para me juntar à Jane e esperar pelo início de uma.)

(Ontem, a Jane escreveu para mim, a meu pedido, algumas linhas sobre o comentário de Seth na sessão de sábado passado, de que ultimamente tem captado algumas versões invulgares de percepção. O original está anexado a esta sessão: “Tenho tido percepções estranhas em estados de relaxamento”, escreveu a Jane. “Envolvem o que chamarei percepções inocentes, para mostrar a sua falta de sofisticação. Envolvem a combinação espontânea de objetos vivos e não vivos em curiosas

justaposições. Por exemplo, vejo a cabeça do Rob, com o nosso globo terrestre preso ao suporte a crescer dela, formando um novo tipo de objeto... que aceito momentaneamente. Consigo desfazer estas imagens, e muitas vezes incluem-se várias.”)

(Na manhã de ontem recebi uma chamada de Nancy Overton e Saul Cohen, que aparentemente vão assumir a tarefa de acompanhar o trabalho da Jane na Prentice-Hall, agora que a Tam saiu. A chamada era em resposta à minha carta à Nancy de 22 de outubro, a propósito da Tam ter dito à Jane que a Pocket Books publicara a edição de bolso de Seven II. Não foi assim, explicou o SC, apontando a confusão em torno da saída da Tam e os seus próprios esforços para perceber o que se passava no novo cargo.)

(A chamada foi feita pelo nosso viva-voz, por isso a Jane pôde ouvir o SC quando ele disse que o Seven III dela “era encantador” e que gostava muito. Quer ver mais, e expliquei-lhe o que a Jane já tinha pronto e o que ainda lhe faltava fazer. Não disse nada sobre os Sonhos de Seth. A Jane ficou muito satisfeita por o SC ter gostado de Seven, já que soube que andava preocupada com isso. Quer rever os próximos cinco capítulos antes de os enviar à Tam, que os mandará ao SC depois de os rever, mas ela não tem trabalhado neles recentemente. Continua a dormir na cadeira quase todo o dia.)

(“Devo ser lento”, exclamei cerca de uma hora depois da chamada. O elogio do SC a Seven III deve ser mais uma daquelas coisas boas previstas que nos vão chegar através do Quadro 2... Obviamente.)

(Pouco depois de eu terminar a chamada, a Jane fez-me uma pergunta: “O nome M-i-l-n-e-r diz-te alguma coisa?”

(“Não”, respondi, indo à cozinha buscar o meu café, que me tinha esquecido.

(“Já ouvi o nome antes, contudo.”

(“Estava a apanhar o nome agora mesmo”, disse ela.

Momentaneamente tinha adormecido à mesa de cartas; apanhou o nome várias vezes, exatamente como o soletrou. Disse-lhe que faria uma nota disso.)

(É na verdade 8 de novembro quando escrevo estas notas, e tenho não só o material de 2 de novembro para apresentar, mas também o das sessões de 7 e 8 de novembro. As situações mudam tão depressa que material com uma semana já parece ultrapassado ou superado, mas quero

mostrar o nosso pensamento de 2 de novembro tanto como o desta manhã, 8 de novembro. Por isso, embora esse material “antigo” de 2 de novembro já pareça algo datado, apresento-o aqui como se de facto tivesse havido uma sessão nessa data:)

(A Elsbeth W. visitou ao meio-dia, trazendo à Jane duas saias que lhe fez, mais várias blusas que achou que a Jane poderia usar neste inverno. As saias, de tecido mais grosso, foram feitas para se ajustarem ao corpo da minha mulher sentada na cadeira.)

(Pelas 16h larguei o trabalho e comecei a preparar-me para a sesta. Quis que a Jane também se deitasse, já que estava na cadeira desde as 7h30 da manhã. Não tinha sequer ido à casa de banho — o mesmo comportamento que mostrara no sábado passado, quando houve sessão nessa noite. Agora, porém, a Jane disse-me que se sentia “em pânico”. Tinha adormecido na cadeira e acordara assim. Piorou. Percebi que não tinha qualquer intenção de se deitar. “Meu Deus, estou assustada”, disse várias vezes, mas não conseguia explicar porquê, de início. Depois disse que achava que o susto estava ligado ao seu medo de abandono em criança — e que acabaria por tornar a vida tão miserável para mim que eu a deixaria.)

(Respondi que, se estava envolvido dessa forma, então tinha de ser um elo tardio numa longa cadeia de tais medos. Não negava que pudesse estar envolvido. Disse que a mãe da Jane tinha sido abandonada pelo pai, que os avós também se tinham separado em amargas discussões, e que a própria Jane fora muitas vezes ameaçada com tal destino pela mãe. Além disso — devido à natureza do seu trabalho psíquico — a Jane deve sentir-se abandonada pelo meio literário, e até pela sociedade em geral — mesmo que algumas pessoas comprem os seus livros. Está longe de ser aceite pela elite dominante do país, pelo menos por agora. Tudo fazia sentido, disse eu. Tudo isto é uma versão muito simplificada da nossa discussão, que deve ter durado um par de horas. Nenhum de nós dormiu.)

(Eu tinha várias perguntas bastante sombrias que surgiram das sessões recentes — perguntas óbvias, e poderia facilmente ter inventado mais. A principal era porque é que a personalidade da Jane continuaria um comportamento que poderia trazer a ameaça de abandono, como ela via os sintomas — se tinha tanto medo dessa possibilidade. Via isto como muito contraditório. Outra questão era porque é que a sua personalidade global continuaria um comportamento que poderia, em última instância,

levar ao fim do corpo físico e, portanto, à morte das próprias partes da personalidade que estavam a causar todos os problemas, e há anos. Isto não fazia sentido para mim, em termos comuns.)

(“Será o eu pecador que está a fazer isto?”, perguntei. “Porque é que ainda não aprendeu melhor? Não consigo pensar em nada no mundo que valha a pena — literalmente.” Disse muito mais. Soava tudo bem, mas teria pouco efeito, pensei, já que não tivera nos anos anteriores. O comportamento autodestrutivo estava agora muito mais avançado, contudo, e só podia esperar e confiar que os sentimentos de pânico da minha querida mulher fossem uma tentativa da sua personalidade, pelo menos, de descarregar alguma da perigosa carga emocional que deve ter sido acumulada ao longo dos anos, reprimida. Isto seria muito preferível a uma projeção de medo para o futuro, disse eu. Se fosse esse o caso, os sentimentos de pânico eram um bom sinal, e poderiam ser bastante úteis. Mas estava tão perplexo como sempre, disse, com o facto de a personalidade colocar o pobre corpo numa posição em que não conseguia estar em paz nem sentado nem deitado. Tudo parecia tão autodestrutivo que tinha dificuldade em visualizar o que outras partes da personalidade poderiam estar a ganhar com isso.)

(“Posso adivinhar algumas dessas outras motivações”, disse eu, “mas seriam apenas palpites...” Tentei agarrar-me às recentes afirmações esperançosas que Seth tem feito. “Ao mesmo tempo”, disse eu, “do que é que ele está à espera para nos dar a informação de que precisamos? Haverá algo que ele dissesse numa sessão que pudesse ser pior do que aquilo com que lidamos todos os dias nas nossas vidas? Dificilmente nos poderia chocar mais do que o que acontece agora.” Não parecia provável. A Jane disse que faria o melhor que pudesse na sessão dessa noite. Tentei tranquilizá-la antes de começar o jantar, mas estava tão perturbado que foi muito difícil.)

(“Talvez tenha de chorar, para me aliviar desta tensão”, disse ela. “Força”, respondi. “O mundo não vai parar de girar no seu eixo...” Fez algumas tentativas falhadas de chorar, mas as lágrimas não vieram. Os sentimentos de pânico continuaram enquanto eu preparava o jantar, mas ela comeu razoavelmente bem. Depois do jantar disse-me para ir à sessão às 20h15, mas eu ainda estava a trabalhar nestas notas às 20h45, e ela não me tinha chamado.)

(A Jane sentiu-se melhor depois do jantar. Durante a sua aflição mencionou várias vezes voltar a viver em Sayre, “onde começámos”. Não achei que quisesse voltar a ter 26 anos, mas também não sabia o que a mudança poderia fazer por nós agora — isto é, em termos de ajudar a restaurar a sua saúde. Concordei que poderia ajudar, sim. Devo admitir que, se tivesse de adivinhar qualquer grande mudança futura nas nossas vidas, mudar-nos de volta para Sayre seria a última da lista. Nem sequer lá vamos há três anos.)

(Às 21h sentei-me à mesa de cartas a acrescentar a estas notas enquanto esperávamos pela sessão. A Jane pediu-me que lhe acendesse um cigarro. Os resultados das eleições iam passando na TV, mas eu pouco lhes prestei atenção. A Jane disse que tinha havido algumas surpresas.)

(Pelas 21h15 comecei a duvidar se teríamos sessão. A Jane tinha acabado o cigarro mas ainda não tirara os óculos. Dei comida aos gatos e pu-los na cave. [O Billy apanhara um rato na minha sala de escrita esta tarde.] “Estou só à espera”, disse a Jane, meio a dormir. Achei que provavelmente estava cansada da aflição da tarde, e também a encontrar resistência à sessão. Como já mencionei recentemente, o medo em si poderia — já devia ter — adquirido vida própria, depois de todos esses anos, e como entidade resistiria a ser descartado ou transformado. Se ao menos a Jane pudesse compreender que não tinha nada a temer em termos de abandono da minha parte, pensei. Repito essa afirmação aqui, de novo.)

(Pelas 21h30 não acreditava: não íamos ter sessão afinal — e logo quando mais precisávamos de uma. A Jane alternava entre despertares rápidos e sonos curtos na cadeira. Perdi a paciência ao fim de algum tempo, sobretudo por pura frustração, suponho. Estava algo desorientada: “Lê-me a sessão da noite passada”, disse ela. Mas não tínhamos tido sessão na noite anterior, segunda-feira. Não tínhamos tido nenhuma desde sábado passado, 30 de outubro — há quatro dias.)

(Saí da mesa de cartas para levar o lixo às 21h33.)

NOTAS DA JANE

1 DE NOVEMBRO DE 1982

Tive experiências de percepções estranhas em estados de relaxamento. Elas envolvem o que chamarei de percepções inocentes, para mostrar a sua falta de sofisticação. Envolvem a combinação espontânea de objetos vivos e não-vivos em curiosas justaposições.

Por exemplo, vejo, digamos, a cabeça do Rob com o nosso candeeiro de pé a crescer dela, formando um novo tipo de objeto... que aceito momentaneamente. Consigo destrinçá-los, e muitas vezes vários estão incluídos.

SESSÃO APAGADA

7 DE NOVEMBRO DE 1982

(Às 16h30 a Jane disse-me para ir buscar o caderno. Finalmente. “Bem, já passaram cinco dias desde que tivemos a última sessão,” disse eu, “e não conseguimos nada.”

(O meu irmão Loren e a sua mulher Betts, e o meu irmão Dick e a mulher Ida acabaram de partir, depois de uma visita muito agradável. A Betts e o Loren trouxeram a refeição — metade da qual, suponho, não devíamos comer, disse à Jane. Mas estava tudo delicioso.

(Acho que a minha mulher está em mau estado. Digo isto à parte de quaisquer mudanças que possam estar a ocorrer nela, como o Seth tem repetidamente afirmado ultimamente. A Jane tem dormido praticamente o dia todo, sentada na cadeira, desde a última sessão falhada. Ontem à noite estive em agonia na cama — a noite inteira. O nosso sono tem sido muito irregular. “Bob, estou tão assustada”, disse-me às 6h30 da manhã, quando fui buscá-la para se levantar. Fiquei cheio de raiva impotente com o rumo que as coisas tomaram connosco, mas disse pouco. As escaras estão a piorar todos os dias. Ela recusa as sestas à tarde, para lhes dar algum descanso. Também houve alucinações durante o dia — ou pelo menos desorientação.

(A Jane já não faz “trabalho” nenhum. Não tocou no Seven III. Eu não conseguia perceber porque é que ela não recorria às suas forças criativas para a ajudar a sair da situação trágica que criou para si própria e para mim. Mesmo que eu a tivesse ajudado a criar tal estilo de vida no

passado, inadvertidamente, agora estava totalmente contra, e já há vários anos. Ficava constantemente chocado e espantado por ela deixar que a sua condição e situação aparentemente sem saída se arrastassem dia após dia, até chegar ao ponto de crise que agora enfrentávamos, em que já tínhamos pouca margem de manobra.

(Passei a manhã a apanhar folhas — estive um dia lindíssimo — enquanto esperava pela família. Antes de sair disse à Jane, de forma resumida, o que pensava: que estávamos no fim da linha, que ela ia acabar novamente hospitalizada, ou numa instituição onde pudesse receber cuidados constantes. Não via saída. Disse-lhe ainda, quando estava deitada, que ia telefonar amanhã de manhã ao Dr. Kardon, e dizer-lhe que queria a Jane de volta ao hospital. “O que é que estás a tentar fazer?”, gritou a minha mulher, “chocar-me para eu melhorar?”

(Como de costume, disse muitas coisas nesse curto espaço de tempo em que falámos antes da chegada da família. Que ela me dizia novamente que estava a melhorar, quando eu via que piorava. Até o Seth dizia o mesmo. “A mesma velha história”, comentei. Acrescentei que já não acreditava nas sessões mais recentes, em que o Seth falava dela estar melhor pelo Natal, ou de ter mudado de probabilidades. Como poderia isso ser verdade? Tinha um milhão de perguntas e sentia-me quase totalmente frustrado por não conseguir respostas. Porquê, Jane, porquê? Repetidamente, pensava na resistência, no eu pecador a criar obstáculos, acontecesse o que acontecesse.

(E parecia-me que certas partes da sua personalidade estavam bem dispostas a continuar assim até à morte — o fim final, a dissolução em que hospedeiro e doenças desapareciam juntos, e todo o conflito se resolvia. Seria esta a “redenção” de que o Seth falara há uns anos, e que eu tentara abordar na introdução de Sonhos? Achei provável. Disse à Jane que não me surpreenderia entrar no quarto um dia e descobrir que tinha simplesmente morrido durante a noite, resolvendo assim os seus desafios. Uma resolução compreensível, disse eu, e uma com a qual eu não podia discutir, já que poderia ser logicamente a escolhida por certas personalidades — mas era também uma que eu não escolhia neste momento.

(A Jane reagiu horrorizada esta manhã, no quarto, quando falei do hospital, e que estava a chegar a um ponto de viragem na minha luta para cuidar dela sozinho. O Seth disse recentemente que a experiência

hospitalar tinha sido traumática para a Jane — então porque fazia ela de novo precisamente as coisas que poderiam levá-la de volta a essa situação? Mais uma vez, uma resistência cega parecia ser a resposta, pelo menos do meu ponto de vista. “Mais uma vez,” disse eu, “seja o que for, sei que o vais aceitar, já que é a realidade que estás a criar. E mais uma vez, sou eu quem te pressiona a usar as tuas próprias capacidades para te salvars — pelo menos tentar perceber o que se passa através das sessões, por exemplo. Deviam ser tuas as instruções para mim — não o contrário... Mas é impossível salvar outra pessoa se ela não o quiser.”

(Depois da família se ir embora, sentámo-nos à mesa de cartas, e para minha surpresa a Jane disse-me para ir buscar o caderno. Fiz isso de bom grado. Ela alucinou uma árvore e outros objetos enquanto eu escrevia estas notas. “Tenho receio de não conseguir entrar nisto, ou se conseguir ele não terá nada para dizer... Mas está bem...” Tirou os óculos.)

Ora bem: não posso oferecer-vos melhor conselho do que aquele que já vos dei, pois é conselho assente na verdade. *(Longa pausa.)* O corpo comporta-se como eu já disse, e a mente também. Ultimamente a situação levou a um enquadramento momentâneo em que as incapacidades físicas ocupam muito do tempo mental e físico. Pela sua própria natureza, reforçam a ideia de incapacidade, digamos, em detrimento do trabalho construtivo. O tempo é outra área em que é gasto — tempo que poderia ser passado noutras atividades — é passado “a melhorar”. É quase como se decidissem dedicar tantas horas por dia a lutar contra uma condição física, através da qual passariam a ver a vossa realidade privada e o mundo. *(Longa pausa.)* O corpo do Ruburt está a recuperar bastante da sua capacidade de resposta interior, ou movimento — movendo-se mais depressa em áreas específicas.

(Longa prolongada.) O material é o que já dei, no entanto. O corpo começa de facto as suas novas respostas internas. As zonas que o têm incomodado podem ser definitivamente melhoradas com massagem, para que se sinta confortável muito mais rapidamente.

(Uma pausa de um minuto.) Não existe condição que o amor não possa melhorar. Não existe condição que o amor não possa suprir — e refiro-me aqui ao amor-próprio, bem como ao amor por outra pessoa. Houve de facto várias melhorias que se manifestaram, juntamente com este último episódio de forte desconforto.

Desejo-vos uma boa noite — por agora, e vejamos o que acontece.

(“Tive receio de perder o que tinha,” disse a Jane, “por isso vou ver o que aparece daqui a um minuto.” Fiquei calado, mas tinha imensas perguntas que considerava vitais.

(No entanto, agradou-me que o Seth tivesse insistido nas respostas internas positivas da Jane, pois isso poderia sinalizar algo muito mais construtivo do que as minhas próprias projeções negativas de há pouco.

(Esperámos vários minutos. A Jane pôs os óculos, o que interpretei como sinal de que a sessão tinha acabado. “Tiveste alguma ideia?”, perguntou ela.

(“Bem. Tenho de ter cuidado,” disse eu, “ou corto tudo.”

(“Estou desiludida,” disse ela, como se falasse das palavras de outra pessoa, sobre as quais não tinha controlo.

(“Não vamos ter pormenores, é isso?”

(“Parece que sim,” respondeu. “A coisa curiosa é que agora acredito, de uma forma que antes não acreditava.”

(A afirmação dela representava um ponto importante, que não valorizei devidamente naquele momento, tão negativa era a minha própria perspetiva. Quero desviar-me um pouco das notas da sessão aqui, e comentar que por vezes não é fácil dactilografar este material dias depois de ter sido dado: as ideias mudam, a tal ponto que opiniões e sentimentos de apenas uns dias antes podem parecer completamente fora de lugar. Quando escrevi as notas desta sessão, provavelmente senti-me tão mal como alguma vez me senti, enquanto agora, ao dactilografar este material [a 9 de novembro], tenho consciência de uma mudança bastante animadora para melhor.

(Quero registar as notas originais que escrevi para a sessão, mas ao mesmo tempo recomendei à Jane que não as lesse. Agora penso que pouco bem lhe faria. O Seth voltou a manifestar-se brevemente, e sugiro que a Jane avance até ao material dele. Entretanto, continuo com as notas originais.

(“Bem. Acho que é assim que isto vai acabar, então,” disse eu, querendo dizer que as sessões iam simplesmente esmorecer ou reduzir-se a generalidades. Estava consciente desta possibilidade há algum tempo, e não me surpreendeu que tivesse chegado o momento. Nem uma palavra do Seth sobre porque é que ela esteve tão miserável nos últimos cinco dias, ou porque é que as escaras pioraram, ou a minha sugestão de voltar ao

hospital, ou o papel do eu pecador em tudo isto. A lista é interminável. Então o Seth voltou, quando terminei esta nota.

(Uma pequena nota: estas sessões também transportam sobreposições de significados dobrados sobre si próprios, ligados às palavras mas que não fazem parte das palavras — carregados pelos sons. E assim acontece também com alguma informação desta noite.

(Muitas vezes, esse material trata de conteúdos muito difíceis de traduzir — material que atravessa a psique, contudo, para acrescentar ao vosso apoio ou conhecimento. Destinam-se a incentivar-vos mesmo quando não os reconhecem. Expresso a minha simpatia por vós, e reforço também a minha confiança.)

(E foi isso. Precisamos de muito mais. Provavelmente não vou telefonar amanhã ao Dr. Kardon ou ao hospital, mas simplesmente esperar que a natureza siga o seu curso, já que, exceto pelo movimento nos joelhos — que não aumentou — tem sido tudo mau, por isso o desfecho geral para o futuro é praticamente inevitável. Disse mais cedo à Jane, repetindo de diferentes ângulos, que sentia que as sessões estavam a encerrar-se por si próprias, de vez. Posso até tomar essa decisão eu mesmo. Também pensei em não terminar Dreams, mas voltar à pintura para o resto da minha vida — outra opção. Sei que mais cedo ou mais tarde estarei a fazê-lo, aconteça o que acontecer na nossa situação atual, sempre que Dreams estiver concluído, suspeito neste momento.

(Não tenho ideias nenhuma sobre a questão de regressar a Sayre. O que quer que façamos, será juntos, apesar dos receios da Jane de ser abandonada. Estou tão comprometido com ela como estou com o ato de respirar, e tudo o que fizermos virá depois disso. Vou deixar tudo entregue à Estrutura 2 a partir de agora. Este é o rumo que eu — nós — devíamos ter seguido desde o início. Boa sorte, miúdos — vão precisar dela.)

SESSÃO APAGADA

8 DE NOVEMBRO DE 1982

(Li a sessão de ontem à tarde à Jane esta manhã. Como discutíramos ontem à noite, decidimos tentar outra sessão esta manhã, possivelmente para obter material mais específico sobre algumas das questões que levantei nas notas da sessão de ontem. A Jane também queria que o Seth comentasse os seus “relaxamentos” durante o dia: ela dorme praticamente o dia todo sentada na cadeira. Eu esperava que esses relaxamentos fossem sinais de um processo de cura a ocorrer após anos de tensão. Ao mesmo tempo, queria material sobre porque é que a Jane poderia estar a perpetuar comportamentos que a levassem de volta ao hospital — uma experiência que tinha sido tão traumática da última vez.

(Parece que estou lentamente a aprender que o Seth pode estar a evitar ficar encurralado em material demasiado específico neste momento. Talvez ache que não é necessário agora, que é simplesmente melhor deixar as capacidades naturais de cura da Jane fazerem o seu trabalho, já que aquela “mudança de probabilidades” foi alcançada... De uma forma estranha, até me sinto inibido de lhe colocar diretamente as perguntas para as quais penso querer tanto as respostas. Talvez, com a ajuda da Estrutura 2, o caminho que estamos a seguir, ainda que a contragosto, não seja assim tão mau neste momento.

(À noite a Jane dormiu muito bem, comparativamente, e hoje ambos nos sentimos mais animados. Esta manhã a Sheri Peri telefonou sobre as suas cartas para Inglaterra em nome da Jane.

(Na mesa de cartas:)

Ora bem: adições às nossas notas.

Fizeram ambos extremamente bem ontem — não telefonarem ao Kardon e evitarem o que poderia ter sido outra experiência altamente carregada.

(Eu, de qualquer modo, não tinha planeado telefonar antes desta manhã.)

A vossa crescente compreensão conjunta veio em vosso auxílio. Seria benéfico, pelo menos um pouco, serem menos intimidados, usando sempre a designação médica precisa para escaras (decúbitos); o termo, usado assim, apenas reforça em vocês a força acrescida da teoria médica.

O movimento e a energia que regressam serão libertados automaticamente e tratarão da condição — e tenham cuidado com as

referências da vossa enfermeira aos episódios de escaras. Por vezes será útil levantar ou ajustar a altura da cadeira conforme o Ruburt muda, por isso pensem em pequenas variações dessa natureza — uma almofada diferente durante parte do dia, por exemplo, ou o que for.

(Longa prolongada.) Façam uma pequena pausa.

(Acendi um cigarro para a Jane. Uma nota sobre as recomendações da nossa enfermeira, Peggy J, relativamente às escaras: na tarde de quarta-feira passada, durante a sua visita habitual, a Peggy disse-nos que tinha falado com a sua chefe, a Roe — também enfermeira — e que na sexta-feira a Roe viria cá para ver as escaras da Jane. A Peggy falou em sentir-se aliviada da “responsabilidade” pelas escaras, o que obviamente a preocupava. Eu tinha dito à Jane para usar sugestão, para que não fosse incomodada pelo que a Roe pudesse dizer, mas suspeitava que a Roe quisesse que o Dr. Kardon examinasse as escaras, o que provavelmente levaria a uma exigência de que a Jane voltasse ao hospital. [Não contei à Jane esta parte das minhas suspeitas sobre o hospital.]

(Na visita habitual de sexta-feira à tarde, a Peggy, a Jane e eu esperámos pela Roe, que estava agendada — mas a Roe, misteriosamente, nunca apareceu. Terá ela captado algum tipo de mensagem da Jane e minha? Não sabemos. Quando a Peggy voltou na segunda-feira à tarde, a Roe também não apareceu, e a Peggy não mencionou o assunto, nem se deteve sobre as escaras da Jane. De forma estranha, foi como se todo o episódio, com as suas implicações claramente negativas, nunca tivesse sido sequer mencionado. Não pedi ao Seth que comentasse, mas devia tê-lo feito.)

Ora bem: quando trabalham através de um episódio como o surto deste fim de semana, ganham uma confiança individual mas também conjunta na vossa capacidade de o fazer — um ponto muito importante, uma forma íntima e vital de lidar com as vossas reações conjuntas. Alguns desses sentimentos são de esperar, naturalmente, já que não vivem num mundo perfeito. Pode compreender-se que sejam transitórios, no entanto, e no quadro geral começam a dissolver-se cada vez mais facilmente. Diversas coisas podem despertar tais sentimentos, dependendo das circunstâncias, enquanto noutra altura o mesmo tipo de estímulo pode nem sequer se aplicar.

Não há dúvida, porém, de que as escaras e os seus problemas se dissolverão, e quase passarão despercebidos ao fazê-lo, se lhes retirarem a

importância. Não precisam de fingir que não estão lá, mas saibam que o aumento do movimento, e o novo movimento psíquico, tratarão da situação.

Mais uma vez, uma coisa simples como formalizar a condição tem a tendência de lhe dar uma legitimidade acrescida.

(Pausa prolongada.) O aumento de movimento em certos estágios pode também ser interpretado como irritação — uma fase que passa rapidamente. Incentivem pensamentos ou devaneios ligados ao simples prazer de viver, e às vossas capacidades. De certa forma, os vossos irmãos uniram-se em vosso apoio, percebem.

Por agora é tudo. A minha maior compreensão, bênção e energia.

(“Obrigado.”

(A voz da Jane estava bastante boa. Passou grande parte da sessão com a cabeça baixa. Pausas, como de costume. Ambos ficámos animados. Sim, obrigado, Seth. Ainda sentia aquela onda de expectativa e energia, como se tivéssemos de algum modo virado uma esquina nas probabilidades. Mantive presentes as bênçãos da Estrutura 2.

(Tinha muito para dactilografar. Li a sessão à Jane. Também sublinhei como era importante que não nos deixássemos incomodar, nem responder, a quaisquer sugestões negativas dadas inadvertidamente pela enfermeira, Peggy.

(Depois da sessão, a Jane quase conseguiu dizer algo sobre os seus sentimentos de abandono, mas não conseguiu totalmente. Talvez consiga mais tarde hoje.

(E, à sua maneira, o Seth acabou por nos dar algum material sobre as escaras. Foi muito melhor do que eu ousara esperar. Sinto-me bem com isso, e sei que a Jane também se sentirá quando ler a sessão.)

SESSÃO APAGADA

8 DE NOVEMBRO DE 1982

(Pelo que me lembro, será a primeira vez que realizamos duas sessões separadas no mesmo dia — se agora se desenvolver. Depois do jantar a Jane disse-me para ir até à mesa de cartas com o caderno às 20h15. Cheguei às 20h22, depois de terminar uma página da sessão de domingo à tarde. Estou a tentar dactilografar todo o material o mais depressa possível.)

(“Tive algo dele [Seth] mais cedo,” disse ela, “mas tu não estavas cá...” Lutava para se manter acordada. “Olha para mim, tenho medo de adormecer. Talvez seja melhor só revermos as coisas.”)

(“Isso não te vai manter mais acordada do que tentar fazer uma sessão,” disse eu. “Tens alguma perceção sobre porque é que o relaxamento acontece agora? É porque acabámos de comer, ou...?”)

(A Jane respondeu que o seu estado indicava um relaxamento generalizado — o que era benéfico, claro. Eu esperava que isso levasse a uma maior mobilidade, pelo menos. A cabeça dela caía constantemente e eu chamava-a, e ela dizia-me sempre que, cada vez que o fazia, a interrompia quando estava “a receber algo”. Para mim parecia apenas que estava a adormecer de cada vez. Deixei de a importunar. Então:)

Ora bem: esta informação pode vir lentamente.

(Longa pausa, cabeça baixa, olhos fechados.) Estas interconexões (palavra repetida a meu pedido) referiam-se a operações anteriores como portadoras de informação — informação que é desencadeada pelas vossas próprias necessidades em qualquer momento dado.

(Ver a sessão da tarde de ontem, sobre as “sobreposições de significados”.)

(Longa pausa.) Estamos a falar de energia, claro. Há um tipo de energia passiva que vos leva onde querem ir, e material dessa natureza está a ser utilizado agora. Ponto final. (Repetindo algumas palavras.)

Esse é o material a que me referi como não sendo necessariamente verbal, mas transportado pelas palavras de maneiras diferentes das usuais. A condição do Ruburt está de facto a melhorar e a acelerar, como mencionei nas últimas sessões. E novamente, seguindo em frente como têm feito. Isto traz esse foco para uma intensidade e movimento muito maiores.

(Pausa prolongada.) Agora descansem um momento.

A transmissão da Jane tinha sido esporádica de uma forma estranha, a sua voz de Seth contida, fazendo-me sentir que podia perder a sessão a qualquer momento ao escorregar para o sono. Ela pôs os óculos, dizendo-me que tinha sentido a minha preocupação durante a sessão. Eu disse que esperava que pudesse continuar pelo menos mais um pouco. Acendi-lhe um cigarro. Esperámos. “Farei o que puder”, disse ela, tirando os óculos. Ainda fumava.

Em muitos casos, “têm a sessão” quer vos pareça ou não (*subitamente muito mais alto*) que contém material importante. Algumas sessões, portanto, são o seu próprio efeito.

(*Pausa prolongada.*) Não posso deixar de salientar a atitude do Ruburt em relação à profissão médica durante e imediatamente após a sua estadia no hospital. Simbolicamente, no entanto, a atitude em si é altamente terapêutica, já que “representa e significa” muitas questões importantes da sua vida — e ao resolver uma, resolve todas neste aspeto. Parte do material mais recente que vos tenho dado encaixa aqui. (*Longa pausa.*) Até certo ponto, a Peggy (*a enfermeira*) representa o sistema médico, claro. (*Longa pausa, cabeça baixa.*) Leiam esse último pequeno grupo de sessões convosco — e juntos, de modo que o material, tanto verbal como não verbal, se mantenha novamente, e sentirão a tranquilidade e a confiança adicionais que advêm da vossa vitória individual e conjunta, quando tais episódios são superados. Sintam também essas respostas a ocorrer novamente, como de facto estão a ocorrer, noutras áreas da vossa vida. Pode também esperar-se movimento adicional, e desejo-vos uma boa noite.

(*“Obrigado.”*)

(*“Bem, obtiveste alguma coisa”, disse eu à Jane, quase a rir.*)

(*“Passaste um bom bocado ali, não foi?” Era espantoso como me sentia muito melhor agora do que quando tinha escrito as notas da sessão de ontem [domingo, dia 7]. “Queres acrescentar alguma coisa?”*)

(*“Sim, daqui a um minuto”, disse a Jane. Mas ficou por aí. Li-lhe a sessão.*)

(*Isto pode ser bastante importante: várias vezes mais tarde, ao longo da noite, a Jane disse-me que sentia como se estivesse de pé, com a segurança da cadeira logo atrás dela, para se sentar sempre que quisesse. Muito encorajadores sinais psicológicos, disse eu, acrescentando que esperava que fossem prenúncios de desenvolvimentos futuros.*)

SESSÃO APAGADA

9 DE NOVEMBRO DE 1982

(Esta manhã dactilografei a sessão de 7 de novembro, enquanto tentava recuperar o atraso do material que temos acumulado ultimamente. Ainda me sentia muito melhor, e achava que a Jane também. Não entrei no meu escritório antes das 10h00 desta manhã. A Jane estava silenciosa, sentada à mesa de cartas na sala, enquanto eu trabalhava.

(As aparências, contudo, podem enganar: depois do almoço, a Jane disse-me que os seus sentimentos de pânico tinham regressado [ver a sessão de 7 de novembro, por exemplo]. As sensações tinham começado pouco depois de eu ter ido trabalhar. Ela não tinha conseguido adormecer na cadeira afinal, exceto de forma entrecortada. Perguntei se os sentimentos vinham do passado, ou se representavam uma projeção para o futuro.

(“É difícil ter certeza”, disse, “mas penso que vêm da época em que estive no hospital [em fevereiro passado].” Ou seja, para o futuro.

(“Bem, podemos fazer algo em relação a isso”, disse eu. “Queres ter uma sessão?”

(“Se conseguir. Lava a loiça e vê o correio, depois tento... Estou tão contente por ter falado sobre isso”, acrescentou, “mas quando o faço os sentimentos começam também a vir ao de cima...” A voz da Jane tremia. Já tinha comentado antes que lhe era muito difícil falar sobre os sentimentos quando estes começavam a revelar-se-lhe conscientemente.

(Repeti que ela devia ter-me dito quando os sentimentos começaram — não três horas depois. “Mas é bom que estejam aí”, disse eu. “Significa que os estás a exprimir, mesmo que sejam desagradáveis. Se não estivesses, ainda estariam enterrados.”

(“Talvez se me deixares resmungar”, disse a Jane, quase a rir. “Até tenho estes sonhos em que me podes levar para o carro e conduzir-me até aquelas colinas na Pensilvânia... E até me interrogo sobre a mulher [a Sra. Anderson] que viveu nesta casa, e que se suicidou mais tarde — embora não seja grande coisa. Não me sinto suicida, tanto quanto sei. Apesar de me sentir muito assustada com a possibilidade de fazer algo como gritar ou puxar os cabelos ou uma coisa dessas — não sei — perder o controlo, e no entanto, quando olho em volta do nosso quarto, nunca deixo de reparar no quarto e na capa vermelha do sofá, e em como é bonita.

(“O meu sentimento mais esperançoso é que quando desistes de tudo o pânico regressa, e então estás a fazer progressos. Mas ainda assim parece que só se aguenta até certo ponto: duas pessoas numa casa”, disse ela enigmaticamente. O que queria ela dizer com isso?, perguntei-me.

(Pausa prolongada.)

(“A juventude e a inocência deviam estar do nosso lado, lá em York Beach”, disse a Jane, “quando nos sentíamos tão mal. Todo o problema com os teus olhos acrescenta-se a tudo — mal consigo ver o que como, embora se puser os óculos de perto consiga... Quero ver se consigo ficar mais confortável. Depois tenho a sensação que te assusta ainda mais — que tens pavor do hospital, e no entanto tens medo de despedir o médico e mandar tudo às urtigas — devo estar a esconder coisas, percebes, porque estou prestes a chorar, porque pode chegar o momento em que já não aguentarias mais, e terias de o fazer — voltar ao hospital — passar por tudo de novo — então digo a mim própria que me desenrascaria outra vez, tal como milhões de pessoas...”

(“Podes ter uma sessão?” perguntei às 14h12.)

(“Não faço ideia. Se conseguisse apenas pousar a cabeça e relaxar ficaria tão aliviada — então talvez conseguisse passar para uma sessão.” A testa dela quase tocava na mesa. “Acho que depois da sessão de ontem à noite fiquei mais assustada. Passei um mau bocado ontem à noite — entrei em estados de sonho e alucinações a noite toda. Quando entraste [à 1h15] eu queria levantar-me, mas acreditei no que disseste, que tinha de me mexer um pouco... Comecei a falar com as pessoas que davam as notícias na TV [canal 13], e com a mãe da Chris [a qual a Jane nunca conheceu; a Chris Hover limpa a casa semana sim, semana não], e contigo e com outras pessoas. Mas sinto sempre as suas presenças, como se estivessem realmente ali...”

(Pausa prolongada. “Estou a começar a sentir-me um pouco melhor, mais leve do que estava, e às vezes nem sei onde estão as minhas mãos, da forma mais estranha. É difícil explicar.” Ela adormeceu.)

(“Queres ir deitar-te?”, perguntei. Ela não ia à casa de banho desde cerca das 7h30 da manhã.

(“Não quero ir deitar-me. Posso ter de ir à casa de banho, o que não quero fazer — e depois voltar aqui e ver o que consigo fazer, talvez ter uma sessão...”

(14h26. Levámo-la até ao penico, mas depois de ir à casa de banho não quis deitar-se. Levei-a de volta à sala, à mesa de jantar, em menos de 10 minutos. Ela adormeceu, a testa baixa quase a pousar nas mãos entrelaçadas sobre a mesa. “Estou bem”, disse.)

(Não pensei que fosse continuar sozinha ou fazer uma sessão. Contudo, a Jane parecia sentir-se melhor, e encontrava algum alívio em relaxar e derivar para estados de sono.)

SESSÃO APAGADA

10 DE NOVEMBRO DE 1982

(Estou a escrever estas notas como se fosse para uma sessão, mas não tenho ideia se uma sessão se vai desenvolver. Contudo, como posso registar no dia seguinte, uma sessão de facto aconteceu — por isso estou a saltar a dactilografia das sessões de 8 de novembro — a segunda desse dia — e de 9 de novembro, para passar diretamente a trabalhar nesta. Acho que tem coisas muito importantes para nós seguirmos.

(Hoje tive de ir à farmácia e às compras, em viagens separadas. Também estive uma hora a apanhar folhas e ajudei a Peggy, a nossa enfermeira, com a Jane. E essas atividades levam-nos ao cerne da sessão e dos acontecimentos de hoje.

(Novamente surgiu uma situação de crise. São agora 20h30. Por volta das 19h00, estávamos a jantar e a ver Buck Rogers na televisão, quando a Jane teve outro ataque de pânico. Este foi mais intenso. Demorei um pouco a perceber que se começava a manifestar sob a forma de alucinações ou desorientação. Logo depois de terminar a refeição, a Jane começou a divagar, a falar de rituais verbais impossíveis que tinha de executar antes de poder comer o gelado da sobremesa. Estes períodos contrastavam com breves momentos de lucidez: “Vou conseguir”, dizia ela — mas tais momentos eram uma minoria, em comparação com os delírios sobre a necessidade de realizar esses rituais antes de conseguir levar a cabo qualquer ato físico significativo como comer sobremesa. Não consigo realmente explicar o que disse; foi demasiado rápido e variado, e não tinha o caderno à mão. Tentava dar sentido a dados de percepção incomuns. A certa altura a Jane pensou que estava no penico do quarto, e começou a puxar a blusa para cima. Noutra altura pensou que estava no seu escritório de escrita enquanto eu lavava a loiça.

(Uma das minhas primeiras ideias foi que o momento temido tinha chegado — que, independentemente do que o Seth dizia ultimamente, ou do que a Jane e eu pensávamos sobre ela estar a melhorar, na realidade estava pior do que nunca. Imaginei-me a telefonar amanhã ao Dr. Kardon para internar a Jane no hospital — uma perspectiva que ambos de facto receávamos. Pensei que até a minha mulher seria forçada a concordar com tal decisão.

(O nosso tempo estava a esgotar-se. Se, como o Seth repetidamente disse ultimamente, a Jane estava a limpar a sua psique, temia que tivesse começado a tarefa tarde demais, mental e fisicamente. Como a Peggy J disse hoje, a Jane precisava de cuidados de enfermagem que nem ela nem eu podíamos prestar agora. Isso deixa apenas uma alternativa, e o meu pensamento e receio é que, se a Jane voltar ao hospital, as sessões terminam de vez. E quem sabe o que nos acontecerá para o resto das nossas vidas? De tais ingredientes são feitas as farsas cósmicas, pensei. Vê-se que estava a ter dificuldade em não cair no pessimismo profundo que experimentara há pouco tempo, e do qual aparentemente me tinha reerguido.

(Apenas ontem à noite a Jane ficou sentada na cadeira toda a noite — literalmente — deixando-me pô-la no penico por volta das 2h00. Fiz o mesmo às 7h00, e ela depois permaneceu sentada até a Peggy chegar às 14h00. As pernas estão inchadas como troncos de árvore devido ao líquido acumulado; os dedos dos pés parecem salsichas. Estou muito angustiado com tudo isto. Quando tive de mudar os pensos da sua parte de trás esta manhã, antes de a voltar a pôr na cadeira, vi que as feridas estavam piores do que nunca — de um vermelho irritado e agressivo — e a espalhar-se. Tal é o estado deplorável da minha mulher neste momento.

(A Peggy e eu tivemos algumas conversas rápidas esta tarde, sobre a condição da Jane, e antes de sair a Peggy falou com a Jane enquanto estávamos sentados à mesa de cartas. Posso ver que está horrorizada com o estado da minha mulher, e disse abertamente que já não lhe estava a fazer bem nenhum. Quer que eu telefone ao Dr. Kardon para vir cá a casa examinar a Jane, dizendo que devíamos isso à Dra. K., que não podia saber a gravidade dos sintomas da Jane neste momento. “Ela merece ser informada.” Claro. Disse à Peggy que ia pensar no assunto, e provavelmente tomaremos uma decisão este fim de semana. A única coisa que me impede neste momento são os últimos comentários do Seth sobre as

escaras desaparecerem automaticamente à medida que a Jane libertasse movimento interior. Pode ser puro desejo, pois não percebo como é que as feridas podem possivelmente curar-se sem ajuda externa — possivelmente até cirurgia de algum tipo.

(A Jane recusou-se a deitar-se esta manhã enquanto fui ao Gerould's, por isso tive de a tirar da cama, depois de mudar os pensos, em menos de 10 minutos. Enquanto escrevo esta noite, as pernas dela estão mais inchadas do que nunca. No entanto, foi ela própria quem teve primeiro a percepção esta noite de que o pânico se expressava através das suas desorientações e/ou alucinações. Um ponto muito importante, uma percepção criativa. Zangou-se comigo por um momento há pouco, quando insisti em saber se teria mesmo uma sessão esta noite: “Bob, estou a tentar o máximo que consigo. Disse que terias uma. Vais ter uma.” Mas logo a seguir voltou a alucinar. Há poucos minutos disse-me que precisava da sessão para se livrar do complexo ansiedade-alucinação.

(Fiquei surpreendido quando o Seth se manifestou abruptamente no momento em que terminei as notas acima. A voz da Jane estava boa, a cabeça baixa, olhos fechados; inclinava-se frequentemente para a esquerda. Estava prestes a anotar que a sessão era provavelmente uma última tentativa desesperada para aprender algo importante, para continuarmos por nós próprios, antes que o nosso mundo começasse a desmoronar-se.

(“Isto está quase a vencer-me”, disse à Peggy esta tarde, “depois de 15 anos.” Não queria dizer que não tivesse tido o meu próprio papel em tudo isto, pois obviamente tive. Expliquei à Peggy as nossas opções de seguro. Realcei, no entanto, que os desafios da Jane eram ainda sobretudo psicológicos, e que a sua “cura” residia nessa direção. Espero e confio devotamente que esta sessão marque o início de algo muito bom. Disse à Jane que exigia uma sessão, se fosse de todo possível.)

(“Mas Bob”, disse a Peggy, “não tens de aguentar tudo sozinho...”)

Ora bem: veremos o que conseguimos fazer com o que temos. (Óculos fora)

Antes de mais, a ansiedade sobe com o seu próprio ritmo (pausa), exprimindo neste momento os padrões ansiosos que estão por baixo, servindo tanto como mensagens da natureza do stress, como contendo também outro material mais profundo que, de certa forma, se acumulou. Não estão confortáveis. Organizem-se e eu voltarei.

(“Estou quase a cair da cama”, disse a Jane, voltando de imediato ao estado de desorientação. Na verdade, estava novamente inclinada para a esquerda na cadeira. (20h35.) Estes sentimentos de pânico ilustram de forma bela várias questões, e o Ruburt será capaz de lidar com elas. Façam uma breve pausa.

(20h36. Voz melhor, cabeça a mover-se para cima e para baixo, fazendo caretas e gesticulando durante a transmissão.)

O que ele precisa imediatamente neste momento — e que vocês já têm dado — são “pensos” de afeto genuíno, pois ajudam a apaziguar parte do pânico original da infância, que surge sob formas diferentes. Ele parece ter bem presente na mente, no entanto, que o momento de mudar é agora, e está determinado a fazê-lo. Parte do pânico antigo também se sente ameaçado, claro, e por isso manifesta-se em formas alteradas em diferentes momentos. Lembrem-se disto. Mais uma vez, façam uma breve pausa, e continuarei.

(“Sou eu... Só preciso de uma passa de cigarro, ou dos teus braços à minha volta, ou qualquer coisa. E dos meus óculos. Não confio em mim sem eles.”

(Fiquei satisfeito com a forma como a sessão estava a correr — e de facto espantado que a Jane conseguisse levá-la a cabo, dadas as circunstâncias. Ela não disse mais nada, apenas fumou. A televisão estava ligada, sem som. Os gatos dormiam junto à cama de água na sala de estar. O quarto estava iluminado por um brilho amarelo suave.

(“Está bem. Não sei o que quero dizer com está bem, mas acho que estou pronta.” (20h47.)

Esses primeiros sentimentos remontam à infância precoce do Ruburt. São as expressões finais e, no entanto, iniciais, desse pânico. Portanto, podem ser extremamente valiosos. Houve também, claro, o episódio de St. Vincent’s. Além disso, inúmeros pequenos abandonos quando o Ruburt era ainda mais novo — mas com a tua ajuda ele pode de facto limpar mente, corpo e espírito, pois sente esse alívio, e sabe que está pelo menos ao seu alcance.

Precisamos de um momento, contudo, mais uma vez, e voltaremos prontamente. (20h50. *“Preciso de levantar a cabeça”, disse a Jane. Tinha de facto estado a falar pelo Seth com a cabeça muito baixa. Ajudei-a com a mão: “Olha para mim...”*)

A sessão pode ir e vir, mas por um período razoavelmente longo — não tenho certeza, pois lidamos com a natureza da ação e da expressão. *(Longa pausa.)* Reafirma-lhe o teu amor novamente. Vê que a cabeça dele esteja bem erguida, e voltarei em breve.

(Mais uma vez ajudei a Jane a levantar a cabeça ao nível da minha e a recostar-se contra a almofada. Estava também a alucinar de novo, a perguntar se era seguro sentar-se e relaxar.)

Ele pode precisar de ajuda particular esta noite novamente, mas no que vos diz respeito a ambos, isto compensará largamente.

Algum choro natural é provavelmente muito mais saudável do que nenhum.

(“Eu. Não sei o que fazer. Só quero levantar a cabeça. Mas tenho medo...”

(“Estás a ir melhor”, disse eu. A Jane não conseguiu chorar, embora eu tivesse a sensação clara de que gostaria de o fazer.)

O choro pode ser muito eficaz, embora claro que não se deve exagerar. *(Longa pausa às 21h00.)* Voltarei em breve. Vê que a cabeça dele esteja bem levantada.

O assunto pode ser levado a cabo extremamente bem, em vosso benefício individual e conjunto, limpando bloqueios de energia de ambas as partes, para que as vossas vidas fiquem excecionalmente claras. Durante este período devem dar pequenas quantidades de comida ao Ruburt com frequência, e deve ser reforçada a sua capacidade em lidar com toda a situação, com a tua ajuda. A madrugada e o entardecer são ambos altamente importantes. Voltarei novamente dentro de momentos. Sigam em frente.

(“Sou eu.” Mas de imediato:)

A tua própria explicação dos acontecimentos, com base no nosso material, tal como compreendida por ti, será também agora de grande importância, quando a transmitires ao Ruburt durante momentos de inquietação. Façam uma pausa.

(21h07. A Jane continuava a falar pelo Seth, quase sempre com a cabeça baixa. Voz forte mas abafada, olhos geralmente fechados.

“Encontrei a tua cara”, disse então, olhando-me diretamente. “Queria manter a cabeça erguida — fazer algo, porque estou tão assustada.” Ajudei-a a recostar-se na almofada da cadeira.)

(21h10.) *Esta será uma ocasião inteiramente terapêutica, por isso tenham paciência comigo. Voltarei portanto muito em breve.*

(21h13. *“Tenho de olhar para ti...”*)

Ele precisa de se aliviar com algum choro. Que a ocasião seja tratada agora no seu devido lugar.

(21h14. *“Ele tem razão. Vou tentar... Quero chorar, mas preciso de ficar mais confortável.” Mudei a almofada atrás das costas dela, o que ajudou. “Sinto vontade de gritar”, disse a Jane, “mas isso assusta-me...” Acendi-lhe um cigarro. O momento tinha passado, pensei.*

(“Está tudo bem em gritar”, disse eu. “A ideia de o fazer assustaria qualquer pessoa.”)

(21h20. *“Vou ter de começar a chorar, ou fazer qualquer coisa... Não sei o que fazer. Espero que ele te tenha dado instruções.”*

(“Sim.”

(“Porque vou ter de me soltar ou fazer qualquer coisa rapidamente... Rapaz, estou mesmo assustada.”

(A Jane disse isto várias vezes. Esfreguei-lhe as costas na parte inferior da coluna. Estava muito agitada. Não tinha certeza se deixaria ou não as lágrimas virem. “Tenho de me desligar, como fiz na outra noite”, disse ela às 21h28. Não tinha a certeza do que queria dizer com isso. Mas parecia que agora ia tentar travar o choro, ou desviá-lo, neste momento. A carga, acumulada e/ou guardada desde a infância, devia ser terrível. Normalmente o choro magoava-me, mas agora, desta vez, queria mesmo que ela o deixasse vir.

(21h30. *“Vou ter de tentar algo diferente agora”, disse ela. “Tentar pensar em qualquer coisa... Tenho de me levantar um pouco — sei disso — mudar de posição ou qualquer coisa. Tu podes ajudar-me nisso.” Repetiu isto até eu me irritar: “Como diabo é que te vou ajudar a mudar de posição? Não te podes mexer.” Finalmente, puxei a almofada dela para trás na cadeira. Faço isto ocasionalmente. O movimento, menos de um centímetro, diria eu, alterou as relações físicas entre o corpo e a cadeira. A Jane ficou quieta, cabeça baixa, olhos fechados.*

(“Está bem — que alívio”, disse às 21h34.

(“Alívio?”

(“Eu digo-te”, respondeu. Normalmente isto significa que não me diz nada. “Podes fingir que me estás a levantar de manhã, ou qualquer coisa, por um minuto?”

(Levei-a na cadeira até à mesa de jantar, onde tomamos o pequeno-almoço e vemos televisão. “É uma boa ideia”, disse. Depois: “Vou fingir que me estou a levantar de manhã. Podes ligar a televisão um pouco?” Assim fiz — estava a dar Alec Guinness no excelente telefilme Smiley’s People, no canal 7. Mais uma vez achei que a Jane parecia prestes a querer chorar, mas o momento passou. Sentei-me então do lado oposto, e ela inclinou-se para longe de mim. “Tudo o que posso dizer é: faz de conta que me estás a levantar.”

(Não sabia realmente o que fazer por ela. “Se não conseguir, vou morrer”, explodiu a Jane. “E eu quero conseguir — não quero morrer...”

(21h46. Levei-a de volta à outra mesa. A televisão estava com o som alto. “Estou a esforçar-me tanto para voltar para lá”, disse a Jane, “de uma certa forma...”

(“Voltar para onde?”, perguntei. “Amo-te.” A sirene dos bombeiros locais começara a soar. (“Para onde tu estás”, disse ela enigmaticamente. Achei que podia estar prestes a explodir, mas em vez disso ficou finalmente com o rosto quase pousado sobre a mesa. Depois: “Estou segura aqui na cadeira, mas tenho de voltar para lá de alguma forma.” Referia-se a inclinar-se para a esquerda. Mas estava muito agitada. “Está bem, vou ver o que consigo fazer desta vez... Faço isto todas as manhãs — vou tentar fazê-lo agora”, disse, mexendo-se inquieta de um lado para o outro na cadeira. Cada vez mais estava preocupado com a ideia de a tirar dali e pô-la na cama, mas tinha receio de o mencionar ainda. Desliguei o som da televisão.)

(10h01. A Jane inclinou-se tanto para a esquerda na cadeira que tive de a segurar para que não desequilibrasse a cadeira. Continuava muito agitada. Pensei que a sessão provavelmente tinha terminado.

(10h06. “Tens de me ajudar de alguma maneira. Não me importa o que faças....” (Ela começara a repetir este refrão.) “Não sei do que raio estás a falar”, disse eu, algo frustrado e exasperado.

(10h15. Nessa altura, a minha mulher agitava-se de um lado para o outro na cadeira — não violentamente — dizendo-me repetidas vezes que eu tinha de a ajudar; sem dúvida parecia desorientada. “Não te incomodes a escrever agora”, disse, mas quando parei nada aconteceu — nem choro, nem sequer palavras. Desloquei a cadeira dela para o lugar onde eu me sentava à mesa de cartas, conforme me indicara. Um minuto depois levei-a de volta ao seu lugar habitual na mesa da sala de jantar, novamente como

pedira. Silêncio. O filme no canal 2 da televisão era um conto sangrento de jovens assassinados um a um por homens perversos, insanos, quase monstros, em sombrios bosques de verão.

(Pelas 23h já tinha mudado a Jane muitas vezes de posição na cadeira, de mesa em mesa. "Por favor, Bob, muda-me, muda-me, mas não me deixes tão longe no meio da sala, ali no centro..." Mas eu tinha de o fazer, expliquei, para garantir que as pernas da cadeira passavam pelas pernas da mesa. A Jane inclinava-se repetidamente muito para a esquerda, mas não chegava a cair. Muito gradualmente pareceu acalmar-se. Houve uns poucos gritos dirigidos a mim – muito poucos – que não registei, mas sem lágrimas.

(Os movimentos na cadeira tinham de representar algo em si mesmos – uma mudança de atitudes – o quê exatamente eu não sabia tão depressa. O medo da Jane de estar no meio do tapete, afastada de uma mesa onde se pudesse apoiar, podia também representar os seus medos de abandono, o abandono de velhas crenças e receios. Muitas vezes insistia que sabia o que me dizia, mas por vezes sentia que não, e até que parte do que dizia era como um sonho em voz alta. Achei, no entanto, que tudo aquilo era terapêutico.

(Podia ver que os pés dela estavam muito inchados por todas aquelas horas – mais de 36 – que passara na cadeira. Também as pernas inteiras; a pele estava esticada como a superfície de um tambor.

(23h15: Disse-lhe que em breve a levaria para o quarto. Não reagiu, como eu temia que fizesse, limitando-se a pedir que esperasse um pouco. Não que a sua resistência lhe fosse valer de grande coisa.

(Cinco minutos depois, no entanto, estava a contestar quando, em resposta à sua pergunta sobre se eu tinha alguma sugestão, repeti o meu objetivo de a levar para a cama. "Sim, tenho uma sugestão: que te levantes e dêes algum descanso ao teu pobre, pobre corpo", disse eu, com alguma veemência. "Não podes maltratar assim a casa onde vives – os teus pés e pernas estão terrivelmente inchados. Que direito tens de fazer isso ao teu corpo?" ("Estou preocupada em estar viva daqui a 15 minutos", disse ela após uma pausa. "Estou mesmo. Tenho medo. Por favor, não escrevas essas notas agora.")

(Mas as notas chegavam ao fim. Às 23h30 dei-lhe uma aspirina e um dos comprimidos para a dor que o Hal Williams lhe tinha enviado. A Jane aceitou-os passivamente. "Não tens de ir à casa de banho agora?"

perguntei. Ela acenou que sim. Levei-a com a cadeira até ao quarto. Tive alguma dificuldade em a pôr no computador, e depois na cama; metade das ligaduras ficaram soltas.

("E digo-te uma coisa", disse eu, "nunca mais vais ficar tantas horas sentada assim. Vais começar a ser mais gentil com o teu corpo a partir de agora. Nunca mais vais ficar sentada assim. Nunca."

(A Jane disse pouco. Estava encolhida quase como um feto sobre o lado esquerdo. Já passava da 1h quando me deitei. Às 3h fui vê-la. Às 6h chamou-me para a levantar, e despachei-me com as tarefas habituais da manhã para poder começar a datilografar este material. Deitei-a por volta das 11h30, e voltei a levantá-la ao meio-dia. Tinha deixado claro após o pequeno-almoço que ela devia deitar-se pelo menos um pouco todas as manhãs, bem como à tarde.

(Devo acrescentar que me identificava facilmente com os sentimentos de pânico da Jane. Em menor grau eu costumava senti-los quando ia de autocarro para o trabalho na Artistic Card Co. Às vezes, nessa viagem matinal, jurava que estava a ter um ataque cardíaco e que morreria a qualquer minuto – sensações muito desagradáveis e excelentes sinais de aviso. Nunca cheguei a consultar um médico.)

SESSÃO APAGADA

1 DE JANEIRO DE 1983,

SÁBADO, HOSPITAL DE ST. JOSÉ

Leva-a para casa o mais depressa que puderes. Faz os ajustes necessários adequados em termos de cuidados de enfermagem, mas no geral será muito melhor para benefício do Ruburt, e também teu, levá-lo para casa, com toda a rapidez possível. A vontade de viver fortalece-se mais no vosso próprio ambiente do que neste (hospitalar), e pode ser revivida de forma notável. Refresca-se no vosso lar. Não é tão impossível como parece, e deve ser feito prontamente.

("Não sei se isso foi o Seth ou não", disse a Jane em resposta à minha óbvia pergunta. Não soara como ele – apenas ela, a falar de forma algo hesitante e pouco clara deitada de costas na cama rígida do hospital, com o braço direito partido preso contra as costelas e o peito pela tipoia azul e branca. Uns momentos depois:)

Foi o mais perto que conseguimos chegar da recomendação do Seth.

O ambiente médico é altamente prejudicial neste momento. A ajuda necessária pode ser conseguida em casa, mas em qualquer caso a melhor solução está nessa direção imediata e nessa mudança necessária.

Mais ajuda está também mais prontamente disponível ali (em casa), devido ao estado de espírito e condição do Ruburt, e a situação não é tão impossível quanto parece – ou seja, a mudança não é tão irrazoável ou arbitrária como pode parecer. A rapidez é importante, e grande ajuda estará disponível lá.

De outro modo, estás no meio de um síndrome que pode levar bastante tempo a desfazer-se, e no ambiente do lar isso pode ser conseguido mais rapidamente do que parece – ou seja, este conselho não é tão arbitrário como pode parecer. Crê no teu amor... Daí a força está imediatamente disponível. Em suma, o conselho é levar o Ruburt para casa, fazendo os ajustes recomendados. Apesar das aparências, as melhores possibilidades estão nessa direção, e em breve notar-se-ão melhorias.

(Fim às 14h.

(Posso ter perdido uma ou duas palavras no último parágrafo, mas é irrelevante.)

SESSÃO APAGADA

2 DE JANEIRO DE 1983, 16h10, HOSPITAL DE ST. JOSÉ

(Esta pequena sessão surgiu da mesma forma que a de ontem, e nela a Jane – "Seth"? – respondeu a uma das questões principais que eu tinha em mente. Pretendo fazer à Jane uma série de perguntas como esta, e as respostas, ou as suas percepções, determinarão o sucesso de qualquer projeto que envolva o seu regresso a casa. A pergunta de hoje era simples, mas eu queria saber o que seria diferente em casa quando ela voltasse desta vez, em comparação com a situação antes de ir para o hospital. Se não houvesse algumas diferenças vitais, acabaríamos a repetir este cenário vezes sem conta...

(Ver as minhas notas hospitalares de hoje para detalhes sobre a conversa com o Fred Kardon aqui em casa esta manhã. As perspectivas para o regresso da Jane a casa parecem melhores do que eu ousara esperar ontem.

(Outra vez, a Jane falou por si, presumo eu, com a assistência do Seth. Estranho perceber que nestas sessões hospitalares ela estava a dar

material em transe deitada – algo que recordo de a ter visto fazer apenas uma ou duas vezes em todos os anos anteriores.)

Há muitas moradas. Leva o Ruburt para casa. É uma morada da maior importância. Com o que aprendeu, pode aproveitar muitas coisas que antes não podia, mas a base de operações deve ser em casa, onde certamente o seu ânimo será muito mais facilmente mantido e sustentado. Estas são recomendações já dadas ontem, claro, mas as suas qualidades vitais podem agora ser aproveitadas. Que o coração se encha de tr___ (*não consigo ler esta palavra nas notas*) agora, sabendo que a sua base pode ser mais refrescante, e que o seu ânimo pode ser revivido com muito mais facilidade através das recomendações que foram dadas.

Assim também o teu próprio ânimo será revivido, como que por magia, sabendo que o fundamento do amor dos vossos corações repousa onde deve. É tudo.

("Está bem."

(Logo de seguida:)

Não há, no entanto, nada a temer, e saber isto dá-te também grande salvação e renovação. Mas regressa a casa, onde o espírito encontra sempre o seu maior amparo. É tudo.

(Claro que o conselho para levar a Jane para casa era exatamente o que ela própria queria, por isso pode dizer-se, um pouco cruamente, que estava apenas a dizer aquilo que conscientemente desejava. Tive a sensação, quando ela pronunciou aquelas primeiras palavras esta noite, de que constituíam uma mistura dos seus próprios desejos conscientes com os da personalidade em transe, seja qual for o “estatuto” que esta venha a revelar ter.)

(Gostaria também de notar que é muito bonito “ela” proclamar que não temos nada a temer. Na verdade, concordo com essa afirmação, mas também tenho plena consciência da minha própria humanidade e das inúmeras armadilhas, reais e imaginadas, que se podem interpor entre o meu desempenho e sentir como indivíduo e esse estado maior onde não há nada a temer. Veremos como os dois trabalham juntos para resolver o desafio – se o resolvermos. Percebo que o seu desempenho exigirá de mim invocar um tipo de coragem, desprezo e ousadia que, normalmente, preferiria ignorar no quotidiano....)

SESSÃO APAGADA

3 DE JANEIRO DE 1983, 18h45, HOSPITAL DE ST. JOSÉ

(Ver as minhas notas hospitalares para os acontecimentos que antecederam esta pequena sessão. Estava prestes a sair quando ela surgiu. Hoje o Ken Wrigley ecoou os sentimentos do Fred Kardon relativamente ao regresso da Jane a casa – a favor, para minha surpresa e também da Jane. O mesmo com o Dr. Sonsire. Há mais envolvido, incluindo o rápido funcionamento do Quadro 2.

(Resumidamente: esta tarde a Jane tinha-me dito que “alguém” iria falar para ela e por ela como se fosse “uma criança”. Não tinha nome, nem foi mais específica do que isso. Já tinha guardado todo o material de escrita quando ela disse às 18h44: “Bob, acho que consigo obter algo, se quiseres anotar... Acho que vou simplesmente dizer o que conseguir....”

(A bandeja do jantar estava sobre a mesa da cama, por isso, depois de preparar o bloco e a caneta, apoiei-me na bandeja e escrevi assim:)

A criança é parte do universo amoroso, o seu nome aí escrito para sempre, onde todas as personalidades têm a sua doce liberdade. Pois, sendo parte do todo, estão seguras, amadas e protegidas. Assim também esta (Jane) está a aprender, e assim a mensagem começa finalmente a brilhar por si mesma.

(“Acho que é tudo”, disse a Jane às 18h49. Depois: “Espera um minuto.”)

Aí, as tuas decisões florescem, sendo parte de Tudo O Que Existe, contido em todas as suas fases maravilhosas. As tuas decisões agora são como flores em botão que se abrem.

(18h50. “É tudo.” A Jane falara com mais ênfase do que nas duas primeiras sessões desta série. Também lhe exigira muito mais esforço. Não sabia se tinha sido o Seth a manifestar-se. “Não me parece. Não sei o que foi. Espera um minuto–”)

A energia do Seth ajuda a encher as tuas velas e, nesses termos, encoraja-te a seguir nas direções adequadas. A sua energia está disponível (pausa), e as portas da sua grande casa mental estão abertas, à espera da tua entrada. Ele envia o seu convite e a garantia de que os teus caminhos são seguros.

(“É tudo, penso eu”, disse a Jane. “Fiz o melhor que pude.” Mais uma vez falara com o que parecia ser considerável esforço, deitada de costas, a cabeça apoiada em várias almofadas, o braço direito envolto de

perto na tipoia de lona azul e branca que o mantinha preso ao lado e sobre a parte inferior do peito. Mais uma vez fiquei espantado por ela conseguir funcionar assim nessas condições. Fizera várias pausas, como se reunisse esforço ou força para as palavras seguintes. Mas a voz estivera consideravelmente mais forte do que nas ocasiões anteriores. (“Diz-me quando tiveres indícios de que parte está a falar”, disse eu. (“Está bem. Diria que isso foi o mais próximo do Seth que estive. Não tenho a certeza.”) (Nota-se a ambiguidade desta noite sobre quem ou o quê se estava a manifestar. Primeiro não era o Seth, depois quase era....)

(No entanto, por breve que fosse, esta sessão pode refletir um avanço significativo da parte da Jane – sobretudo se se considerarem as implicações do primeiro parágrafo da sessão. Pois se a Jane está finalmente a aprender a mensagem de liberdade e proteção no mundo e em Tudo O Que Existe, ainda pode ser salva, e recuperar....)

SESSÃO APAGADA

9 DE JANEIRO DE 1983, 16h09, HOSPITAL DE ST. JOSÉ

(Esta sessão surgiu dois dias antes de eu participar numa reunião com médicos, enfermeiros e outro pessoal às 11h de terça-feira, para discutir os preparativos para o regresso da Jane a casa. Não sei exatamente quando acontecerá, mas quando esta sessão se realizou ela já sabia que estava planeado voltar a casa.)

O conselho é o mesmo. Levem a criança para casa com o mínimo de demora possível, pois então as bandeiras (pausa) hão de erguer-se em nova formação – mais livres, mais fáceis e mais próximas das vias da natureza. Adiem o menos possível.

(“Acho que é tudo, Bob”, disse a Jane. “Limitei-me a tentar dizer o que estava lá....”

(“Está bem.” 16h10. A voz da Jane tinha estado um pouco mais forte na sua entrega. Acho bastante óbvio que, apesar de já saber de antemão, uma certa parte dela não quer quaisquer demoras. Essa parte é simplesmente impaciente, e talvez desconfiada do ritmo de caracol a que parecemos andar, ou então nem sequer sabe que o regresso a casa é iminente. Se for o primeiro caso, essa parte saberia que quanto mais depressa tirarmos o organismo do ambiente hospitalar, mais depressa pode começar uma cura verdadeira. Veremos....)

(Nota acrescentada mais tarde: As sessões entre a acima e a seguinte não contêm material do Seth, mas sim sessões em que a Jane recebia material de fôlego de livro e de visão do mundo sobre o artista Rembrandt. O seu Rembrandt é o seu grande e mais bem-vindo presente para mim, e deixa-me verdadeiramente humilde. O livro será publicado pela New Awareness Network. Embora o tenha editado, mal posso esperar para o ver publicado!)

SESSÃO APAGADA

9 DE OUTUBRO DE 1983

(Esta é a primeira sessão de Seth que a Jane realizou desde a sessão privada de 10 de novembro de 1982: onze meses.

(Nesta noite estava nua, deitada de costas na cama do quarto 330 do hospital de St. José. Tinha referido estar a tentar fazer uma sessão nos últimos dois dias, depois de eu lhe ter falado disso brevemente recentemente, de acordo com o nosso acordo de ver se conseguiria fazer sessões de Seth no hospital. Muitos dos detalhes que rodeiam estas sessões podem ser encontrados nas minhas notas privadas diárias, por isso não precisamos deles aqui.

(Nessa noite, à hora da sessão, o pequeno televisor no braço giratório estava ligado, em frente ao joelho esquerdo da Jane. A perna direita partida [logo acima do joelho] apoiava-se na perna esquerda. A imagem do televisor estava ligada mas o som desligado. A Jane acabara de fumar um cigarro. Na verdade, pensei, era quase o momento ideal para tentar uma sessão no hospital, porque depois do jantar dificilmente seria incomodada pelo pessoal durante algum tempo.

(Quase assim que disse que tentaria uma sessão curta, começou logo. Só tive tempo de escrever a hora no bloco. A sua voz de Seth estava um pouco mais grave do que a sua voz habitual, mas não era alta, e tinha a certeza de que ninguém notaria nada de invulgar em termos sonoros no corredor, fora da porta fechada do quarto 330. Os olhos da Jane mantiveram-se abertos, mas fez poucas pausas longas.)

Ora bem—

(“Boa noite. Seth”, disse eu, quase surpreendido.)

—Boa noite. Estou a falar apenas para que saibas que o caminho (“É um prazer.”) está livre.

Falarei de questões mais profundas noutra ocasião, mas espero que tenhamos uma sessão antes de passar muito tempo.

(*Pausa.*) Dou-vos a minha bênção como sempre, e quero tranquilizar-vos, dizendo de novo que todas as questões são redimidas, e que quaisquer falhanços parecem, afinal, apenas passos no caminho, vistos como falhanço apenas porque pareciam carecer da luz das vossas próprias expetativas.

Estou satisfeito com a forma como decidiste terminar o nosso último livro. Quis deixar isso claro.

(*“Tive muitas dúvidas.”*)

É por isso que falo disso esta noite. Também ajudarei o Ruburt de todas as formas que puder. Esta breve sessão é por si só um avanço, e mostrará excelentes resultados de muitas maneiras diferentes.

As vossas capacidades criativas conjuntas também devem ser mais despertadas devido a esta sessão, de modo a que tenham mais avanços intuitivos, sozinhos e em conjunto, que vos beneficiarão muito de várias formas.

(*Pausa.*) Não imagino que voltemos a passar tanto tempo entre sessões, e falo por isso para vos assegurar de que continuo presente. Que o Ruburt faça uma pausa para fumar, e depois talvez fale novamente por um curto período – mas se não, não desanimes, pois em qualquer caso esta sessão marca um novo começo.

(*19h06. “Ótimo”, disse eu, quando a Jane saiu rapidamente do transe. Estávamos ambos satisfeitos – encantados. A Jane suspirou de alívio. Dei-lhe um cigarro. “Eu sei que é algo bom”, disse ela. “Com certeza não é algo mau....” Depois de falarmos um pouco perguntou: “Gostas da nossa casa?”*

(*“Gosto muito”, disse eu. “Embora não seja divertido estar lá sozinho.” Acabou por dizer que não se importava de mudar, algo que já mencionara antes, há algum tempo. Disse-lhe que qualquer lugar estava bem para mim, desde que estivéssemos juntos, a trabalhar como queríamos. Até 1730 Pinnacle Road, em Elmira, Nova Iorque. Ela concordou com isso.*)

(*Enquanto conversávamos, ocorreu um desenvolvimento muito interessante: a Peggy e o Bill Gallagher visitaram-nos às 19h10. A Peggy trouxe-me pão de milho caseiro. A visita deles era muito invulgar à noite, e não víamos o Bill no hospital há meses. Saíram após a troca da habitual conversa de visita hospitalar, às 19h36.*

(“Bem, isso há de significar alguma coisa”, dissemos ambos mais do que uma vez. Era demasiado: a Peg e o Bill aparecerem assim durante uma pausa na primeira sessão de Seth que tínhamos feito em quase um ano. Ao mesmo tempo, temi que a excitação da visita interferisse com a continuação da sessão pela Jane. Esperámos para ver se o Seth voltava – e voltou, em menos de um minuto.

(“Acho que vai haver mais um pouco”, disse a Jane.)

Os vossos amigos simplesmente sentiram a ocasião à sua maneira, pois os quatro mantêm-se em comunicação psíquica. Sentiram simplesmente que um novo começo estava prestes a acontecer, e foram atraídos aqui por essa razão.

Dado que tiveram uma noite bastante ocupada–

(“Estou bem.”)

–ia dizer que terminaria a sessão.

(“Força: diz mais, se quiseres.”)

O meu propósito esta noite era apenas assegurar-vos da minha presença e, em particular, tranquilizar o Ruburt de que as sessões poderiam continuar sempre que ele estivesse disposto.

Despeço-me por esta noite – e embora a sessão tenha terminado, não terminou ao mesmo tempo. Continuará à sua maneira, e espero ter outra sessão quando vos for conveniente.

Desejo-vos então uma boa noite, afetuosa e solidária.

(“Boa noite, Seth. Muito obrigado.”)

(A voz da Jane tinha sido a mesma de antes: mais grave, mas não alta; senti boa energia nela, disse-lhe.

(Ficámos ambos mais do que satisfeitos. “Estou radiante”, disse eu. “Acho que isto – a sessão – significa o início de uma melhoria drástica.”

(“Espero bem que sim”, disse a Jane, e mesmo enquanto falávamos começou a esticar ambos os braços, para a frente e para trás, mais do que eu a vira fazer em meses. Parecia realmente estranho ver os membros da minha mulher moverem-se assim, quando eu já estava tão habituado a vê-la segurá-los junto do corpo e do peito.

(“Sim, isso deve significar alguma coisa, querida”, disse eu. “Está a abrir mais comunicação, por isso só pode ajudar.”

(A Jane disse que a sessão “soube bem” enquanto a fazia. Não tinha a certeza de que o Seth voltasse depois da saída dos Gallaghers. Da minha parte, senti um ressurgimento claro de esperança enquanto arrumava as

minhas coisas depois da sessão, e conversávamos enquanto eu me preparava para ir jantar a casa. Não pude deixar de me sentir melhor.

(Às 19h52 virei a Jane para o lado esquerdo, li-lhe a oração depois de a ter deixado confortável (?), abri um pouco a janela e ajustei a televisão. Saí às 20h15. (Coisas boas vêm a caminho.)

(Uma nota acrescentada na manhã seguinte: Fiquei especialmente satisfeito por ouvir o Seth falar de redenção, pois esse é um dos temas principais que tentei explorar nos ensaios para Dreams – redenção a muitos níveis, mesmo que não consigamos compreender o que se passa em vários desses níveis. Mas cada vez mais, desde que ele deu aquela sessão, há já algum tempo, sobre redenção, tenho vindo a acreditar que a própria ideia ou tema da redenção pode ser o principal caminho que seguimos na vida física.)

SESSÃO APAGADA

12 DE OUTUBRO DE 1983

(Não é preciso entrar em todos os acontecimentos que hoje pareceram convergir – sobretudo esta manhã – pois estão todos registados. Basta anotar que no correio de ontem à noite encontrei medicamentos prescritos pelo Dr. Blount, para minha completa surpresa; também encontrei uma carta da Arthritis Foundation, na qual o Dr. MacDuffie expressava a sua total oposição ao tratamento do Dr. Blount para artrite reumatoide. Depois, esta manhã, o Dr. Tihansky telefonou-me de Schuylkill Haven, PA, a oferecer as suas sugestões sensatas para os cuidados da Jane. Todos estes acontecimentos seguiram-se à avalanche de cartas que tenho enviado, a tentar descobrir algo, algum tratamento, alguma poção mágica ou verdade ou crença que pudesse ajudar a minha mulher no seu tempo de grande necessidade. Até o Frank Longwell telefonou esta manhã, querendo saber se eu já tinha tido resposta de algum médico. De facto. Todos estes eventos a acontecerem em apenas algumas horas era realmente mais do que uma “coincidência”, pensei. Tive a certeza disso. relatei todo o assunto à Jane esta tarde, depois de ela ter terminado o almoço, e expressei a minha sincera esperança de que “uma certa entidade” pudesse ter comentários pertinentes sobre tudo isto.

(Disse à Jane que a variedade de opiniões que tínhamos recebido sobre o tratamento antiamebiano nos deixava suspensos no limbo no que

tocava a saber o que fazer. Não acho que tenha coragem de lhe dar medicamentos prescritos às escondidas, no hospital, como o Dr. Blount sugerira. Continuei espantado com isso, especialmente, disse eu à Jane, quando se consideravam todas as formas pelas quais um médico se podia meter em sarilhos ao defender tal comportamento secreto. Ela concordou. Esta opinião de ambos, no entanto, não significava necessariamente que tivéssemos rejeitado totalmente a ideia de experimentar esses medicamentos...

(Virei a Jane para o lado esquerdo, almofada entre os joelhos, às 16h10. Toda a tarde se queixara de que não estava a fazer nada: nem Seven, nem sessão... Estava bastante desconfortável de lado, enquanto eu tentava ajudá-la a relaxar. Disse-lhe que estava prestes a fazer uma sesta, já que se aproximava a hora da bandeja do jantar, entre as 16h45 e as 17h00.

(Incentivei-a a tentar uma sessão. Finalmente decidiu fumar um cigarro deitada de lado. Alguma decisão de tentar tinha sido tomada. “Sinto-o mais por perto, como se pudéssemos ter uma sessão afinal, sabes?” disse ela por fim. Seria a sua primeira sessão de lado, a segunda no hospital. Eu ainda sentia a esperança gerada pela primeira sessão, a 9 de outubro, e queria manter esse impulso vivo.

(Quando a Jane entrou em transe, a sua voz de Seth estava novamente mais grave do que a voz habitual, mas não era de modo algum alta a ponto de atrair atenção. Não fomos interrompidos. Os olhos dela permaneceram abertos. Eu sentei-me ao lado, bloco e papel no colo. O sistema funcionou bem.)

Ora bem—

(“Boa tarde, Seth.”)

—Boa tarde. Vamos de facto começar uma série de sessões, embora possam ser mais breves do que as habituais.

É melhor, se possível, que o Ruburt esteja de costas, mas isto é suficiente por agora. As respostas, como sabes, não estão nos medicamentos, embora alguns, como a vossa aspirina, possam ser úteis às vezes devido à vossa crença no seu valor.

O Ruburt, por muitas razões, como já disse, hipnotizou-se a si mesmo na condição física em que se encontra atualmente. A condição é, naturalmente, sempre reversível. A ideia de brincadeira criativa, por mais fútil que às vezes possa parecer, é excelente, e pode ser usada de novo

quando ambos se lembrarem de afirmar os vossos eus criativos e lúdicos. E de os pôr ao vosso serviço.

(Pausa.) Deixem o Ruburt fazer uma breve pausa, e continuaremos. *(17h00. Disse à Jane que tinha estado bem para uma primeira sessão de lado, enquanto lhe acendia um cigarro. Até então, sem interrupções.*

“Como é que uma pessoa se des-hipnotiza a si própria?”, perguntei. “É disso que ele está a falar.”

(“Não sei”, disse ela. A Jane deu apenas algumas passas quando me disse para apagar o cigarro. Retomámos às 17h04.)

Agora: Continuem, sem dúvida, com a oração, como têm feito, pois tem tido um valor certo. O simples facto das sessões em si será benéfico, e eu próprio estabelecerei um ritmo para elas que seja o mais vantajoso. Por agora, novamente, quero assegurar-vos de que o Ruburt pode de facto melhorar – e drasticamente.

(Longa pausa.) Ele tem de facto feito o suficiente, tendo em conta as sugestões negativas de uma instituição como um hospital. Não posso, obviamente, dar-vos todo o material que gostariam de uma só vez, e, na verdade, volto a dizer, é o simples facto das sessões em si que também servirá como processo de cura. Esse processo, então, já começou, e continuará.

Por agora, despeço-me com uma boa noite afetuosa.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podem sim.

(“Devo simplesmente esquecer os medicamentos?”)

A ideia dos medicamentos foi útil, na medida em que iniciou a ideia de que a melhoria era possível. Serviu então uma capacidade criativa e benéfica. Essa era a questão importante, reacendendo a vossa própria esperança, por isso o assunto não foi em vão.

Mais uma vez, despeço-me com uma boa noite afetuosa – e, à sua maneira, esta sessão continuará noutros níveis para ambos.

(“Muito obrigado, Seth.”)

(“Ainda bem que o fiz”, disse a Jane assim que saiu do transe, “mesmo que tenha sido muito curto. Obrigada por me teres encorajado a fazê-lo.”)

(Expliquei à Jane o quanto apreciava a perspicácia do Seth em relação aos medicamentos. Incrivelmente simples, e uma verdade pela qual temos andado a apalpar, disse eu. Mostrava o quanto continuávamos

prisioneiros do sistema: um comprimido como remédio... Ao mesmo tempo, já tinha dito mais cedo nesse dia que qualquer verdadeira saída do nosso dilema teria de vir de dentro. Agora era óbvio que a viagem envolvida, até tortuosa, em torno dos medicamentos era uma forma de chegar a essa verdade interior, simples mas profunda. Tudo o que tínhamos de fazer era vê-la.

(Enquanto falávamos, o Seth voltou muito brevemente:)

Devo acrescentar que a decisão do Ruburt de continuar a comer de maneira normal foi excelente, e a condição está a ser remediada nesse aspeto. Mais uma vez, uma boa noite afetuosa.

(A bandeja do jantar ainda não tinha chegado. Dei por mim a pensar em hipnotizar eu próprio a Jane, como parte do processo de “des-hipnose” que tinha mencionado antes. Jane, avisa-me. Mais uma vez, senti esperança.)

SESSÃO APAGADA

13 DE OUTUBRO DE 1983

(Às 14h45 a Jane tentou ler a sessão dactilografada de ontem, mas não conseguiu, apesar dos esforços. Fiquei perturbado, a pensar que se ela não conseguisse ler seria uma grande desvantagem, especialmente agora que tínhamos retomado as sessões. Pedi-me que lhe lesse a sessão, dizendo que mais tarde voltaria a tentar.

(No entanto, conseguia rodar os braços, uma mão a circular sobre a outra por cima da barriga, de uma maneira que não conseguira fazer havia literalmente meses – talvez anos – certamente desde que começara a entrar em hospitais. Fê-lo até melhor do que ontem, movendo as mãos e antebraços em torno um do outro bastante rapidamente. Este foi um desenvolvimento muito encorajador, e evidentemente relacionado diretamente com o início das sessões, e com os nossos processos de aprendizagem e de cura.

(Ao mesmo tempo, fiquei desanimado com a questão da leitura, embora sentisse que estava ligada aos problemas da perna direita da Jane – a fratura e a drenagem. Disse-me hoje, quando cheguei ao meio-dia, que uma segunda fístula de drenagem se abrira na ferida da perna, por baixo, e que também drenava. Notei um penso diferente na perna dela. Esperei

que a segunda abertura fosse um esforço do corpo para acelerar o processo de cura, e disse-lho.

(A Jane também descrevera alguns sonhos excelentes, muito positivos, que tivera na noite anterior, contendo situações claras em que caminhava normalmente. Eu aparecia neles. Interpretei os sonhos como um ótimo sinal. Se o Seth surgisse, disse, gostaria que comentasse as dificuldades de leitura dela, os sonhos e as duas feridas na perna.

(A Jane também disse que gostava da minha palavra “des-hipnose”, que eu tinha mencionado na sessão anterior. Expliquei-lhe o que queria dizer com isso. Também revi com ela as duas sessões anteriores deste novo conjunto. A alimentação dela melhorara bastante desde que as sessões tinham começado, embora eu já tivesse notado sinais disso antes. Finalmente conseguiu ler partes da sessão de ontem, à segunda tentativa. E durante todo o tempo continuou a rodar os braços, como num jogo de crianças. A flexibilidade das articulações dos ombros era especialmente notória – moviam-se como se fossem de borracha, disse-lhe eu, e ela concordou que se sentiam bem a fazer aquilo.

(Apesar de ter dito que queria tentar uma sessão mais tarde, ao começar a Jane apanhou-me de surpresa. Estava nua, deitada de costas, acabara de fumar um cigarro. A sua voz de Seth não era alta, mas tinha muita energia serena e um tom mais grave, que eu sentia de forma bastante nítida. Não tivemos interrupções até à primeira pausa.)

Ora bem.

(“Boa tarde.” Apressei-me a pegar no bloco e na caneta.)

Boa tarde. O Ruburt tem tido, em certa medida, medo da esperança, por receio de ser desiludido.

Ora, esse tipo de raciocínio pertence à linha oficial da consciência. *(Pausa.)* Esse tipo de raciocínio diz que, deixada por si só, qualquer condição piorará. Pode dizer-se, contudo, que o contrário é verdade. Há milhões de casos em que o corpo se curou a si mesmo, e em que um indivíduo passou por uma doença e saiu dela sem consciência da situação. Quando se tem medo, bloqueiam-se possibilidades. Em vez disso, o Ruburt deve abrir-se a possibilidades benéficas, e esta sessão ajudará nesse sentido.

O seu apetite melhorou, e está a assimilar melhor o alimento do que antes. A questão dos olhos faz parte da condição global, e responderá em

conformidade. Diz-lhe que pode realmente ver claramente o seu caminho *(com intensidade)*.

Dêem-nos um momento. Podemos voltar brevemente, mas se não, não se desencorajem. Estou a procurar o melhor ritmo para as sessões.

(“Está bem.”)

(Mal fiz os comentários sobre não nos preocuparmos com interrupções durante uma sessão de Seth, aconteceu: começaram as visitas de rotina para os sinais vitais da Jane – gotas para os olhos, temperatura, pulso, tensão arterial [120 sobre 70], feitas pela LuAnn, Carol e Lorrie. A Jane fumou um cigarro enquanto o pessoal entrava e saía. Estavam muito ocupados; ninguém se demorou. Disse à Jane que, se alguma vez fôssemos interrompidos durante uma sessão, não se preocupasse, pois eu não achava que ninguém perceberia o que estava a acontecer. Ela concordou. Especialmente os óculos ajudariam a disfarçar quaisquer alterações visuais durante o transe. A Jane concordou. Retomámos às 16h21.)

Ora bem: O Ruburt deve lembrar-se de que tem bom sangue – assim negando a afirmação da mãe de que o pai tinha sangue fraco –

(Mal fiz os comentários sobre interrupções, aconteceu: a Carol bateu à porta e entrou. A Jane parou facilmente a meio da fala. A Carol trazia uma placa com o nome da minha mulher. Cada paciente deve ter uma, segundo os inspetores do Estado de Nova Iorque que estavam essa semana no hospital.

(A Carol deixou a porta do 330 entreaberta ao sair, deixando entrar mais ruído do corredor. Mas a Jane pediu-me para lhe ler a última frase do Seth, e depois voltou ao transe.)

–e também ele (Jane).

A drenagem adicional é benéfica. O corpo está a livrar-se de “venenos”, e essa drenagem é benéfica.

Mais uma vez, lembra ao Ruburt que diga de vez em quando a si próprio que pode ver claramente, que pode ver o seu caminho claramente, sabendo que o eu interior tem a visão mais nítida, e que essa visão pode ser recriada fisicamente.

A razão pela qual o Ruburt tem estado desconfortável após as sessões até agora deve-se, novamente, ao facto de ter medo da esperança – mas a esperança é, de facto, um caminho para a liberdade. (Pausa.) É tudo por agora, e despeço-me com uma boa tarde muito afetuosa...

(“Posso fazer uma perguntinha?”)

Podes sim.

(“E quanto ao sonho de ontem à noite, em que ele estava a andar?”)

Esses sonhos reativam a memória consciente do Ruburt de andar normalmente, e também servem para reanimar nervos e músculos que estão ligados à marcha normal. O sonho ajuda a abrir a porta a probabilidades. E então – e mais uma vez, esta sessão continuará noutros níveis.

(“Muito obrigado.”)

(Estava na hora de virar a Jane para o lado esquerdo, de frente para a janela. Ela quis que eu lhe lesse a sessão mais tarde.

(Das minhas próprias notas, à medida que a tarde avançava: O material do Seth sobre os sonhos da Jane foi exatamente o que eu esperava – outro sinal de que o corpo dela está a despertar, e que sabe o que fazer e como fazer. Senti-me ótimo por estarmos a fazer progressos tão claros. “Se desta vez tiver melhorias, nunca mais as deixo escapar como costumava fazer”, disse a Jane veementemente.

(Jantámos depois de eu fazer uma sesta. As melhorias dela mantiveram-se de forma bastante espetacular, pois depois do jantar conseguiu rodar e flexionar os braços e ombros ainda melhor do que antes. Mais uma vez, era realmente estranho ver a minha mulher capaz de mover o corpo de uma forma tão livre. Cada vez que rodava os braços esta tarde, fazia-o melhor do que da vez anterior, disse-lhe eu. Tentei encorajá-la o mais que pude. Senti vagas de esperança, e percebia que ela também estava satisfeita.

(“Mas não te incomodes a contar nada disto a ninguém – médicos ou quem quer que seja”, disse eu. Estava a tentar evitar tanto desilusões como confrontos desnecessários. Se as mudanças dela continuassem, em breve tornar-se-iam óbvias para todos. Seria interessante acompanhar esse percurso de desenvolvimento, comentei. Mal podia esperar. A minha fé nas capacidades inatas do corpo foi reforçada. Tinha mil perguntas e coisas para dizer – mas tudo a seu tempo. “Pergunto-me o que teremos para mostrar amanhã?”, disse eu à Jane enquanto me preparava para sair.

(Li-lhe a oração às 19h05, depois de lhe ler a sessão de hoje, e o inevitável aconteceu, pensei ao descer o corredor: o Seth fora interrompido e nada se passara. Tal como com o Rembrandt. No hospital suportamos circunstâncias que nunca sequer teríamos considerado em casa.)

SESSÃO APAGADA

14 DE OUTUBRO DE 1983

(Nem precisei de perguntar à Jane se queria uma sessão. Mais uma vez tive de me apressar apegar no bloco e na caneta quando ela disse que estava pronta. Nua, deitada de costas.)

Agora—

(“Boa tarde.”)

—Desejo-vos uma boa tarde afetuosa.

As melhorias nos braços do Ruburt são sinal da resposta do corpo após o despertar da esperança e da fé.

Outras melhorias estão a acontecer e em breve se manifestarão. *(Pausa.)* A mente deve libertar-se do fardo do medo, e isso pode ser conseguido seguindo as sugestões que já dei e que darei. Tendes toda a razão em não dizer nada *(aos outros)*, mas guardai para vós próprios.

(Pausa.) O corpo já iniciou o seu processo de renovação, que sempre esteve presente, apenas abrandado, ou momentaneamente suspenso. Essa energia de cura foi agora acelerada. Funciona em grande medida independentemente do tempo normal. Por isso, algumas melhorias podem surgir com grande rapidez.

Os sonhos do Ruburt da noite passada também foram altamente benéficos. Não importa que se lembre tão pouco deles.

Façam uma pausa, e posso ou não regressar — mas em qualquer caso, mais uma vez, a sessão continua a outros níveis.

(“Está bem.”)

(Não tivemos interrupções. A voz de Seth da Jane tinha estado outra vez um pouco mais forte e grave, mas nunca suficientemente alta para chamar atenção. Disse à Jane algo que já queria mencionar — que seria ótimo se ela conseguisse virar-se na cama sozinha. Isso dar-lhe-ia muito mais liberdade à medida que o corpo se curava. E por que não?, disse eu. Se os braços podem fazer o que estão a fazer, não há razão para que tais melhorias não surjam também nas pernas. Retomámos às 15h55.)

Ora bem: Muito resumidamente, quero felicitar o Ruburt pelo livro sobre Rembrandt, e tranquilizá-lo de que essa mesma energia criativa está a curar o seu corpo tão seguramente como escreveu livros. Nada impede que esse tipo de energia fique apenas num compartimento. Que ele compreenda isso (enfaticamente), e a energia de cura pode circular mais livremente pelo corpo físico — com resultados tão espantosos como os seus livros!

Por agora, despeço-me com uma boa tarde afetuosa. Posso ou não regressar, conforme os ritmos de que vos falei.

(“Obrigado.”

(O Seth não regressou. Mas para uma sessão de apenas 11 minutos, ele transmitiu muito. Fiz questão de deixar claro à Jane o quanto apreciava estas sessões, e os próprios processos de cura física dela.

(Acrescento que a observação do Seth sobre usar a mesma energia para curar que ela usara para produzir o Rembrandt era outro excelente exemplo de percepções óbvias – uma vez que se estivesse consciente delas. “Pode ser que a tua cura tenha começado já a 9 de junho, quando começaste o Rembrandt”, disse eu. “Tivemos de abordá-lo, começar dessa maneira, sem sequer sabermos ao certo o que estávamos a fazer. Tínhamos de nos dar esperança dessa forma....”

(A Jane conseguiu rodar e levantar e baixar os braços tão bem esta tarde como ontem. Notei também que a pele do cotovelo direito – o único que podia ver – parecia muito mais normal em textura e cor do que antes, como se estivesse a ocorrer um rejuvenescimento mais profundo; aquele aspeto transparente, frágil, estava a desaparecer. Disse-lhe que as nádegas pareciam visivelmente melhores a cada dia. Espantoso. Também notei que a perna direita [partida acima do joelho] se movia consideravelmente melhor nestes últimos dois dias.

(O Dr. Gibson esteve rapidamente esta manhã, disse a Jane, mas ela não lhe contou nada sobre a segunda abertura no joelho, para drenagem, nem ele perguntou. [Pode ser que não saiba.]

(A Jane disse-me esta tarde que não se sentiu desconfortável depois da sessão de ontem – a primeira vez que se sentiu bem após uma. O Seth tinha comentado que a sensação de desconforto vinha do medo da esperança. Depois da sessão de hoje também se sentiu bem, e rodou os braços rapidamente e levantou-os mais alto do que até ontem. Agora perguntamo-nos quais serão as melhorias que o Seth disse que irão surgir em breve.

(Depois desta sessão revi com ela as 3 sessões anteriores do Seth, para reforçar todas as coisas boas que contêm. A Jane conseguiu ler partes delas; ajudei com o resto. Estou convencido de que acabarão por se tornar um livro em si mesmas, embora não fale de publicação.

(O tempo passou sem darmos por isso. Tinha muitas coisas para dizer que ficaram por dizer. Entre elas estava o lembrete à Jane de que todas as

noites, deitado na cama, lhe envio energia de cura e as minhas orações para a sua profunda recuperação. Ainda uso a técnica visionária que inventei quando estas sessões começaram: imagino uma grande esponja com a qual percorro todo o corpo dela, cada centímetro, e absorvo toda a rigidez, dor e imobilidade. Depois espremo tudo isso pela janela; as aflições infiltram-se no solo onde se transformam em energia e atributos positivos.)

SESSÃO APAGADA

15 DE OUTUBRO DE 1983

(Pensei em duas perguntas para o Seth enquanto conduzia até ao hospital ao meio-dia:

(A Jane tem mesmo artrite? Sabia que no passado o Seth sempre insistira que não. As implicações aqui podem ser enormes.

(O que pensa o “eu pecador” da Jane destes acontecimentos – da nova determinação e decisões da Jane em direção à cura?

(Mencionei-as à Jane depois do almoço – caso ela decidisse ter uma sessão hoje.

(A Jane foi à hidroterapia esta manhã, como de costume. O Dr. Gibson e um novo colega também a visitaram brevemente. Ontem fizeram-lhe análises ao sangue. Quando cheguei às 13h10 uma nova enfermeira – uma “flutuante” – estava a ligá-la ao antibiótico, Kefzol. Parece que a rapariga tinha lido Seth Speaks e The Seth Material. Também tinha uma amiga – a Sra. Coleman – que visitara a Jane em Nova Iorque há 10 anos.)

Agora.

(“Boa tarde, Seth.”)

Uma boa tarde afetuosa. Disse-vos muitas vezes no passado que o Ruburt não tinha artrite – e mantenho essa posição.

O seu peso deixou de descer, e ele começa agora a ganhar peso. Pois, como vos disse, está agora a assimilar o alimento muito melhor do que antes.

A decisão dele de não se pesar (há alguns meses) foi boa, e na altura deu-lhe algum espaço de manobra, por assim dizer, que ele de facto aproveitou. Está agora a assimilar suficientemente bem a nutrição para que o corpo se possa curar, e ainda ganhar algum peso. É de facto importante que releiam as sessões, e a melhoria da capacidade de leitura do Ruburt

hoje (*quando a Jane leu a sessão de ontem após o almoço*) deve dar-vos pelo menos uma centelha das melhorias que são possíveis – melhorias que de facto ocorrerão à medida que continuarem com o nosso “programa”.

Sugiro uma breve pausa. Mas, se não regressar, não desanimem, pois, mais uma vez, estou a trabalhar em conformidade com os ritmos de que já falei.

(“Está bem.”)

Agora, para retomar: a tua ideia de usar as esponjas é excelente, e por agora o Ruburt deve usar essa mesma imagem uma vez por dia, para começar. Deve ser feito de forma leve, não pesada, claro.

Qualquer imagem que envolva movimento, feita de forma lúdica, é excelente. O Ruburt a imaginar-se em baloiços de crianças, por exemplo. Nada disto deve ser levado ao exagero. Tudo pode surgir tão naturalmente como a escrita do Ruburt surge. A ideia, volto a dizer, é evitar a concentração nos impedimentos. Podem admitir que eles se manifestam no presente, ao mesmo tempo que se lembram de que também podem desaparecer.

Por agora, isto é suficiente. Posso ou não regressar – novamente, de acordo com os ritmos de que falei – por isso, pelo menos por agora, despeço-me com uma boa tarde afetuosa.

(“O mesmo para ti, Seth. Muito obrigado.”)

(Assim que saiu do transe a Jane começou de novo a rodar os braços. Desta vez conseguiu também esticá-los mais alto no ar, especialmente com a mão esquerda, mais do que conseguira ontem. Tomei as melhorias nos braços como outro sinal de cura, a par da melhoria da sua leitura esta tarde.

(O exercício da esponja está descrito no fim da sessão de ontem; fiquei satisfeito que o Seth o considerasse de valor. A Jane e eu falámos sobre isso depois da sessão de hoje.

(Fiquei muito satisfeito por o Seth ter respondido a uma das minhas duas perguntas, ao afirmar que a Jane não tinha artrite. Isso significava, disse-lhe eu, que não precisava de pensar em si como portadora de “uma doença incurável”. Também nos libertaria a ambos de especular sobre medicamentos que pudessem “curar” artrite. Já consigo ver como a cura dela vai influenciar livros futuros, ou notas que possa escrever – pois terei de explicar como surgiu o diagnóstico de artrite na profissão médica, quão errado foi, e porque é que o aceitámos durante tanto tempo, apesar de sabermos, ou pelo menos sentirmos, que não era assim, que havia mais do

que a Jane ter “uma doença incurável”. Interessante. Deve vir a dar uma leitura poderosíssima um dia.)

(Mas este conhecimento deverá fazer maravilhas para ajudar a Jane a libertar-se. Quero enfatizar isso, sem esperar que ela salte da cama amanhã, nem lhe fazer quaisquer exigências. O que digo, naturalmente, é que a sessão de hoje está em linha com todas as outras, na medida em que continua a oferecer esperança renovada de forma consistente.

(Depois ocorreu outro pequeno acontecimento interessante – outro sinal – quando me preparava para sair do quarto 330 esta noite às 19h00. A Jane gritou e disse que sentira uma dor súbita e aguda na planta do pé esquerdo, e que logo depois sentira o pé mover-se de lado” de uma forma como não acontecia há muito, muito tempo. Instintivamente estendi a mão para tocar o pé enquanto ela me explicava o que acontecera, e gritou ainda mais alto. Mas pude ver o pé a mover-se, aparentemente sozinho. Fiquei deliciado, e ela também. Parece ser um sinal de que as mudanças corporais chegam até às pernas e aos dedos dos pés. Confia no corpo, pensei para comigo ao conduzir para casa: ele sabe o que está a fazer, e como o fazer, sem qualquer ajuda “nossa”).

(Tal como com o cotovelo direito da Jane, depois de o pé se mover achei que a coloração da pele em torno do tornozelo e do peito do pé parecia melhor, mais normal, como pele. Antes o pé [tal como o direito] parecia imóvel e de madeira, a pele esticada, seca e manchada; não havia flexão nos dedos, digamos. Quando lhe acariciei os pés hoje a Jane disse que lhe parecera “como alfinetes e agulhas”).

(Para terminar, acrescento que esta tarde a Jane também disse que os maxilares se abriram mais do que o habitual, estavam mais relaxados e, de facto, mostrou-me que conseguia abri-los bastante mais do que o costume.

(No geral, um dia muito interessante, útil e cheio de esperança... Aguardo amanhã por novos sinais. Li à Jane as quatro sessões que tivemos até agora, no final da tarde.)

SESSÃO APAGADA

17 DE OUTUBRO DE 1983

(Eis alguns excertos das minhas próprias notas de hoje.

(A Jane fumou um cigarro e tomou Darvoset depois do almoço. Os braços ainda rodam, embora não tão rapidamente como ontem. Está desconfortável de costas, especialmente no pé direito, que ainda se move, mais do que ontem, e continua doloroso para mim quando lhe toco na planta. A cor da pele parece melhor. Dormiu bem esta noite. “Algumas coisas” estavam melhores esta manhã, quando foi virada, foi à hidroterapia, etc.

(Contei-lhe as minhas atividades da manhã – fui ver o Pete Harpending, as decisões de pedir dinheiro ao Steve e à Tracy, os 10 000 dólares que entreguei ao departamento de faturação do hospital ao meio-dia, a caminho do quarto 330. Descrevi tudo isto à Jane para que soubesse o que se passava no nosso mundo, pensando também que isso ajudaria na recuperação dela. Esta manhã mostrei ao Pete a carta do Saul Cohen do fim da semana passada, sobre a ideia do Steve de uma Seth Production Co. Quando o Pete telefonou ao Steve hoje de manhã soube que este já enviara a proposta à Prentice-Hall há uma semana, por isso o Saul já a deveria ter agora.

(Às 15h05, enquanto escrevia estas notas, ambos os pés da Jane estavam a mover-se enquanto ela permanecia de costas. Produzia sons quase contínuos de dor-desconforto à medida que estes movimentos corporais avançavam. Vi-lhe os dedos dos pés moverem-se de uma forma que não acontecia há muitos meses. “Formigueiam e ardem” – sinais certos de aumento de circulação.

(Entre as 15h05 e as 15h20 a Jane começou a mover várias partes do corpo de uma vez – ombros, ambos os pés, rodando braços e mãos. O pulso direito também começou a rodar sobre si próprio. Depois os dedos de ambos os pés, depois os pés nos tornozelos. Depois a cabeça começou a rodar sobre a coluna do pescoço, acompanhando o movimento dos ombros em ritmo. Finalmente, disse à Jane, ela tinha tantas partes a moverem-se ao mesmo tempo que eu já não sabia para onde olhar primeiro. Chegava até a sentir os efeitos dos movimentos na virilha. O pé direito, abaixo do joelho partido, era o mais doloroso.

(“Sabes o que isto tudo me faz lembrar?”, perguntei. “Um organismo a sair da hibernação a decidir mexer-se....”

(A Jane ainda mexia partes do corpo às 15h30 – um ótimo exercício, sem dúvida o melhor que a vi fazer desde que entrou no hospital a 20 de abril. Quando voltou a mexer o pé esquerdo, conseguiu sentir o movimento a percorrer a perna, através do joelho, até à anca e à virilha, e depois em direção ao ombro desse lado do corpo.

(“Pode-se dizer que toda esta demonstração de movimento é equivalente a uma sessão”, disse eu. “Afim, é disso que o Seth tem falado.” A Jane concordou.

(Às 16h05 toda a perna esquerda, dos dedos para cima, começou a fletir-se de forma visível, enquanto ela continuava a fazer os seus sons de dor-desconforto-esforço. Até os músculos da testa e em redor dos olhos começaram a fletir. O ombro mexia-se melhor do que nunca – e agora o direito atingiu uma facilidade de movimento igual ao esquerdo. A mandíbula abriu-se e moveu-se de um lado para o outro.

(“Parece que o corpo está a experimentar-se a si próprio”, disse eu. Era de facto mais do que eu ousara antecipar. Se ela tivesse uma sessão hoje, queria dizer ao Seth que o que estava a escrever aqui hoje era muito mais do que esperava poder escrever há duas semanas, digamos, ou até há uma semana...

(A Jane decidiu, afinal, ter uma sessão curta. A sua voz estava boa mas não alta, deitada de costas.)

Agora.

(“Boa tarde, Seth.”)

Uma boa tarde afetuosa. Falo agora apenas para reforçar a importância das melhorias do Ruburt, e com cada novo movimento estão a ser cortejadas probabilidades benéficas, que se manifestarão. Posso ou não regressar, enquanto exploro os ritmos de que falei.

(“É tudo?”, perguntei após uma pausa longa.

(“Por agora é.” A Jane mantinha os seus vários movimentos, alternando-os. Se os fizesse todos ao mesmo tempo o corpo mover-se-ia como se tivesse tremores por todo lado, exceto na área ainda imóvel em torno do joelho direito e da fratura logo acima.

(Retomámos às 16h21.)

Agora: uma nota. O corpo do Ruburt está a recuperar, e tinhas razão ao comparar o processo à hibernação. O facto de agora ser necessária

menos medicação da tireoide é outro exemplo. Quer retomemos ou não a sessão, ela continua. De novo, a outros níveis. Por agora, pelo menos, despeço-me com uma boa tarde afetuosa. Posso ou não regressar. Conforme os ritmos de que falei.

(“Muito obrigado.”

(Disse à Jane que nunca esperara estar a escrever o que estava a escrever nestes dias, já que nem sequer mencionara isso ao Seth. “Por si só, isso já é algo espetacular”, disse, referindo-me aos progressos atuais dela.

(Era hora de a virar para o lado, de frente para a janela, com a almofada entre os joelhos, para que pudesse sair da posição de costas durante uma hora antes do jantar. Continua a ser doloroso para ela ser virada. Depois de estar posicionada, no entanto, massajei-lhe os pés, pernas inferiores e sobretudo as mãos com Oil of Olay, falando-lhes no meu processo de “des-hipnose”, como lhe chamo. Isto tem-se revelado bastante eficaz, e sinto os membros da Jane relaxarem enquanto trabalho neles. As mãos estão a responder.

(Re-li esta sessão à Jane depois do jantar, pelas 18h50. Ela já estava novamente de costas, claro, e a rodar braços e mãos mais rápido do que nunca. O resto do corpo parecia deitado em paz e tranquilidade quando saí à noite.)

SESSÃO APAGADA

18 DE OUTUBRO DE 1983

(Tive uma pequena experiência interessante depois do almoço, ao meio-dia, enquanto me despachava para preparar as coisas antes de ir ao hospital ver a Jane. Os efeitos ainda permanecem.

(Entrei no meu estúdio para ir buscar as chaves do carro, etc. Pelo canto do olho direito captei um vislumbre da minha pintura a óleo, A Rapariga dos Olhos Violeta, como lhe chamo. É de uma imagem de sonho que tive a 8 de novembro de 1981, embora só tenha terminado a pintura em fevereiro de 1983 – uma das últimas que fiz.

(A princípio pensei que fosse um truque da luz do sol – bastante diluída ao entrar pelas janelas de leste da sala – mas de repente parei para olhar o quadro, pousado na estante que construí no alto da parede sul, logo dentro da porta. Por um momento fiquei quase paralisado – pois a

pintura, vi de repente, estava viva. Os olhos violetas da rapariga olhavam-me de cima como se fossem mover-se por detrás dos óculos violetas a qualquer instante. Eu fitava. Ela fitava de volta. E senti vida ali. A pele, o cabelo e a camisola pareciam vivos mesmo sem nunca se moverem. No entanto, esperava quase que o fizessem. Foi um encontro de olhares.

(Ao lado do retrato da rapariga estava outro pequeno retrato de um homem que também terminei este ano, mais cedo. E quando olhei para esse senti a mesma sensação maravilhosa: também estava vivo. Nesse retrato o homem olha de lado – mas também aqueles olhos estavam prestes a mover-se. A sua pele opaca tinha a qualidade de respirar...

(Não me demorei a confrontar a minha própria obra, mas despachei-me a preparar as coisas e sair de casa; queria parar no banco para atualizar um livro, e sabia que isso me ia atrasar alguns minutos para chegar ao quarto 330. Mas tivera uma experiência única, e resolvi descrevê-la à Jane.

(Um dos primeiros pensamentos que me ocorreu, depois de perceber o que acontecia, foi o livro da Jane sobre Rembrandt. Algumas das passagens desse livro, compreendi ao sair do estúdio, descreviam exatamente o que eu acabara de experienciar. Senti isso sem sequer verificar no livro se tinha razão.

(Já chovia suavemente quando cheguei ao hospital. A Jane estava nua, deitada de lado esquerdo, com a almofada entre as pernas. A primeira coisa que notei foi a melhor configuração do osso no tornozelo direito, que estava por cima devido à posição. Não totalmente clara ainda, mas melhor do que ontem. Disse que tinha dores no pé por vezes.

(Ela voltou a rodar braços e mãos à medida que a tarde passava, depois do almoço, etc. Ver as minhas notas para detalhes. Descrevi-lhe a experiência com os quadros, e fiz uma nota mental de levar a pintura para o 330 para que ela a pudesse ver, já que não se recorda bem dela. Talvez a tenha visto apenas uma ou duas vezes, há meses.

(Comecei a trabalhar no correio depois de lhe ler várias das sessões. Estava a ficar tarde e disse-lhe que devia virar-se de lado em breve, para sair da posição de costas durante uma hora antes do jantar. Ela disse que tentaria uma pequena sessão. Preparei o bloco e o papel, e voltei ao correio. E mais uma vez ela conseguiu trazer uma sessão quase antes de eu a esperar. Desta vez a sua voz de Seth estava mais forte do que tem estado, e um pouco mais grave.)

Ora bem. Boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Diz ao Ruburt que se lembre de que a mente consciente pode declarar o seu pedido para que a condição física do Ruburt melhore constantemente, de modo a que ele consiga finalmente andar sozinho, com alguma facilidade e confiança.

Os “comos” e os “porquês” não podem, no entanto, ser tratados pela mente consciente, mas devem ser cuidados pela inteligência criativa no seu subconsciente. Essa inteligência não pensa em termos de impedimentos — e assim eles dissolvem-se.

Cada melhoria deve ser claramente notada, e à medida que cada melhoria se manifesta, assim novamente se abrem as portas para futuras probabilidades benéficas.

A tua prática de des-hipnose é extremamente útil — e tal prática junta as vossas energias criativas de modo a trabalharem quase de forma duplicada a vosso favor. Façam uma pausa. E posso ou não regressar, novamente de acordo com as energias e os ritmos de que já falei antes.

(Durante a nossa pequena pausa mencionei que seria bom se o Seth comentasse a minha experiência com as pinturas hoje ao meio-dia. Retomámos às 16h25.)

As nossas sessões colocaram-te num estado de espírito recetivo, de modo a que estivesses atento ao fenómeno com as pinturas. Disse-te que, como resultado das sessões, tanto as tuas como as energias criativas do Ruburt seriam ampliadas, por isso, em certa medida, essa aceleração foi responsável pelo que “vistes”.

Conseguiste sentir por ti próprio parte do material referido no livro sobre Rembrandt, de modo que a informação não fica apenas académica: torna-se viva e vital através da tua própria experiência.

Mais uma vez desejo-vos uma boa tarde afetuosa — e mais uma vez posso ou não regressar, conforme os ritmos que mencionei.

(“Muito obrigado.”)

(“É uma ótima pequena sessão”, disse eu à Jane enquanto me preparava para a virar de lado. Disse que a primeira frase do Seth, sobre ela conseguir finalmente andar, estava na minha mente desde o início destas novas sessões, mas que hesitara em mencioná-lo. Mas a mobilidade da Jane, no que toca a andar, é afinal aquilo que mais importa.

(Massajei-lhe os pés, tornozelos e gêmeos, e o interior de ambas as mãos com Oil of Olay, enquanto estava de lado. Falei ao corpo dela mais uma vez no meu processo de des-hipnose. Consegui sentir mudanças nas mãos, especialmente. Já não estavam tão rígidas; repeti que queria sentir a tensão a escoar-se do dorso das mãos. Já penso que a coloração da pele no dorso das mãos está melhor, a tensão não tão forte. Disse-lhe que o corpo dela sabia perfeitamente como reparar e regenerar as mãos, tal como sabia em relação a todas as outras partes do corpo. Consegui sentir os meus esforços a ajudar.

(A Jane fez mais exercícios de rotação depois do jantar.

(Em relação à observação do Seth, acima, de que as nossas energias criativas seriam ampliadas com o início destas últimas sessões, aqui está a referência anterior a que ele se referiu, na primeira sessão de 9 de outubro de 1983: “As vossas capacidades criativas conjuntas também deverão ser mais despertadas por causa desta sessão, de modo a que tenham mais avanços intuitivos por vossa conta, e em conjunto, que vos beneficiarão de muitas formas.” Uma previsão certa, Jane.)

SESSÃO APAGADA

19 DE OUTUBRO DE 1983

(Durante o almoço, a perna direita partida da Jane e o pé direito incomodavam-na bastante depois de a ter virado de costas. Dei-lhe aspirina. Experimentei um pouco de des-hipnose, acariciando a perna e o pé e falando-lhes. A Jane fazia sons de dor e desconforto, mas passado algum tempo deixou de o fazer enquanto comia. Depois disse-me que o meu “tratamento” a tinha ajudado muito, começando alguns minutos depois de eu parar.

(“Devíamos ter sido suficientemente espertos para tentar isso sem logo a seguir dar aspirina”, disse eu. “Mas aprendemos alguma coisa. Talvez da próxima vez.” A Sharon Poley trouxe-lhe Darvoset às 14h40.

(Levei para mostrar à Jane as duas pinturas que estiveram envolvidas na minha experiência de percepção ampliada de ontem — A Rapariga dos Olhos Violeta e a cabeça do homem. A Jane lembrou-se delas quando as viu. Ainda sinto a mesma impressão ao olhar para a rapariga, e para o homem também. A Jane gostou tanto do homem que o pendurei no quadro de avisos — tarefa nada fácil, pois não estava emoldurado.

(A Jane adormeceu algumas vezes enquanto lia a sessão de ontem, que conseguiu ler razoavelmente bem. Ajudámo-la a lê-la. Também rodou os braços com boa desenvoltura. Disse-lhe que as mãos pareciam ainda melhores do que ontem, até, com a cor da pele mais normal em vez de tão tensa e esticada. Comecei a tratar do correio enquanto ela dormia brevemente depois de ler a sessão. “Sinto-me culpada por fazer isso”, disse.

(Depois de todos terem feito as rondas relativas aos sinais vitais dela, que estavam normais, a Jane disse que talvez tentasse uma pequena sessão. “Talvez precise de uma sessãozinha, pelo menos todos os dias, só para me manter animada”, disse. Estava bastante incomodada por causa do desconforto na perna direita depois de a ter virado de costas antes do almoço.)

Agora: desejo-vos uma boa tarde afetuosa –

(“Boa tarde, Seth.”)

—e vou falar brevemente, pelo menos por agora.

Lembra ao Ruburt que ele está de facto seguro, protegido e apoiado. Faze com que leia, ou lhe leiam, as passagens recentes relativas ao uso da mente consciente e da mente subconsciente, quando discuti os seus papéis distintos. O Ruburt deve também ser paciente consigo próprio, pois está de facto a melhorar, e novas melhorias estão seguramente a caminho.

Posso ou não regressar, conforme os ritmos de que já falei, e novamente, em qualquer caso, a sessão continua a outros níveis do vosso ser.

(“Está bem.”

(Perguntei à Jane se tinha andado a remoer por não ter melhorias rápidas. Ela disse que não, embora não estivesse contente porque a perna a incomodara tanto ao almoço. “E quero sentir-me cada vez mais liberta.”

(Li-lhe os parágrafos iniciais da sessão de ontem; tratavam dos papéis da mente consciente e subconsciente. Não cheguei a rever outras sessões com ela antes de a virar para o lado direito às 16h30.

(Fiquei chocado — porque descobri uma enorme tensão na perna esquerda dela. Tanta que estava colada contra a perna direita partida, e tive dificuldade em pôr a almofada entre os joelhos antes de a virar. Toda a perna estava tensa; sentia a tensão em todos os tendões e músculos. Fiquei espantado com a tensão da perna. Não conseguia entender como ela conseguia aguentar essa situação, evidentemente dia após dia, e não

perceber o que estava a acontecer. Isso deve exercer uma pressão terrível sobre a articulação do joelho, disse-lhe. Comecei a massajar a perna com Oil of Olay e a falar-lhe. Ajudou, percebi, mas não o suficiente, já que nessa altura já a tinha virado de lado. Massajei também as mãos e pés com loção.

(Verifiquei que ambas as mãos mostravam sinais de melhoria no tato e no movimento, especialmente nos pulsos, para minha agradável surpresa, por isso estamos a fazer bons progressos aí. É agora mais fácil para mim colocar o óleo dentro da mão direita fechada, e consigo sentir os dedos a moverem-se.

(Uma vez, quando a Jane adormeceu antes de a virar, acordou sobressaltada. Mas disse que não tinha estado a dormir: “O sobressalto foi porque doeu.”

(A bandeja do jantar atrasou-se. Depois de uma sesta virei a Jane novamente de costas às 17h35, e massajei-lhe a perna esquerda outra vez, desta vez fazendo um trabalho muito melhor. Disse-lhe que estava “incomodado” com a tensão na perna, e queria vê-la dissipar-se. Consegui sentir a perna a responder. Ela disse que tinha de fazer alguma coisa para não se desanimar, e eu disse-lhe para não deixar que o desânimo a dominasse. O pulso direito começou a rodar melhor, e os dedos encolhidos afrouxaram um pouco mais – mais progresso.

(Disse à Jane que, quando o Seth viesse de novo, queria algum material sobre a tensão no corpo dela, especialmente na perna.

(Como o jantar tardava, só terminámos às 19h30. Eu já me preparava para arrumar as coisas quando a Jane pediu que tirasse o caderno do Seth outra vez. Quando o Seth surgiu, a voz dela estava um pouco rouca, mas com boa força contida.)

Ora bem: uma boa noite afetuosa.

(“Boa noite, Seth.”)

O Ruburt habituou-se tanto a movimento constrito que a sensação de novo movimento por vezes o surpreende a ponto de causar tensão na área envolvida.

(“Queres dizer como a perna esquerda?”)

Sim. As tuas sessões de des-hipnose são muito importantes para o ajudar a habituar-se ao novo movimento. Grande parte das dificuldades do corpo foi causada quase exclusivamente pela tensão, por isso o que digo é de particular importância.

Podes também dizer-lhe que pode acolher o novo movimento, sabendo que ele conduz certamente à recuperação. À medida que mais movimento novo é introduzido, será cada vez mais fácil para ele acompanhá-lo sem medo, mas com verdadeira gratidão.

Tens razão: o corpo em si quer mover-se normalmente, e torna-se cada vez mais capaz de o fazer. Durante alguns dias, mais uma vez, façam com que o Ruburt leia essas passagens que vos dei, sobre os papéis da mente consciente e subconsciente.

Os exercícios de des-hipnose, volto a dizer, são muito benéficos, pois ambas as vossas energias são então usadas para um objetivo comum. Ambos deverão ter avanços criativos próprios em resposta a estas sessões e, novamente, esta sessão continua a outros níveis do vosso ser.

Despeço-me então com uma boa noite afetuosa.

(“Bem, muito obrigado, Seth. Isso é muito bom.”)

Posso ou não regressar, conforme os ritmos de que falei.

(“Está bem.”)

(19h41. O Seth não regressou. Os braços da Jane continuavam a rodar bem. Ela fumou parte de um cigarro. Li-lhe a oração e saí às 19h53.)

SESSÃO APAGADA

20 DE OUTUBRO DE 1983

(Mal virei a Jane de costas por volta das 13h15 massajei-lhe a perna esquerda com Oil of Olay e falei-lhe, a ela e à perna. A perna parecia melhor, menos tensa do que ontem. Ao mesmo tempo, o pé esquerdo da Jane doía quando lhe massajava a perna, e virava-se para fora de lado.

(Ela comeu bem. Depois do almoço expliquei-lhe a situação de o hospital ter 30 dias de atraso no envio dos registos médicos para a Blue Cross em Syracuse, a recusa do pedido de participação pelo seguro de saúde principal, os 10 000 dólares que entreguei ao hospital para a fatura atual e os pagamentos que combinei sobre a dívida antiga que ainda tínhamos do ano passado — tudo isto apenas para que ela soubesse o que se passava. Expliquei também que talvez consiga uma cópia dos registos médicos dela para os nossos arquivos pessoais.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem. Fê-lo melhor do que ontem. Ajudámo-la um pouco também. Depois revimos a maior parte do material

das sessões anteriores, pois contêm muitos pontos excelentes. Durante este tempo a Jane moveu os braços e mãos — que parecem melhores — e várias outras partes do corpo.

(A Jane descreveu um sonho que tivera na noite passada, muito positivo, achava ela, em que olhara o rosto num espelho pela primeira vez em muito tempo. Vira os seus traços com os velhos contornos familiares, ficara satisfeita, e pensara que com um pouco de maquilhagem estaria bem. “Ainda não tenho coragem para olhar realmente a minha cara”, disse agora. “A última vez que o fiz — há uns meses — achei que parecia terrível, com uma papada e a cara toda inchada e deformada....” Disse-lhe que o rosto dela não estava inchado nem deformado, que parecia muito melhor, e que parecia ter papada por causa da posição na cama. Talvez acreditasse em parte. Estava quase na hora de começarem a vir ver-lhe os sinais vitais quando disse que tentaria uma sessão curta. Estava de costas, claro; a sua voz de Seth estava bem, boa mas não demasiado alta.)

Agora: desejo-vos uma boa tarde afetuosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Estão ambos a ir muito bem, e o sonho do Ruburt — aquele em que ele olhou o rosto ao espelho — foi excelente, e já mostra uma mudança de crença que será extremamente benéfica.

Estas sessões e a sua produção criativa começaram a abrir as portas do Plano Subjetivo, tornando-o acessível para vós e praticamente útil, enquanto antes os vossos medos individuais e conjuntos vos retinham pelo menos em parte. Agora que essas portas estão a abrir-se, verão também os resultados noutras áreas das vossas vidas, trazendo-vos acontecimentos cada vez mais afortunados.

Façam uma pausa. Na verdade, posso ou não regressar — de novo conforme os ritmos de que falei.

(“Na verdade, acho que ele parou porque tenho uma dessas coisas de gás, ou o que quer que sejam”, disse a Jane. Penso que queria dizer um espasmo da bexiga, já que tem tido alguns ultimamente. O cateter não é mudado há algum tempo; ela tem-se portado bem com ele.

(“De certa forma, estou melhor aqui, agora, do que estava em casa”, disse a Jane. Disse-lhe que esperava que ela estivesse em boa forma quando a levasse de novo para casa. Hoje de manhã sugerira-lhe que visualizasse estar sentada à secretária no alpendre, a escrever e sem

pensar em como lá chegara. Deixasse que as energias de cura do corpo tratassem de tudo isso, disse-lhe eu.

(“Não sei”, acrescentou enquanto fumava um cigarro. “Só tive a sensação de que tu e eu vamos ter uma visita inesperada — não sei se aqui ou em casa.” Era mesmo o que nos faltava, pensei. Mas a sua afirmação levou-me a dizer-lhe que alguns dias antes de a companhia de seguros ter recusado o nosso pedido de participação por falta dos registos hospitalares, eu acordara cedo uma manhã e ficara ali deitado a preocupar-me com a possibilidade de uma recusa, talvez durante uma hora. Sentira-me nitidamente inquieto, disse-lhe — isto é, não tivera a sensação de que o processo do seguro estivesse a correr bem. Acho que me esqueci de lhe contar este episódio.)

Agora, podeis de facto esperar mais melhorias nos olhos e na visão do Ruburt. A condição foi causada em grande parte pelo desequilíbrio da atividade muscular. A massagem que deste ao Ruburt brevemente esta tarde, na zona do pescoço, é extremamente benéfica — não só para toda a condição dele, mas especificamente para a visão.

(Longa pausa.) Reler material, como fizestes hoje, é de novo muito útil, e a prática deve continuar. A massagem, claro, também transmite a mensagem de amor, e nesse domínio o toque é muito importante. Mas o amor flui em ambas as direções, por isso, ao tocares o corpo do Ruburt, o amor dele também te é transmitido, tal como o teu lhe é transmitido a ele — assim estais a lidar com um tipo de comunicação muito básica e vital.

Mais uma vez, posso ou não regressar, conforme esses ritmos que já expliquei.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Sobre os ensaios. Dizia hoje à Jane que agora já tenho dúvidas sobre algumas das coisas que escrevi — insistindo que a Jane tinha artrite, e as opiniões médicas sobre isso, etc. Disse também que tu achavas que ela não tinha artrite, e que nós optámos por seguir os médicos—”)

Os ensaios estão bem como estão. As percepções adicionais que tens agora podem ser explicadas no seu lugar. *(Longa pausa.)* Por isso, mais uma vez, expresso satisfação com os ensaios, o prefácio e o trabalho que já concluíste.

(“Obrigado.”)

(Estava na hora de virar a Jane de lado. A massagem no pescoço que lhe fizera antes, a que o Seth se referia, fora após uma viragem também. Fora doloroso para ela ser virada, e tentei aliviar alguma da sua tensão massajando-lhe os músculos do pescoço e das costas. Ajudou.)

SESSÃO APAGADA

21 DE OUTUBRO DE 1983

(A Jane já não toma Kefzol, o antibiótico que o Fred Kardon lhe receitara depois de partir a perna direita. O Fred tirou-lho esta manhã. Também a visitou. De manhã cedo a Georgia reparara no que pensou ser um inchaço sobre a fratura e a úlcera no joelho direito, e suspeitou de problemas de drenagem. Quando o Fred entrou no 330 a Georgia contou à Mary Ann, e a Mary Ann mostrou ao Fred. Ele olhou e disse que o inchaço era “devido à artrite”.

(Que comédia de erros, disse eu à Jane. Primeiro as raparigas enganaram-se sobre a causa do ligeiro inchaço, depois o Fred deu-lhe uma sugestão péssima sobre artrite! Disse-lhe que esperava que todo o episódio servisse de aviso sobre como os hospitais eram realmente, e as pessoas bem-intencionadas mas mal-orientadas que lá trabalhavam. A Jane respondeu à minha pergunta sobre se o Fred teria alguma noção de que estava a dar sugestões envenenadas sobre artrite dizendo que isso nunca lhe passava pela cabeça — nem a ele nem a nenhum outro médico.

(“Mas eles não sabem melhor?”, insisti. Referia-me até a nós próprios. Pois se as pessoas “soubessem melhor”, então lugares como o hospital estariam vazios, e toda a gente lá dentro estaria a trabalhar noutros empregos. Claro. “A única coisa que nos vai salvar somos nós próprios”, disse, e lembrei à Jane para nunca esquecer este pequeno episódio. “Quando fores para casa”, acrescentei, “vamos deitar fora toda a tua roupa antiga do armário e comprar nova.”

(A Jane comeu muito bem — o apetite dela está agora muito melhor — e depois do almoço a Peggy Gallagher visitou. Trouxe consigo uma carta de uma fã que queria visitar. E que se há de fazer? A Georgia trouxe-me gelado sem eu pedir. Ela gosta mesmo de nós, e nós dela. A Jane disse-lhe esta manhã que podia levar emprestada a cópia de If We Live Again que temos no 330; a Georgia queria-a durante a noite para a filha ler.

(A nova liberdade de movimento da Jane continua de muitas formas. Muitas delas ainda são pequenas, mas mostram sinais de crescer — e nenhuma delas existia há pouco tempo. Virá-la de costas correu muito mais facilmente ao meio-dia; também já dispensou a almofada entre as pernas e está a usar uma esponja em forma de rosca que usávamos antes da fratura. Massajei-lhe o pescoço, depois de ter tido dificuldade a tentar ler a sessão de ontem. A massagem deveria ajudar os olhos, segundo o Seth.

(Disse à Jane que, se queria fazer alguma coisa sobre uma sessão, agora era o momento antes que as pessoas comessem a entrar para lhe verificar os sinais vitais. Entrou então na sessão, mesmo quando eu me preparava para tratar do correio.)

Ora bem—

(“Boa tarde, Seth.”)

Desejo-vos uma boa tarde afetuosa. Queria dizer-vos que o Ruburt já é algo de misterioso para o vosso Dr. Kardon. Ele está muito melhor do que o doutor pensava que estaria, apesar de muitas vezes se recusar a seguir o curso convencional de ação que o bom doutor aconselhava.

(Longa pausa.) De facto, em vários pontos de livros anteriores descrevi a sugestão negativa e a sua utilização pelas autoridades médicas sob o nome de “medicina preventiva”. (Em Mass Events, por exemplo.) Se as pessoas não estivessem doentes não precisariam de médicos (sorriso contido), e como muitas pessoas estão inconscientes dos seus próprios motivos, então os médicos e os pacientes estão muitas vezes em conluio, ajudando a manter a doença. É a única coisa que têm em comum.

Mais uma vez, lembro-vos de manter este novo conjunto de sessões fresco na vossa mente, relendo-os frequentemente em conjunto.

(“Estou a mantê-los separados.”)

Tens feito bem nesse aspeto.

A Peggy Gallagher está subconscientemente ciente dos vossos novos começos, e quando vem traz consigo uma energia positiva muito apoiadora.

(Um dia diremos à Peg.)

O Ruburt pode de facto melhorar muito — de novo, andar sozinho com algum grau de satisfação. Que a concentração esteja, claro, nas melhorias que já—

(A Lorrie entrou para medir a tensão arterial da Jane. Não deu sinal de se aperceber de que o Seth estava presente. A Jane interrompeu de

imediatamente para falar num tom normal. A Lorrie é a rapariga que, com uma estudante de enfermagem, partiu a perna à Jane ao virá-la, quando mostrava à estudante como se fazia. A Lorrie sorri e fala connosco, mas apressa-se sempre a sair. Sei que o episódio a marcou. Depois de ela sair li o último parágrafo à Jane. Retomámos às 15h53.)

—já ocorreram, e verão que se multiplicam. Posso—

(A Dawn entrou para medir a temperatura — 36,6 — e o pulso.

“Sabia que a Peggy estava aqui. Encontrei-a no elevador.” Retomámos às 16h00.)

—ou posso não regressar. Novamente, conforme as energias e os ritmos de que falei.

(A Jane fez uma pausa depois de ter sobrevivido a essas interrupções sem que ninguém se apercebesse. “De certa forma sinto que, uma vez que ele surge à tarde”, disse, “então fica mais ou menos disponível o resto do tempo.”

(Foi então que olhei para cima e vi a Jane a levar a mão esquerda até à orelha esquerda — num gesto espontâneo que não a via fazer há não sei quanto tempo. Pareceu-me estranho vê-la fazer aquilo. Também ela ficou surpreendida. Era outro grande sinal, disse-lhe. Com o gesto não conseguiu chegar bem à orelha, que a coçava. Começou a mexer-se na cama, torcendo as mãos e pulsos e rodando os braços. “Mas vais conseguir”, disse-lhe, radiante. Tentou de novo — e conseguiu chegar à orelha. Chegou mesmo a tirar um pouco de cera com o dedo indicador. “Consegui. Consegui”, exclamou. Era óbvio que isto era algo que ela nem ontem, quanto mais na semana passada, teria conseguido fazer.

(“E isso é outro sinal”, disse eu, quando ela coçou o queixo do lado direito com essa mesma mão esquerda. Neste momento ainda não consegue levar a mão direita até à orelha direita — falta pouco — mas vai conseguir, disse-lhe.

(Às 16h20 a Jane conseguiu mover ambos os braços e ombros a tal ponto que me pediu para tirar o cinzeiro e o cigarro dali para ter mais espaço. O braço esquerdo, sobretudo, movia-se muito livremente no ombro. “Quer mesmo mover-se”, disse ela, rodando todo o braço e a mão.

(Foi então que mencionei a ideia que tivera na noite anterior e da qual tomara nota. Era simplesmente levar um dos livros do Seth e começar a lê-lo para ela, uma página de cada vez. Gostou da ideia. Disse-lhe que nomeasse o livro, ou mais do que um, se quisesse. Acrescentei que, assim

que ela pudesse manusear páginas, eu poderia desmontar o livro de forma a que ela pudesse segurar cada página sozinha quando estivesse só. Podia deixar-lhe uma pilha delas na cama. Isso dar-lhe-ia grande liberdade para ler em qualquer altura do dia ou da noite. Seria realmente libertador, disse eu. Ela concordou. Achei que, ao ritmo a que estava a melhorar, conseguiria atingir esse passo. Aliás, eu poderia desmontar qualquer livro, nesse sentido.

(Enquanto conversávamos, os dedos grandes dos pés começaram a mover-se na primeira articulação, quase em uníssono. Doíam quando eu lhes tocava de leve, mas mexiam-se nessa articulação. A Jane disse que sentia fortes sensações neles, como formigueiros, “agulhas”. Pouco depois os dedos grandes começaram a dobrar-se sozinhos. Depois ambos os tornozelos começaram a mover-se — o pé inteiro em cada caso. Disse que o movimento rítmico era “tal como aquele exercício da bicicleta que eu costumava fazer, mesmo em ritmo...”. Teve de parar quando as sensações de formigueiro ficaram demasiado fortes, mesmo sem eu lhes tocar.

(Recomeço.)

Bem. Em muitos casos uma doença é de facto o resultado de aprendizagem desigual — isto é, um indivíduo escolhe aprender muito depressa em algumas áreas, de modo que outras ficam para trás e se tornam extremamente proeminentes e irritantes em contraste com a proficiência adquirida nas outras áreas que avançam tão rapidamente.

Agora, posso ou não regressar esta tarde — de novo segundo os ritmos de que já falei.

(“Material interessante”, disse eu à Jane. O Seth nunca o tinha colocado dessa forma antes. Parecia aplicar-se perfeitamente ao caso dela, e pode ser uma pista valiosa. Ela concordou, lembrando-se do que o Seth dissera enquanto estava em transe. Interpretei a informação como a forma do Seth nos dizer que aquelas partes atrasadas da psique da Jane estavam agora a iniciar a sua viagem para alcançar as outras que iam muito à frente — significando que as capacidades psíquicas eram as líderes no caso dela.

(A Jane disse agora que a sua referência de ontem a uma visita inesperada provavelmente se referia à visita da Peggy G de hoje. Foi então que percebi. Claro: a Peggy não só viera de forma inesperada, como trouxera uma carta de uma fã que queria visitar-nos vinda de Nova Iorque. Eu lera a carta por alto enquanto a Peggy estava presente, mas não fizera

a ligação óbvia na altura, nem a Jane. “Isso faz com que a tua previsão se confirme”, disse eu à Jane. “Lembra-me aqueles velhos testes dos envelopes. Vês as correlações?” A Jane viu. As coisas resultam de formas inesperadas.

(Às 16h45 preparei-me para virar a Jane de lado com a rosca entre os joelhos. Massajei-lhe brevemente o pescoço primeiro, e a perna esquerda. A viragem correu muito bem, bastante menos dolorosa para a minha mulher. Isso fez duas boas viragens hoje, disse eu, e ela concordou. Depois de a ter virado de lado, usei Oil of Olay para massajar-lhe os pés, pernas, braços e mãos, falando a cada uma dessas partes — e novos movimentos eram visíveis em todas as áreas. Maravilhoso. Fiz uma sesta às 17h00.)

SESSÃO APAGADA

22 DE OUTUBRO DE 1983

(Quando virei a Jane de costas às 13h15 desta tarde, e retirei a rosca de espuma de borracha de entre os joelhos, ela não quis que lhe massajasse a perna esquerda como tenho feito ultimamente. Disse que doía demasiado — não que estivesse pior, mas que os “formigueiros” resultantes do meu toque eram demasiado incómodos. Interpreto isto como maior circulação. A perna parecia-me certamente melhor.

(Comeu um excelente almoço, e acredito que continua a ganhar peso, embora pouco a pouco. Fumou um cigarro, depois tentou ler a sessão de ontem depois de eu lhe ter massajado o pescoço, mas não conseguiu fazê-lo muito bem, por isso acabei por lhe ler. Queria rever algumas das sessões anteriores deste grupo com ela, mas não conseguimos, entre cigarros, pessoas a entrar, eu a ler-lhe cartas de uma fã e de Steve Blumenthal, e assim por diante. Ontem também não revimos sessões passadas. Parece que agora literalmente não temos tempo numa tarde para fazer metade do que gostaríamos — é como estar a trabalhar e a esforçar-se para acabar tudo antes da hora de ir para casa.

(O quarto 330 ficou bastante frio esta tarde — estivera frio na noite anterior e fresco hoje, e a Jane até me pediu que lhe cobrisse parte do tempo com uma toalha, já que ainda não temos aquecimento no quarto. [E ela também não o quer, de forma alguma.]

(Fez, no entanto, mais movimentos e rotações. Agora já conseguia mover os braços o suficiente para tocar nas coxas — algo que ontem não conseguia fazer. Isto significava que os cotovelos estavam a soltar-se. Um excelente sinal. Conseguiu também chegar novamente à orelha esquerda com a mão esquerda — e tirou mais cera com a unha [o indicador]. Mais uma vez, vê-la fazer isto era estranho, considerando a nova amplitude de movimento que agora tem.

(Durante o almoço perguntei à Jane se achava que o Seth poderia querer comentar o eu-pecador, e o respetivo material. Achei que alguns dados sobre esses temas poderiam mostrar como a psique dela estava a integrar as novas informações e esforços, incluindo o impulso de cura. Achei que o eu-pecador tinha de estar a cooperar nos nossos esforços, e perguntei-me se poderia haver algum fragmento de nova informação que possuísse e que pudesse ajudar-nos.

(Deitada de costas, como de costume, a Jane começou a falar pelo Seth logo depois de a LuAnn lhe ter dado as gotas para os olhos, como habitualmente. A voz do Seth estava normal.)

Nem, desejo-lhes uma boa tarde afetuosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Gosto de vos falar todos os dias por um tempo, ainda que breve, pois a própria sessão cria um clima em que a cura é grandemente promovida.

(Às 16h01 a Peggy entrou para medir a tensão arterial da Jane. A Jane falou-lhe de imediato com a voz normal. Depois de a Peggy sair li à Jane a linha única que o Seth tinha dado. Retomámos às 16h04.)

Os dados do eu-pecador não se aplicam agora, e estou a tentar apresentar o material necessário que é mais pertinente e vital. Mais uma vez, façam o Ruburt concentrar-se nas suas melhorias, e mantenham o hábito de reler material anterior — novamente em particular o material sobre os papéis da mente consciente e inconsciente.

Estão ambos a progredir muito bem. Uma cura, uma vez iniciada, quer seguir o seu impulso em direção à cura mais completa possível.

Posso ou não regressar, conforme as energias e ritmos de que já falei.

(Li a sessão até aqui à Jane. Ela disse que o Seth pode ter parado só porque achava que ia ter um espasmo da bexiga, como ontem na pausa. A Jane ficou muito satisfeita porque lhe disse que parecia estar a começar a ganhar algum peso. Eu tinha reparado especialmente nas concavidades à frente dos ombros dela. Disse-lhe que estavam um pouco mais lisas, um

pouco mais preenchidas, a pele parecia mais saudável e natural. “As concavidades já não parecem tão esqueléticas”, disse de repente. “Sim, é essa a palavra que quero.”

(Recomeço às 16h20, depois de um cigarro e de lhe terem medido o pulso e a temperatura.)

Uma pequena nota: o livro sobre Oversoul Seven está a escrever-se a si próprio, por assim dizer, enquanto se dedicam a estas sessões.

(Longa pausa.) A ideia de reler Personal Reality é excelente. Não precisam de ler grandes secções de uma vez. É mais importante, uma vez começado, que a prática seja seguida brevemente todos os dias.

Agora, mais uma vez, posso ou não regressar, segundo os ritmos de que falei — e uma vez mais, as próprias sessões estabelecem e renovam as condições da cura.

(“Muito obrigado.”

(A Jane portara-se bem outra vez. Fora um dia relativamente pacífico e tranquilo. Depois de a virar de lado às 16h50, esfreguei Oil of Olay nos pés, pernas, mãos e braços como de costume, falando brevemente a cada uma dessas partes. Todas respondiam à sua maneira. Algumas das áreas que tinham mostrado novos movimentos nos últimos dias estavam agora um pouco doridas, por isso não forçámos nada em termos de movimento. A Jane portou-se bastante bem durante a viragem.

(Comeu um excelente jantar, depois de eu ter feito uma sesta e ela ter visto televisão. A Margaret Bumbalo visitou-a precisamente quando a Jane terminava o jantar. A Margaret ficou surpreendida com a quantidade de comida que a minha mulher tinha comido. Trouxe também notícias da confusão envolvendo o Presidente Reagan num campo de golfe no sul esta tarde. Deixei as duas mulheres a conversar às 19h15.)

SESSÃO APAGADA

23 DE OUTUBRO DE 1983

(Das minhas próprias notas: cheguei às 13h05 numa tarde fria e chuvosa. Encontrei a Jane bastante perturbada, deitada nua sobre o lado esquerdo. O Dr. Gibson e a enfermeira-chefe, Mary, tinham estado no 330 para ver o joelho da Jane. “Ouvi dizer que o seu joelho a tem incomodado”, dissera o médico. “Não”, respondeu a Jane, “não tem.” O Dr. G olhou para ele, comentou que tinha uma grande úlcera no joelho e saiu rapidamente com a Mary antes de a Jane ter tempo de lhe perguntar sobre o que estava a falar com a enfermeira. A Jane logo temeu o pior: que o Dr. G quisesse operar, ou drenar, o joelho, ou algo desse género.)

(Disse à Jane que muito bem podia estar a projectar os seus próprios medos sobre algo que afinal não era assim tão grave — que o episódio servia, antes, para mostrar o quanto as velhas crenças ainda a dominavam. Que, como o Seth tinha observado, a mente consciente tinha de aprender a libertar-se do medo. Ela tinha projectado uma quantidade de sentimentos negativos sobre o médico, de quem gosta, até ao ponto das lágrimas. “E logo agora que estava a ir tão bem ontem à noite e hoje”, disse, enquanto eu me preparava para a virar de costas.

(A Jane tomara Darvoset cedo de manhã. Devo notar que ontem não tomou Darvoset nenhum durante todas as muitas horas em que estive com ela. Isso, em si, é um grande sinal, disse-lhe. Quando a Judy, a enfermeira, trouxe o tabuleiro do almoço e substituiu alguns dos pensos, pedimos-lhe que contactasse a Mary para saber exactamente de que tinham falado ela e o Dr. G, em relação ao tratamento da Jane. Quando voltou, a Judy disse-nos que o Dr. G tinha passado uma prescrição para um unguento diferente do Silvadene a ser usado na úlcera do joelho; o novo unguento ajudaria a desbridar a ferida e a promover uma cicatrização mais rápida.

(E assim a Jane percebeu que os seus receios tinham sido por pouco ou nada. Não havia qualquer operação ou drenagem planeada. Reforcei junto da minha mulher o papel que a crença podia desempenhar nas suas reacções. Acima de tudo, queria que ela reeducasse a sua mente consciente de modo a banir tais medos.

(Depois do almoço — a Jane comeu muito bem — contei-lhe o meu pequeno sonho vívido da noite passada. A cores: eu olhava pela janela sul do quarto e via o Fred Kardon no relvado; ele falava com outra pessoa que fazia algum tipo de trabalho perto do grande pinheiro que cresce junto

ao canto da casa. Não na árvore em si. Talvez a cavar o chão. O Fred usava roupa de trabalho — calças de ganga e uma camisola, creio — e eu ouvia-lhe bem a voz enquanto falava com o outro. Não tinha a certeza da interpretação, exceto que devia envolver uma reavaliação da minha parte do papel do Fred na sociedade. “Por tudo o que sei”, disse à Jane, “o outro podia muito bem ser eu.”

(A Jane iniciou a sessão depois de as pessoas terem entrado para lhe verificar os sinais vitais, que estavam todos normais. Temperatura 36,4, etc.)

Agora desejo-vos uma boa tarde afetuosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

A reação do Ruburt à visita do médico esta manhã mostra de facto o domínio que as velhas crenças podem exercer, e os sentimentos de pânico que podem despertar.

No entanto, o Ruburt fez uma tentativa de se libertar desses sentimentos, ao falar deles contigo, exprimindo-os, e ao recordar-se das nossas sessões e das suas próprias melhorias físicas.

(Longa pausa.) No teu sonho, a árvore representa a árvore da vida, ou a natureza, crescendo por si, reparando-se à medida que avança. Viste o médico em roupa de trabalho, exprimindo o teu sentimento de que os médicos eram mais como mecânicos, lidando com manipulações exteriores; assim, o teu médico aparece sem o seu traje habitual, arrumado e de fachada elegante. Isto liga-se, claro, à tua experiência em geral relativamente aos membros da profissão médica, e aqui simbolicamente despes o médico da sua autoridade assumida, vendo-o mais como um trabalhador contratado — um canalizador ou mecânico, talvez, mas desprovido de qualquer inclinação filosófica profunda.

Isto também está ligado à condição do Ruburt.

(“Com quem é que ele estava a falar lá fora, à janela?”)

Falava com uma parte de ti próprio —

(“Era o que eu pensava.”)

— e tu entraste na conversa, por assim dizer. Continuem, de todo o modo, a rever as nossas sessões, e podem esperar mais melhorias da parte do Ruburt, à medida que prosseguirmos com estas práticas.

Agora façam uma pausa, e posso ou não regressar, de novo segundo os ritmos de que já falei.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“As tentativas da Jane para lidar com a visita do médico esta manhã foram eficazes em contrariar os efeitos dessa visita?”)

Foram somadas à tua própria ajuda, quando lhe explicaste a situação.

(“Sim. Eu queria saber se os esforços da Jane penetraram tão fundo na psique dela como os sentimentos que ela colheu da visita do médico — se neutralizou essas reações negativas.”)

Os sentimentos foram neutralizados — e tu ajudaste ao acrescentares os teus próprios lembretes.

(“Obrigado.”)

(A Jane fumou um cigarro. Moveu os braços, mãos e ombros muito rapidamente. Disse que também conseguira fazê-lo de manhã. Eu disse que o importante era o facto de ela estar a manter os progressos de cada dia. Recomeço às 16h23.)

Agora. Lembrem-se de continuar com a prática de deshipnotização. O seu valor aumenta com o tempo. Noutras palavras, torna-se mais eficaz cada vez que é usada. *(Longa pausa.)* Ambos estão a encontrar novas probabilidades de natureza benéfica, e cada vez que o fazem inscrevem novas marcas, trilhos ou impressões na realidade, alterando-a de forma eficaz nesses sentidos desejados.

Como sempre, a sessão continua a outros níveis dos vossos seres, e posso ou não regressar, novamente segundo os ritmos de que já falei. Estou, contudo, particularmente presente durante aqueles momentos em que estão juntos.

(“Obrigado.”)

(A Jane portara-se bem. Reli-lhe partes de todas as sessões durante a meia-hora seguinte, depois virei-a de lado. O movimento correu melhor que o habitual. Depois massajei Oil of Olay nos pés, pernas, mãos e antebraços, falando a cada uma dessas partes, por sua vez. Mais uma vez senti melhorias nessas zonas da anatomia dela, e incentivei-a a mantê-las.)

SESSÃO APAGADA

24 DE OUTUBRO DE 1983

(O Steve e a Tracy Blumenthal visitaram a Jane no hospital ontem à noite e a mim em casa depois. Falámos sobretudo de negócios, e o Steve vai contactar o Pete Harpending acerca de várias questões. Disse aos miúdos que podiam perder a camisa na proposta de uma Seth Production Company, só para que soubessem das várias possibilidades e probabilidades.)

(Foi doloroso virar a Jane hoje. Virei-a de costas depois de passar primeiro pelos Registos Médicos para ver a Janet Troutt acerca da cópia dos registos da Jane que me tinham prometido. No entanto, as cópias estavam tão más — e sem relatórios laboratoriais — que a Janet disse que as refariam; agora tenho de passar daqui a dois dias, o que significa que os registos não seguem para a companhia de seguros antes disso.

(A Jane teve o cateter mudado, embora ainda tivesse espasmos quando cheguei, e esses continuaram durante a tarde. Não suportava que eu lhe esfregasse a perna esquerda depois de a virar, por causa das fortes sensações de “agulhas” que a massagem lhe provocava na perna. Tinha bom movimento nos braços e ombros, o que significa que mantém as liberdades nessas áreas. Disse que, de um modo geral, tem sentido algumas melhorias gerais, mas sobretudo nos braços e mãos.

(Às 15h15 li à Jane a sessão de ontem, depois de ela ter tentado em vão lê-la sozinha. Mesmo quando eu lha lia, dizia que “não conseguia absorvê-la muito bem”, por alguma razão. Massajei-lhe o pescoço. Respondi a alguma correspondência. Às 15h35 a Jane disse-me para preparar o papel e a caneta, caso o Seth se manifestasse.)

Agora: desejo-vos uma boa tarde afetuosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

É de facto uma boa prática realizar sequer uma breve sessão à tarde, pois cria-se um certo tipo de estrutura de cura em que esta é acelerada. Não é uma estrutura material, obviamente, mas é altamente — ops —

(A Sharon Poley entrou para medir a temperatura da Jane [36,6]; entrou sem bater à porta enquanto a Jane falava pelo Seth numa voz mais profunda e forte do que a sua voz habitual. A Jane disse as últimas palavras do Seth enquanto a Sharon estava ao fundo da cama, depois interrompeu-se assim que a viu. A Sharon não deu qualquer sinal de ter

reparado em algo invulgar — e olhando para a Jane, ninguém diria que estava em transe.

(Depois de a Sharon sair, perguntei à Jane como é que sabia, como Seth, que a Sharon estava ali. “Não sei”, disse a Jane. “Simplesmente vi-a. Acho que ela pode ter reparado em qualquer coisa, embora não seja nada de especial.”

(“Não havia muito em que reparar”, disse eu. A voz da Jane podia muito bem ser atribuída a estar obviamente a ditar-me algo, como todos sabiam que ela fazia todos os dias. Quando lhe disse que não achava que tinha respondido à minha pergunta, ela disse que vira a Sharon como Seth, por não estar tão profundamente em transe, e que a razão disso era que “acho que nos protegemos mais num sítio como este. Em casa teria sido diferente.”

(A Sharon Hurley e a Cathy entraram para medir o pulso e a tensão da Jane e para lhe dar as gotas nos olhos. Depois li à Jane as duas frases que tinha dado, e ela retomou às 15h59:)

— eficaz e eficiente.

Certas coordenadas dentro do próprio corpo são ativadas, e o corpo recebe um tipo diferente de carga, pelo menos momentaneamente. Noutras palavras, as sessões são um sinal de certa ordem, ativando certas partes do ser do Ruburt. Isto também tem um efeito benéfico em ti, Joseph. O conteúdo psíquico das vossas mentes altera-se. Ambos se tornam mais abertos a novas probabilidades, e as próprias sessões também devem ter um efeito de cura em ti, Joseph, de modo que ambos ficam colocados num tipo diferente de clima psíquico.

Agora façam uma pausa. Posso ou não regressar, segundo os ritmos de que já falei — mas, num sentido importante, estou de facto presente desde o momento da minha primeira saudação da tarde até ao momento em que saís. É mais fácil então realizar uma sessão nesses momentos.

(“Obrigado.”

(A Jane portara-se bem. Acendi-lhe um cigarro. O pé direito flexionava-se como antes o esquerdo. Disse que começava a sentir um ritmo nas sessões da tarde. Acrescentou também que, se eu estivesse presente à noite, poderia fazer mais...)

(Depois, às 16h14, começou a rodar os braços e mãos mais rápido do que nunca — o melhor até agora — era óbvio que os cotovelos estavam a soltar-se ainda mais. Já conseguia alcançar mais abaixo, em direção às

coxas. Depois os pés começaram a mover-se em ritmo — “É como se estivesse numa bicicleta”, disse. Agora havia muito movimento nos pés e tornozelos. “Parece que as pernas e os pés querem fazer o mesmo que as mãos e os braços estão a fazer”, disse eu. “Têm de começar por algum lado.”

(Abri um pouco a janela, já que o quarto estava a ficar abafado. O ar condicionado estava desligado. Recomeço às 16h20.)

Agora: uma breve nota sobre o que acabaste de testemunhar.

O Ruburt tornou-se mais consciente do ímpeto do corpo para a ação e movimento. Isso permite que o corpo aja de forma cada vez mais coordenada, reativando a memória muscular da atividade normal.

Tens toda a razão: as pernas querem, agora, agir em coordenação com o movimento dos braços. Isto traz automaticamente uma condição corporal muito melhor. Agora posso ou não regressar — de novo, de acordo com aqueles ritmos que o Ruburt começa agora a sentir.

(“Obrigado.”

(A Jane gemeu de desconforto, pois agora os dedos mais pequenos dos pés começaram a mover-se um pouco — juntamente com os dedos grandes — de uma forma que eu ainda não tinha visto. Outro primeiro passo. Outro sinal, disse-lhe eu. Fiquei encantado com a forma como mantinha os novos movimentos uma vez que estes se mostravam. Continuo a sentir esperança e entusiasmo.)

SESSÃO APAGADA

25 DE OUTUBRO DE 1983

(A Debbie Harris visitou a Jane ontem à noite. Quando cheguei ao quarto 330 esta tarde a Jane contou-me um excelente sonho que tivera na noite anterior. Envolvia pôr umas calças de ganga e um cinto, e rebolar-se na cama para as vestir, tal como costumava fazer. O cinto era o seu favorito antigo. A Jane também me descreveu como tinha anulado algumas sugestões negativas que duas pessoas que cuidam dela lhe tinham feito de manhã, sobre algumas das escaras. Disse a si mesma para esquecer, que os escaras podiam sarar sozinhos muito bem.

(A Jane almoçou muito bem. Às 15h30 começou a ter muitos novos movimentos no pescoço, rodando a cabeça de lado a lado com muito mais liberdade do que até aqui. Disse que isso ajudava todo o dorso. Os ombros

também se levantavam e moviam melhor. A Jane também mexia braços e mãos durante o almoço. Disse que os dedos dos pés também têm mexido.

(Agora os pés e tornozelos começaram a mover-se em ritmo — como se pedalasse numa bicicleta, disse ela — e, enquanto gemia com o esforço, os pés começaram a mover-se mais facilmente e mais rápido do que eu já a vira fazer. Até a cabeça se levantava e baixava na almofada ao ritmo dos movimentos dos pés.

(A seu pedido, pus o dedo num certo ponto na parte alta da nuca da Jane, onde os músculos do pescoço se juntam ao crânio — e de repente a cabeça começou a tombar para a frente e a recuar para trás a uma velocidade quase alarmante, tão rápida era. Duvido que eu próprio conseguisse fazê-lo muito mais rápido. Disse-lhe que a cabeça me parecia sem peso debaixo do dedo, e ela disse que também lhe parecia sem peso. “Foi fantástico”, repetiu vezes sem conta. Não conseguia imaginar mover-se mais depressa em quaisquer circunstâncias. “Isto dá-me mesmo esperança”, disse. “Acho que tudo isto faz parte da sessão de hoje” — um bom ponto. Acendi-lhe um cigarro às 15h55. Continuou os movimentos da cabeça a um ritmo mais moderado; pedi-lhe que não exagerasse. “Sei que posso ter uma sessão, por isso vamos esperar um pouco para ver se aparece gente ou não...” Falou novamente sobre como era bom mover a cabeça daquela maneira.

(Às 15h56 a Dawn entrou para medir a temperatura da Jane — 36,3 — e o pulso. Depois de a Dawn sair, a Jane disse que sentia movimento nas ancas pela primeira vez. Sentia-as a deslocarem-se de um lado para o outro deitada de costas. Eu conseguia ver indícios desses movimentos. Outro primeiro sinal, disse-lhe. Isto seria muito importante, pois agora as ancas já não ficariam sempre apoiadas na cama como um peso morto. “É a primeira vez que consigo mexê-las”, disse a Jane. Isto podia ser um desenvolvimento muito importante. “Moveram-se mesmo de uma forma nova, pela primeira vez.”

(Cansámo-nos de esperar por mais gente a entrar. A voz do Seth da Jane foi firme, mas não muito alta.)

Ora bem: desejo-vos uma boa tarde afetuosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

O desempenho físico do Ruburt esta tarde deve certamente mostrar-lhe que o corpo dele é de facto capaz de movimentos normais.

Só o medo e a desconfiança o têm travado. Deve repetir a si mesmo, outra vez, que é perfeitamente seguro mover-se, que a segurança do corpo, de facto, depende do seu movimento fluido, para que os músculos fiquem livres de relaxar e contrair-se.

O desempenho físico desta tarde representa realmente mais um avanço importante, pois ele sentiu em si essa facilidade e movimento, essa libertação da tensão que é tão vital para o funcionamento normal e saudável do corpo.

As imagens que está a usar, como a do cinto das calças de ganga, são um excelente exemplo de como velhas familiaridades de movimento podem vir em seu auxílio. O novo movimento envolvendo as ancas é também imensamente benéfico — e, uma vez despertados, esses movimentos podem agora continuar a melhorar.

Queria também dizer-te outra vez que o clima de cura é também benéfico para ti, Joseph, de modo que também tu beneficias, e o teu corpo físico está a ser afinado. *(Ando a especular e a esperar que seja esse o caso desde que esta série de sessões começou, disse eu à Jane depois da sessão.)*

Vamos fazer uma pequena pausa. Embora possa ou não regressar, de acordo com os ritmos de que falei. Em qualquer caso, a sessão é traduzida para outros aspetos da realidade, de modo que vos afeta a ambos em muitos outros níveis para além daqueles que reconhecem. E, uma vez que vos saúdo, estou presente de certa forma durante todo o resto da tarde até saíres, quer fale ou não.

(“Muito bem.”

(“Bem, esta sessão descreve facilmente as notícias mais encorajadoras até agora”, disse eu à Jane. Sem interrupções, como esperávamos. A Jane ainda sentia o movimento e os efeitos no pescoço.

(“Acho que o que quero dizer é que estou mesmo animada”, disse ela, exultante. “Simplesmente não pensei que conseguisse fazê-lo, percebes? Quase como as pessoas normais.”

(“Muita gente ‘normal’ não consegue mexer a cabeça assim”, disse eu. E é verdade. Ela ainda sentia um sentido de triunfo; mesmo bom. Os efeitos terapêuticos apenas da sensação deviam ser de grande valor.

A Jane fumou um cigarro. “Seria bom se eu fosse para casa pelo Natal”, disse. “Mas ao mesmo tempo tenho tido medo de pensar nisso...”

(O progresso dela está excelente agora, mas em casa em dois meses? Disse-lhe que achava bem ter tais pensamentos, mas que não era preciso

agarrar-se a eles. Deixar a natureza — o corpo dela — seguir o seu curso era igualmente válido, disse-lhe. E quem sabe — talvez tenhamos uma agradável surpresa...

(Recomeço.)

Bem: dou-lhes os meus parabéns a ambos pelos vossos progressos até aqui, sabendo que continuarão enquanto seguirem o nosso “programa”. Posso ou não regressar — mas queria que soubessem que estou de facto satisfeito —

(“Sim. Nós também.”)

— e que me alegro convosco.

(“É tudo”, disse a Jane. O melhor das pequenas sessões até agora, disse eu. A viragem para o lado esquerdo correu facilmente. Esfreguei Oil of Olay nos pés, pernas, braços e mãos, falando com essas partes enquanto “trabalhava” nelas. Todas estavam melhores, senti. A Jane juntou muito bem. Disse que sentia movimentos no corpo deitada de lado, a ver televisão, enquanto eu dormia uma sesta das 17h05 às 17h35. Ocasionalmente mexia alguma parte do corpo enquanto jantava. Ficámos muito animados.)

SESSÃO APAGADA

26 DE OUTUBRO DE 1983

(Quando cheguei ao 330 às 12h10 [depois de levar o carro ao Bob’s Car Wash para ser polido], virar a Jane de costas foi muito fácil. Ela disse que tinha feito “ginástica” com alguns exercícios no quarto de manhã, quando não estava lá ninguém. Sentia-se bastante bem. A troca de pensos, nestes dias, é bem mais fácil, e ela está a melhorar no hidro. Disse que ninguém no hidro notou qualquer alteração nos seus movimentos.

(14h50. Massageei o pescoço da Jane. Ela mexeu os ombros, os braços e as mãos como de costume – muito bem mesmo – o que mostra que está a manter os novos movimentos. Quando lhe massajei o pescoço, os pés também começaram a mexer-se – há uma ligação, disse ela. Às 15h22, depois de um cigarro, começou a mexer grande parte do corpo num programa generalizado de exercício – levantava a cabeça da almofada, mexia braços, ombros e pés, pernas [em menor grau] e ancas. Tudo em ritmo, disse ela, como se estivesse numa bicicleta. Tal como ontem, quando lhe tinha massajado aquele certo ponto no pescoço. Agora hoje a cabeça

começou novamente a tombar para trás e para a frente, muito rapidamente, sobre a coluna do pescoço. Depois fez movimentos com os braços e mãos que nunca tinha feito antes, muito rápidos; disse que parecia que ia abanar os dedos até os sacudir fora. Tudo isto só pode ajudar a circulação. Os cotovelos estão sem dúvida mais flexíveis.)

(Revimos as últimas sete sessões, já que ontem não o tínhamos feito. Às 16h00 terminou um cigarro, depois as mãos começaram a mexer-se mais um pouco. O cotovelo esquerdo estava claramente o mais flexível até agora, percebi bem. Entraram pessoas para lhe medir os sinais vitais. [A sua voz de Seth estava boa – mais “separada” da voz normal, mais distinta, talvez mais segura, e um pouco mais alta.]

Ora bem: desejo-vos uma boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

As sessões acrescentam energia e impulso extra, de modo que muitas das melhorias de Ruburt se mostram durante ou perto do formato da sessão. Isto é, naturalmente, muito benéfico.

(Pausa.) Disse-vos há algum tempo que os milagres são simplesmente a natureza sem entraves, e Ruburt está a aprender a dar liberdade à sua natureza, de modo a que esta possa seguir os caminhos mais amplos do seu próprio saber – libertando, assim, o corpo para que possa comportar-se de forma mais natural e normal.

Quando vos falo, obviamente uso palavras e vocabulário. Disse-vos também que estas sessões existem em muitos outros níveis de atividade, pelo que as sessões são traduzidas diretamente para o corpo em si, corrigindo erros antigos, por exemplo, e ajudando o corpo a libertar-se de resíduos passados. Suponho que o assunto pode ser comparado, de certa forma, à limpeza de uma casa. Quando os materiais velhos são descartados e novas vias de circulação são abertas.

Agora posso regressar ou não, conforme aqueles ritmos de que vos tenho falado – mas, em qualquer caso, continuo presente, como expliquei recentemente.

(“Está bem. Obrigado.”)

(Jane começou a coçar o ouvido esquerdo com a mão esquerda – um movimento que agora faz quase automaticamente. Na verdade, chegou mais atrás da orelha do que alguma vez antes. Reparámos que os surtos de movimento geralmente acontecem com maior intensidade por volta da hora da sessão, claro. Mas isso é bom – qualquer coisa é boa que leve a uma

expansão da sua actividade física. Um dos meus objectivos é vê-la conseguir virar-se na cama sozinha. Outro é que consiga ler por si mesma.)

(A senhora da TV veio cobrar a semana. Enquanto falávamos, os pés da Jane começaram a mexer-se, ambos, aparentemente sozinhos. Retomámos às 16h28.)

Não comparo o corpo a um computador – mas de certo modo é como se Ruburt se estivesse a reprogramar, com a ajuda de patamares superiores do seu ser, de forma a ativar uma nova organização, mais eficaz e benéfica, em que os erros antigos são cancelados e novos conhecimentos são introduzidos.

Mais uma vez, posso regressar ou não, mas quis deixar-vos este último material, pois creio que vos ajudará a compreender os novos processos em curso que estão agora a acontecer.

(16h30. Agradei ao Seth. Virei a Jane às 16h35, depois massajei-lhe o corpo como de costume com Oil of Olay, falando às partes enquanto o fazia. Ela respondeu bem. Ficou a ver televisão enquanto eu ia buscar o carro – que estava fantástico. Estava de volta às 17h15.)

SESSÃO APAGADA

27 DE OUTUBRO DE 1983

(Encontrei a Jane muito em baixo – até com algumas lágrimas – quando cheguei ao 330 esta tarde. Foi fácil virá-la de costas, contudo, e acabou por comer um excelente almoço. Também tinha tomado um bom pequeno-almoço. Só tem tomado Darvoset por volta das 5h30 da manhã, e antes de ir ao hidro mais tarde de manhã – melhorias claras, disse-lhe eu.)

(Começou a mexer-se na cama. Massageei-lhe aquele ponto no pescoço e a cabeça começou a tombar para trás e para a frente, como tem acontecido. Resmungou e fez força, e houve movimento na barriga e nas ancas. Depois os joelhos quiseram entrar no acto, e também os pés e os dedos dos pés.)

(Jane leu muito bem em voz alta a sessão de ontem. Também tinha lido bem no dia anterior. Disse-me que, quando lhe dão o Darvoset antes do hidro, “misturam-no com a aspirina, numa mistura terrível.”)

(A Dawn entrou para lhe medir a temperatura – 36,4º – iniciando a ronda diária dos sinais vitais, às 15h30. Às 16h00, Jane disse-me para

pegar no bloco, caso Seth viesse. Começou a flectir os braços. Conseguiu especialmente bem com a cabeça e o braço direito, depois os pés começaram a mexer-se. “Depois os pés aquecem”, disse, e exclamou de prazer: “Olha como vai rápido” – referindo-se ao dedo grande do pé esquerdo. Depois todos os dedos começaram a mexer-se em vários graus.

(A cabeça da Jane começou a levantar-se repetidamente da almofada. Gemeu, fez força, soltou sons roucos de esforço, começou a tentar mexer o corpo todo. Vi o esforço percorrer a perna esquerda até às ancas e à barriga. “O corpo todo está a tentar mexer-se”, disse eu, “como se estivesses a tentar mexê-lo num sonho.”)

(Manteve-se assim às 16h06. Pensei que aqueles movimentos talvez substituíssem a sessão propriamente dita de hoje. Começou a levantar a cabeça e o tronco, mexendo-os de um lado para o outro, com novos movimentos e bastante sucesso. Não a via fazer isto há anos. Era outro grande sinal, disse-lhe eu.)

(Descanso.

(Gemeu, resmungou e esforçou-se ainda mais, mais alto, Jane voltou a levantar a cabeça e o tronco e a movê-los de um lado para o outro. “O que estou a fazer, Bob? Meu Deus, que barulhos....”

(“Estás a mexer o corpo”, ri-me eu. “O corpo provavelmente não pode esperar para arrancar.”

(“Se ao menos conseguisse sentar-me na beira da cama”, disse Jane. Mexeu de novo os braços.

(“É um bom ponto a manter em mente”, disse eu, “o de te sentares na beira da cama.”

“Já pensei nisso.” Depois os pés começaram outra vez.)

(Descanso.

(De repente Jane começou a sacudir a cabeça e a rodar o braço esquerdo, mantendo o cotovelo no ar, tão vigorosamente que se queixou de estar a ficar tonta. “O que estou a fazer, Bob?”

(“Bem, o corpo está a tentar recuperar a coordenação”, disse eu, a pensar alto.)

(Agora havia um movimento geral da cabeça, tronco, pernas e pés. O corpo inteiro da Jane mexia-se e torcia-se no colchão, que se dobrava em conformidade. Não teria conseguido fazer isto nem sequer na última segunda-feira. “O que estou a fazer, Bob?”, perguntou de novo,

surpreendida. “Se ao menos conseguisse sentar-me na beira da cama daqui a um mês, já seria algo.”

(Sugeri-lhe que não se preocupasse com o momento em que conseguiria sentar-se na beira da cama, que isso aconteceria no seu devido tempo, à medida que as melhorias continuassem.)

(Mais uma vez começou ruidosamente a mover a cabeça e o tronco de um lado para o outro – o melhor esforço até agora – o movimento repercutindo-se na barriga e nas ancas, nas pernas e nos pés. Sugeri-lhe que não exagerasse.

(“Não estou”, disse ela. “Parece que estou a voar – como se os dedos fossem voar.” Uma clara referência, disse eu, ao esforço do corpo para aprender coordenação, ao facto de não estar habituada a mexer-se tanto nem tão livremente.)

(“Devo estar quase a virar-te.” Jane concordou. Não pensei que fossemos ter sessão.

(“Tentei fazer um pouco daquele exercício de bicicleta quando estava no hidro esta manhã”, disse Jane. “Conseguir sentir o efeito, mas não pude fazer muito porque é preciso manter o equilíbrio naquela maca... Uau, agora parece que podia cair.”)

(Mais movimentos do braço direito desta vez, e da cabeça e pescoço. Os movimentos do braço eram quase como se Jane estivesse a dirigir uma orquestra. Tirei-lhe o cigarro e o cinzeiro antes que os derrubasse com a mão que se mexia rapidamente. Tive a sensação de que o braço se mexia quase sozinho, algo descoordenado, como se procurasse o seu papel com o corpo, ou reaprendesse para que servia, o que podia fazer.)

(“Bem, fica com isto”, disse Jane depois de mais algumas passas, depois da sua melhor, mais prolongada e mais ampla exibição de movimentos até então. “Acho que afinal ainda vou ter um bocadinho.”)

Ora bem: desejo-vos uma boa tarde.

(“Igualmente, Seth.”)

O que queremos é a introdução de novos movimentos em todas as áreas do corpo do Ruburt numa altura em que estás presente, [Joseph], para que possas dar a tua ajuda e apoio, de modo a que acabemos com sessões de cura da forma mais conveniente.

Isto permite que Ruburt se torne cada vez mais consciente do movimento natural, espontâneo, num enquadramento em que se sente

seguro. Como disse antes, mesmo quando não estou a falar, estou presente de certas maneiras durante a tarde e o início da noite.

Agora faz uma pausa. Posso regressar ou não. Mais uma vez, segundo os ritmos de que vos falei.

(“Obrigado.”)

(A Jane fumou outro cigarro antes de eu a virar. Quer conseguir ler livros. Ainda não tivemos tempo de começar a cópia de Personal Reality que trouxe no dia seguinte a ter a ideia. “Mas não faz mal”, disse eu. “Se continuares a melhorar como tens estado, parece que vou ter de desmontar o livro muito mais cedo do que pensava – o que, afinal de contas, é o que queremos: que consigas ler sozinha.”)

(16h45. Estava prestes a virar a Jane para o lado esquerdo quando, de repente, ela começou a estender a mão direita para baixo, para fora da anca direita – facilmente uns bons centímetros mais do que tinha conseguido até agora. Fê-lo várias vezes. Consegui sentir e ver a tensão nos músculos rígidos do ombro, acima do peitoral, e no cotovelo, à medida que se moviam. Mas não estava a exagerar, nem a forçar demasiado. Depois descansou.

(Virei-a. Continuava a ser difícil para ela, mas saiu-se bem. Tinha-se saído extraordinariamente bem esta tarde. Também jantou muito bem. Parabéns, Jane.

(Nota: Como esta é uma sessão privada, posso acrescentar esta observação. Quando ficámos sozinhos, depois de a virar e de a deixar mais ou menos confortável, a Jane fez uma referência sexual a mim. “É melhor teres cuidado, não me dê ideias”, disse eu. Mais tarde percebi que isto era muito importante, pois assinalava o renascimento de outro interesse pela vida, por parte da minha mulher. Vou perguntar-lhe, porque nem sei se ela própria se dá conta do significado do que disse....)

SESSÃO APAGADA

28 DE OUTUBRO DE 1983

(Foi fácil virar a Jane de costas depois de chegar ao 330 às 13h05, e ela comeu um excelente almoço. Também tinha tomado bem o pequeno-almoço.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem – e saiu-se muito bem mesmo, ainda melhor do que ontem e do que anteontem. Leu seguida, fluentemente e aparentemente sem esforço. Na verdade, fiquei espantado. Duvido que eu próprio tivesse conseguido ler em voz alta mais depressa. “Estou a dar o meu melhor até agora”, disse ela, surpreendida e satisfeita. E realmente estava. Disse-lhe que a leitura tinha sido a melhor desde que viera para o hospital – e mesmo antes, em casa – embora ela questionasse a parte da “casa” da minha afirmação entusiástica. Mas tinha-se saído realmente bem.

(Às 15h25 a Jane sugeriu que pegasse no papel e na caneta para uma sessão. Começou a mexer o braço e a mão esquerdos com bastante liberdade. Depois, entre gemidos e esforços, o movimento percorreu o corpo até aos joelhos e dedos dos pés. De forma bastante clara, mexeu as ancas e as pernas.

(Começou um movimento generalizado de todo o corpo, levantando a cabeça e o tronco da cama e movendo-os de um lado para o outro.

(De repente a Jane começou a rodar o braço direito ao mesmo tempo que levantava a cabeça e o pescoço do corpo – aparentemente o mais rápido que podia. Mais uma vez, deu-me a sensação de que o corpo dela estava a treinar controlo e coordenação. Isto por si só já era um bom exercício. Produzia sons estranhos de esforço e movimentos quase violentos.

(Trabalhou no esticar da perna esquerda. “Percebo que os músculos querem fazê-lo, mas nem todos estão prontos ainda. O direito também não.” Mas eu apontei que a perna direita já está alguns centímetros mais abaixo. Percebo isso pelo espaço extra que agora tenho para inserir uma esponja entre a perna e a coxa, para lhe dar apoio quando está de costas.

(Sharon – temperatura [36,6°] e pulso.

(LuAnn – tensão arterial e gotas nos olhos.

(A pedido dela, massajei o “ponto” da Jane na parte de trás do pescoço. A cabeça começou a sacudir-se de um lado para o outro muito rapidamente. Depois procurei um segundo ponto no alto da cabeça – e

quando o encontrei com o dedo médio, a cabeça da Jane começou de repente a sacudir-se muito rapidamente para os lados. Gritou, desorientada pela velocidade do movimento. Não consegui perceber se tinha os olhos abertos ou fechados – nem ela própria, quando lhe perguntei mais tarde. Ao mesmo tempo, os pés começaram a mover-se num ritmo distinto com os movimentos laterais da cabeça. Tudo muito rápido.

“Duvido que algum médico acreditasse que eu pudesse fazer isto”, disse ela. “Mas afinal o que estava eu a fazer? Foi das coisas mais loucas que já fiz....” E mais tarde: “Ainda me sinto estranha com isto, sabes? Parece que estás incrivelmente oleada – não doeu nada.”

“Bem, isso já quer dizer bastante”, disse eu. “E talvez ainda surpreendas alguns médicos.”)

(“Estou só a ficar quieta um pouco, embora não sinta o Seth por perto”, disse ela.

(A Jane fumou um cigarro. Ainda sentia os efeitos do movimento da cabeça. “Deve ser porque querias trabalhar a cabeça hoje”, disse eu. “Ou o corpo queria – é isso que quero mesmo dizer”, respondeu Jane. Até o maxilar lhe parecia solto. Disse também que não sentia qualquer dor muscular no dia seguinte, por exemplo, depois de o ter começado a usar.

(Depois do cigarro, a Jane começou a gemer e a contorcer-se na cama, mexendo cabeça, tronco, pernas e pés. Disse até que os músculos dos olhos se mexiam. A “performance” não durou muito, mas pareceu despende muito esforço nos movimentos. “Mas afinal o que é que eu estava a fazer?”, perguntou, surpreendida.

(Depois de descansar um pouco, conseguiu levar a mão esquerda até ao lóbulo da orelha direita, com alguma ajuda minha. Ainda não consegue chegar perto de tocar a orelha direita com a mão direita.

(A Jane descansou um pouco, e perguntou-me se eu tinha o material de escrita pronto. Depois:)

Ora bem: uma boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

A performance física de Ruburt hoje deve convencer-vos de que as portas para o movimento físico normal estão a ser abertas.

(“Sim.”)

Nenhum artrítico convencional (quase com desprezo) poderia mover-se de repente com tais movimentos. A agilidade natural de Ruburt esteve encerrada, e está agora a ser libertada. A melhor visão é outro exemplo – e

os olhos estão realmente a melhorar, à medida que outra atividade muscular é permitida manifestar-se.

Mais uma vez, posso ou não regressar, conforme aqueles ritmos de que falei (*pausa*). Mas, como já disse antes, estou presente noutros níveis de atividade ligados a vós, quer fale, quer não.

(“Obrigado.”)

(Ri-me quando a Jane saiu do transe. Quando ela perguntou do que se tratava, disse: “Aposto que, quando recuperares os movimentos, vais ser um terror, não vais?”)

Ela concordou sem o dizer dessa forma. “Estou a mexer músculos que nem sabia que tinha”, disse, movendo o maxilar inferior. Começou a ler as sessões – apenas o material do Seth, desde a primeira de 9 de Outubro. Saiu-se tão bem como hoje mais cedo. Quando a voz se cansou, eu li-lhe o resto.

(16h55. Virei-a de lado e massajei-lhe o corpo com Oil of Olay. Saiu-se bem. Dormi uma sesta até às 17h40. A Jane comeu muito bem, como tem feito.

(Depois do jantar, e enquanto me preparava para sair, disse que podia ter outra sessão. Eu disse que sim. Tinha planeado ir às compras ao Acme, no lado sul, mas disse que podia comprar algumas coisas no SuperDuper, a caminho de casa. Queria toda a informação que conseguisse do Seth.

(Retomámos a sessão às 19h07, com uma boa voz, com um tom mais grave e força subjacente.)

Ora bem. Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Estamos a construir uma estrutura própria, a edificar uma certa dimensão, se preferirem. Na qual a cura é acelerada. É um certo tipo de estrutura multidimensional, como no vosso programa de televisão (*esta noite, Buck Rogers*), em que todas as coisas regressam ao estado mais benéfico.

Isto significa que estais finalmente a colocar-vos sob a direção de uma organização muito mais extensa – uma organização psíquica, em que todas as coisas regressam à sua forma mais natural e benéfica. Os velhos entraves de facto caem, porque entraís num tipo superior de conhecimento – um tipo de conhecimento que também procurais há algum tempo, uma estrutura em

que o tempo Sumari opera, para que certas aspirações possam ser atingidas num mínimo de tempo físico.

Quis ter a oportunidade de vos dizer isto. Agora podem fazer uma pausa, e regressarei ou não conforme os vossos desejos, e segundo aqueles ritmos de que já tantas vezes vos falei.

(“Está bem.”)

Estais a entrar no tipo de natureza em que ambos nasceram em bebés, e que é um símbolo das vossas posições únicas no universo.

(“Sou eu”, disse Jane. Depois:)

A questão é que não precisam de se esforçar demasiado – na verdade, não precisam de se esforçar nada. Os vossos seres gravitam naturalmente para as suas verdadeiras naturezas.

(“Sou eu.” Jane fumou um cigarro. O pulso e o braço direitos continuavam a “fazer coisas” enquanto fumava. Depois, às 19h22:)

Desejo-vos uma boa noite. A sessão extra serviu apenas para reforçar a estrutura de que vos tenho falado, para que funcione de modo mais eficiente e eficaz em vosso benefício.

(“Obrigado”, disse eu às 19h23.

(“Parece-me que quando tenho uma sessão dessas fico mesmo quente”, disse Jane. Perguntei-me se o corpo dela ficava mais ativo nesses momentos. “A talvez a limpar-se”, disse ela.)

SESSÃO APAGADA

29 DE OUTUBRO DE 1983

(Esta manhã comprei roupa na Harold's e vales postais para o orçamento no ES&L. As atividades extra significaram que só consegui dactilografar metade da sessão de ontem. Consegui virar facilmente a Jane de costas esta tarde. Ela comeu um excelente almoço. Disse à Jan Stimson que oferecia pizza ou o que quisessem à equipa, quando quisessem. Às 15h10 a Jane leu a parte da sessão que eu já tinha dactilografado. Saiu-se bem, embora talvez não tão bem como ontem. Depois li-lhe o resto da sessão a partir das minhas notas.)

(Ela estava algo desconfortável de costas, sentindo espasmos do cateter, e estando quente e suada. O dia estava luminoso e agradável, não demasiado frio. Comecei a distrair-me com o correio, a pensar que o dia poderia ser de descanso para ambos.

(No entanto, a esta altura a Jane estava a fazer força, a resmungar e a gemer enquanto mexia todo o corpo até certo ponto. “Oh, Jesus....” Cabeça e pescoço, braços e mãos, pernas e pés moviam-se em conjunto. “Não sei o que raio estava a fazer, mas usei muito mais o joelho [direito], isso sei....” Tinha medo de que as pessoas viessem fazer os sinais vitais e a apanhassem a mexer-se; receava que, depois de iniciar uma série de movimentos, não conseguisse pará-los logo caso alguém entrasse no 330. Eu pensei: que se lixe essa preocupação.

(E a Jane tinha razão. Às 15h53, mal começara a descansar, a Cathy entrou para lhe medir a temperatura [36,2°], depois, às 15h55, a Lorrie fez tensão arterial e pulso. A Jane estava quente e suada. Afastei um pouco as cortinas. Ambas as janelas estavam bem abertas, a ventoinha ligada.

(A Jane iniciou outra série de movimentos generalizados de todo o corpo. Também fazia barulho, dizendo a si mesma “Shhh.” Era algo humorístico. “Não sabia o que raio estava a fazer”, disse de novo. Mas pode dizer-se com segurança que a perna direita mostrava claramente sinais de se mexer mais. A esponja que coloco entre as pernas quando está de costas estava constantemente a escapar.

(Descanso.

(Mais movimentos, mais fortes – cabeça e peito de lado, o pé esquerdo a levantar-se mais alto ao nível do tornozelo do que até agora. Depois a Jane chegou mesmo a levantar o pé todo da cama, enquanto continuava a flectir. O joelho não abriu mais, contudo. Respirava com

força. O esforço do novo movimento notava-se na anca, na coxa e na barriga, todos os músculos tensos. Quando descansou, disse que o pé “levitou”.

(Cabeça e peito de lado a lado. A Jane conseguia sentir o joelho da perna direita a mexer-se. “Consigo fazer muito mais com esse joelho.”

(A Jane começou outra série de movimentos depois de um pequeno descanso, envolvendo sobretudo o braço, o pulso e a mão direitos. Depois os pés começaram a mexer-se em compasso com o braço.

(Cabeça de um lado para o outro, braços e tronco, sempre a resmungar e a respirar alto.

(Descanso. Cigarro.

(De repente a Jane começou a levantar novamente toda a perna esquerda – primeiro uma polegada, depois duas – afastando-a do colchão. A barriga estava tensa com o esforço. “Seguro, seguro, seguro”, repetia para si mesma. Depois levantou o pé uns oito centímetros da cama, flectindo-o ao mesmo tempo no tornozelo. Depois ainda mais, respirando alto, a cabeça a ir de um lado para o outro contra a almofada.

(O pé desceu finalmente. Tinha-o mantido no ar durante pelo menos três minutos, disse-lhe eu. Magnífico, o melhor até agora de longe. Depois o pé voltou a fletir. Voltou a erguer-se bastante no ar. “Seguro, seguro, seguro”, gritou a Jane. A perna inteira mexia-se para cima e para baixo, embora o joelho não fletisse.

(Descanso. “Oh, isso foi esquisito, Bob”, disse ela. “O pé estava por conta própria, e tentou endireitar o joelho, e depois consegui senti-lo no pé direito. Mas o que é que eu estava a tentar fazer, Bob?”

(Disse-lhe que achava que estava a preparar-se para flectir a perna esquerda no joelho, começando por se habituar a levantá-la do colchão pelo pé. “Não tenho a sensação de que acabei o exercício por hoje, no entanto”, disse a Jane.

(Fortes movimentos laterais da cabeça e ombros, arfando. Chegou a bandeja do jantar. “Estou sempre a olhar para o relógio”, disse a Jane. Mais movimentos do tronco superior. Preocupava-se com o tempo que ocupava com os movimentos, mas eu disse-lhe para esquecer isso. Pediu-me para perguntar ao Seth se por vezes estava em transe quando fazia os movimentos: “Se alguma vez conseguir acalmar-me o suficiente para o fazer”, acrescentou, referindo-se a ter uma sessão. Disse-lhe que achava que podia estar, pelo menos algumas vezes; os novos movimentos,

repetidos, podiam pô-la “em transe” por causa da novidade deles, etc. A Jane falou de ter passado a ter medo da sua agilidade natural, de ultrapassar a sua capacidade física.

(“Isso não pode ser”, disse eu, pegando no que achei ser um ponto muito bom. “É contraditório dizer que o corpo pode ultrapassar a sua capacidade – como poderia fazê-lo? Por mais que vejas alguém na televisão esforçar-se para lançar uma bola, chutar uma, correr ou levantar peso, podes ter a certeza de que está dentro da sua capacidade física. Caso contrário, o corpo não conseguiria fazê-lo.” Por acaso, um programa de TV mostrava nesse momento excertos de vários desportos [sem som]. A Jane disse que compreendia. A minha preocupação era que ela conseguisse esquecer essas crenças, para desfrutar das capacidades inatas do corpo sem medo.)

(Às 16h53, embora estivesse a aproximar-se a hora da sesta, a Jane disse que sentia que o Seth estava prestes a manifestar-se. Disse-lhe para avançar.)

Agora desejo-vos uma alegre boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

O Ruburt está de facto simplesmente a desbloquear a sua própria agilidade e capacidades naturais. Sob a bandeira da estrutura de que tenho falado, está perfeitamente seguro e apoiado. O movimento decorre sob os auspícios da sessão, para o reintroduzir à sua própria agilidade.

Posso ou não regressar, conforme aqueles ritmos de que tenho falado, mas queria dizer-vos isto agora, e felicito-vos a ambos.

(“Obrigado.”)

(A Jane estava quente e suada. O Seth não regressou. A bandeja do jantar entrou minutos depois. Suspeitei que tinha encurtado a sessão por causa da hora, do nosso horário, etc. Correu bem quando a virei para o lado esquerdo, depois massajei-lhe os pés, pernas, braços, mãos e pescoço com Oil of Olay. A Jane voltou a comer bem ao jantar. Dormi das 17h15 às 17h45. A bandeja coberta manteve a comida bem quente.

(Rezei às 19h50 e depois fui-me embora. A Jane não chamou. Já quase não o faz. Parece que não resulta: a equipa anda demasiado ocupada.)

SESSÃO APAGADA

30 DE OUTUBRO DE 1983

(A Margaret Bumbalo telefonou esta manhã e convidou-me para jantar esta noite. Cheguei ao quarto 330 às 13h05. O pessoal tinha almoçado asas de frango e pizza, que lhes disse para encomendarem, por minha conta. A pizza estava deliciosa, mas afinal as asas tinham sido preparadas com molho picante, ou seja, pimentos fortes, de que nem todos gostaram – nós incluídos, a Jane e eu. A Jane trouxe dois pedaços de pizza – por isso acabei por me esquecer de os trazer para casa às 19h05, quando saí....

A Jane virou-se bem de costas para o almoço, e também comeu bem. Às 15h30 começou a ler o material das sessões dos dois últimos dias, mas teve bastante dificuldade. Acabou por terminar a parte da sessão de anteontem, mas já não conseguiu ler a de ontem, por isso larguei o correio e li-lha eu.

(Disse-lhe que achava que hoje era um dia de algum descanso para ambos. Pareceu concordar. A Jane fez alguns movimentos ligeiros com os pés e braços, e pouco mais. O tempo pareceu passar depressa.

(Fiquei a saber o nome do agente enzimático de desbridamento, ou pomada, que foi receitada para a úlcera no joelho direito da Jane: Travase Ointment [Sutlains Ointment], e copiei grande parte da informação do pequeno tubo que uma das enfermeiras deixara em cima da mesa no 330. [Deve ser mantido refrigerado.] Também descobri o nome da cápsula verde que a Jane recebe todas as manhãs para ajudar a assimilar a vitamina D, que promove a absorção e nutrição: Oscal. Já a toma há bastante tempo.

(A Jane queixou-se várias vezes de que as costelas médias do lado direito a incomodavam esta tarde – tanto que acabei por lhe colocar uma esponja debaixo da caixa torácica. Isso pareceu ajudar bastante. Ela pensava que o desconforto vinha de uma ligadura numa das escaras dessa região. Mas descobri outra coisa quando a virei para o lado esquerdo depois da sessão: tinha estado deitada em cima de um rolo de fita adesiva que alguém – provavelmente a Georgia ou a Phyllis – tinha deixado na cama ao trocar-lhe os pensos de manhã. Não reparei quando a virei de costas às 13h10, pois faço sempre isso do outro lado da cama. Tinha

ficado uma marca avermelhada nas costas da Jane devido à pressão prolongada, mas começou a sentir-se melhor mal percebi o que tinha acontecido.

(No final da tarde a Jane disse que afinal teria uma sessão – pensei que a ia dispensar hoje, já que nenhum de nós estava no melhor. Fiquei mais do que contente por pegar no papel e na caneta, por sugestão da minha mulher. A voz do Seth estava boa, mas não muito alta. A porta do 330 estava entreaberta, mas nem me levantei para a fechar antes de o Seth aparecer. Consegui ouvir o movimento habitual no corredor, gente a passar, ou a parar à espera do elevador, enquanto o Seth falava. A Jane não se incomodou nada.)

Ora, desejo-lhes uma boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Diz ao Ruburt que confie no corpo e nos seus períodos de exercício e descanso.

Lembra-o mais uma vez de que a mente consciente não pode conhecer todas as ações internas do corpo. E lembra-o mais uma vez do material que lhe dei acerca dos papéis da mente consciente e inconsciente. Recorda-lhe também que a chamada mente inconsciente é de facto altamente consciente – mas numa área diferente de atividade – e sabe o que está a fazer.

Todas as partes do corpo, deixadas em paz, procuram a realização global do corpo e a sua expressão livre. Como já disse muitas vezes, a espontaneidade conhece a sua própria ordem.

Agora posso ou não regressar, conforme aqueles ritmos de que tenho falado – mas estou mais uma vez presente, quer fale ou não, e o Ruburt pode aprender a saborear toda a agilidade e movimento do seu corpo.

(“Obrigado.”)

(Foi tudo por hoje. Os pés da Jane estavam a mexer-se quando saiu do transe. Sentia-se quente e desconfortável, embora houvesse uma janela bem aberta e a ventoinha ligada [o modo de ar condicionado da ventoinha aparentemente foi desligado para o inverno pelo hospital]. Toquei naquele certo ponto no pescoço e a cabeça moveu-se ligeiramente de um lado para o outro. Foi um dia sobretudo de descanso, portanto.

(Quis ser virada de lado às 16h25, um pedido invulgar para ela, e foi aí que encontrei o rolo de fita que tanto a incomodara desde as 13h10. Massajei-lhe os pés, pernas, braços, mãos e pescoço com Oil of Olay.

Comeu bem depois de eu ter feito uma sesta. O Steve e a Tracy ligaram, e a Jane disse que os queria ver.)

(A Jane jantou bem. Saí às 19h05 depois de fazermos a oração apenas uma vez. A Lorrie e a Cathy entraram para lhe trocar os pensos, interrompendo a oração. A Jane telefonou-me por volta das 21h50, pela primeira vez em muito tempo. O jantar da Margaret estava delicioso.)

SESSÃO APAGADA

31 DE OUTUBRO DE 1983

(Hoje foi um dia relativamente calmo para ambos. Fiz algumas coisas, falhei outras, e a Jane fez alguns exercícios e teve uma pequena sessão.

(Esta manhã tentei contactar o nosso canalizador habitual, mas quando não consegui, liguei a outro, que poderá vir cá ainda esta semana. O Frank Longwell visitou às 11h30, enquanto eu almoçava. A caminho do hospital parei no Acuto Pontiac para marcar uma revisão da caixa de velocidades do carro: quarta-feira, às 13h00. Posso ir a pé da oficina até ao hospital. Mais tarde, no 330, deixei a Jane para ir aos Registos Médicos outra vez, mas não consegui nada porque não apanhei a Janet Troutt, que está a tratar dos registos da Jane tanto para nós como para a Blue Cross. Telefonei do 330 às 16h01, durante a pausa da sessão da Jane, e mais uma vez não consegui qualquer contacto útil. Talvez, pensei, estejamos destinados a nunca obter esses registos. Hei-de tentar outra vez amanhã, suponho.

(Depois de um bom almoço, a Jane tentou ler em voz alta a sessão de ontem – e saiu-se bastante bem – muito melhor do que tinha feito ontem, claro. Depois esperámos para ver o que se desenvolvia. Eu mexia no correio.

(Às 15h40 a Jane pediu-me para tirar o cigarro e o cinzeiro que tinha na barriga. Queria mexer-se, disse. Pouco depois levantou o pé e a perna esquerdos uns centímetros da cama. “Seguro e agradável”, repetia para si mesma, a respirar forte e a gemer enquanto a perna subia e descia. Foi mais do que tinha feito ontem, penso eu.

(Mais cedo tinha-me dito que estava desapontada e impaciente com o seu progresso desde que começámos este conjunto de sessões a 9 de Outubro. Queria que as escaras tivessem cicatrizado em uma semana,

disse, e já estar sentada à beira da cama. Enquanto eu mexia no correio, o pé esquerdo levantou-se de novo – uns bons oito centímetros desta vez, enquanto ela gemia e a cabeça se mexia contra a almofada. Descansou quando ouviu o carro dos medicamentos no corredor perto do 330. Voltava a recear que, se estivesse em movimento intenso ou algo assim, não conseguisse parar imediatamente caso alguém entrasse. Estava a aproximar-se a hora dos sinais vitais.

(A Susie entrou para medir a temperatura – 36,0° – e o pulso. Dois minutos depois, depois de eu fechar a porta, a Jane começou a falar pelo Seth.)

Ora bem, desejo-lhes uma boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Há alguns pontos que queria mencionar.

As escaras do Ruburt podem melhorar, e irão de facto melhorar. O ritual das ligaduras e assim por diante, e a concentração geral nessas partes do corpo, no passado ajudaram a prolongar a condição. É quase como se se prestasse tributo às escaras.

O Ruburt pode dizer a si mesmo que a mesma energia que escreve os seus livros e que hoje à tarde levantou o seu pé pode também curar essas outras partes do corpo. Podem fechar-se facilmente e de forma natural à medida que o corpo segue a sua própria inclinação espontânea para a saúde normal. Há agora bastante nutrição para o ajudar, já que está a assimilar proteínas muito melhor do que antes.

Vou dar-vos uma pequena pausa, e depois regressarei, pelo menos brevemente.

(“Está bem.”)

(Durante a pausa telefonei aos registos médicos. A Jane fumou um cigarro. A Lorrie entrou para lhe medir a tensão arterial. Retomámos às 16h12.)

Agora, mais uma vez, o que o Ruburt deve lembrar é a sensação de facilidade, agilidade e liberdade. Ele sente-a quando o pé se moveu como esta tarde, ou quando outras partes do corpo se mexem fácil e automaticamente. Essa sensação é de facto a sensação de brincadeira de que falei tantas vezes. O corpo seguirá a sua própria ordem à medida que o processo de cura continuar, por isso não deve exigir que o corpo faça assim ou assado, pois o corpo sabe o que está a fazer.

Posso regressar ou não, conforme aqueles ritmos de que tenho falado – mas, de novo, estou presente quer fale ou não.

A palavra Sumari transporta em si a essência da criatividade lúdica, e delicia-se de facto com as chamadas curas miraculosas, apreciando as surpresas e um sentido de pura diversão.

(“Obrigado.”)

(Li a sessão à Jane. Ri-me da forma como o Seth tinha declarado que o corpo dela sabia perfeitamente como se curar por si mesmo, independentemente das exigências dela.

(Agora a Jane mexia os braços, um de cada vez. No hidro, esta manhã, disse que tinha mexido muito suavemente os pés o suficiente para sentir o “efeito bicicleta”. Não é tão fácil mexer os braços, contudo – a maca é muito estreita e ela tem de controlar o equilíbrio.

(Cortei as unhas da Jane. Foi sem dúvida mais fácil tratar dos dedos dobrados da mão direita, pois estavam agora muito mais flexíveis. Quando terminei os dedos dos pés, os músculos à volta dos olhos e na testa também se mexiam, aparentemente com impulso próprio, com vida própria. Usei Oil of Olay nos membros.

(Depois de eu ter feito uma sesta, a Jane comeu um jantar muito bom. Foi fácil virá-la de costas. Li-lhe a oração às 19h00 e saí cinco minutos depois.)

SESSÃO APAGADA

1 DE NOVEMBRO DE 1983

(A bandeja do almoço já estava no quarto 330 quando lá cheguei. Tinha passado pelos correios para enviar à Tam o conjunto das provas de página de Seven que Bill O’Hearn nos tinha mandado, juntamente com uma cópia da carta dele a respeito dos exemplares encadernados das provas de página de Seven.

(Ainda não telefonei aos registos clínicos acerca das cópias para nós e para a companhia de seguros. Parece inútil. Estou zangado com a situação e talvez vá ver o Andy Fife amanhã.

(A Jane estava bem do lado dela. Correu bem na hidroterapia, experimentando alguns movimentos. Não houve dejeção esta manhã. A Patty, enfermeira, tirou culturas das duas úlceras que têm drenagem nas

ancas para exames. Sem desconforto. A Jane almoçou bem. Fumou um cigarro às 14h05 enquanto eu trabalhava no correio.

(A Jane portou-se bem, lendo em voz alta a sessão de ontem. Está a ter espasmos da algália. Por vezes vê a página dactilografada muito mais escura do que o habitual — um bom sinal de melhoria, potencial presente. Exclamou perante as mudanças súbitas.

(Fumou outro cigarro depois de eu encher algumas partes do colchão. Esperámos para ver o que faria durante a tarde.

(A Jane começou a fazer sons guturais e a levantar a perna esquerda, fletindo o pé — uns 5 cm acima do colchão. O pé direito também começou a mover-se. Depois a cabeça e os ombros começaram a mover-se contra a almofada e o colchão. “A porta está fechada?”

(Sons mais altos. Tronco de um lado para o outro. Pausa. Depois a Susie e a Sharon Poley entraram para medir a temperatura — 35,6 °C — pulso e tensão arterial.

(Gemeu rapidamente, começou a levantar a perna esquerda bem alto. O pé direito mexeu-se e ela começou a agitar o corpo de um lado para o outro. Bons movimentos.

(Mais movimentos das pernas no ar. “Anda, doce corpo”, murmurava suavemente. “Cada vez mais alto... Quando fecho os olhos parece que o joelho esquerdo está mesmo lá em cima, e sinto o ímpeto na perna direita para se mexer. Mexe-se um pouco — mas não quero magoar a fratura nem nada.”

(Depois de a LuAnn lhe pôr gotas nos olhos, os pés da Jane começaram ambos a mexer-se, o esquerdo levantado. Ela começou fortes movimentos de cabeça com muitos sons. Pausa, o tornozelo esquerdo ainda a fletir na cama às 16h05.

(De repente, fora da cama, o pé esquerdo da Jane começou a rodar no tornozelo de maneira diferente. “Um movimento novo”, disse-lhe entusiasmado, e ela conseguia senti-lo. Pausa.

(De repente, a perna esquerda ergueu-se completamente da cama, e a Jane gritou e fez outros sons quando o tornozelo começou a rodar de novo, com bastante flexibilidade. Parece que a almofada dobrada debaixo da perna esquerda funciona como fulcro prático para os movimentos da perna, dando-lhe algum apoio e confiança quando começa a mexer-se. Mas quando levanta o pé da cama, a perna fica sem o apoio da almofada.

(Mais movimentos do pé. A falar consigo própria: “Está tudo bem.”

(Outro episódio de fortes movimentos — cabeça e tronco de lado, pé esquerdo no ar — a chamar por mim. Dei-lhe apoio, tocando-lhe no braço direito sem interferir com o movimento. Agora o pé direito estava definitivamente a mexer-se, o melhor até então. “Está a tentar entrar na ação”, disse eu.

(Depois o tornozelo esquerdo rodou em círculos. Depois a cabeça, de lado e para trás, e o peito. Sons.

(A Jane contou-me sobre a Toni, uma mulher corpulenta que muitas vezes toma conta dela à noite, e que eu nunca conheci. Tem quatro filhos, cabelo grisalho, etc. Isto lembrou-me que, embora esteja com a minha mulher, ainda há partes da vida da Jane que me são bastante desconhecidas — pessoas que ela conhece e que nunca vejo.

(Depois contou-me sobre uma nova enfermeira que lhe deu o pequeno-almoço e a irritou ao falar de a Jane ir “para outra instituição”. Sem tempo para lhe dar um cigarro, etc. A Jane disse que não ia para lado nenhum. A enfermeira confirmou na estação se a Jane podia fumar. Estava autorizado. Eu disse à Jane para mandar a mulher dar um mergulho no lago. Ela não apareceu enquanto estive lá. Tinha sido chamada de outro andar para ajudar.

(“Estou a contar-te isto para desabafar”, disse a Jane. Ela também o dissera à Patty.

(Depois de um cigarro, o pé esquerdo da Jane começou a mexer-se livremente no tornozelo de uma nova forma. Depois a cabeça e os ombros de novo, e mais sons e respiração pesada. Perna esquerda erguida, tronco de um lado para o outro — movimentos quase violentos para a minha mulher — excelentes sinais. A Jane sentiu movimentos nas ancas, na perna direita e no estômago — eu conseguia vê-los. A perna direita, que pouco se tinha mexido, parecia “a ferver por dentro”. Atividade muscular interna e circulação aumentadas, disse eu. “Agora sinto aquela sensação elétrica nos dedos dos pés — o do pé direito ao lado do mindinho formiga imenso.” Outro bom sinal.

(“Não sei o que fazer. Sinto o Seth por perto mas sempre que penso em ter uma sessão começo a mexer-me...” E mesmo enquanto falava a perna esquerda ergueu-se. Eu disse-lhe que o movimento vinha primeiro, já que era isso que as sessões deviam ajudar a alcançar.

(Depois às 16h40 a Jane disse-me para pegar no bloco. Um minuto depois começou a sessão.)

Agora: Uma boa tarde calorosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

O Ruburt está encantado, tal como tu, com a sua mobilidade cada vez maior, mas ainda se questiona sobre quando tudo isto se traduzirá em atividade prática — ou seja, pergunta-se quando poderá sentar-se devidamente e começar a andar.

Certamente que o conseguirá, partindo do princípio de que continua como tem feito. Então poderá sentar-se devidamente e depois andar com cada vez mais segurança e facilidade. Mas o corpo tem de o fazer à sua maneira. Ele sabe todas as manipulações necessárias que devem ser realizadas. Diz ao Ruburt para se lembrar disso.

(“Sim.”)

Posso ou não voltar, conforme os ritmos de que tenho falado.

(“Está bem.”)

(“Acho que ele parou porque tive um ligeiro espasmo”, disse a Jane. “Também nos esquecemos de lembrar alguém da bandeja do jantar.” Ela queria dizer garantir que a recebíamos a tempo.

(“Ia perguntar-lhe sobre a perna direita”, disse eu, “mas acho que ele já respondeu.”)

(“Escreve e pergunta-lhe”, disse a Jane. “Suponho que tenho de me virar, mas não quero...”)

(Mas portou-se bem quando a virei, e massajei-lhe as mãos e os pés, as pernas e os braços com Oil of Olay. A bandeja chegou [pela Susie] ainda antes de eu dormir uma sesta das 17h05 às 17h35. Foi fácil pôr a Jane de novo de costas. Mais uma vez comeu bem — um sinal muito encorajador, por causa do alimento que representava. E senti aquela esperança já familiar mas nunca tida como garantida, juntamente com entusiasmo, ao descer o corredor depois de a deixar às 19h05. Tínhamos lido a oração juntos cinco minutos antes.)

SESSÃO APAGADA

2 DE NOVEMBRO DE 1983

(Cheguei às 13h10 depois de deixar o carro na Pontiac do Acuto para arranjar a mudança de velocidades. A Jane estava bem deitada de lado, e virei-a. Tinha tido uma evacuação grande ontem à noite e outra mais pequena de manhã. Depois do almoço contou-me que a Toni, de quem falei na sessão anterior, tinha descoberto uma “pedra na bexiga” na algália quando a esvaziou a meio da noite. O Fred Kardon deve ter visto a pedra, disse a Jane, já que foi através dele que lhe disseram que era isso mesmo — uma pedra na bexiga. A Jane não viu o Fred.

A Jane voltou a comer um excelente almoço, e a Peg Gallagher visitou-a antes de terminar. Depois de a Peg sair, a Jane e eu concordámos que pediríamos ao Seth para comentar sobre a perna direita partida e sobre a pedra. Pelo menos, disse eu, já tinha expelido a pedra sem sequer se dar conta.

(Ao início a Jane teve dificuldades a ler a sessão de ontem, mas foi melhorando à medida que avançava. Nunca é fácil, contudo, e ajudei um pouco.

(A Jane começou uma série de movimentos dos pés. “O teu pé esquerdo está bem levantado da cama”, disse eu. “Pelo menos uns dez centímetros.” Ela fez muitos sons de esforço e respiração pesada: “Oh Deus, Bob...” A cabeça e o ombro mexeram-se ativamente para o lado — bons movimentos, com a perna esquerda a impulsionar-se para cima e para baixo.

(No ar, a Jane rodou o tornozelo esquerdo com grande liberdade — o melhor que a vi fazer até agora. O pé direito mexeu-se em movimento simpático também.

(A Jane estava preocupada com o pessoal poder entrar para fazer os sinais vitais.

(Esfreguei aquele ponto certo no pescoço, atrás da cabeça, e a cabeça dela começou a balançar rapidamente para trás e para a frente. Depois esfreguei um segundo ponto, mesmo à direita do primeiro, e de novo a cabeça batia para trás e para a frente contra a almofada. “Esse ponto e o outro devem ser como acupuntura”, disse ela.

(A Jane levantou a perna esquerda outra vez, depois a parte superior do corpo — ambos a mexerem-se em ritmo um com o outro. “Oh querido, querido, querido”, repetia, a respirar com esforço e a gemer. Descansou.

“Tento parar de vez em quando, caso alguém entre”, disse. “Agora tenho aquela sensação elétrica nos dedos do pé direito.”

(Mesmo a seguir o pessoal entrou para verificar os sinais vitais. Os pés da Jane mexiam-se entre cada medição. Depois de todos saírem, às 16h09, fumou um cigarro e fez mais alguns movimentos. Depois disse-me para pegar no bloco e na caneta.

(“Mais vale preparares o bloco.”)

Bem: um caloroso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Não há motivo de preocupação em relação à pedra da bexiga. É apenas o modo do corpo livrar-se de depósitos minerais que em tempos foram necessários, mas que já não são. E uma nota para o Ruburt: a perna que estava partida já se está a reparar de forma excelente. Os exercícios que ele faz ajudam a mantê-la flexível.

Posso ou não voltar, novamente conforme os ritmos de que tenho falado. No entanto, estarei presente, quer fale ou não.

(“Isso foi bastante interessante sobre os minerais”, disse eu, e li a sessão à Jane. “Deve significar que o corpo está a absorver melhor o alimento, se tem minerais de que se desfazer, em vez de estar em falta deles.” A Jane percebeu as implicações quando lhas expliquei. Significava certamente que os mecanismos do corpo estavam a melhorar.

(“Eu esperava que ele explicasse aquela mancha vermelha no topo do meu joelho”, disse, repetindo o que já me tinha dito mais cedo — que esperava que não fosse outra úlcera a começar, como a anterior que tinha rebentado no joelho. Era apenas uma pequena mancha vermelha que podia ter sido causada por qualquer coisa. Para mim parecia uma borbulha.

“Bem, talvez ele fale disso da próxima vez”, disse eu. Depois, às 16h20:)

Não há nada de errado com a mancha vermelha na coxa do Ruburt. Não te esqueças de reler o nosso próprio material sempre que puderes — sobretudo as partes que tratam dos papéis das mentes consciente e inconsciente.

(“Obrigado”, disse eu às 16h21. Tinha pensado rever algum do material mais antigo com a Jane hoje, mas como tive de ir buscar o carro e tudo o resto, os acontecimentos ficaram demasiado apertados.

(Logo após a sessão, a Jane iniciou mais movimentos com as pernas. O pé direito também acompanhou bastante bem. A parte superior do corpo começou a torcer-se. “Oh, Deus...” Quando descansou, bebeu um pouco

do sumo de arando que o pessoal lhe tinha dado depois de expulsar a pedra.

(A cabeça e os ombros começaram a mover-se. Depois balançou cada braço por sua vez em arco largo, os cotovelos a trabalharem especialmente bem nesse exercício. Os pés moviam-se em ritmo. A maior parte do corpo mexeu-se. “Foi o corpo inteiro a usar-se”, disse eu quando finalmente descansou. “Ah é?”, perguntou a Jane. “Não consegui perceber o que se estava a passar.”

(Agora a Jane contou-me que, quando esteve deitada sobre o lado esquerdo hoje mais cedo, “teve a inclinação de tentar endireitar o corpo para não estar tão em ângulo”. Foi a primeira vez que me falou de tais sensações, e disse-lhe que era mais um sinal de melhoria. Também tinha sentido os pés mexerem-se.

(O pé esquerdo da Jane rodou com bastante flexibilidade mesmo enquanto descansava na cama. Depois a cabeça e os ombros começaram de novo — de um lado para o outro, com sons e gemidos. “O pé direito mexe-se mais do que antes”, resmungou, e era verdade. Descansou e acabou o sumo de arando.

(Às 16h50 telefonei para a oficina. O carro estava pronto. Tinha até às 18h00 para lá chegar. Virei a Jane para o lado esquerdo antes de sair, pouco depois das 17h00, mas estava de volta com o carro em 15 minutos. Antes de uma pequena sesta antes do jantar, massajei-lhe as mãos e os pés, braços e pernas inferiores com Oil of Olay. Foi muito benéfico, o meu processo de “des-hipnose”. Agora já consigo massajar a coxa e a barriga da perna da perna partida de uma forma impossível até à semana passada, e sinto mudanças a acontecer nessa perna mais imóvel das duas. Fiquei bastante animado.

(Mais uma vez a Jane juntou muito bem. Vejo sinais de um ligeiro aumento de peso em várias partes do corpo, especialmente nos ombros, que estavam quase esqueléticos. Agora estão mais preenchidos e têm um aspeto mais liso e saudável. Disse-lhe que o mesmo acontecia nos pés e em alguns dedos. Ambas as mãos estão definitivamente melhores.

(Depois, pela primeira vez após o jantar, depois de termos lido a oração juntos e de eu me preparar para sair, ela disse que sentia que o corpo queria mexer-se mais. Os pés começaram a fletir. Disse-lhe que isso era um excelente sinal, pois mostrava que o corpo estava a começar a sair da rotina de só fazer movimentos a uma hora do dia. Estava a expandir-se.

“Suponho que tal mudança era inevitável”, disse eu, “e devemos estar muito agradecidos por isso...” Um sinal muito bom, pensei. Se tais sinais continuarem, talvez tenha de alterar um pouco o meu horário para lhe dar algum tempo de movimentos depois do jantar, antes de eu sair. Mais uma vez fiquei animado.)

SESSÃO APAGADA

3 DE NOVEMBRO DE 1983

(A Jane voltou a beber sumo de arando depois de expelir a pedra da bexiga, mas sente-se bem e não apareceram mais pedras. Disse que, quando estava sozinha na hidro esta manhã, sentiu o pé direito [da perna partida] levantar-se espontaneamente pelos dedos. O pé esquerdo também se mexeu. Mais ninguém reparou ainda nos novos movimentos dela. Por vezes também sentiu movimentos até na cabeça e nos ombros. Disse-lhe que eram todos sinais excelentes.

(A Jane voltou a comer um excelente almoço. Às 15h05 começou a ler em voz alta a sessão de ontem e portou-se muito bem, terminando tudo sozinha. Acabou às 15h22 e, cinco minutos depois, os pés começaram a mexer-se um pouco. Disse-lhe que queria rever algumas das sessões passadas com ela nesta tarde. A Sharon entrou para lhe fazer os sinais vitais, a LuAnn para as gotas nos olhos. Temperatura: 36,1 °C.

(A Jane começou outra série de movimentos, a perna esquerda a ir de lado, a cabeça em ritmo também. Movimentos diferentes no pé, e vi os músculos da perna esquerda a mexerem-se com o esforço. Respiração pesada. “Vês, a outra perna também está a tentar”, disse a Jane. Cada vez mais a perna e o pé direitos, mais inativos, mostram sinais de querer entrar na dança diária dos movimentos.

(Pé esquerdo no ar, a fletir bem no tornozelo. “Parece que o joelho direito quer mexer-se mais do que até agora”, disse a Jane. Cabeça de um lado para o outro. A Jane disse que a abertura inferior, por baixo do joelho direito, tinha começado a drenar um pouco esta manhã, e o pessoal pôs-lhe um penso pequeno. “Consegue-se sentir o pé direito a querer levantar-se da cama, mas só os dedos é que conseguem...” 15h58. Perna esquerda para a frente e para trás rapidamente contra o apoio da almofada. Sumo de arando.

(“Caramba, a perna direita quer mesmo mexer-se”, disse a Jane. “Podia fazer aquele movimento de lado como a esquerda, antes de a partir.”

(Às 16h05 tirei-lhe o cinzeiro da barriga porque o braço direito precisava de espaço para se mexer. “E quando quer mexer-se, quer mexer-se”, disse a Jane. Depois o braço esquerdo começou a rodar em círculo. Depois ambos os braços e a cabeça mexeram-se. Movimentos generalizados do corpo. “Quando tudo começa a mexer-se assim”, disse a Jane, “quanto ao movimento, tem o seu próprio ímpeto.”

(Parecia que o braço esquerdo estava a esticar-se um pouco no cotovelo e mexeu-se rapidamente num círculo apertado sobre a barriga. Respiração pesada e gemidos. Pausa. “Vês o pé direito? Parece que podia voar pelo ar.”

(“Isso é bom”, disse eu. “É o prenúncio de que vai mesmo fazê-lo.” A Jane concordou. O pé esquerdo rodava livremente no tornozelo de novo enquanto fazia sons. Cabeça de um lado para o outro. “Shhhhh.”

(Dedo grande do pé direito a fletir. Também o calcanhar. Cabeça e ombros a mexerem-se, braços e pés. Tornozelo esquerdo.

(Toquei-lhe nos pontos do pescoço e da cabeça — e a cabeça voltou a balançar quase violentamente outra vez. “Não sei o que fazer”, disse a Jane ao descansar. “Sinto o Seth por perto, mas sempre que o sinto, começo a mexer-me outra vez.” Disse-lhe que o movimento vinha primeiro, tanto quanto eu sabia. Bebeu mais um pouco de sumo de arando e fumou um cigarro enquanto eu tratava do correio.

(Quando o Seth se manifestou, a voz da Jane do Seth foi a melhor que ouvi até hoje. Tinha um tom de fundo forte, mais grave, e deu-me mesmo a sensação de que havia ali um grande potencial de poder que ela não libertava por causa do ambiente hospitalar.)

Agora: despeço-me com uma boa tarde calorosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Os movimentos de cura dão-se agora sob a minha égide e, mesmo quando não falo, estou de facto presente.

Estou a ensinar o Ruburt a utilizar a energia de forma muito mais benéfica, e a libertar energia que, de certa forma, estava congelada — retida pelo medo e pela desconfiança. Essa energia está agora a ser libertada.

O Ruburt familiarizar-se-á cada vez mais com movimentos fluidos à medida que o corpo saboreia a sua liberdade crescente e (musicalmente) a segurança.

Sim: quando tiveres tempo, relê as sessões. E lembra-te mais uma vez que o teu corpo, José, está a ser tonificado e regenerado. Posso ou não voltar, conforme os ritmos de que tenho falado — mas, de qualquer forma, estou de facto presente.

(“Obrigado.”

(“As cores do quarto parecem melhores”, disse a Jane. “Senti que ele podia mesmo explodir com aquela voz.” Disse-lhe que, pela primeira vez, eu também tinha sentido esse potencial tremendo na voz do Seth — outro excelente sinal.

(“Também queria perguntar sobre os gatos e o esquilo,” disse eu.

(“Ah pois”, disse a Jane. Expliquei-lhe quando cheguei hoje que ontem à noite, ao chegar a casa, tinha encontrado um esquilo morto deitado no tapete perto da mesa de café. O Billy e a Mitzi estavam à vontade também na sala, em várias cadeiras. Não havia marcas no corpinho do esquilo; não tinham tentado comer o animal.

(Senti-me triste, a olhar para o corpo listado de castanho, preto e branco, e lembrei-me do material do Seth sobre como ambas as partes em qualquer morte partilham a experiência. Os gatos não mostravam qualquer remorso — nem deviam. Era uma pequena parte da “vida”. Estava certo de saber como o esquilo tinha ficado preso: enfiara-se por baixo da porta envidraçada das traseiras à procura de comida. Eu guardava uma caixa de guloseimas para gatos lá fora, para dar ao “cão preto” [como lhe chamo, sem saber o nome] um petisco de manhã cedo. Um dos gatos apanhara o esquilo no alpendre. Já tinha visto isso acontecer antes.

(“O engraçado”, disse eu à Jane, “é que há uma tigela de sementes de girassol na garagem, perto da porta por onde os esquilos podem entrar, mas não são tocadas há dias...” Ela sugeriu que perguntasse outra vez ao Seth algo sobre o pequeno drama.

(A bandeja do jantar chegou às 16h45. Cinco minutos depois virei a Jane. Portou-se bem. “Sinto que podia alternar sessões e movimentos até às nove da noite”, disse ela mesmo antes de a virar. “É garantidamente algo que não podia fazer antes.”

(“É algo que nem sequer podias dizer antes”, disse eu.

(E foi mais um sinal, mais um passo no caminho, mais um prenúncio dessa energia fantástica a que ela pode aceder.)

SESSÃO APAGADA

4 DE NOVEMBRO DE 1983

(A Jane disse-me que esta manhã, na hidro, mexeu os pés enquanto estava sozinha na maca. Teve de ter cuidado para manter o equilíbrio. Também disse que o pé esquerdo agora se mexe com bastante frequência enquanto está na cama.

(Outra vez comeu um excelente almoço. Disse-lhe que o meu estômago me anda a incomodar com gases ultimamente, com bastante frequência, e que em várias noites recentes tive de me levantar para tomar um pouco de bicarbonato. Também lhe disse que queria rever as sessões passadas com ela hoje, porque estava preocupado que saíssemos do hábito de as rever para as manter em mente. Isto é uma coisa que não quero que aconteça.

(A Jane teve dificuldade em ler a sessão de ontem. Eu mexia no correio. Tivemos uma breve interrupção, depois ela retomou os esforços com a sessão, com bastante mais sucesso. Ajudei-a um pouco em algumas passagens.

(Comecei pela primeira sessão, de 9 de outubro, e li à Jane excertos delas em sucessão, saltando as minhas próprias notas. Fomos interrompidos pela Susie, que lhe mediu a temperatura — 36,1 °C — enquanto eu lia a sessão de 28 de outubro. Acabei às 16h05.

(A Jane fez pouco exercício de movimento por eu estar a rever a sessão, embora eu lhe tivesse dito para o fazer se lhe apetecesse enquanto eu lia. Quando acabei as sessões, ela disse-me para pegar no papel e na caneta. Esperei. O dia estava fresco e chuvoso, e depois com neve — abri o cortinado e vi uma neve pesada e húmida a cair sobre as árvores, telhados, ruas, pessoas e carros. Também tínhamos tido um pouco de neve a cobrir a relva esta manhã, quando me levantei.

(A voz do Seth da Jane estava um pouco mais grave do que o habitual, mas não muito alta.)

Agora: uma boa tarde calorosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

No meio da noite, por vezes comesas a preocupar-te —

(A Lorrie bateu e entrou para medir a tensão e o pulso da Jane. A Jane interrompeu a fala sem esforço para cumprimentar, e a Lorrie não notou nada. Assim que saiu, certifiquei-me de que a porta do 330 estava fechada como de costume, e o Seth voltou como de costume.)

— com o Ruburt, e embora não te lembres de que te preocupaste, provocaste um estômago gasoso. Ajudar-te-á se, antes de dormires, lembrares suavemente a ti próprio que podes, de facto, estar livre de preocupações durante a noite, e então poderás dormir em paz, sabendo que o Ruburt está a ser curado mesmo enquanto dormes.

("Sim.")

Posso ou não voltar de novo, conforme os ritmos de que tenho falado — mas quero mencionar que a estrutura psíquica que formámos se fortalece não só a cada dia como a cada momento, e, mais uma vez, estou presente quer fale ou não.

(Foi tudo por hoje, embora não tivéssemos a certeza na altura. Mal parámos a sessão, entrou a Joan para pôr as gotas nos olhos da Jane. Deu-me também a nossa cópia dos registos clínicos, mas estávamos tão ocupados que mal olhei para eles. Lembrei-me de perguntar à Joan sobre o que nos tinha dito há umas semanas — que o Fred Kardon tinha reduzido a dose do Synthroid da Jane. A Joan disse que não tinha a certeza sem ver o boletim, mas que achava que a dose tinha sido reduzida de 0,2 miligramas duas vezes por dia para 0,3 miligramas uma vez por dia — uma redução de 0,1 miligrama diária, pelo que calculei. Estávamos a pensar que a dose tinha sido cortada a metade, mas afinal foi a um quarto. É um começo, disse à Jane.

(Durante a nossa conversa a Jane disse que hoje — 4 de novembro — era o aniversário da mãe dela. Por mais que tentasse, não consegui lembrar-me do aniversário da minha própria mãe. Acabei por adivinhar que era a 9 de abril — mas é a 9 de julho. O do pai lembrei-me bem — 20 de julho.

(16h48. Virei a Jane de lado. Portou-se bem. Massajei-lhe as mãos, os pés e os membros com Oil of Olay, no meu processo contínuo de des-hipnose, disse-lhe. Dormi uma sesta das 17h10 às 17h40. A Jane juntou bem, e saí às 19h05 depois de verificar a lista da TV para ela e de lermos a oração juntos. Dorme bem, Querida.)

SESSÃO APAGADA

5 DE NOVEMBRO DE 1983

(Quando cheguei ao 330 a Jane estava deitada sobre o lado esquerdo com uma almofada debaixo da perna esquerda, além da esponja entre os joelhos. Este sistema tinha sido sugerido pela Toni e parecia funcionar bem, já que ajudava a reduzir a pressão sobre o ombro esquerdo da Jane.

(Depois de um bom almoço, a Jane tentou ler a sessão de ontem. Teve alguma dificuldade mas manteve-se firme até ser interrompida pela Dawn, que lhe mediu a temperatura — 36,4 °C — e o pulso. Depois acabou a sessão, com muito pouca ajuda minha de vez em quando. Começámos tarde esta tarde porque vimos um filme antigo que só acabou às 15h15. Enquanto passava tratei do correio, mas não pude ajudar a Jane com uma sessão, exercícios, etc., até acabar. Assim que terminou a sessão de ontem, disse-me para preparar o bloco. O Seth estava presente.)

Agora: despeço-me com uma boa tarde calorosa.

(“Obrigado, Seth. Igualmente para ti.”)

E tenho alguns conselhos para o nosso Ruburt.

De vez em quando surge o medo de que, afinal, não saia deste quarto nem volte a andar. Ele lida com isso dizendo de forma firme “cancela”, e dizendo a si mesmo que não pode dar-se ao luxo de tais ideias negativas.

Os medos surgem quando se concentra nos impedimentos, a pensar como fará isto ou aquilo. Em vez disso, claro, deve lembrar-se dos papéis das mentes consciente e inconsciente — e depois lembrar-se de que a mente inconsciente pode tratar facilmente de tais assuntos — como de facto pode.

Mais uma vez, a maior parte das dificuldades do corpo foi causada por tensão e medo. As razões dessas tensões e medos foram em grande parte ultrapassadas. O que resta são os maus hábitos. Estes estão, contudo, a ser contrariados — e a tua prática de des-hipnotizar o Ruburt é de grande benefício.

Queremos dedicar-nos agora a alguns exercícios de movimento, e posso ou não voltar, novamente conforme os ritmos de que tantas vezes falo.

(“Sim. Está bem.”)

(Disse à Jane que estava surpreendido com o que o Seth tinha dito, sobre ela se concentrar em coisas que não precisava de se preocupar. Ontem já me tinha falado do seu método do “cancela”, e parecia-me bem.

Não tinha percebido, contudo, que ainda estava a pensar em como é que iria conseguir sentar-se numa cadeira. “Não o faço muitas vezes”, disse ela.

(“Mas tens de deixar de o fazer”, disse eu. Ela acabou por concordar, e disse que era por isso que tinha querido que o Seth falasse disso. Mas naquele momento queria fazer exercícios. Eu leria a sessão mais tarde.

(Ontem tinha feito poucos movimentos, mas hoje parecia estar a compensar. Mais cedo disse à Jane que, pela primeira vez, conseguia ver a veia a atravessar o osso do tornozelo direito — outra melhoria.

(Ela ergueu a perna esquerda no ar, cabeça a ir para cima e para baixo. Fez muitos sons e gemidos. “A direita também quer ir.” Bebeu um gole de ginger ale. O braço direito começou a rodar em círculos rápidos, cabeça a balançar. Depois o pé esquerdo, depois o braço esquerdo e o pé direito mexeram-se. Poucos minutos depois teve uma explosão de movimentos muito fortes e rápidos em geral. Pausa.

(Fortes movimentos laterais, cabeça, peito e braços. Sons altos. Mais movimentos fortes, quase todo o corpo a balançar para cima e para baixo, depois para a frente e para trás — cabeça, braços, sons. Muito bom, disse-lhe.

(Ao responder à minha pergunta, a Jane disse que sabe que movimentos está a fazer, mas muitas vezes não liga — o que é bom, porque significa que deixa o corpo fazer as coisas à sua maneira. Com uma pequena inspiração, disse-lhe que, à luz da sessão de hoje, devia fazer o mesmo quanto à sua compreensão dos papéis das mentes consciente e inconsciente. Era uma boa analogia — deixar que a mente inconsciente se encarregasse de como ia ser curada, e assim por diante.

(Viu logo o meu ponto e concordou. Devia fazer os exercícios sem pensar em quais fazer, etc., tal como devia aceitar a ordem própria do corpo no processo inconsciente de cura.

(Agora contei-lhe que, quanto à sessão do Seth para mim ontem, tinha experimentado as suas sugestões ao deitar-me, e que funcionaram bem, no sentido em que deixei de me preocupar com a Jane. No entanto, quando acordei umas horas mais tarde, com o estômago cheio de gases de novo, apanhei-me no processo de me preocupar com ela. Tive de me levantar e tomar bicarbonato. Mas tive uma clara demonstração de que o Seth tinha razão, e que devia dizer a mim mesmo que a Jane estava a ser curada e que não precisava de me preocupar. Tenciono continuar o exercício antes

de dormir, até haver resultados. Dizia a mim mesmo, quando me apanhava a preocupar-me com ela: “A Jane está a ser curada. Esquece.”

(Agora a Jane começou uma longa série de exercícios envolvendo diferentes partes do corpo em momentos distintos. Muitos deles foram bastante fortes, com sons altos de gemidos e arfadas. Por vezes falava consigo própria. Pus a mão no tornozelo esquerdo e pude sentir a ação dos ossos, músculos e tendões quando o rodava, no ar, com boa liberdade.

(De repente, a Jane começou a abanar a cabeça e o pescoço contra a almofada com bastante violência, ao mesmo tempo que fazia uma série de sons de choro. A perna esquerda levantou-se da cama e da almofada em sintonia com os movimentos da cabeça. “Oh pá”, exclamou, “viste isto?”

(Pausa. Ginger ale. A Jane disse que desde a sessão de hoje se apercebera de que andava a preocupar-se com três coisas: 1. Ir para casa no Dia de Ação de Graças. 2. Ir para casa no Natal. 3. Como ia conseguir sentar-se numa cadeira. Disse-lhe que não me importava com os feriados, mas que não devia preocupar-se com a cadeira. “Deixa a mente inconsciente tratar disso por ti”, disse-lhe. Acrescentei que ninguém sabia como conseguia sentar-se numa cadeira — todos os milhares de movimentos, impulsos, ações celulares, etc., necessários — a não ser que fosse especialista na matéria. Disse-lhe que uma ação tão simples tinha de ser governada por outras partes da mente inconsciente que são conscientes nos seus próprios direitos. Ela concordou.

(O pé e a perna esquerdos da Jane começaram a mexer-se tanto — para cima e para baixo, depois de lado — que lhe tirei o cigarro e o cinzeiro. Depois descobriu que agora conseguia tocar com a mão esquerda na almofada atrás da orelha esquerda — algo que não conseguia fazer nem há um ou dois dias. Lembrei-me de quando tinha considerado uma vitória mal conseguir tocar na orelha esquerda com a mão esquerda. Agora já consegue chegar a uns sete centímetros atrás da orelha. Outra vitória.

(A Jane comeu outro excelente jantar depois de descansar e de eu fazer uma pequena sesta. Estávamos quase a terminar a segunda leitura da oração quando bateram à porta. Era a Margaret Bumbalo, que veio visitar. Eu saí. Tinha lido a sessão de hoje à Jane logo após o jantar.

(Estás a portar-te bem, Querida.)

SESSÃO APAGADA

6 DE NOVEMBRO DE 1983

(Quando cheguei ao 330 esta tarde a Jane chamou-me a atenção para o facto de não ter penso nem no cotovelo direito nem nos dedos pequenos do pé esquerdo. Tenho de admitir que não tinha reparado quando a preparei para o almoço. Mas a pele do cotovelo parecia muito melhor, muito mais normal. Este é o resultado das mudanças que comecei a notar quando este grupo de sessões começou a 9 de outubro — há menos de um mês. Notável, disse-lhe eu, e espero sinceramente que seja sinal de muitas mais coisas boas que virão.

(Além disso, o corpo dela parece estar, muito gradualmente, a ganhar algum peso.

A Jane disse que o pé e o tornozelo lhe doem — o direito, isto é — e que a incomodaram durante a noite, mas que agora estava bem. Achei que fosse devido aos movimentos recentes, depois de um período tão longo de inatividade. O pé e a perna esquerdos estavam bem.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem. Não foi fácil para ela, mas insistiu enquanto eu tratava do correio, e terminou às 15h20. Mais uma vez tinha almoçado bem. Disse que o pé direito tinha constantemente vontade de “se esticar” a partir da posição dobrada. “Mas ainda não consigo”, disse, “por isso vou tentar esquecer o assunto.”

(Começou alguns exercícios. A perna e o pé esquerdos ergueram-se no ar, o pé a rodar bastante livremente. “Quando faço isso, é quando o pé direito também quer, e é aí que começa a doer.” Toquei na perna direita; estava toda tensa e dura, desde perto da virilha até baixo. Massajei-a um pouco até ela me dizer para parar. Disse que supunha que a perna estivesse tensa para funcionar como uma espécie de tala para o osso partido junto ao joelho.

(Mais movimentos da cabeça, da perna e do pé esquerdos — bastante fortes. “Está seguro. Está tudo bem”, repetia a Jane. Às 15h50 entraram a Cathy e depois a Carol. Temperatura: 35,9 °C. Tensão: 112/60. Finalmente a Jane disse-me para preparar o papel e a caneta. O Seth estava por perto.)

Agora: outra boa tarde calorosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Algumas notas para o Ruburt.

Duas pequenas escaras sararam — mais uma marca de progresso. Não há necessidade de se preocupar com o desconforto ocasional no pé e perna direitos. Essas áreas estão a despertar, e os novos movimentos, a que não estavam habituados, são a causa do desconforto — um desconforto que desaparecerá rapidamente à medida que o corpo continuar a melhorar. Todo o corpo está a ser ativado — e, mais uma vez, também estão a ocorrer melhorias que ainda não se manifestaram mas que em breve se manifestarão.

Posso ou não voltar de novo, conforme os ritmos que já referi.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“E quanto a aqueles movimentos súbitos que ele disse ter feito com as pernas ontem à noite, quando a enfermeira deixou cair o cigarro aceso na cama dele?”)

Isso mostra, naturalmente, que a capacidade do corpo para o movimento ainda está lá e pode manifestar-se. A intenção do Ruburt foi tão forte de se afastar do cigarro aceso que ignorou todos os impedimentos, e a mente inconsciente seguiu de forma magnífica a intenção da mente consciente.

Estou de novo presente, quer fale ou não. E o processo de cura também acontece sob a minha égide, assim como sob a égide da própria personalidade do Ruburt.

(“Sou eu”, disse a Jane após uma pausa.

(Eu estava ao mesmo tempo perturbado e animado com o episódio do cigarro que a Jane me tinha contado pouco antes da sessão. Parece que ontem à noite a enfermeira — Dawn? — deixou cair acidentalmente o cigarro aceso, e a Jane tinha sacudido as pernas para se desviar de ser queimada, ou da ameaça de ferimento. “Nunca me viste mexer tão depressa na vida”, disse ela — ou algo do género.

(Percebi de imediato o significado do que estava a dizer — que o corpo dela tinha dentro de si, o tempo todo, essa fantástica capacidade de se mexer. Então porque é que não se mexia? Não consegui evitar ficar bastante incomodado com isso, e tentei sacudir a sensação para conseguirmos prosseguir. Mas achei bastante irónico que essa capacidade estivesse ali, enquanto ao nível consciente estávamos a tentar mover-nos

centímetro a centímetro, quando afinal o corpo podia fazê-lo em saltos, tal era a sua capacidade e vontade.

(Tentei explicar à Jane que era o medo, ao nível consciente, que a estava a travar. Que o Seth tinha razão: o corpo estava perfeitamente disposto a mexer-se, e sabia como fazê-lo, se lhe fosse permitido. “Talvez fossem as minhas úlceras que me impediram de me mexer todo esse tempo”, disse ela.

(“Não foram as úlceras”, disse eu, querendo dizer que a vontade ou intenção de se mexer tinha sido bloqueada. “Esse movimento súbito mostra o potencial que ainda está lá. É muito revelador.” Afinal, se o movimento tivesse sido permitido diariamente, as úlceras nunca se teriam desenvolvido. A Jane concordou.

(Agora a Jane lançou-se numa série de movimentos mais gerais, com muitos sons, gemidos e resmungos. Cabeça, ombros, braços e pernas. Disse que a cabeça rodava no pescoço de uma forma nova. O tornozelo esquerdo mostrava claramente flexibilidade acrescida. “Quando o pé esquerdo começa a mexer-se parece que vai voar”, disse a Jane. “Sinto-o tão livre.”

(Mais movimentos gerais, cabeça e tronco. Braço esquerdo, depois o direito, a balançar para a frente e para trás. Gemidos e resmungos. Pausa.

(A Jane adormeceu, deitada de costas, boca aberta, a respirar alto. Eu tratei do correio. Ao acordar disse que tinha sonhado que estava em casa, no duche, de mãos e joelhos parte do tempo, com a água a cair-lhe sobre a cabeça. Disse também que tinha erguido os braços acima da cabeça de uma forma perfeitamente normal, ao lavar o cabelo de pé. Esperámos que o sonho fosse mais um episódio terapêutico no caminho.

(Cigarro.

(A Jane disse que o Seth queria voltar.)

Ora bem. O pequeno mas vívido “sonho” é um exemplo de um exercício mental espontâneo que, à sua maneira, é tão eficaz como um exercício físico — e tais movimentos normais espontâneos apontam o caminho para a futura atividade física do corpo.

O próprio corpo responde de forma clara a tais ações, e a níveis diminutos os músculos e todas as partes do corpo movem-se como se os movimentos estivessem a ser fisicamente realizados. Em outras palavras, praticam o movimento físico.

Queria apenas deixar esse comentário importante.

(“Obrigado.”

(“Sou eu.”

(Às 16h50 virei a Jane para o lado esquerdo e massajei-a com Oil of Olay enquanto continuava o processo de des-hipnose. A bandeja do jantar chegou. Dormi uma sesta das 17h10 às 17h40 enquanto a Jane via televisão. Quando me levantei para o jantar, ela disse que também tinha adormecido um pouco e tido outro breve episódio de sonho como o anterior. Mais uma vez, reforçou a ideia de movimento, e ela ficou contente.

(Depois de ter jantado bem, e de eu verificar a programação de TV da noite e ler a oração, saí às 19h15 para ir às compras no Acme, no lado sul.)

SESSÃO APAGADA

7 DE NOVEMBRO DE 1983

(O dia estava quente — 10 °C — e soalheiro. Quando cheguei ao quarto 330 vi que a Jane tinha novamente pensos no cotovelo direito e nos dedos pequenos do pé esquerdo. Não que tivessem rebentado outra vez — mas esta manhã a Georgia e a Cathy tinham-nos colocado apenas para proteger essas áreas. Não sabia se devia arrancá-los ou não [mais tarde tirei o do cotovelo]. O pessoal também tinha dito à Jane que parecia que poderia desenvolver uma ferida nova numa omoplata, por isso puseram-lhe também um penso lá. Pretendia verificar isso quando a fosse virar mais tarde, mas esqueci-me. Ela disse que não tinha tido incómodo nenhum nesse sítio.

(Disse à Jane que o importante era que as áreas não tinham aberto, e isso é que contava. Ela percebeu. Explicou-me um pouco mais tarde que tinha ficado abalada e triste depois — por ter ido à hidro de manhã. Havia lá pessoas novas a tratá-la, porque a Lottie, a Darlene e a Barb tinham sido destacadas para outras tarefas — talvez por algum tempo. O enfermeiro que ajudou a Jane pô-la na maca ao contrário, disse ela. Teve de lhe mostrar o que fazer, e ele nem sabia como a mover. Apesar de tudo, as coisas correram bem, disse a Jane, embora “eles” deixassem a água correr mais forte do que as antigas funcionárias faziam, e a Jane disse que não conseguia tentar mexer os pés tão facilmente com a pressão

aumentada da água. A Darlene ajudou a levá-la de volta ao 330 e mostrou aos outros como a deitar de novo na cama. Disse à Jane que supunha ser bom que outros aprendessem a tratá-la — alguém pode sempre adoecer ou despedir-se — e ela concordou. Pareceu-me que lidou bem com o episódio.

(No geral, claro, os dois episódios citados acima apenas reforçam a minha convicção — e a da Jane também, presumo — de que a única maneira segura de evitar tais maus-tratos e limitações é sair dali o quanto antes. Verdadeiramente, não há outra maneira.

(Depois de um bom almoço, a Jane começou a ler em voz alta a sessão de ontem. Não se saiu muito bem, embora tivesse melhorado em relação ao esforço de ontem. Terminou meia hora depois, às 15h30, e falámos sobre os episódios referidos acima, além dos movimentos rápidos dela com o cigarro aceso da noite anterior.

(Depois a Jane contou-me que a enfermeira da noite, a Toni, que ainda não conheci, tentou ajudá-la a deitar-se sobre o lado direito ontem à noite, pela primeira vez desde que partiu a perna. Curiosamente, a fratura não a incomodou, já que uma almofada foi usada debaixo da perna como almofadão — mas, disse a Jane, os pés incomodaram, por isso não ficou nessa posição mais de quinze minutos. Mas o simples facto de se ter deitado sobre o lado direito já era uma ajuda, disse eu, mais um passo no caminho.

(A Jane começou alguns movimentos contidos de cabeça e ombros. “As minhas ancas estão a rodar”, disse, “mas suponho que não consigas ver.”

(Temperatura: 36 °C. Tensão e pulso medidos pela Cathy.

(Alguns movimentos da perna esquerda. “Está bem, não te preocupes com a perna direita”, disse várias vezes, enquanto levantava a perna esquerda e rodava o pé suavemente no tornozelo. Os movimentos hoje estavam contidos, os gemidos e respiração não tão evidentes. Disse que não tentou fazer muito na hidro por causa da água: “Acho que é só a maneira diferente de cada pessoa fazer as coisas.”

(Pé esquerdo, cabeça, a mexer-se suavemente. “A minha perna direita está a mexer-se, mas suponho que nem se note a olhar”, disse. Vi alguns movimentos espasmódicos na zona do joelho. A Jane estava de mãos cruzadas sobre o peito. Disse-lhe que a perna direita estava a começar, e que isso era bom. Ela ergueu a perna esquerda e mexeu o pé. “Quando o pé direito mexe, o tornozelo direito, aí eu paro”, disse a Jane. “Não devia

fazer isso.” Lembrei-lhe que ontem o Seth tinha dito que o desconforto da perna direita era apenas temporário. Ela levantou a cabeça e o tronco da cama um pouco, depois gemeu: “Esse pé direito tentou erguer-se da cama.”

(Fez uma pequena série de movimentos gerais. Deve ser um dia de descanso, pensei, disposto a deixar por isso mesmo. Ela nem sequer tinha mencionado sessão — mas pouco depois disse-me para pegar no papel.)

Bem: um caloroso boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Falo apenas para anunciar a minha presença. No geral, o Ruburt lidou bem com a tristeza desta manhã — e com a tua ajuda, já que te contou, embora tivesse considerado não o fazer.

O corpo está de facto a prosseguir as suas melhorias sob a minha égide, e sob a égide de outros níveis do eu, de modo que, mais uma vez, surge uma nova organização superior na qual os impedimentos desaparecem. E quanto mais liberdade é experimentada, mais se multiplica.

Posso ou não voltar, novamente conforme os ritmos de que tenho falado — e deixa-me lembrar-te de novo [José] que o teu próprio sistema também está a ser afinado.

(“Obrigado.”

(“Sou eu”, disse a Jane.

(Fiquei surpreendido ao saber que tinha considerado não me contar o episódio da manhã que lhe causara tristeza: a hidro. A situação fez-me lembrar a forte tendência para o secretismo da minha mulher — muito parecida com a minha, pensei. Também acho que essa tendência desempenhou um grande papel nos “sintomas” dela ao longo dos anos, e que cada um de nós devia trabalhar arduamente para eliminar, ou pelo menos minimizar, esse aspeto das nossas personalidades. Penso que é um ponto importante, e que tinha intenção de abordar com ela, mas não o fiz. Vou mencioná-lo amanhã, terça-feira. Acho que cada um de nós pode ajudar a manter o outro equilibrado falando das nossas tendências escondidas.

(E, a propósito de segredos, esqueci-me de dizer à Jane que, embora tenha dormido bem ontem à noite, tomei bicarbonato antes de me deitar, quando o estômago começou a incomodar-me. Lembrei-me do material do Seth sobre porque é que o estômago se altera, e atribuí o meu incómodo de ontem à noite a mais preocupações com a Jane. Notei que uma nova

sugestão demora muitas vezes vários dias a assentar no meu psiquismo, a chegar à parte certa, por isso tenho confiança de que isso acontecerá desta vez, e de que alcançarei um alívio significativo do problema dos gases. A simples sugestão e informação do próprio Seth já ajudaram bastante, e lembro-me dela várias vezes por dia.

(A Jane voltou a comer bem ao jantar. Disse-lhe que estava agora óbvio que o corpo dela se está a preencher gradualmente, pois apresenta um aspeto mais macio. Quando me preparava para sair, depois de lhe ler a oração às 19h00, a Jane disse que sentia que podia “disparar” com mais movimentos naquele momento. O pé esquerdo estava a mexer-se. Disse-lhe que era seguro mover-se depois de eu sair — ou seja, quando estivesse sozinha, eu já tinha levantado as grades de proteção, por isso não corria perigo de cair da cama, etc. Ela sabia disso e disse que faria alguns movimentos. Pensei que era mais um sinal da disposição do corpo para se mexer a qualquer hora.

(Devo notar que, quando digo “li-lhe a oração”, quero na realidade dizer que a lemos juntos em voz alta — e já o fazemos há algum tempo. A Jane sabe-a de cor, eu não. Mas é obviamente muito mais eficaz quando a lemos juntos — ambos a participar no seu significado, por outras palavras.)

SESSÃO APAGADA

8 DE NOVEMBRO DE 1983

(Hoje a Jane não tinha pensos nem no cotovelo direito nem nos dedos pequenos do pé esquerdo. Não me pergunes porquê. Portou-se bem na hidro esta manhã com as pessoas novas. Vale a pena notar também que já há algum tempo que não toma Darvoset durante o dia — um facto fácil de esquecer mas bastante importante.

(Depois de mais um bom almoço começou a ler a sessão de ontem às 15h15. Teve muita dificuldade. “Porque não desistes, querida”, acabei por dizer. “Não te estás a sair nada bem.” Mas ela insistiu. Li-lhe a parte da sessão do Seth. Depois voltou às minhas notas e saiu-se bastante melhor.

(Depois de o pessoal lhe medir os sinais vitais — temperatura 35,6 °C — os pés da Jane começaram a mexer-se. Sentiu-o na perna direita — gritou quando um espasmo muscular desceu pela perna direita até aos dedos. Sentia mudanças definidas à medida que os músculos da perna

direita dobrada tentavam esticar-se, como ela própria disse. A cabeça e os ombros mexeram-se um pouco.

(Tentei esticar-lhe um pouco o pé direito para baixo, para a deixar mais confortável, mas não foi possível. Senti muita resistência — ainda não está pronto. Deve ser protetor, disse eu. Ao mesmo tempo, a Jane quase chorava enquanto a perna direita tentava mexer-se.

(O pé esquerdo estava no ar, a rodar. Gemidos e sons, a falar consigo mesma. A perna direita mexeu-se um pouco. “A perna direita também pode ir”, repetia. “Está tudo bem, está tudo bem...”

(Notei que os nódulos nas articulações da mão esquerda da Jane pareciam ter diminuído um pouco de tamanho. A Jane disse que também tinha reparado, e que o inchaço maior no topo do pulso esquerdo também tinha diminuído. Talvez o corpo esteja a absorver esses crescimentos, como tenho sugerido que pode fazer nas minhas massagens de des-hipnose todas as tardes.

(“Estiquei a perna direita só um bocadinho mais. Não sei se reparaste, mas fiz isso”, disse a Jane. O pé esquerdo mexia-se bastante mais, a rodar.

(“As minhas costas parecem fantásticas quando faço isto”, disse a Jane, “como seda ou cetim.” Começou a mexê-las na cama, juntamente com movimentos de cabeça fora da almofada. Pausa.

(Bons movimentos da cabeça, ombros e elevação da perna esquerda. “Parece mesmo cetim.” Pausa.

(A perna esquerda mexeu-se para os lados, a abrir na virilha. A perna direita começou também de repente a mover-se de lado — pouco, mas notório pela primeira vez. Bom progresso, disse-lhe eu. Não durou muito, mas é um começo — muito importante para a perna partida.

(A Jane mostrou-me de novo a redução no inchaço do osso do pulso esquerdo, como já tinha referido. Também tem agora mais liberdade de movimento no pulso. Isto tem vindo a melhorar lentamente.

(Movimentos súbitos e rápidos no braço esquerdo. Depois o pé esquerdo começou também.

(A perna direita mexeu-se outra vez de lado, um pouco. A esquerda mexeu-se de lado rapidamente outra vez. O corpo está obviamente a experimentar — e a conseguir.

(Cigarro. “Depois começo a pensar em virar-me enquanto escreves essas notas.”

(Mas tive de lhe tirar o cigarro quando as ancas começaram a mexer-se. Perna esquerda levantada. “Está tudo bem”, repetia à perna direita enquanto esta também tentava mexer-se. Gritou. Pausa.

(Um minuto depois começou abruptamente a sessão enquanto eu tratava do correio.)

Ora bem: boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Queria apenas que soubesses que estou presente — e estou satisfeito por ver uma tarde tão móvel *(com humor)*.

(“Sim.”)

Está tudo a progredir bem. Mais uma vez lembra ao Ruburt os papéis das mentes consciente e subconsciente — e lembra também, mais uma vez, que tu também estás a ser afinado. Posso ou não voltar, de novo conforme os ritmos de que falei.

(“Está bem. Obrigado.”)

(Uma sessão curta mas bastante enérgica. “Puxa, isso é que foi exercício, digo-te eu”, disse a Jane, referindo-se aos movimentos que antecederam a sessão. Agora a perna esquerda mexia-se rapidamente para a frente e para trás, depois cabeça e ombros erguiam-se repetidamente.

A Jane portou-se bem quando a virei para o lado esquerdo. Depois de uma sesta, após a massagem com Oil of Olay, jantou bem outra vez. Li a oração com ela e saí às 19h05.

(Telefonei ao Paul O’Neill para casa para lhe pedir que tratasse dos dentes inferiores da Jane. Disse que resolveríamos. Ele deve ligar de volta.

(A Jane telefonou-me ontem à noite. A Debbie também a visitou.)

SESSÃO APAGADA

9 DE NOVEMBRO DE 1983

(Virei a Jane logo que cheguei ao 330. O dia estava quente — 13 °C — e muito claro. Não tinha tomado aspirina nem Darvoset desde antes da hidro, e estava disposta a tomar aspirina assim que chegasse a bandeja do almoço com leite.

(Disse à Jane que tinha ligado ontem à noite ao Paul O'Neill sobre os dentes dela, e que ele em breve nos diria a melhor maneira de resolver a questão.

(A Jane almoçou muito bem e fumou um cigarro às 14h00. Eu tratei do correio. Às 15h05 começou a ler a sessão de ontem — e surpreendeu-me por se sair muito bem. Foi o melhor esforço até agora: avançou de forma perfeitamente normal. Fiquei bastante impressionado — mais um recorde para o corpo. A Jane disse também que nunca ouvira nada sobre as culturas que a Patty tinha tirado da úlcera no joelho há algumas semanas, por isso supunha que significava que estava tudo bem. Claro que nunca perguntámos, e eu tinha-me esquecido. Disse à Jane que o inchaço tinha diminuído ainda mais na parte superior da perna direita e à volta do joelho, o que a animou também.

(A Jane teve a primeira parte da sessão cedo. Voz boa, sem interrupções.)

Ora bem: despeço-me com outra boa tarde calorosa.

(“Igualmente para ti, Seth.”)

Queria explicar-te algo que se aplica não só aos olhos mas também a outras partes do corpo.

Por vezes o Ruburt pode mostrar uma melhoria excelente, como fez esta tarde ao ler, ou um membro pode de repente mexer-se de forma muito mais livre. Mas isso nem sempre é um desempenho constante. As melhorias mais favoráveis indicam o caminho para o progresso do corpo. O desempenho pode ser irregular entretanto — até que finalmente as melhorias mais auspiciosas se tornem, de facto, o estado natural e normal das coisas.

Posso ou não voltar, de novo conforme os ritmos de que falo, e é sem dúvida uma boa ideia, como sabes, revermos as nossas sessões.

(“Sim. Obrigado.”)

(Li a sessão à Jane, depois reví-a outra vez para ter a certeza de que compreendia o que o Seth estava a dizer. O tornozelo esquerdo, por

exemplo, seria um dos sinais que indicam o caminho, ou os ombros, ou a cabeça, ou o pescoço. A Jane disse que sim.

(O Seth fez o comentário sobre revermos as sessões porque eu tinha dito mais cedo que queria reler algumas delas com a Jane.

(Cigarro. A Jane estava por vezes bastante desconfortável e preocupada — porque continuava a expelir grandes quantidades de gases. Ao mesmo tempo descreveu o que parecia ser um sonho muito positivo que tivera de manhã cedo, envolvendo pintar o cabelo de preto, um gato branco e a Claire Crittenden. Sugerir que o Seth comentasse se voltasse. Achei que o sonho queria dizer que estava a investigar acontecimentos passados, quando tinha liberdade de movimento normal, com a ideia de os trazer para o futuro. O gato branco podia significar um novo começo limpo.

(Enquanto lhe lia a sessão, a Jane começou a mexer o pé e a perna esquerdos com a perna direita a querer também entrar na diversão. “A direita está a esforçar-se tanto para sair que dói — consigo sentir”, disse.)

(Perna esquerda bem levantada do colchão, gemidos e resmungos, cabeça, ombros e braços a irem de lado. Até o pé direito mexeu. “Não consegui perceber o que estava a acontecer”, disse a Jane ao descansar.

(A Lottie e a Darlene pararam para visitar. A Jane portou-se bem, saindo de repente do modo de exercício, e elas não repararam em nada. Foram retiradas da hidro por alguns meses. A Jane sente muito a falta delas.

(“Agora parece que a minha coxa esquerda e a barriga estão a tentar esticar-se”, exclamou. Eu via a anca esquerda a mexer-se. Perna esquerda no ar. “Está tudo bem, miúda, está tudo bem”, dizia a Jane por entre outros sons. “Vês?” Depois a perna esquerda sacudiu-se fortemente para cima e para baixo, o calcanhar a bater no colchão.

(A Lorrie e a Cathy entraram. Tensão e temperatura — 35,9 °C. Outra vez a Jane portou-se bem, apanhando-se a meio do movimento de forma que não repararam em nada. Pausa.

(Movimentos intensos da perna esquerda para cima e para baixo. Sons, tronco a erguer-se e a baixar. De lado a lado, gritos. Ao descansar, a única coisa que a Jane lembrava era de as ancas estarem “a enlouquecer.” Só quando lhe mencionei é que se lembrou de ter bombeado a perna esquerda fortemente para cima e para baixo. O movimento tinha sido tão intenso que quase temi que estivesse a exagerar.

(Mais movimentos das pernas, incluindo a direita. “Estou à espera que todos estes movimentos que faço se coordenem num grande movimento”, disse. Bebeu ginger ale e descansou.

(Enquanto fumava, a Jane conseguia sentir o resíduo do movimento na perna e no pé esquerdos. Eu tratava do correio.

(Virei-a de lado. A manobra correu bem, mas ela teve dificuldade em encontrar conforto no ombro esquerdo. Também tinha tido muitos gases, e isso preocupava-a, por mais que dissesse a si própria que não. Terminei a massagem e o processo de des-hipnose às mãos, pés e membros com Oil of Olay às 17h08. A bandeja do jantar ainda não tinha chegado. Tentei dormir uma sesta, mas às 17h15 levantei-me para carregar no botão de chamada e pedir a uma enfermeira para localizar a bandeja. Ninguém veio. Desisti de tentar dormir às 17h28 e fui ao corredor procurar alguém que nos ajudasse. Encontrei a Sharon Poley e a rapariga que costuma trazer a bandeja. Ela foi buscá-la.

(Virei a Jane de costas. Estava desconfortável e queria aspirina. A bandeja chegou às 17h40. Às 18h55 a Jane tinha jantado bem e tínhamos recebido a visita da Rhonda — uma enfermeira da reabilitação; tinha sido operada. O que estava a acontecer, perguntei? A Jean Reome estava de baixa com problemas de costas, a Shirley estava fora com problemas num braço, a Susie ia ser operada por causa de uma rótula defeituosa, e a Georgia tinha de remover um tumor e fazer histerectomia...

(Eu preparava-me para sair quando perguntei à Jane se queria que o Seth voltasse para falar sobre o desconforto com gases, que persistia. Ela não sabia se conseguiria ou não. Mas correu bem. A voz dela de Seth estava forte, embora contida. Começou às 19h08.)

Bem: a condição dos gases é inofensiva. É um desenvolvimento perfeitamente natural, causado pelo facto de o Ruburt ainda não se sentar devidamente para comer.

Ele, no entanto, está a expelir os gases, e isso é excelente. Em outras palavras, o gás não está a acumular-se. O medo dele, contudo, mostra que ainda tem vestígios de antigas dúvidas. Isso é de esperar — de vez em quando. Em breve, no entanto, terá muito mais confiança à medida que as suas próprias melhorias o convencerem da vitalidade geral do corpo, e do renascer de uma excelente saúde. Fico contente em dar-lhe essa segurança — e agora despeço-me, desejando-te uma noite calorosa e tranquila.

(“Boa noite, Seth. Muito obrigado.” Li a sessão à Jane, e discutimo-la brevemente. Parece que ajudou bastante. Queria ir-me embora, e na pressa esqueci-me de ler a oração com ela. Dorme bem, Querida.)

SESSÃO APAGADA

10 DE NOVEMBRO DE 1983

(Foi mais um bom dia apesar de algumas irritações. O dia estava chuvoso e quente — 13 °C. Ninguém apareceu em casa de manhã para apanhar as folhas, como tinha sido prometido. A Jane teve o cateter mudado esta manhã depois da hidro, a seguir a uma grande dejeção após a meia-noite. Ainda tem alguns espasmos ocasionais e expulsa gases. Contudo, virou-se de costas facilmente.

(A bandeja do almoço chegou tarde — 13h40 — e depois não era o que tínhamos pedido. Alguém tinha perdido o nosso menu, preenchido ontem; suspeito que tenha acontecido mesmo aqui no terceiro andar. [O pequeno-almoço da Jane foi o habitual, no entanto.] Comeu o suficiente para ficar satisfeita, depois de eu lhe ter conseguido gelado, manteiga e leite. Algumas das raparigas deram-me também pão, chucrute e salsichas para o jantar desta noite.

(A Jane acabou o almoço tarde. Cigarro.

(Disse-lhe que tinha recebido uma chamada da Sue ontem à noite, sobre o Steve e o negócio das cassetes, e de manhã de ambos, Pete e Steve, também sobre as cassetes. Disse a ambos que não iria a Nova Iorque com eles, e eles compreenderam. Também disse ao Steve que podia perder dinheiro no negócio, e aparentemente ele começa finalmente a perceber que pode ser muito caro para ele.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, e mais uma vez portou-se muito bem, depois de um começo ligeiramente difícil. À medida que lia foi acelerando cada vez mais, até eu ficar bastante surpreendido. Foi o melhor esforço até agora, ainda melhor do que o último. Para ela, a leitura estava “muito clara, embora não totalmente normal”, mas foi rápida. Por vezes, disse, o texto tornava-se bastante escuro.

(A responder a algumas perguntas minhas, disse que quando lê com o olho direito aberto e o esquerdo fechado, não tem visão dupla. Quando lê também com o olho esquerdo aberto, ainda consegue ler, mas vê uma “imagem fantasma” do que está à sua frente — os meus quadros na parede

ao fundo da cama, por exemplo — sobre a página dactilografada como uma imagem em miniatura. Ou pode ver duas imagens junto ao joelho esquerdo se não estiver a ler, embora uma das imagens seja bastante mais ténue. Mas disse que o texto a escurecer de forma espasmódica “significa que estou a ver melhor a cor.” Disse-lhe que a visão iria continuar a melhorar, e estou muito entusiasmado com isso.

(Agora a Jane confessou que teve um pequeno “ataque de choro” esta manhã ao ver um concurso na TV. Os prémios — um carro, etc. — lembraram-lhe de como costumávamos viajar, e da sua liberdade física para o fazer. Agora não consegue. Mais uma vez, disse-lhe que voltaria a conseguir.

(A Dawn fez todos os sinais vitais da Jane; pulso 88 — um pouco lento, disse ela, já que o dela costuma ser rápido, cerca de 100, o que é “normal” para ela — temperatura 36,7 °C — ligeiramente alta — e tensão arterial cerca de 120/68, que também é muito boa.

(A Dawn também disse que verificaria a bandeja do jantar por nós.

(Os pés da Jane estavam a mexer-se um pouco enquanto eu lia uma carta. “O meu dedo grande do pé direito está a ferver por dentro”, disse. Circulação a melhorar, disse eu. Abri a janela de par em par, já que ela estava com bastante calor. Estava a chover forte, mas estava quente.

(Gemidos, resmungos e respiração pesada. Pé esquerdo no ar. “Está tudo bem, miúda”, disse a Jane várias vezes para si própria.

(Cabeça, ombros, perna esquerda a mexerem-se como se estivesse a cavalgar. Pé esquerdo a fletir. Sons, depois pausa. Sabia que a perna esquerda tinha estado a ir bem.

(Braço direito a rodar bem em círculo, pé esquerdo a mexer, respiração pesada. Pausa. Cigarro. Mesmo a fumar, o pé esquerdo mexia-se, com o direito a imitar em miniatura.

(A Jane falou do 458 W. Water St., em Elmira, e de alguns dos bons momentos que lá passámos. Disse-lhe que eu tinha sentimentos semelhantes quase todos os dias, quando passava pelo local a caminho do hospital às 13h00. Todas as janelas do apartamento 5 que vislumbro ao passar parecem guardar um encanto especial para mim. Afinal, lá passámos 15 anos. Disse-lhe que penso sempre em estacionar à frente e entrar na casa, mas nunca o faço.

(Estava a aproximar-se a hora de a virar sobre o lado esquerdo quando a Jane me disse para pegar no papel para uma sessão.)

Ora bem: mais uma boa tarde calorosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

É um excelente sinal que, à medida que certas partes do corpo se vão libertando, elas se movam espontaneamente, seguindo a sua própria ordem — mas movem-se com notável facilidade, mesmo enquanto outras partes do corpo começam lentamente a libertar-se também.

Mais uma vez, o corpo conhece a ordem adequada, de modo que tudo se irá articular em preparação para se sentar, levantar-se e andar. Os olhos mostram igualmente estas mesmas características, de modo que o Ruburt é capaz de ler com cada vez mais facilidade e espontaneidade. A circulação aumentada na zona da cabeça e dos ombros também é responsável pela melhoria da sua visão.

As sessões diárias, independentemente da sua brevidade, ajudam a manter o ânimo elevado e constituem uma proteção contra o tipo de pequeno ataque de choro que ele teve esta manhã. No entanto, nessa experiência ele libertou uma boa dose de frustração.

Os movimentos libertados não são apenas espontâneos, mas são vividos com alegria — outro ponto muito importante.

Posso ou não voltar, novamente conforme os ritmos de que falo — mas estou presente em qualquer caso, e disponível.

(“Sim. Obrigado.”)

(Li a sessão à Jane antes de a virar. “São todas boas notícias”, disse, bastante animado. Continuava a sentir esse otimismo. Enquanto a massagista com Oil of Olay disse à Jane que tinha deixado de dar sugestões específicas ao corpo dela — por exemplo, que uma mão pudesse abrir-se — porque, segundo o material do Seth, o corpo tinha a sua própria ordem e calendário para mostrar melhoras, e eu tinha ficado cauteloso em dar sugestões que pudessem interferir com esse calendário. Sugeri que perguntássemos isso ao Seth amanhã — uma boa questão, penso eu.)

(Depois de me levantar da sesta às 17h35, tratei de conseguir os itens em falta da bandeja do jantar, indo à cozinha da estação A-3: leite, manteiga, pão e doce. A Jane voltou a comer bem. Li a oração com ela e saí às 19h05. Continuava a chover bastante.)

SESSÃO APAGADA

11 DE NOVEMBRO DE 1983

(O dia estava muito chuvoso, enevoadado, com uma temperatura de 7 °C. A Jane tinha recebido três excelentes relatórios sobre a sua condição física esta manhã, contou-me pouco depois de eu chegar ao 330. Na hidroterapia, a terapeuta Wendy, que verifica a Jane e o seu boletim semanalmente, disse-lhe que estava a ir bem, que o joelho estava a evoluir muito bem. A Terry, que acompanha a Jane no banho de hidro, disse-lhe que tinha melhor aspeto e era mais fácil de movimentar. E a Mary Ann, que lhe mudou os pensos no quarto 330, afirmou que as escaras estavam muito melhores na cicatrização.

(Disse à Jane que devia estar mesmo contente com todos estes sinais positivos de que estava a melhorar. Ela está, claro — mais passos pelo caminho. A Jane disse que muitas vezes se imagina aqui em nossa casa, a fazer várias coisas. Disse-lhe que essa é a melhor forma de usar a sugestão: manter o objetivo em mente e deixar que a mente inconsciente trate dos detalhes de cura necessários para se chegar onde se quer chegar.

(Contei à Jane que tinha tido um sonho meio recordado na noite anterior, em que voltava a trabalhar para o Stu Komer da antiga fábrica Artistic. Estava a trabalhar num novo tipo de cartão de felicitações que, penso eu, poderia realmente ter muito sucesso. Se tivesse tempo faria um modelo para mostrar à Jane como funciona, pois utiliza duas folhas de papel em relevo e mensagens para transmitir o essencial. Bastante original, penso eu, uma realização criativa. Disse que não me importava que o Seth comentasse o sonho.

(A Jane descreveu o seu próprio sonho vívido da noite anterior, que só posso aqui aproximar. Tratava-se da Jane a lavar os órgãos internos de uma mulher que tinha morrido e que era conhecida de um grupo de pessoas — alguém semelhante à própria Jane. Também estava envolvido um cachorro e outros elementos. Achei o sonho muito positivo, e que mostrava que a Jane estava a libertar-se de antigas crenças e a começar de novo com outras.

(Depois tivemos mais boas notícias. A Jane começou a ler em voz alta a sessão de ontem — e portou-se mesmo muito bem. Como tem feito ultimamente, começou um pouco devagar, mas foi lendo cada vez mais depressa à medida que avançava. Fiquei muito satisfeito, e ela também. Disse que ainda não estava na velocidade normal — talvez 80% — mas eu

achei que estava muito melhor do que isso. Desta vez as melhorias na visão estão de facto a manter-se muito melhor do que no passado. Excelente.

(A Jane terminou a sessão em uns 10 minutos — mesmo muito bom. Quando comecei a tratar do correio ela disse-me para preparar o papel. A voz de Seth estava mediana.)

Agora: outra boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

O Ruburt tinha razão. O significado do sonho é o seguinte: No início tu e ele estão a dar uma palestra ou a falar para crianças pequenas, o que significa que ambos estavam a invocar as partes criativas e espontâneas de vocês próprios, que no sentido mais verdadeiro são infantis. Mais tarde, uma mulher morre, conhecida de um grupo de pessoas que estão com o Ruburt. A mulher representa as antigas crenças do Ruburt, a mulher que ele foi, por assim dizer. O que se salva imediatamente são os órgãos internos, que o Ruburt lava simbolicamente num ritual indicativo de lavar velhas crenças e de limpar os órgãos internos — o ato da limpeza interior.

Mais tarde encontra uma pilha em forma de pirâmide de cachorros mortos, representando a morte de velhas crenças que tinham persistido desde a infância. Descobre depois um cachorro recém-nascido, totalmente vivo, e isto representa o encontro e a reivindicação das novas partes espontâneas e criativas do seu ser. Está a caminho de registar o cachorro e reclamá-lo numa esquadra local, o que significa que estava a apresentar esta parte de si próprio a todas as outras, e a legitimá-la junto das autoridades — o que quer dizer que a estava a aceitar plenamente sob os auspícios da nova autoridade interior do Eu. A polícia costuma representar a disciplina, o cachorro representa a espontaneidade, e esta união mostra que a espontaneidade e a ordem estão unidas.

Deixemos o Ruburt fazer uma pausa, e regressarei pelo menos brevemente.

(“Está bem. Obrigado.”)

(Disse que esperava que o Seth abordasse a minha questão de ontem, sobre não querer que as minhas sugestões para a melhoria da Jane entrassem em conflito com a ordem espontânea e inata do corpo de se curar a si mesmo. Quando a Jane retomou a sessão disse apenas uma palavra — a sua sessão mais curta de sempre. Disse-lhe depois:)

Ora bem—

(A Carol entrou depois de bater à porta para medir a temperatura da Jane. Saiu em menos de um minuto, sem notar nada.)

Agora: nesta fase não podes enganar-te com as tuas sugestões, desde que permitas a liberdade da sabedoria do corpo, de modo a que este deixe automaticamente que a sua própria ordem predomine.

Não deves, no entanto, insistir ou exigir que uma dada sugestão crie raízes — pois poderias ficar desiludido se não acontecesse, em vez de perceber que talvez não fosse a altura para essa sugestão em particular funcionar. Basta manter essa flexibilidade mental; sugestões gerais para movimento e cura são naturalmente excelentes, uma vez que deixam ao corpo a tarefa de fazer o trabalho interior necessário.

Mais uma vez, algumas melhorias podem aparecer de repente, ignorando totalmente o tempo habitual. *(Pausa.)* O corpo está a melhorar-se no geral, no entanto, e algumas melhorias que parecem surgir subitamente são manifestações de progressos que já decorriam há algum tempo, mas que só agora se tornam visíveis. Isto pode aplicar-se também à tua própria situação, Joseph.

Agora, posso ou não regressar, consoante esses ritmos de que falo, mas estou de facto presente em qualquer caso.

(A Jane teve um espasmo da bexiga, apesar de lhe terem mudado recentemente a algália. Tem tido vários destes, e continua a soltar muito gás. Soltou gases no final da sessão. Disse-lhe que ia perguntar ao Seth o que pensava dos elogios que recebera de três pessoas diferentes esta manhã sobre a melhoria da sua condição física. Retomámos às 15h58.)

Agora: as observações favoráveis feitas esta manhã por vários membros da equipa mostram que estão realmente a mudar as vossas realidades, e também a começar a mudar o ambiente mais vasto. As ideias das pessoas sobre a condição do Ruburt estão a mudar, e estão a receber resultados e respostas favoráveis, naturalmente. Acabarão por mudar a vossa realidade, e a realidade aos olhos dos outros também, por isso este episódio marca o início dessa alteração do ambiente.

(“Obrigado.”

(A Jane soltou mais gases. Disse-lhe que a sessão tinha sido excelente. “Já andava a pensar quando é que as pessoas começariam a notar alguma coisa,” disse eu. Alguém, contou a Jane, também tinha comentado hoje o seu ligeiro aumento de peso, mas não se lembrava de

quem tinha sido. Achei que ela me tinha dito mais cedo que o episódio tinha acontecido na hidro.

(Depois de descansar e fumar, o pé esquerdo da Jane começou a mexer. Os exercícios intensificaram-se. “Está a acontecer qualquer coisa dentro da perna direita,” disse após alguns minutos. “Não se vê, mas na semana passada não conseguia fazer isto.” Respiração ofegante. Eu conseguia ver as ancas a mexerem-se, o que por si só já era invulgar.

(A LuAnn entrou para cumprimentar mesmo quando a Jane estava em plena atividade. Dois minutos depois, a Jane começou a mover a mandíbula inferior para cima, para baixo e em círculos de uma forma quase grotesca, de modo a que não conseguia falar, apenas emitir sons guturais.

(O corpo parecia prosseguir no seu próprio programa intuitivo de trabalhar uma parte depois da outra. O pé esquerdo da Jane estava a ir muito bem, a rodar, enquanto a cabeça se erguia. Depois a cabeça e o tronco levantaram-se e moveram-se de um lado para o outro. “Está tudo bem,” repetia a Jane para si própria. Descansou. “Mas a perna direita fez coisas novas, sim.”

(O ombro direito mexeu-se bem. “Sinto mesmo como se fosse seda quando faço isto.” Braço direito em círculo. Ainda não mediram a tensão arterial, notámos. Braço direito em círculos outra vez.

(Pé esquerdo ativo. A Jane conseguia senti-lo especialmente na articulação do dedo grande, e eu também podia ver a mudança de movimento aí. Depois o dedo grande do pé direito começou a mexer-se um pouco.

(Ambos os pés mexiam, cabeça e peito a subir e a descer rapidamente. Ela fazia sons altos de esforço. “Às vezes nem consigo explicar o que quero dizer, mas percebo o que o Seth quer dizer,” disse a Jane. “Consigo sentir algo a mover-se cá dentro, onde nem sequer se vê.” Mas, disse eu, às vezes eu conseguia ver.

(Depois de a Jane ter descansado, a Carol voltou para medir a tensão arterial. “Os seus sinais vitais mantêm-se praticamente iguais, e isso é bom,” disse a Carol à Jane — mais um reforço positivo neste dia.

(Mal a Carol saiu, as mãos da Jane começaram a doer e a rodar de uma forma nova, como se as palmas tentassem virar-se para cima. “Não conseguiam virar-se para cima há anos,” disse a Jane. Era mais um grande sinal, disse-lhe eu. O braço direito levantou-se e rodou. Custava-

me interromper-lhe os novos movimentos para a virar de lado esquerdo, mas ela estava pronta para ir. Disse que os dedos da mão direita estavam a tentar soltar-se, enquanto eu os massageava com Oil of Olay. Percorri o corpo dela como de costume, deshipnotizando-o.

(Depois de eu ter feito uma sesta das 17h10 às 17h40, a Jane juntou bem. Teve, contudo, muitos gases. Vejo isto como um prenúncio de mais progressos. Saí às 19h05 depois de verificar os programas de TV para a noite e rezar com ela. Foi um bom dia. Dorme bem, Jane. Um dia hei de ver-te em casa.)

SESSÃO APAGADA

13 DE NOVEMBRO DE 1983

(O dia foi relativamente calmo para nós. A Jane parecia lavada e fresca quando cheguei ao 330; tinha o cabelo entrançado, a cama feita de novo, o quarto brilhava. Não tinha ido à hidro esta manhã, por isso a Georgia deu-lhe banho na cama e limpou tudo.

(Como os dentes a incomodavam bastante, a Jane não conseguiu comer o que tínhamos pedido para o almoço — peru tetrazzini — e substituiu por cereais secos. Fiquei preocupado porque não queria que ela comesse a descuidar-se na alimentação, e talvez a perder peso quando estava a correr tão bem. E ainda nem sabemos quando é que o Paul O'Neill virá tratar do realinhamento da prótese inferior. Mas acabou por almoçar bem na mesma.

(Depois, a Jane contou-me que a Jan tinha estado de manhã e lhe dissera que as úlceras estavam com muito bom aspeto — significando que tinham melhorado bastante desde a última vez que a Jane as vira. Outro bom sinal, disse eu.

(Tinha recebido ontem uma carta do Tam, mas a Jane teve dificuldade em lê-la depois do almoço. Não tinha nenhuma sessão de ontem para ler, por isso voltou à de anteontem e, curiosamente, leu-a bastante bem. Também teve alguns espasmos da bexiga. Trabalhei no correio. contei-lhe ainda outro sonho que tinha tido, em que fazia trabalho gráfico comercial. Desta vez tinham-me contratado para desenhar uma banda desenhada com o Tom Selleck, da série de TV Magnum, P.I.. No sonho vi claramente a página dominical da tira várias vezes. E de cada vez os balões da primeira vinheta estavam, por alguma razão, ininteligíveis para mim. Queria que o Seth comentasse o meu primeiro sonho artístico, o dos cartões de

felicitações, mas ainda não o fez. A Jane também tivera um sonho envolvendo a morte da Sue Watkins, sobre o qual eu queria uma palavra.

(Enquanto esperava para decidir o que faria a seguir, a Jane disse-me para preparar papel e caneta para uma sessão.)

Agora: desejo-vos outra boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Queria comentar os vossos—

(A Lorrie bateu à porta e entrou para verificar os sinais vitais da Jane. Tensão arterial normal, temperatura 36 °C, etc. A Jane tornou-se tão hábil em sair rapidamente até mesmo de um transe de Seth que ninguém da equipa nota nada. Retomou logo que a Lorrie saiu às 15h46.)

Repito, queria comentar os vossos sonhos, Joseph. Eles mostram simplesmente que os elementos criativos do Eu foram novamente despertados (*longa pausa*), e quase num luxo de inspiração mostram como podem ser aplicados ao vosso trabalho artístico e a outras áreas da vossa vida.

O sonho que representa o cartão com a mensagem dupla pode também ser aplicado de outra forma à tua pintura. O sonho envolvendo o *Magnum* mostra que, como um detetive, estás a fazer uma busca — só que a tua busca é na área mais ampla da criatividade. O sonho também diz que, como um investigador privado, estás numa busca, mas o investigador privado também representa o teu próprio olho privado, ou a tua própria visão do mundo, de modo que estás num processo de alargamento da tua maneira própria de ver a realidade. O sonho do Ruburt em que a Sue estava morta representava a morte de velhas crenças sobre escritoras. Essas crenças tinham sido como velhas boas amigas — só que já tinham ultrapassado o seu propósito e já não se aplicam.

As melhorias do Ruburt continuam, e continuarão. Agora despeço-me com uma boa noite carinhosa; mais uma vez, posso ou não regressar, consoante os ritmos de que falo, mas estou presente e disponível.

(“Obrigado.”)

(Disse à Jane que a sessão tinha sido muito boa, que o Seth tinha feito um excelente pequeno trabalho de interpretação dos nossos sonhos. A Jane descansou e bebeu ginger ale enquanto esperava para ver o que aconteceria a seguir.

(Enquanto eu escrevia algumas cartas ela começou movimentos de cabeça e ombros fora da cama, com sons e outros gritos. Depois um

movimento lateral mais rápido, torcendo-se de um lado para o outro. Descanso.

(Mais movimentos de cabeça e ombros, bons movimentos laterais, a falar consigo própria, pé esquerdo bem ativo. Descanso.

(A Jane acrescentou que as cores no quarto lhe pareciam mais brilhantes do que antes, e que também via melhor — uma ligação, claro, com a sua capacidade de leitura melhorada.

(Mais cabeça e ombros, pé esquerdo, olhos fechados, grunhidos e gemidos. Nos minutos seguintes a Jane repetiu os mesmos movimentos, com uma movimentação geral do corpo. Quando regressei da casa de banho ela disse que até tinha continuado os movimentos “em miniatura” enquanto eu estive fora.

(“Mesmo quando estou a fazer isto [a fumar], sinto o rabo a rodar por dentro,” disse ela — outro bom sinal.

(Braço esquerdo a rodar, cabeça e ombros novamente de um lado para o outro, depois o braço direito a rodar. Dedos de ambos os pés a mexer-se um pouco, embora hoje a perna direita estivesse bastante quieta. “Fico sempre quente quando faço isto tudo,” disse a Jane. Abri as cortinas — já se aproximava o anoitecer — e liguei a ventoinha. A janela já estava aberta ao máximo.

(A Jane não queria muito ser virada de lado, mas estava a aproximar-se a hora. Depois de a posicionar, num movimento que correu facilmente, fiz uma sesta após a massajar com Oil of Olay. Jantou bem — vitela à parmegiana — e saí às 19h15, depois de verificar a programação de TV para a noite e rezar com ela. A Margaret Bumbalo tinha telefonado mais cedo a convidar-me para jantar.

(E esta noite, a Jane telefonou, com a ajuda da Cathy, enquanto eu estava a datilografar este material, às 21h53.)

SESSÃO APAGADA

14 DE NOVEMBRO DE 1983

(Houve hoje mais alguns pontos positivos: o Ken Wrigley visitou a Jane de manhã, examinou a úlcera no joelho direito e disse que estava a correr suficientemente bem para que a pomada de desbridamento, Trevoise, já não fosse necessária. [Verificar a ortografia desse nome.] Agora já se pode usar Silvadene nos pensos do joelho.

(Depois, quando a Jan ajudava a Jane nas tarefas de higiene oral, reparou que as mãos da Jane estavam a funcionar melhor — a Jane até estendeu automaticamente a mão para segurar uma chávena junto aos lábios, algo que normalmente tinha de ser feito pelo pessoal.

A Jane comeu bem, apesar de os dentes a incomodarem. Enquanto almoçava tivemos a visita da Nona, de Toronto. Falei com ela no corredor. Deixou uma rosa vermelha à Jane e escreveu um simpático bilhete. É atriz e quer transmitir as ideias sethianas através do seu trabalho.

(13h45. A Peggy Gallagher visitou, enquanto eu descia ao balcão de faturação para corrigir um erro nos créditos de pagamentos que fizera no mês passado.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas foi interrompida pela LuAnn a medir-lhe a tensão arterial antes de tempo. O tempo voava. Trabalhei no correio enquanto a Jane tentava ler a sessão, mas custou-lhe e estava muito lenta.

(Contei à Jane o meu sonho da noite passada, e pedi que o Seth comentasse da próxima vez. Junto ao bloco de elevadores pode-se olhar para o parque de estacionamento do serviço de urgência atrás do hospital. Faço-o muitas vezes ao sair, pois dali consigo ver o carro onde costumo estacionar. No sonho olhei e vi três folhas de papel no asfalto junto à roda dianteira esquerda do carro. Soube de imediato que representavam três pagamentos da divisão de Major Medical da Blue Cross. No sonho, esse conhecimento trouxe-me logo alguma paz de espírito, e caí num sono profundo. Eram cerca das 2h00, e eu tinha passado uma noite agitada, a acordar várias vezes, preocupado com quando e se conseguiríamos finalmente resolver o problema dos pagamentos do seguro.

(Tenho-me preocupado bastante ultimamente — se a Blue Cross chegaria sequer a considerar-nos para os pagamentos de major medical — e também com o que faríamos se o pior cenário se concretizasse. Não contei muito à Jane sobre estes receios. O sonho, eu sabia, resolveu as

minhas preocupações. Os meus receios tinham sido agravados pelo atraso no envio dos nossos relatórios médicos à seguradora, o tempo que parece levar para se resolver qualquer coisa — todo esse processo. Assim que tive o sonho, disse à Jane, dei como certo que tudo ficaria bem.

(A Jane começou a mexer o pé esquerdo e a cabeça e ombros, não muito fortemente. Rodou o pé. “Não sabia que já era tão tarde,” disse entre alguns grunhidos e gemidos.

(Devo acrescentar que o meu sonho de ver o dinheiro tão longe — junto ao carro — também significava coisas. Que os problemas ainda não estavam resolvidos, devido ao tempo que demora tudo, mas que estavam a caminho da solução, no essencial. O carro também representa transporte, pensei eu, significando que o dinheiro ainda tem de chegar até nós. Podem existir outros significados também.

(“Agora tenho outra vez aquela coisa com a cor,” disse a Jane, querendo dizer que via as cores melhor, bem como os detalhes em geral. Bebeu um pouco de ginger ale. Ambos descansámos. Este não parecia ser um dos nossos melhores dias. Mas depois ela pediu-me para preparar papel e caneta.)

Ora bem: desejo-vos outra boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

O teu sonho representa o facto de saberes que a questão do seguro será resolvida devidamente. O carro representa também a ideia de distância, já que os cheques não se originam nesta cidade.

É de facto importante que vocês dois releiam as sessões, para que o material importante permaneça claro nas vossas mentes. O Ruburt continuará a melhorar e lembra-lhe que todos estes preparativos estão a ser feitos para que o seu corpo possa em breve funcionar.

Ele recebe novas indicações das suas melhorias todos os dias, por isso é vital que se lembre de que essas melhorias o estão a conduzir a sentar-se, a levantar-se e a andar. Procurem, portanto, rever as sessões sempre que tiverem tempo disponível. Posso ou não regressar, de acordo com os ritmos de que falo, mas quis fazer a minha aparição, por assim dizer — e, como sempre, estou disponível.

(“Muito obrigado.”)

(“Caramba, não sabia o que fazer,” disse a Jane. “Comecei a mexer-me ao mesmo tempo que ele falava....”

(Fiquei particularmente contente por receber a confirmação do Seth sobre o significado do meu sonho. Estava muito preocupado em conseguirmos manter o statu quo financeiro enquanto a Jane mostrava tantas melhorias, juntamente com a promessa de ficar ainda melhor. Tudo o que queremos agora é sair do hospital.

(Já passava da hora de a virar de lado, mas li-lhe primeiro partes de algumas sessões. Queria tê-lo feito mais cedo, mas as visitas da Peg e da Nona tinham-nos distraído, além de eu ter tido de descer.

(A Jane teve dificuldades em jantar, mas acabou por conseguir comer alguma coisa. Fui às compras ao Acme, e só acabei o meu próprio jantar às 21h45. Quando cheguei a casa da loja o telefone tocou. Era o Paul O'Neill. Disse que estaria no hospital para ver a Jane por volta das 18h00 de amanhã — terça-feira — para tirar moldes para os dentes. Se não conseguisse, viria na quarta-feira à tarde. A Jane ficará contente com a notícia.

(Ela não telefonou esta noite.)

SESSÃO APAGADA

15 DE NOVEMBRO DE 1983

(O penso estava novamente no cotovelo direito da Jane quando cheguei ao quarto 330. Esta manhã correu-lhe bem na hidro — mexeu mais os pés do que o habitual, disse ela — e almoçou muito bem. Estávamos ansiosos por ver o Paul O'Neill por volta das 18h00.

(Quando lhe dei um cigarro depois de a virar de costas à tarde, a Jane teve mais um episódio de regresso a um velho hábito automático. Desde que está no hospital, sempre fumou com a mão esquerda, deixando a direita pousada, inativa, sobre a barriga. Se quer inverter as extremidades do cigarro — porque uma é mais solta do que a outra, como muitas vezes acontece com os Pall Malls —, fá-lo de forma desajeitada: segura o cigarro com os lábios e tenta rodá-lo com a mão esquerda antes de eu o acender. Hoje, porém, a Jane usou automaticamente a mão direita para ajudar a esquerda a rodar o cigarro — e não se apercebeu de que o fizera até eu lhe chamar a atenção. De facto, o corpo recorda. Disse-lhe que era mais um excelente passo no caminho.

(Fez o mesmo outra vez mais tarde nessa tarde — mas agora já está consciente do que faz, e a ação passou a fazer parte do repertório diário de movimentos.

(O tempo voava outra vez. A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas com muita dificuldade — parava, hesitava constantemente. O ritmo melhorou um pouco à medida que avançava, e ainda assim estava melhor do que costumava fazer, mas não tão bom como nas tentativas mais recentes. Eu tratava do correio enquanto ela persistia.

(Depois de terminar a leitura, comecei a ler-lhe as sessões antigas — apenas as partes com material do Seth. Às 15h50 houve agitação no 330: dois membros da equipa para verificar os sinais vitais da Jane, a senhora da TV a cobrar a semana e uma chamada da manutenção sobre o aquecimento do quarto — ou a falta dele. O quarto estava frio e húmido. Até a Jane tinha estado com frio por vezes. Quando cheguei, estava coberta com o pano enviado pelo grupo do Reudi Anner, da conferência do Seth em Genebra, Suíça.

(A Jane começou a ficar mais incomodada — dizia que ainda não tinha tido sessão, nem movimentos, e que o Paul viria à hora do jantar. Retomei a leitura das sessões às 16h15, e percorremos o primeiro dos dois livros. Depois a Jane disse que afinal sentia vontade de fazer uma pequena sessão.)

Agora: mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Quero apenas falar e estabelecer essas condições de cura — essas ligações que são tão importantes no processo de cura. Existem sem mim, claro, e mesmo assim consigo acrescentar energia extra e despertar o impulso do corpo. A sensação de facilidade é, novamente, essencial — a sensação de jogo criativo — para que o Ruburt não se esforce em demasia. Estou aqui para vos assegurar que ele está a progredir bem e que, mais uma vez, o corpo se está a preparar para se mover mais naturalmente. Para se sentar, levantar e andar.

Posso ou não regressar, de acordo com essas energias de que falo, mas estou disponível.

(“Obrigado.”)

(“Sou eu,” disse a Jane. “Obrigada por leres todas essas sessões. Tento mesmo levá-las todas a sério. Ah, e mexi um pouco mais os pés na hidro — ambos....”)

(A Jane começou movimentos de cabeça e ombros, e o pé esquerdo juntou-se. Mas queria ser virada, e eu concordei. Talvez, pensámos, conseguíssemos acabar o jantar antes de o Paul aparecer, se

começássemos um pouco mais cedo. A bandeja chegou enquanto eu a massajava com Oil of Olay.

(Ao fim começámos de facto a jantar mais cedo — mas o Paul O'Neill não apareceu. Segundo o que dissera, isso significava que o veríamos pouco depois das 13h00 de amanhã. Teria sido muito melhor para nós se o tivéssemos visto esta noite.)

SESSÃO APAGADA

17 DE NOVEMBRO DE 1983

(Não houve sessão ontem. Estivemos ocupados. O Paul O'Neill veio depois de termos acabado o almoço no 330 e tirou moldes das gengivas inferiores da Jane para o realinhamento da prótese — uma prótese macia, explicou, que a Jane não teria de volta antes de sexta-feira. Mas ficámos contentes por ter finalmente sido tratado um problema antigo. A Jane portou-se bem e comeu melhor do que eu esperava.

(Na hidro esta manhã, quarta-feira, a terapeuta examinou a Jane tal como na semana passada, observando as úlceras, e disse mais uma vez que estava a evoluir muito bem. Boas notícias.

(O pessoal fez hoje ao meio-dia uma festa para a Susie, uma auxiliar que será operada sexta-feira por um problema na rótula, e encontrei muita comida guardada para mim no 330. Quando o almoço chegou a Jane não conseguiu comer parte do tabuleiro, mas surpreendentemente portou-se bem com a pizza que os rapazes tinham guardado para mim. Trouxe alguns restos para o jantar em casa.

(A Jane começou a ler novamente a sessão de anteontem, e portou-se bastante bem no início. Leu muito bem sem os dentes inferiores e ganhou velocidade à medida que avançava. A sua leitura é agora consistentemente muito melhor do que costumava ser.

(Começou alguns movimentos discretos do pé esquerdo enquanto eu tratava do correio. A respiração também se acelerou um pouco.

(A Jane fumou um cigarro para se manter acordada: “Estou sempre a adormecer e a ter estes mini-cenários,” disse.

(Depois de a Sharon Poley lhe medir a temperatura, a Jane começou alguns movimentos suaves de pernas, cabeça e ombros às 15h45.

(Mais cedo hoje mostrou-me como tinha descoberto quase “por acidente” que conseguia alcançar a parte interna da coxa direita com a mão esquerda — mais longe do que tinha alcançado em muito tempo.

Aconteceu automaticamente quando esta manhã mostrava a alguém no quarto uma pele morta na perna.

(Mais movimentos semelhantes. Retirei o pequeno penso do cotovelo direito. Não havia nenhum penso nos dedos do pé esquerdo.

(Mais exercícios suaves semelhantes, incluindo a sensação de “seda” no ombro direito. “Voltei a ter aquilo em que, quando paro os exercícios, os olhos funcionam melhor,” disse. “Consigo ver melhor as cores.” Mais um bom sinal. Descanso. Depois de aplicar as gotas nos olhos, a Jane fez mais alguns exercícios suaves enquanto eu fazia anotações e trabalhava no correio.

(Perguntei-lhe se queria dar uma pequena sessão, já que estava a ficar tarde. Mas a cabeça começou a mover-se, e ela iniciou movimentos mais fortes, cabeça de um lado para o outro, respiração mais ruidosa, grunhidos e gemidos. Levantou a cabeça e os ombros da cama, enquanto os pés permaneciam bastante quietos. O corpo escolheu hoje trabalhar a parte superior, evidentemente.

(Depois de descansar entre alguns bons movimentos, a Jane fez então os seus melhores esforços do dia, com a cabeça e os ombros de um lado para o outro. Mesmo os braços permaneceram bastante passivos, cruzados sobre a barriga. “Jesus,” disse a Jane ao descansar, “o quarto ficou muito mais claro desta vez.” Evidentemente, numerosos exercícios podiam promover relaxamento à volta dos olhos, ajudando a visão.

(Virei a Jane para o lado esquerdo, e o movimento correu bem; tem feito as viragens muito melhor. Fiz a minha sesta depois de a massajar com Oil of Olay. Quando acordei às 17h30, a bandeja ainda não tinha chegado, por isso tivemos de pedir ajuda à Sharon. Quando chegou, trazia vários tipos de comida e sopa, de modo que a Jane conseguiu comer até se saciar, embora a omelete lhe tivesse escapado por não conseguir mastigá-la.

(A Jane estava a fumar às 18h45 quando me perguntou se queria ter uma pequena sessão antes de eu sair à noite. Disse que sim. Devo registar aqui, primeiro, uma pergunta que lhe fiz ontem, sobre uma frase do Seth que datilografei ontem na Sessão 889 para Dreams. O Seth tinha dito esta frase intrigante a 17 de dezembro de 1979. Fiz uma nota e pedi que comentasse, caso tivéssemos sessão ontem: “As unidades de consciência também formam outros tipos de matéria que não percebem.”)

(Agora, comecei logo a perguntar-me: que outros tipos de matéria poderiam existir? Até pensei em usar a resposta dele como nota de rodapé dessa sessão em Dreams, embora as datas não coincidissem. Como acabou por acontecer, o Seth respondeu à pergunta — até certo ponto — esta noite, quando por momentos já me tinha esquecido dela.)

Ora bem: uma boa noite carinhosa.

(“O mesmo para ti, Seth.”)

Quero apenas que saibam que estive presente, embora não tenha falado. É uma excelente ideia arranjar os dentes do Ruburt. Isso ajudará a libertar tensões que até aqui se manifestaram na zona do maxilar, claro. Também facilitará a ingestão dos nutrientes necessários.

(Pausa.) As unidades de consciência ajudam a formar diferentes tipos de realidades físicas, como o próprio Ruburt insinuou em alguns dos seus poemas. Existem muitas dimensões que são tão físicas, por assim dizer, quanto o vosso mundo — mas se não estiverem focados nelas, não estarão de modo algum conscientes da sua existência, percebendo apenas espaço vazio.

Nada no universo se perde, se extravia ou se desperdiça, por isso a energia dos vossos próprios pensamentos, enquanto ainda são pensamentos vossos, ajuda a formar os atributos naturais de realidades físicas que não percebem. *(Pausa.)* Assim também o vosso mundo é formado por unidades de consciência. Os seus elementos naturais são os vestígios cintilantes de outras unidades de consciência que não percebem.

O Ruburt continua a melhorar. Quis apenas dar-vos conta da minha presença, e dar-vos pelo menos uma breve resposta à vossa questão sobre as unidades de consciência. Desejo-vos uma noite verdadeiramente carinhosa.

(“Muito obrigado, Seth. O mesmo para ti.”)

(“Ainda bem que tive isto,” disse a Jane. “Sabia que o sentia por perto. Ele falou da tua questão sobre a matéria, não foi?” Acrescentou que o poema a que o Seth se referira era aquele que eu usara para concluir os ensaios introdutórios de Sonhos. Percebi a ligação assim que ela o mencionou. E preendi uma cópia desse poema na parede do 330, em frente ao fundo da cama da Jane. É um excelente poema.

(Depois de lermos o poema juntos, desejei-lhe boa noite e saí às 19h12.)

SESSÃO APAGADA
18 DE NOVEMBRO DE 1983

(O dia estava quente — acima de 7 °C — e soalheiro. Ao meio-dia, o Paul O'Neill deixou-me em casa os novos dentes inferiores da Jane, para que eu os levasse até ela. Ele verificará os superiores mais tarde.

(No corredor, junto ao serviço de urgência, encontrei o Fred Kardon, que me perguntou como estava a Jane. Sem ser específico, disse-lhe que, em geral, estava a melhorar em todos os aspetos. “Não ouvi nada das enfermeiras,” disse o Fred, querendo dizer que não tinha recebido relatórios negativos. Quis saber como estava a úlcera do joelho da Jane, e respondi que muito bem. O Fred sublinhou que era importante que a Jane bebesse o máximo de líquidos possível. Prometi dizer-lhe. Disse ainda que iria visitá-la um destes dias.

(A Jane experimentou os dentes novos antes do almoço, depois de eu a virar. Ao princípio pareceram-lhe desconfortáveis e não se mantinham no lugar, mas rapidamente pareceu adaptar-se. Começou a falar melhor e comeu bem. No início batiam como os antigos, mas notei que, à medida que a tarde avançava, o som audível desaparecia.

(A Georgia, a Jan e eu vimos os auxiliares levarem a Susie na maca para o elevador a caminho do bloco operatório, para a operação ao joelho. Contei à Jane.

(15h30. Estávamos prestes a começar alguma atividade quando o Wade Alexander veio visitar-nos. Estava com bom aspeto e pareceu genuinamente contente por nos ver. Tinha uma turma de alunos na cidade. Saiu às 15h55. Depois, a Jane e eu concordámos que a visita não tinha sido por acaso. A sua atitude positiva quanto ao negócio das cassetes com o Steve e a Tracy respondeu a algumas das nossas próprias questões, bem como a potenciais conflitos sobre a propriedade das gravações. Disse à Jane que a decisão dele de nos visitar podia poupar-nos muito tempo mais tarde. Ela concordou. Agora não antecipamos problemas nessa área.

(O Wade, aliás, disse à Jane espontaneamente que ela estava com muito melhor aspeto do que da última vez que a vira — antes de abril passado, quando entrou no hospital.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, e portou-se muito bem, tendo em conta os novos dentes. Depois de a Cathy lhe medir a temperatura — 36,7 °C — a Jane disse-me que agora conseguia chegar

mais longe debaixo da perna direita com a mão esquerda do que ontem. Reconhece que se deita inclinada num certo ângulo na cama, e que se estivesse totalmente deitada não conseguiria chegar tão longe até às pernas, mas, mesmo assim, os sinais indicam que os cotovelos parecem fletir mais.

(A propósito, a Jane teve hoje de manhã um novo cateter inserido e, enquanto lia a sessão, teve alguns espasmos e gases. Foi ainda interrompida pela Lorrie, que lhe mediu o pulso e a tensão arterial. Trabalhei no correio e a Jane acabou a leitura em muito bom estilo às 16h16.

(Ela esperou para decidir o que faria a seguir e, depois de acabar o cigarro, disse-me que faria uma pequena sessão.)

Agora: mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Queria apenas dizer ao Ruburt que beber mais água trará de facto resultados quase imediatos.

Queria também dar conta novamente da minha presença, embora até agora não tivesse falado.

O homem é ele próprio parte da natureza, por mais separado dela que às vezes se sinta. (Pausa.) Mesmo os seus “erros” no trato com a natureza fazem parte dos processos da própria natureza, e são considerados no quadro total. Posso falar mais sobre este tema mais tarde, se o desejarem.

(“Sim. Isto é em referência ao programa que vimos hoje de tarde na televisão, sobre as formigas-de-fogo?”)

É de facto, e também às questões que o programa vos suscitou.

Posso ou não regressar, de acordo com esse ritmo de que vos falei — mas saibam que estou disponível.

(“Obrigado.”)

(“Sabia que ele ia dizer isso da água,” disse a Jane, “quando tive vontade de fazer a sessão. Bem, vou tentar beber muito mais do que tenho bebido.” Acrescentei que a sessão devia ser “incentivo suficiente para encher o depósito com isso.” Ela concordou.

(O assunto das formigas-de-fogo surgiu quando vimos o programa de TV In Search Of às 14h30 desta tarde. O tema foi o crescimento explosivo das formigas-de-fogo, vindas do Brasil nos anos 1930, e agora a ameaçar espalhar-se por grande parte dos Estados Unidos. Tinha muitas perguntas, desde as consciências das formigas e o seu direito à vida, em oposição à

visão “destrutiva” que lhes é atribuída por agricultores, cientistas e outros, no sentido convencional. Vi também correlações entre a propagação das formigas-de-fogo e a das “abelhas assassinas” — também vindas do Brasil para este país na mesma altura. Suspeitava que o Seth nos poderia contar aqui uma história fascinante. Disse à Jane que estava pronto para isso em qualquer momento. Suponho que a minha disponibilidade se fundava, pelo menos em parte, na ideia de que seria bom a Jane falar através do Seth também de outros assuntos, para além dos sintomas e temas relacionados.

(Ela bebeu de facto mais água, e espero que faça disso parte da sua rotina diária, mesmo quando eu não estiver presente. Depois da sessão, entrou em movimentos, na maioria envolvendo a parte superior do corpo — cabeça e ombros a erguer-se da almofada e do colchão, de lado a lado por vezes, de vez em quando de forma mais forte, com sons e respiração cada vez mais pesada. O pé esquerdo mexia ocasionalmente, o direito parecia comparativamente quieto. A Jane disse que havia movimento também nas ancas.

(“Tenho aquela sensação de veludo nos ombros quando se mexem assim,” disse ela. “É ótimo.”

(Estava quase na hora de a virar para o lado esquerdo para a massagem com Oil of Olay. Por um momento pensei que estivesse a adormecer — mas estava apenas deitada em silêncio enquanto o corpo “tentava acalmar-se um bocado” depois dos exercícios. “Demoro um pouco,” disse ela. Estava também bastante quente, embora as duas janelas do 330 estivessem totalmente abertas.

(Depois da minha sesta, jantou bem e disse que se estava a habituar mais aos dentes. A fala estava muito melhor. Na verdade, enquanto comia, até me esqueci de que tinha os dentes novos, tal era o à-vontade com que o fazia. Rezei com ela e saí para fazer compras às 19h05.

(Devo notar que ligaram o aquecimento no 330 na última terça-feira — mas que a Jane não o tem usado muito.)

SESSÃO APAGADA
19 DE NOVEMBRO DE 1983

(O dia estava quente — cerca de 10 °C — chuvoso e nublado. Cheguei ao quarto 330 às 13h08. A Jane disse-me que, na hidro desta manhã, sentira novos movimentos na perna direita — a fraturada —, que tentava mover-se mais e também esticar-se mais. Outro bom sinal, disse eu.

(No entanto, os dentes inferiores novos incomodavam-na bastante; a boca estava tão dorida que não conseguiu comer parte do almoço. Disse que, na noite passada, os dentes tinham caído enquanto estava deitada de lado. Bebeu, contudo, mais líquidos do que o habitual ao almoço, o que por si só já é positivo.

(Comecei a tratar do correio. O almoço acabou muito mais tarde do que o costume. A Jane fumou um cigarro enquanto esperava para ver o que faria a seguir.

(Fez alguns movimentos de cabeça e ombros fora da cama, de lado a lado, com sons e respiração mais pesada. Depois adormeceu por uns momentos. Nenhum de nós parecia ter muita energia hoje.

(Uma repetição suave do anterior, com alguma atividade do pé esquerdo.

(Outra repetição. O corpo da Jane parecia de facto estar a concentrar-se na metade superior, como ontem, com apenas movimentos leves numa perna ou num pé.

(A Jane tentou ler a sessão de ontem. No início hesitante, mas ganhou bastante velocidade à medida que avançava, melhor do que eu esperava. “Não é o meu melhor, mas....”

(Terminou a leitura. Cabeça e ombros outra vez. Descanso e um cigarro.

(Repetição do anterior. Os pés a mexer — ambos os dedos — um pouco. Sons na respiração.

(A Carol mediu a tensão arterial da Jane. Vai mudar-se para o 5.º andar. Houve tantas alterações de pessoal que já se tornou rotina.

(Depois a Jane disse-me que queria ter uma pequena sessão.)

Ora bem: desejo-vos mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

E falo para regenerar a própria energia do Ruburt.

Ele teve esta manhã mais uma breve vaga de melancolia (*de que a Jane não me falou*), e as sessões permitem-lhe encurtar essas experiências, ou cortá-las pela raiz, por assim dizer.

Tem razão: a perna mexeu-se melhor esta manhã, deitado na maca depois da hidro. Sentiu-a tentar esticar-se mais, e ao fazê-lo começaram a ativar-se movimentos necessários à marcha normal. As mãos também estão a melhorar — não apenas em flexibilidade, mas em força. Esta manhã conseguiu segurar a pequena tigela de plástico verde com muito mais confiança — mantê-la direita (a Jane também não me contou isso). As pernas também progridem ao seu próprio ritmo, sabendo quais as atividades necessárias e quando.

A questão dos dentes será resolvida. Não fiquem perturbados com o atraso. Tal como sugeriste (*nas minhas notas da sessão de ontem*), é também vantajoso discutirmos outros assuntos além dos sintomas do Ruburt nas sessões. Isto também ajudará na sua recuperação — e é a recuperação que procuramos.

Por agora, no entanto, posso ou não regressar, segundo os ritmos de que falo. Mas estou, de facto, presente e acessível.

(*“Obrigado.”*)

(*“Uau,” exclamou a Jane assim que saiu do transe. “Abri agora os olhos e tive outra vez aquele efeito da cor melhorada, em que tudo fica mais brilhante.”*)

(*Das 16h21 às 16h30 a Jane passou por várias sequências de exercícios com a cabeça e os ombros, de lado a lado, acompanhados de grunhidos e gemidos, e com o pé esquerdo a mover-se também num ritmo bastante suave.*)

(*Retirei o penso do cotovelo direito. A Jane está a tentar beber mais água. Virei-a às 16h50 e massajei-a com Oil of Olay, como de costume. Jantou muito melhor. Saí às 19h15, depois de rezar com ela. Telefonou-me às 20h30.*)

SESSÃO APAGADA

20 DE NOVEMBRO DE 1983

(Perdi umas duas horas esta noite a ver o telefilme The Day After, em vez de datilografar o registo diário desta sessão a partir das minhas notas. Para compensar — começando às 22h35 — farei um resumo das minhas notas e concentrarei no essencial da sessão. Desta forma consigo terminá-la ainda esta noite.

(O dia estava quente — mais de 15 °C — e soalheiro quando cheguei ao 330, embora o céu logo começasse a escurecer. A Jane estava bem. Viu o Fred Kardon esta manhã, que lhe fez as perguntas habituais. Disse-lhe que amanhã de manhã lhe fariam análises ao sangue, para verificar o nível da medicação da tiroide, como acontece mensalmente. Disse ainda que, para o peso corporal dela, continua a tomar bastante Synthroid.

(A Jane tem tido dificuldades com os dentes novos, por isso pus cola adesiva Sea Bond antes do almoço, o que ajudou um pouco. Tem-se aguentado a comer, mas com esforço. Também mantém a sua resolução de beber mais água, embora não em grande quantidade.

(Portou-se muito bem a ler a sessão de ontem. “Voltei a ter aquela coisa da luz,” disse assim que terminou, pelas 15h00 — significando que a visão estava melhor, as cores mais vivas outra vez. Isto também aconteceu depois de várias das suas séries de exercícios durante a tarde. Mais uma vez concentrou-se — ou o corpo concentrou-se — em movimentos que envolviam sobretudo a cabeça e os ombros, o tronco, e em muito menor grau, as pernas e os pés. Por vezes mexeu a perna e o pé esquerdos razoavelmente bem, contudo, e houve sinais menores no pé direito.

(Fez o suficiente com os vários movimentos para que a respiração ficasse ofegante e ruidosa. Retirei fita adesiva em excesso de alguns pensos. Muitos dos movimentos de cabeça e tronco incluíam bons movimentos laterais também.

(Eu estava a trabalhar no correio, organizando-o por datas, quando a Jane disse: “Escreves algo para mim?” Ela achava até que poderia vir do Seth — disse que conseguia ouvir a voz dele a recitá-lo, creio eu. É poesia; apresento-a linha a linha conforme a Jane me indicou, depois da sessão, onde dividir:)

Do reservatório de luz e trevas
irrompe a vida plena e milagrosa.
Docemente o pólen nutre o universo

cuja boca se abre
com o anseio infantil pelo alimento.
As abelhas douradas dos nossos pensamentos
cavam o ninho do mundo.
Doces vozes de mel cantam acalantos e hosanas,
e as nossas vozes picam —
não com veneno, mas com mel.

(Pausa. “O curioso,” disse a Jane, “é que pensei que isso vinha do Seth — que era ele a falar as palavras, embora normalmente não faça coisas assim.... Nem sei bem o que pensar.... Tive a sensação de que estavam a ser lidas em voz alta, clara e rica pelo Seth — eu conseguia ouvi-lo fazê-lo.”)

(No início da noite estava incerta de que o Seth tivesse estado envolvido. Falámos sobre como o Seth dissera, no início das sessões em 1963, que não era poeta. “Provavelmente foi porque não queria que eu pensasse que me estava a desafiar,” disse a Jane. “Claro que ele é poeta. Muito do que ele faz é poesia, sempre foi.”)

(O curioso é que eu tinha tido pensamentos muito semelhantes esta manhã, quando datilografava a Sessão 890 de Dreams, disse eu agora à Jane. Enquanto a Cathy entrou para medir os sinais vitais, fui até ao quarto 305 ver a Susie — mas encontrei-a a dormir.)

(A Jane estava pronta para mais.)

Deixa o meu corpo mover-se com alegria,
as minhas articulações floresçam como molas de sabedoria,
e abram-se docemente noite e manhã
como portões que se balançam
ao vento.

Quão docemente a vida borbulha pelo meu ser.
Como me movo com a natureza
enquanto ela se move comigo.

(“Acho que é tudo,” disse a Jane.

(Após alguns movimentos: “Acho que, se conseguir parar de me mexer, terei uma breve sessão.”)

Ora bem: desejo-vos mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

O poema representa a unidade da inspiração e da cura, o casamento da arte e da realidade.

O poema invoca todas as capacidades do Ruburt para se unirem e trabalharem em conjunto. À sua maneira, o poema declara o propósito do Ruburt — o propósito que foi dele, e sempre será — mas aqui o físico e o espiritual são reunidos, e cada um é fortalecido e despertado.

Agora, posso ou não regressar, de acordo com os ritmos de que falo — mas estou, em qualquer caso, mais uma vez presente e acessível.

(“Obrigado.”

(Depois de termos verificado a proveniência da poesia, a Jane fez alguns movimentos, embora soubesse que já estava a chegar a hora de a virar para o lado esquerdo.

(“O meu rabinho está a mexer-se.”

(Esfreguei aqueles pontos específicos da sua cabeça e pescoço, e ela lançou-se logo numa série de movimentos fortes da cabeça, muito rápidos, de um lado para o outro contra a almofada.

(Mexeu muito bem a cabeça e os ombros de um lado para o outro, com muitos grunhidos, gemidos e respirações profundas. “Partes profundas da minha coluna,” disse. “O impulso parece vir de lá — é difícil de explicar. Acho que vou recuperar o fôlego.”

(Virei-a, como de costume, por volta das 16h50, massajei-a com Oil of Olay e fiz uma sesta. Jantou bastante bem, e conversámos sobre ver o tão comentado filme desta noite sobre o holocausto nuclear. Eu não planeava ver — mas vi, afinal.

(A Jane telefonou por volta das 22h10, e discutimos brevemente o filme. Concordámos que tinha sido bastante suave — que qualquer desastre real seria inimaginavelmente pior. “Mesmo assim,” disse eu, “talvez seja um começo. Talvez conduza a alguma coisa.”)

SESSÃO APAGADA

22 DE NOVEMBRO DE 1983

(Não houve sessão ontem. Só cheguei ao 330 depois das 14h00 porque tinha uma consulta no dentista; e a partir daí estivemos tão ocupados que o tempo passou num sopro. Gostaria, contudo, de resumir os acontecimentos de ontem, porque contêm pontos extremamente importantes que não queremos perder de vista.

(Depois de um bom almoço — que a Georgia começara a dar-lhe na minha ausência —, a Jane disse que na hidro de ontem de manhã, deitada na maca, ambos os braços “se portaram melhor do que nunca na água. E o meu pé esquerdo fez coisas que nunca fez na hidro, e a perna também.” Todos bons sinais, disse-lhe.

(15h40–15h48 de ontem: a equipa mediu os sinais vitais da Jane, e uma funcionária da limpeza trocou as cortinas do 330 por outras muito mais pesadas e escuras, para tentar reduzir a luz que incomoda os olhos da Jane mesmo quando as cortinas estão fechadas. Receei que as novas, de um tom azul-escuro, tornassem o quarto demasiado sombrio.

(Depois de receber as gotas às 16h15, a Jane começou uma série de movimentos com a cabeça e os ombros, a perna esquerda, e acabou a mexer o tronco de um lado para o outro. Sons, grunhidos e gemidos. A perna esquerda levantava-se na anca de modo a libertar-se da almofada por baixo.

(Mais flexão dessa perna — eu conseguia ver os músculos a mexerem-se até à anca. A Jane já começava a soltar gritos e a respirar com força enquanto se mexia. Penso que os gritos eram uma mistura de frustração, lágrimas, desconforto e antecipação. A perna esquerda voltou a mexer-se, especialmente na anca. “O meu corpo quer tanto fazer isto.” Agora a perna direita começou a mover-se mais para o lado direito. A Jane chorou novamente. “É a primeira vez que faço isto. Não sei o que fazer com ela, parece estranho.” Sem dúvida que coisas boas estavam a acontecer, coisas novas que a deixavam simultaneamente perturbada e expectante. O rosto muitas vezes contraía-se em nó.

(Agora a perna esquerda começou a mover-se de lado rapidamente. Durante todo o tempo soluçava e respirava com força. Gemeu e chorou e levantou a perna esquerda outra vez. A chorar, mexeu a cabeça e os ombros contra a almofada, de um lado para o outro. “Oh, meu Deus, isto é

o mais que já fiz com elas até agora,” disse, referindo-se às pernas.

“Agora a direita afastou-se da esquerda. Não quero fazer mais.”

(Mas, deliberadamente, moveu a perna direita para fora, afastando-a da esquerda, sempre a chorar. Consegui ver os músculos da perna direita a fletirem um pouco — visão bastante rara até aqui.

(A Jane pediu água, mas o braço esquerdo começou a rodar tão rápido que não conseguiu beber. Depois o braço esquerdo deu voltas e mais voltas. “É o mais que já mexi tudo num só dia,” disse, e era verdade.

(Mais choro. Perna esquerda a mover-se para fora. Braço direito em círculos, depois ambos os braços juntos. Risos pela liberdade do movimento.

(“A perna direita não quer voltar ao sítio,” disse, ao mover-se outra vez para fora. “Uma parte de mim está exausta e outra parte quer continuar para sempre.”

(Chegou a bandeja do jantar. “Sinto algo tão estranho por baixo das omoplatas,” disse a Jane, enquanto mexia livremente ambos os ombros. Descansou um pouco, recusou água, depois aceitou, antes de eu a virar de lado esquerdo. Tinha feito um treino intensivo, que despertara respostas profundas dentro dela, e que também me deu grande esperança. Senti que tinha ultrapassado mais um marco no caminho da recuperação, e fiquei encantado com isso.

(O material acima é um resumo dos acontecimentos de segunda-feira, 21 de novembro de 1983.)

(Hoje, terça-feira, 22 de novembro, cheguei ao 330 às 13h05. O dia estava muito quente — quase 18 °C — e soalheiro; o quarto estava quente com as cortinas fechadas, embora ambas as janelas estivessem abertas e o ventilador ligado no aparelho de ar condicionado.

(A bandeja do almoço estava lá e a Jane comeu muito bem; está a adaptar-se bastante melhor aos dentes. A Georgia entrou e montou o ventilador portátil na secretária; a corrente de ar ajudou muito. Até eu estava quente.

(A Georgia disse-nos também, com a Patty, que tinham acabado de ouvir que a administração do hospital decidira encerrar a ala onde fica o quarto 330, porque “tinham acabado de perceber que a Cirurgia 3 tinha falta de pessoal.” Muitos doentes iriam para casa durante as férias, disse a Georgia, e os restantes, como a Jane, seriam transferidos para outro lado. Achei que era só conversa. Sabia que não consentiríamos em voltar à

reabilitação. A Georgia disse que ia protestar a decisão junto do serviço de enfermagem, no piso inferior.

(Depois de um cigarro após o almoço, a Jane começou a ler a sessão de 20 de novembro, já que eu ainda não tinha datilografado notas dos acontecimentos de ontem. Ficou desiludida com isso, porque sabia que os acontecimentos de ontem tinham sido significativos e queria lê-los. A Jane já tinha lido a sessão, claro, mas voltou a fazê-lo e portou-se muito bem, tão bem como da primeira vez, dizendo que o tipo estava muito nítido e claro por vezes. A sua leitura tem sido consistentemente muito melhor do que antes, mesmo quando tem alguma dificuldade relativa.

(Em seguida, pedi-lhe que relêsse a sessão de 19 de novembro — sábado passado. E fê-lo tão bem como alguma vez o tinha feito, disse ela. Concordei. “Houve momentos em que o tipo estava mesmo muito claro.” Bons sinais, claro, mas não os damos como garantidos. Ainda não.

([erro do original]. Enquanto a Jane fumava um cigarro, a Georgia entrou para nos dizer que o projetado encerramento da Cirurgia 3 tinha sido cancelado. A Georgia de facto queixara-se ao serviço de enfermagem, e estes, por sua vez, tinham concordado em anular a ideia. Ninguém mais estava a favor, aliás. “Disse-lhes que me recusava a ser flutuante,” disse a Georgia, significando que não queria estar constantemente a ser deslocada. “Mais um rumor que morreu,” disse eu, em tom de brincadeira, mas ficámos aliviados.

(Enquanto a Jane descansava, expliquei-lhe algum do material que tenho lido na revista MUFON Journal, sobre ufologia.

(Comecei a ler-lhe as sessões mais recentes.

(A Jane sugeriu que poderia ter uma sessão, e depois tentaria alguns exercícios. Mais cedo à tarde tinha descrito o meu sonho muito vívido da noite passada, e pedi que o Seth comentasse se aparecesse: encontrava-me num grande estúdio, a pintar freneticamente grandes telas. Como o Rembrandt, estava a pintar retratos e composições de corpo inteiro em telas muito grandes — de mais de três metros, digamos. O pincel corria pela superfície, modelando cabeças, semelhanças e ideias com uma facilidade espantosa. Deliciava-me com o poder e a habilidade. Sabia que tinha alcançado esta grande liberdade depois de anos a ser demasiado cauteloso e inibido. Rompera finalmente as amarras e agora desfrutava de uma criatividade maravilhosa e penetrante. Finalmente sabia o que era ser

um grande pintor, e adorava. Pelo menos alguns dos retratos faziam-me lembrar o trabalho do Rembrandt, no sonho.)

(Na segunda parte do sonho, eu confrontava o jovem diretor de uma agência funerária — isto depois de ter alcançado a minha entusiasmante conquista de total mestria, controlo e liberdade como artista. O jovem de cabelo escuro tentava convencer-me a expor algumas das minhas pinturas mais pequenas na sala do seu estabelecimento onde os convidados se sentavam para os velórios, etc. Eu estava muito céptico. Queria que as pinturas tivessem preço para que as pessoas pudessem comprá-las, mas ele disse que isso não seria próprio numa agência funerária. Respondi que a sua política significava que as pessoas pensariam que as pinturas eram dele, e não estariam à venda. Ele enrolava-se, como se diz, mas finalmente eu disse-lhe para esquecer o assunto. Não ia permitir que a minha arte fosse comprometida por motivo algum.

(Disse agora à Jane que, em jovem, eu próprio tinha feito quase o mesmo, claro, deixando que outros ficassem com pinturas pelas quais nunca fui pago. Descrevi dois casos que ambos conhecíamos. Os factos tinham sido culpa minha, claro, por não ter sabido afirmar-me e reaver o meu trabalho. Mas nunca mais faria isso, nem nesta realidade. Disse à Jane que o sonho tinha despertado em mim fortes impulsos de começar a pintar exatamente dessa forma e sabia que poderia levar por diante esse caminho. Quero fazê-lo ardentemente, por isso confio que o modo me será mostrado. Sinto essa liberdade.)

(Dois minutos depois, às 15h32, a Jane começou a sessão.)

Bem: desejo-vos uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Não há dúvida de que a perna direita do Ruburt manifestou ontem novos movimentos importantes. Começou a esticar-se e a mover-se de maneiras que não tinha conseguido antes. Esses movimentos permitiram que outros movimentos ocorressem noutras partes do corpo. Essas melhorias estavam já em processo, no período imediatamente anterior a mostrarem-se, quando as pernas pareciam relativamente quietas.

(Lembrei-me de que durante vários dias as pernas da Jane tinham permanecido muito quietas enquanto ela fazia praticamente todos os exercícios com a cabeça, os ombros e o tronco.)

Houve alguma desorientação por parte do Ruburt devido ao movimento não habitual, mas lidou bem com isso. *(O choro.)* Os braços

também mostraram mais liberdade — e em muitos casos partes do corpo moveram-se com a mesma facilidade que tu experimentaste no teu sonho da noite passada, ao pintares os grandes retratos —

(A Cathy entrou para medir a temperatura da Jane — 36,4 °C — e o pulso. O Seth tinha falado com bastante ênfase calma. Li à Jane o que ela já tinha transmitido.)

Agora: a tua liberdade completa ao pintar os grandes retratos representa a tua capacidade inata, não impedida por dúvidas ou falsas crenças. Possuis de forma inata essa liberdade na tua pintura — tal como o Ruburt possui de forma inata a mesma liberdade de movimento corporal. A agência funerária representava de facto a morte de velhas crenças (como já tinhas especulado), mas também representava a arena negativa que por vezes existe, parece, no mundo em geral, à medida que se infiltra na tua vida e crenças. De certo modo, as tuas pinturas eram maiores do que a vida, no sentido em que a sua espontaneidade seguia tão belamente a sua própria ordem, e a pintura parecia simplesmente fluir para a existência física. Assim como na arte, também na vida — ambos possuem essa espontaneidade infantil e ao mesmo tempo sábia.

Os livros do Ruburt, claro, “surgiram” da mesma maneira que estas sessões, pois seguem as inclinações da natureza — essa natureza interior de que depende o mundo exterior.

A visão em melhoria do Ruburt também contém uma amostra desse misterioso saber interior — pois a nível consciente ele não pode saber que nervos, músculos ou vasos sanguíneos são ativados, e no entanto as melhorias mostram-se com essa mesma facilidade e liberdade.

Posso ou não regressar, de acordo com esses ritmos de que falo — os mesmos ritmos que motivaram a facilidade das tuas pinturas no sonho. Mas, em qualquer caso, estou presente e acessível.

(“Muito obrigado.”

(“Espera um segundo,” disse a Jane, “e depois podes ler-me isso. Mas antes, há um ponto no meu pescoço que quero que toques.” Quando o fiz, a sua cabeça começou de repente a saltar para trás e para a frente na almofada e contra a minha mão. Depois li-lhe a sessão desde a pausa.

(Depois de receber as gotas para os olhos da Lorrie, a perna esquerda da Jane começou a mover-se, o pé a rodar no ar uns cinco centímetros. “O impulso vem agora até à coxa,” disse a Jane, e eu

conseguia ver os músculos da coxa a contrair e relaxar. Os movimentos eram mais suaves comparados com os de ontem, contudo.

(“Agora é a minha perna direita,” exclamou, e vi-a mover-se um pouco para fora. Gemidos suaves.

(“Estou a sentir aquele movimento livre nesta omoplata direita.” Cabeça e ombros a moverem-se de lado a lado, pé esquerdo também em ação. Bons movimentos. Descanso.

(A Jane deitou-se tão quieta que pensei que tinha adormecido — mas não, disse que estava apenas a mover-se interiormente, muito suavemente.

(Movimentos suaves de cabeça e ombros. Tinha o ventilador ligado, as cortinas corridas para trás e as janelas abertas para podermos ouvir os sons do trânsito lá em baixo. O som era bastante agradável, e a Jane gostou.

(Virei-a para o lado esquerdo e começámos a nossa rotina de “deshipnotização” e massagem com Oil of Olay. A bandeja do jantar chegou antes de eu fazer a sesta. A Jane voltou a comer bem, e saí depois de rezar com ela às 19h00.)

SESSÃO APAGADA

23 DE NOVEMBRO DE 1983

(A temperatura hoje era metade da de ontem — cerca de 0 °C — quando cheguei ao 330. A Jane estava algo melancólica deitada sobre o lado esquerdo. Percebi-o de imediato. Tinha tido de colocar um novo cateter por volta das 11h00, e estava preocupada com a possibilidade de ser transferida para outro quarto caso a administração encerrasse a Cirurgia 3, como lhe chamam.

(A Jane tinha-me telefonado ontem à noite, dizendo que afinal a questão da transferência não estava resolvida, apesar do que a Georgia nos dissera de tarde.

(Agora contou-me que a enfermeira-chefe, Mary, lhe dissera que a decisão seria tomada mais tarde esta tarde sobre se os doentes seriam ou não transferidos.

(A Jane almoçou bem, embora tivesse algumas dificuldades com os dentes.

(Começou a ler em voz alta a sessão de ontem, com seis páginas, enquanto eu tratava do correio. Portou-se muito bem. Não diria que foi o

seu melhor esforço, mas foi certamente próximo disso — um excelente sinal. “Mas a cópia ficou mesmo maior por vezes, muito boa,” disse.

(Começou a levantar a perna e o pé esquerdos no ar, acima do colchão e da almofada. Ao mesmo tempo começou a chorar novamente. “Olha, quer subir tanto,” chorou. Depois a cabeça foi rapidamente de um lado para o outro.

(Depois o pé direito, a perna esquerda, o tronco, todos se moveram bem. “Oh Bob.” A perna esquerda estava levantada 10 cm acima do colchão. Gemidos e gritos. Cabeça e ombros de lado a lado, gritos altos. Descansou, depois bebeu água. A perna direita começou a abrir-se como acontecera ontem.

(Mais movimentos da perna esquerda no ar, depois o pé direito, depois a cabeça. Gritos e sussurros. “Que horas são? Quem me dera que eles viessem já e saíssem” — referindo-se à equipa que vinha medir-lhe os sinais vitais. “Estou a tentar acalmar-me....”

(A Sharon entrou para medir a temperatura — 35,6 °C? — e o pulso. Nunca apareceu ninguém para a tensão arterial. A Jane não teve ainda notícias dos resultados das análises de há dois dias. A Judy e a LuAnn entraram; falaram todas sobre transferências. A Judy disse que a última informação era que seis doentes — incluindo a Jane — ficariam onde estão na Cirurgia 3. “Graças a Deus,” disse a Jane. Espero que sim. Mais tarde reparei que o antigo quarto que tínhamos, o 331, ao lado, estava vazio. Também penso que o quarto do outro lado está vazio. A Judy parecia convencida de que a informação que recebera sobre os seis doentes era bastante fiável. A ala está reduzida a 13 pacientes, disse. O número baixa geralmente nas férias. A LuAnn disse que a unidade nunca tinha sido encerrada antes por causa da diminuição do número de doentes. Pensa que a administração está a usar o programa de obras iminentes como desculpa para transferir pessoas.

(Quando ficámos a sós perguntei à Jane se planeava ter uma sessão. Sugeri que o fizesse, e que pedíssemos ao Seth para comentar as perspetivas de mudança. Queria que ficássemos tranquilos, se possível, quanto a isso. “De certo modo sinto o Seth por perto,” disse a Jane um pouco mais tarde.

(Deixo aqui nota de que no menu de amanhã encomendei também uma refeição de Dia de Ação de Graças para mim, para que possamos comer juntos.

(A voz de Seth da Jane estava boa.)

Agora: desejo-vos mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Não se preocupem. *(Pausa.)* Não creio que o Ruburt vá ser transferido, tal como leio as probabilidades até agora. Não há dúvida, também, da sua flexibilidade acrescida e da liberdade de movimento, que continuarão a manifestar-se todos os dias.

Lembrem-se, quando observam os acontecimentos, de classificar como significativos aqueles progressos e acontecimentos que são mais favoráveis à vossa causa, e deixem que os outros esmoreçam no que diz respeito à vossa atenção.

Mais uma vez, o corpo do Ruburt está de facto a preparar-se para que ele possa sentar-se e andar com alguma segurança e convicção. O corpo dele não está a fazer todas estas melhorias por nada (um bom ponto, pensei eu em resposta ao humor algo seco do Seth). É muito importante que, em tempos de pressão exterior, mantenham a vossa própria posição emocional, e assim serão menos afetados por quaisquer acontecimentos que *pareçam* ser desvantajosos.

Esta sessão deverá ajudar a reforçar a vossa própria fé, e a do Ruburt.

Posso ou não regressar, de acordo com essas energias de que falo — mas lembrem-se de que estou de facto presente e acessível.

(“Sim. Muito obrigado.”)

(“Bem, isso é bom,” disse eu. “Ainda bem que fizemos isto.” A Jane concordou. Li-lhe a sessão.

(Acho da maior importância — vital — que tenhamos sempre presente que nos devemos concentrar nos fins, não nos meios. Quando penso na minha mulher, quero educar-me a pensar nela aqui em casa comigo — não em como chegou cá. Que a mente criativa e inconsciente trate de tudo isso.

(A bandeja do jantar ainda não tinha chegado quando me levantei da sesta, mas a Sharon Poley foi buscá-la para nós. Como de costume, massajei a Jane com Oil of Olay depois de a virar às 16h50. Portou-se bem. Jantou bem. Saí às 19h20 depois de rezar com ela. Dorme bem, meu Amor.)

SESSÃO APAGADA

24 DE NOVEMBRO DE 1983 – 15H39 – QUINTA-FEIRA, DIA DE
AÇÃO DE GRAÇAS

(Dia de Ação de Graças. O dia estava muito quente — cerca de 10 °C — mas chuvoso e sombrio. Ainda assim, vi o David, filho do Paul O'Neill, a apanhar folhas quando saí de casa. A Jane não foi à hidro esta manhã. Disse-me que tinha evacuado duas vezes grandes de manhã. Agora recebe Darvoset e aspirina — nada mais — por volta das 3h30 e das 6h30 da manhã.

(Teve mais boas notícias. Esta manhã a Judy e a Gail Greene disseram-lhe que a úlcera no cotovelo esquerdo está praticamente curada, e que a do ombro esquerdo tem uma crosta, o que significa que está prestes a sarar. Mais bons sinais, disse-lhe.

(A Sue Watkins visitou-a por volta das 13h50, e passámos um bom bocado. Mais uma vez, a Sue “está farta de Dundee.” Entre a visita e a conversa, a Jane não comeu muito ao almoço.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas não se saiu muito bem. O ritmo era hesitante por vezes, embora noutras alturas tivesse corrido melhor. Acabou às 15h19, com dificuldade em algumas palavras e frases. Eu tratei do correio. O dia pareceu-nos tranquilo, no geral, embora ela tenha dito que queria ter a sessão.)

Ora bem: desejo-vos mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Mais uma vez, têm mais provas de que o Ruburt está de facto a recuperar. Na cicatrização das escaras do cotovelo esquerdo e no progresso evidente do ombro esquerdo.

Sejam gratos por essas provas no vosso Dia de Ação de Graças e, embora o Ruburt não tenha lido tão bem hoje, os olhos continuam de facto a melhorar.

As tuas ideias de imaginares o Ruburt em casa, sem te preocupares com *como* lá chegou, são excelentes. À medida que estas melhorias continuam a mostrar-se, preparam obviamente o terreno para progressos ulteriores de forma mais acelerada.

A confiança geral no Plano subjetivo também desperta outros acontecimentos, e fá-los surgir como eventos favoráveis noutras áreas das vossas vidas também, incluindo os aspetos criativos e profissionais.

Posso ou não regressar, de acordo com esses ritmos de que falo — mas sabeis que estou presente, de qualquer forma, e acessível.

(“Está bem. Muito obrigado.”

(Disse à Jane que queria copiar em separado o parágrafo que tinha escrito na página 3 da sessão de ontem, sobre o meu esforço de a visualizar em casa a fazer várias coisas, a andar e a sentar-se — e não sobre como tinha lá chegado. “Não quero perder isto de vista,” disse.

(O hospital estava muito silencioso hoje. A Dawn e a Judy vieram medir os sinais vitais da Jane. A Gail e a Dawn brincaram com uma cadeira de rodas. Raramente o pessoal tem tempo para tais partidas. Alguns dos quartos da Cirurgia 3 estavam escuros, as camas feitas de fresco, à espera de doentes, na penumbra. O rumor mais recente é que novos doentes entrarão ainda esta semana, para aumentar o número.

(Encomendei um jantar de peru para acompanhar o da Jane. Não estavam maus, embora se tivessem esquecido da minha tarte. Trouxe para casa alguns restos para outra refeição. A Jane teve alguma dificuldade com o peru, que não era o mais tenro do mundo, e acabou por comer sobretudo recheio e molho. Pareceu estranho não haver molho de arando com a refeição de Ação de Graças, mas no geral correu bem.

(Massajei a Jane com Oil of Olay depois de a virar, fiz a sesta, verifiquei os programas de TV da noite, rezei com ela e saí por volta das 19h05. A Margaret Bumbalo convidou-me para uma bebida quando cheguei a casa, mas não tinha pressa. “Tenho mesmo muito a agradecer,” disse a Jane, e eu concordei. “E vamos olhar para o que teremos no próximo Dia de Ação de Graças,” disse eu, ao dar-lhe um beijo de boa noite. (“Está bem.”

(“Sou eu.”

(“A razão por que fiz essa pergunta é porque comecei a pensar se não estarias a voltar aos teus velhos hábitos outra vez — a remoer coisas,” disse eu. “Especialmente sem me dizeres nada.” A Jane não confirmou nem negou que tivesse estado preocupada. “Bem, parece que deves estar a fazê-lo,” disse eu. “Esse tipo de coisas tem mesmo de acabar — não podemos permitir tais pensamentos, são demasiado destrutivos. Não quero que caias na velha armadilha de te preocupares sozinha — não podemos ter isso. E tudo isto aplica-se tanto a mim como a ti, no caso de pensares que me estou a pôr numa posição superior.”

(A Jane disse que sabia que eu não estava a fazer isso, e concordou com o que eu tinha acabado de desabafar. Concordou também que temos feito muitos progressos. O curioso, disse-lhe, é que com tudo isto acho que só agora começo a entrever as possibilidades desta nova forma de pensar a vida. É ao mesmo tempo absurdamente simples e escondido — até adquirirmos certos novos hábitos. Os passos gigantes necessários envolvem ultrapassar as preocupações com impedimentos e concentrar-se nos fins. Não importa quais sejam os obstáculos aparentes, têm de ser postos de lado para alcançar esse objetivo maior. “Essa é a chave do nosso novo modo de viver,” disse eu, entusiasmado. “Essa é a chave da nossa salvação, está aí.” A Jane concordou.

(A Jane voltou a comer bem, depois de eu a massajar com Oil of Olay e de ter feito uma pequena sesta enquanto ela via televisão. Rezei com ela, depois saí às 19h05. Até agora tinha ingerido 1055 cc de líquidos hoje.)

SESSÃO APAGADA

25 DE NOVEMBRO DE 1983

(Estavam 0,5 °C, com neve ligeira e muita humidade no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças. A Jane estava confortável no quarto 330. Foi à hidro esta manhã. Os corredores do hospital continuam muito silenciosos.

(Tivemos uma complicação com o menu de amanhã, que não consegui encontrar para preencher. Acabámos por resolver o assunto. A Jane comeu bem. Enquanto almoçávamos tivemos uma agitação no 330 com várias pessoas — homens e mulheres — a entrarem para limpar pó, lavar o chão, falar sobre pinturas, etc. Tivemos também o “privilégio” ao longo da tarde de ver um especial de férias na TV — três filmes de Godzilla/King Kong seguidos. Não parecia haver muito mais disponível.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas não se saiu muito bem. Cometeu muitos erros, e eu ajudei-a em alguns momentos. Conseguiu, contudo, agarrar a folha pela margem com a mão esquerda — algo que não conseguia fazer antes. Outro bom sinal, disse-lhe. A força nas mãos tem vindo a aumentar.)

(Ela terminou a sessão, com a minha ajuda.

(Cigarro. Nenhuma sessão nem exercícios ainda. Parecia ser um dia de descanso para nós. Eu mexia no correio.

(Depois de lhe medirem os sinais vitais — temperatura, 35,4 °C — a Jane começou alguns movimentos ligeiros gerais com o pé esquerdo, a

cabeça e os ombros, e os braços. Acabei por lhe perguntar se queria fazer uma sessão.

(Expliquei à Jane alguns pensamentos que tivera na cama na noite anterior — que o seu regresso a casa em condições razoavelmente boas resolveria todos os nossos grandes desafios neste momento: a carreira dela, os rendimentos, os problemas com o seguro, a liberdade física, a possibilidade de viajarmos se quiséssemos — todos eles, libertando-nos para começarmos a levar uma espécie de vida mais ou menos normal. Acrescentei que simplesmente temos de banir todo o pensamento negativo e concentrar-nos em fins criativos — não temos espaço nem necessidade de mais nada.

(Disse à Jane que gostaria de alguns comentários do Seth sobre o que tinha acabado de dizer. Ela concordou com o meu raciocínio. “Só fico impaciente, a pensar em tudo isso,” disse.)

Ora bem: mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Naturalmente, concordo com as ideias de que acabaste de falar, Joseph — e tenho várias sugestões para o Ruburt.

Por agora apenas, que ele ponha de parte imagens de si próprio a andar. Em vez disso, que imagine comentários de outros, como tu, um médico ou um amigo, a exprimirem o seu contentamento e espanto porque o Ruburt está a andar (suavemente). Isto é, que ponha momentaneamente o foco nos comentários, esquecendo o corpo por completo. Que imagine o teu rosto, ou o de outra pessoa, sorridente e entusiástico, a dizer: “Eu sempre soube que tu conseguias,” ou, “Não sei como o fizeste, mas fizeste.”

Depois de fazer estes exercícios, então pode voltar a ver o seu corpo a andar ou a sentar-se, ou o que for. Como disse tantas vezes, vocês vivem sem saberem como vivem. É quase como se a vossa vida fosse vivida por vocês. Respiram, quer compreendam ou não como acontece a respiração — por isso lembra o Ruburt de que tem de chegar ao ponto de perceber que andar é tão fácil como escrever um livro, ou pensar um pensamento, ou ter uma sessão. *(Longa pausa.)* Queremos enfatizar a sensação de facilidade e de jogo.

Agora, posso ou não regressar, mas estou, mais uma vez, claro, presente e acessível.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Ele tem inibido a sua recuperação para andar por estar preocupado com isso?”)

Não é tanto que esteja preocupado — mas às vezes pensa nos impedimentos que parecem estar no seu caminho. E espero que os exercícios que acabei de sugerir tratem dessa situação.

SESSÃO APAGADA

27 DE NOVEMBRO DE 1983

(Ontem, sábado, foi um dia calmo para a Jane. Não teve sessão. A Debbie Harris visitou-a na noite anterior. A Jane comeu bem no sábado, e fez apenas alguns movimentos ligeiros com o pé esquerdo, cabeça e ombros, e braços. “Na verdade, não sei o que estou a fazer.” Cochilou ou dormitou várias vezes enquanto eu estava sentado ao lado, a tratar do correio. Saiu-se mal ao tentar ler a última sessão.

(De manhã cedo, disse a Jane, conseguiu imaginar-se de volta ao nº 458 da West Water Street, a limpar a casa, a lavar os vidros por dentro e por fora, a trepar agilmente — a fazer todas as coisas de que gostava, até a lavar a casa por fora com a mangueira. Mas quando tentou imaginar-se a fazer o mesmo no nº 1730 da Pinnacle, não conseguiu tão bem. “As coisas ficaram confusas.” Pensámos que isso significava que o nº 458 tinha para ela muitas mais conotações agradáveis do que o 1730 Pinnacle, a nossa residência atual.

(A Jane tinha-se envolvido nestas ações espontâneas relacionadas com o nº 458 em resposta às sugestões do Seth na última sessão — de que imaginasse outros a elogiarem-na por estar tão bem, etc. Disse que tinha dificuldade em visualizar tais situações.

(No sábado também, as enfermeiras disseram-nos que a administração decidira agora que todas as pessoas que tinham sido retiradas da Cirurgia 3 voltariam no início da semana. O plano de encerrar a ala falhou. Estão todos zangados — os médicos, as enfermeiras, os pacientes, os auxiliares.

(Hoje foi outro dia calmo para nós. Disse que o corpo da Jane estava evidentemente a tratar dos seus próprios assuntos, ou algo assim. Ou talvez quisesse simplesmente descansar de todas as atividades que tem iniciado desde 9 de outubro. Seja como for, havemos de descobrir.

(A Jane já estava deitada de costas quando cheguei às 13h05. Notei logo que tinha um penso muito mais pequeno no cotovelo esquerdo — estava a aproximar-se do estado de cura que o direito tinha mostrado há algumas semanas. Outro bom sinal, lembrei-lhe. Disse também que ambos os braços se movem de facto mais facilmente e com uma amplitude maior do que há pouco tempo — outro bom sinal.

(Como no dia anterior, comeu bem ao almoço e ao jantar. Fez poucos movimentos. Eu tratei do correio. Às 14h28 começou a ler a sessão de anteontem — aquela com que se tinha atrapalhado tanto ontem — e saiu-se muito bem. Leu com bom ritmo e facilidade. “Não foi o meu melhor, mas...” Disse-lhe que, na verdade, foi quase isso. Muito melhor do que muitas pessoas conseguem. Terminou as três páginas em 10 minutos.

(Procurámos em If We Live Again um determinado poema que tinha escrito em janeiro de 1980, em ligação a uma sessão que estou a datilografar para Dreams, mas quando o encontrámos não era o que queríamos. Respondi a algum correio, e disse à Jane que faria uma sessão quando ela quisesse. Estava também curioso por obter algum material do Seth sobre crianças-prodígio, relacionado com um artigo que acabara de ler em casa.

(Depois de a Lorrie e a Dawn lhe medirem os sinais vitais às 15h47 — temperatura 36,4 °C — a Jane teve de facto uma pequena sessão.)

Agora: desejo-lhes mais uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Anuncio a minha presença apenas para que saibam que estou aqui, e estive.

A energia do Ruburt tem sido investida na recuperação do seu corpo, e muitas novas melhorias estão a acontecer, que em breve se mostrarão.

Posso ou não regressar, mas a mais breve das sessões ajuda a regenerar até mesmo o estado de cura, e acelera o processo de cura. Estou, no entanto, aqui, fale ou não, e acessível.

(“Gostaria de fazer uma pergunta.”)

Podes.

(“Ele não parece ter-se saído muito bem com as sugestões que deste na última sessão — de que tentasse imaginar outros a comentarem como estava bem e como se saía bem —”)

Ele usou, contudo, essas ocasiões para encontrar outros métodos criativos de alcançar os mesmos fins. Não queria que ele se esforçasse, a

imaginar-se de pé em condições que ainda lhe pareceriam estranhas. As imagens que criou envolvendo os vossos antigos apartamentos são igualmente eficazes, e o outro [método] surgirá a seu tempo.

(“Obrigado.”

(A Jane fumou um cigarro. Quão interessante, disse eu, ter novas melhorias por vir! Quais seriam? A Jane também não sabia. Pediu-me que lhe esfregasse aqueles pontos no pescoço que podem fazer a cabeça bater contra a almofada — mas quando os encontrei, não houve praticamente reação nenhuma. Na verdade, o corpo dela queria fazer as coisas à sua maneira. “Pára de forçar,” disse eu, a propósito do pescoço. “O corpo não quer fazer isso agora...”

(Ainda não o fiz, mas imagino que se eu registasse os dias em que a leitura dela foi marcadamente melhor, mostrar-se-ia um padrão definido de melhorias. O mesmo tipo de padrão de melhoria deve estar a operar no corpo como um todo, então, especulei.

(A Jane fez alguns movimentos vagos com o pé esquerdo. Notei, contudo, outro bom sinal: com a mão esquerda deslizou os óculos pelo nariz abaixo o suficiente para esfregar o olho esquerdo — depois voltou a subir os óculos para a posição, com a mesma mão. Isto era algo que não conseguia fazer nem sequer na semana passada. Como já dissera antes, afirmou que as mãos e os braços trabalham de facto melhor do que antes.)

(Depois da minha sesta, a Jane voltou a comer bem. Está a começar a ter alguns espasmos com o novo cateter. Duas das enfermeiras disseram-nos que a Cirurgia 3 já voltou a funcionar em pleno — com cerca de 15 pacientes a entrarem esta manhã, para um total de 22 ou 23.

(Li a oração com a Jane às 19h05, depois saí. Ela deve tentar telefonar. Se o Steve e a Tracy a visitarem, esperará que sejam eles a sugerir verem-me; a Jane pedir-lhes-á que liguem primeiro. São 21h30 enquanto termino de datilografar, e eles ainda não ligaram.)

SESSÃO APAGADA

28 DE NOVEMBRO DE 1983

(A Jane disse-me que esta manhã, na hidro, a sua perna direita “abriu bastante” enquanto estava na maca. Na verdade, isso deixou-a um pouco desequilibrada na maca, e pediu ajuda para ser reposicionada. Não havia perigo. Os braços também estão novamente mais soltos.

(Fumou um cigarro depois de acabar um bom almoço.

(Fiz uma visita rápida ao Andrew Fife, no departamento de faturação, sobre uma questão de seguro. Afinal não havia nada em causa.

(Esfreguei o extrato de flores que o Steve Blumenthal dera ontem à noite à Jane nos nós da mão direita; usaremos esse local como zona de teste. O Tracy não veio com o Steve. E o Steve não pediu para me ver, por isso não tive notícias dele.

(Enquanto eu tratava do correio, a Jane começou a ler a sessão de ontem. Saiu-se bastante bem, embora não tão depressa como consegue. Acabou em dez minutos. “Embora não tenha sido o meu melhor.”

(A Dawn entrou para medir a temperatura da Jane — 36,3 °C — e o pulso.

(A Jane fumou um cigarro: disse que queria ter-me contado hoje: pela primeira vez em muito, muito tempo, teve dor na primeira articulação do dedo indicador da mão esquerda — e o dedo está a começar a dobrar nessa articulação. Vi-o dobrar um pouco depois de ela me dizer. Mais boas notícias, disse-lhe.

(Depois a Jane contou-me que na hidro a Gail Greene disse que uma das úlceras nas costas dela estava a começar a sangrar um pouco — outro bom sinal, já que o sangramento é sinal de cicatrização. A úlcera no joelho da Jane mostrou esse sinal antes de começar a sarar.)

Ora bem: desejo-vos uma boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Quero repetir alguns dos pontos mais importantes sobre a recuperação do Ruburt, para que os tenham mais facilmente à mão.

Tu próprio mencionaste várias dessas questões vitais. Acima de tudo, o Ruburt não deve preocupar-se, mas sim afastar resolutamente tais pensamentos sempre que deles tiver consciência. Tens toda a razão: não se podem dar ao luxo de ceder a condições e considerações negativas. As suas imagens a lavar com a mangueira a vossa casa atual são excelentes. Hoje tentou imaginar-se na velha Walnut Street Bridge, a atravessá-la

como costumava, com um bloco de desenho debaixo do braço. Esse também é um excelente exercício.

Por várias vezes, ao dizer a oração hoje, reconheceu aquela sensação de liberdade e de alívio que é tão vital. Esse é um sentimento muito importante, pois liberta a mente de todos os pensamentos de impedimentos.

(A Sharon entrou para medir a tensão arterial da Jane. A Jane não tinha mencionado as suas imagens envolvendo a ponte, ou os sentimentos durante a oração. Disse que foram definidos mas muito fugazes. Fiquei a saber que também tinha confundido algo que a Jane me dissera ontem sobre os esforços de visualização: ela quisera dizer que se tinha visto a lavar o 1730 Pinnacle, não o 458 West Water Street. Mas também disse que lavara o velho prédio de apartamentos. Achei que me lembrava disso.

(Retoma.)

É também uma boa ideia o Ruburt lembrar-se de que sabe bem que estes conceitos são verdadeiros, e que inevitavelmente o levarão à recuperação — ou melhor, à sua recuperação — pois seguem as leis inatas da natureza, tal como esta existe no seu próprio estado, à parte das ideias humanas sobre ela. *(Tudo dito com grande ênfase.)*

A sua recuperação segue também os ritmos únicos do seu corpo, que são tão espontâneos como os de um bebé. Que ele saiba que a sua recuperação é de facto um facto: só tem de a reconhecer como tal na sua mente.

(Longa pausa.) Em resumo, parece que as ideias mais vitais para a sua situação atual foram dadas nesta sessão, onde podem ser facilmente consultadas. Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Está bem. Obrigado.”)

(A Jane disse que sentira aquele ímpeto de liberdade duas vezes enquanto fazia a oração esta manhã. Bons sinais. Já não faz movimentos fortes há vários dias, por isso aguardamos as decisões do corpo e a sua disponibilidade para fazer mais, quando quiser e estiver pronto.

(A Jane fez alguns movimentos ligeiros depois da sessão e antes de a virar — mexendo os dedos dos pés. De facto, disse que a parte inferior dos dedos do pé direito formigava, como se tivesse mais circulação; estavam muito sensíveis ao meu toque enquanto a massajava com Oil of Olay depois de a virar de lado antes do jantar.

(Surgiu ainda outro episódio pouco antes do jantar, que até trouxe lágrimas à Jane. Do correio, retirei uma carta de uma pessoa sincera que

tentara visitar-nos no verão passado. Eu não estava em casa e ele deixara um cartão no chão da varanda; eventualmente respondi-lhe. A sua longa carta falava da dieta da família das solanáceas do Dr. Childers para a artrite; o autor afirmava que tinha um amigo chegado que recuperara completamente de artrite reumatoide, que o afligia desde a infância, ao seguir essa dieta — sem batatas, pimentão, tomate e alguns outros alimentos comuns dessa família.

(Disse à Jane que não me importava de ouvir o comentário do Seth amanhã. A ideia de uma “cura” deixava-me incomodado, se estivesse disponível e não a estivéssemos a tentar. Mas então, o Seth disse que a Jane não tem artrite — e é nisso que nos temos baseado. Eu queria saber que papel desempenham as crenças em tais dietas que funcionam, e queria perceber a grande variabilidade nas respostas humanas. Em resumo, queria ouvir algo do Seth sobre se valeria a pena, ou até se seria necessário, a Jane tentar essa dieta — que, afinal, seria apenas o último de uma série de esquemas que tenho encontrado na tentativa de a ajudar. [O último fora o regime de medicação antiamebiana.] E o que significa tudo isto, perguntei, se ela está a melhorar agora sem nenhuma dieta ou alimentos especiais?

(Pude ver que toda esta questão tinha tocado num nervo inesperado na Jane, por isso é melhor obtermos alguma coisa sobre isto; talvez possamos deitar o assunto para trás das costas de vez. Tenho-me sentido bem, entusiástico, com o que temos feito, e parece estar a dar resultados. Diria que a sessão do Seth de hoje, meu Amor, mostra que estamos no caminho certo. Que não há necessidade de impormos uma série de crenças a uma dieta. Vamos ouvir, Seth!)

SESSÃO APAGADA

29 DE NOVEMBRO DE 1983

(A Margaret Bumbalo e a Debbie visitaram a Jane ontem à noite; ela também me ligou por volta das 20h30. A Jane teve de mudar o cateter outra vez, por volta da meia-noite, depois de falhadas as tentativas de o irrigar. Estava bem quando cheguei às 13h05 desta tarde. A temperatura era de 5 °C, e seco, para variar.

(Contei à Jane o excelente sonho que tivera com ela na noite passada — no qual a via totalmente recuperada — a andar, com o cabelo novamente preto, a fazer compras, a sair, a encontrar amigos que exclamavam sobre o seu grande progresso. Eu próprio estava muito contente por ela, e queria mostrá-la a todos. Foi o tipo de sonho ao qual se volta várias vezes.

(Enquanto almoçava reparei também que o dedo indicador da mão esquerda da Jane se mexe ainda mais na primeira articulação, tal como descrevi ontem. Houve uma melhoria clara desde então, e apontei isso à minha mulher. Ela concordou. Já não tinha dores aí.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, e saiu-se razoavelmente bem, com alguma hesitação e pausas. Terminou em 12 minutos, melhorando à medida que avançava, e acabou em bom estilo.

(Depois tentou ler a carta de fã sobre a dieta das solanáceas, mas não se saiu bem, embora estivesse dactilografada. Li-lhe eu próprio a última página. Repeti que queria que o Seth comentasse a questão das dietas e tratamentos para doenças. Tivemos uma conversa interessante, e fiz alguns pontos muito bons — gostava de os ter por escrito. O meu ponto principal era que, ao deslocarem a causa dos seus males para fora de si, os pacientes libertavam-se da culpa e da responsabilidade pelo seu próprio bem-estar. Isso fez-me pensar em quantas doenças são tratadas dessa forma, com a “cura” a ser entregue ao paciente através do tratamento convencional, quando, se o paciente compreendesse que mecanismos estavam a operar dentro de si, a cura poderia ser alcançada sem intervenção médica.

(Também esfreguei a Rescue Remedy Cream nos nós da mão direita da Jane, como tinha feito ontem. O Steve B. dera-lhe o creme, e estamos a usar os nódulos da mão direita como zona de teste. Ela relatou maior mobilidade na mão — mas também já o vinha dizendo há algum tempo.

Por isso sabemos que mudanças benéficas estavam em curso antes de começarmos a usar o creme.)

Ora bem: desejo-vos outra boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”

(Pausa.) Relativamente à dieta: vocês já percebem qual é a situação. Se acreditarem firmemente que certos alimentos vos causarão mal-estar, então é claro que isso acontecerá — e evitar esses mesmos alimentos trará alívio. Muitas vezes, quando chegam a um ponto de desespero, as pessoas agarram-se a tais ideias, e frequentemente elas são valiosas porque aliviam as pessoas de culpas escondidas; deixam de ser “culpadas” pelas suas dificuldades — certos elementos exteriores a si próprias são os responsáveis.

Tais dietas podem resultar. Só o alívio dos sentimentos de culpa já traria uma subida da saúde física e do entusiasmo. Cada um reage de forma diferente à comida. Mesmo que um corpo se assemelhe muito a qualquer outro corpo físico, as suas características individuais são tais que, apesar das semelhanças, poucas generalizações podem ser feitas com segurança.

O Ruburt sentiu alguma apreensão quando lhe falaste da carta sobre a dieta porque, por um momento, sentiu-se ameaçado — atraído pela dieta e, ao mesmo tempo, desconfiado dela. Pareceu-lhe ser apenas mais uma das muitas chamadas curas que elevavam esperanças apenas para as defraudar.

Mais uma vez, de acordo com a vossa estrutura de crenças, tais dietas podem ser extremamente benéficas, particularmente a curto prazo — mas se a pessoa envolvida colocar para sempre...

(A Lorrie entrou para medir a temperatura da Jane — 36,0 °C. Uns minutos depois, a Lynne entrou para lhe pôr as gotas nos olhos. Às 16h10 a Jane fumou um cigarro enquanto eu a lembrava de que queria que o Seth comentasse o meu sonho com ela da noite passada. Às 16h17 li-lhe o que o Seth já tinha dito. Retoma às 16h19.)

...colocar para sempre a sua crença em tais condições exteriores, então sentir-se-á vítima, e o encanto da dieta poderá começar a perder força. Ou terá de se tornar cada vez mais rigorosa ao segui-la, ou poderá descobrir que cada vez mais alimentos parecem causar-lhe mal-estar. O homem não pode atribuir a sua própria psicologia aos alimentos que ingere.

“Tu és o que pensas que és.” Essa afirmação é muito mais certa do que a que diz: “Tu és o que comes.”

A pomada é um assunto diferente. O Ruburt encara-a como um possível complemento, uma ajuda no processo de cura que pode ou não revelar-se útil.

O teu sonho da noite passada continha um “remédio” muito mais poderoso — pois mostra-te aonde podem levar crenças benéficas e entusiásticas. Sem dúvida que os acontecimentos pareceram reais, vitais, vívidos. Mesmo que o Ruburt não estivesse consciente do sonho, partes interiores do seu ser estavam, e o próprio sonho ajuda a provocar as condições que ele retrata.

Os olhos do Ruburt continuam a mostrar melhorias, e essas melhorias espelham outras, internas, que ainda têm de se manifestar fisicamente.

Agora, posso ou não regressar, segundo os ritmos de que falo.

(A LuAnn entrou para medir a tensão arterial da Jane. Ontem tinha sido agredida por um paciente. “Foi uma tentação revidar.”)

Em qualquer caso, estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(O Seth tinha tratado das nossas questões.)

(A Jane fez alguns movimentos com o pé esquerdo. Depois adormeceu enquanto eu tratava do correio. “Adormeci por um minuto e fiquei mesmo desorientada”, exclamou.)

(Fez alguns pequenos exercícios, mexendo o pé esquerdo e a parte superior do corpo, quase deliberadamente, para ver se conseguia — tínhamos falado sobre ela ter mantido até agora todas as melhorias desde 9 de outubro, quando tivemos a primeira das “novas” sessões. E ela manteve-as.)

(Ao mesmo tempo, quer perguntar amanhã ao Seth sobre a sua falta muito notória de movimentos durante os últimos quatro dias, pelo menos. Enquanto falávamos, a Jane disse-me que tem tido bastante sucesso em imaginar-se de volta a 704 N. Wilbur Avenue, em Sayre — a casa dos meus pais. (O tempo passou depressa. Virei-a e massajei-a com Oil of Olay, depois fiz a minha sesta. Ela jantou bem. Li a oração com ela às 19h09 e saí uns minutos depois. Disse que tentaria telefonar.)

SESSÃO APAGADA

30 DE NOVEMBRO DE 1983

(O dia estava fresco — 4 °C — quando saí de casa. Pela primeira vez não chovia. Fui buscar o correio à caixa antes de sair — incluindo uma carta divertidíssima do Saul Cohen, o nosso editor na Prentice-Hall. A Jane estava bem. Disse que tinha algo para me mostrar depois do almoço. Enquanto ela comia, li a carta do Saul e comecei a rir. Dizia respeito à sua baixa opinião do Steve Blumenthal — à qual ele tem direito, suponho — mas o próprio Saul fez várias afirmações incorretas, por isso a situação parecia-me um empate. Depois do almoço, a Jane tentou ler a carta do Saul, mas não conseguiu.

(Mostrou-me então como a carne dos seus antebraços se tinha tornado macia e flexível, quando até ontem estava bastante rígida e “de madeira”, sem qualquer sensibilidade. Agora tem, e a carne mexe-se sob os meus dedos. As pernas costumavam estar assim, e ainda estão em certos locais. Os efeitos nos braços apareceram depois de eu ter saído ontem à noite; por volta das 19h30 ela disse a si própria: “Quero ter algo de bom para mostrar ao Bob amanhã.” Parabéns, Jane.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas também teve dificuldades com esta, embora não tantas. Acabei por ler-lhe eu as últimas páginas. Terminámos às 15h23.

A Jane disse que, até os braços começarem a amolecer, não tinha percebido “como se sentiam de madeira antes. Lamento que essas mudanças não sejam tão notórias para ti como são para mim. Eu sinto-as por dentro.” Mas eu disse que eram notórias para mim, ainda que de uma maneira diferente da percepção dela.)

Oram bem: desejo-lhes outra boa tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

Estou encantado com o progresso do Ruburt. Refiro-me especificamente às melhorias em ambos os braços. A carne está a tornar-se muito mais sensível e maleável. Isto significa também que a circulação aumentou, e que tanto músculos como articulações estão mais móveis e capazes de agir de forma mais espontânea.

A rigidez representava antes uma espécie de armadura, que agora está a ser afastada. Isto trará maior flexibilidade às mãos e aos dedos, e refletir-se-á também noutras partes do corpo, incluindo as pernas e as ancas — uma melhoria deveras afortunada. Estava pronta para acontecer. Por outro

lado, também foi desencadeada pelas sugestões do Ruburt, quando ele, de forma lúdica (quase musicalmente), se imaginou a contar-te melhorias significativas, sem se preocupar com quais seriam.

Todo o corpo tinha estado preso nesse tipo de armadura, e ela está agora a ser esfarelada. As articulações estão a tornar-se não apenas mais flexíveis, mas o fluido dentro das articulações, que estava “congelado” —

(A Cathy entrou mais cedo para medir a temperatura da Jane — 36,9 °C — e o pulso. A Jane retomou a sessão imediatamente depois de a Cathy sair. 15h45.)

— que estava “congelado” está a ser libertado e, por assim dizer, “derretido”. Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Sim. Obrigado.”

(“Agora vou ver se consigo fazer alguns exercícios”, disse a Jane. “Já passei boa parte da noite a massajar primeiro o braço direito, depois o esquerdo, depois de eles começarem a melhorar.” O meu primeiro pensamento foi que o amolecimento nos braços ajudaria a aliviar os dedos da mão direita, encolhidos. Esta sessão, então, é uma das principais, sinalizando um excelente prognóstico para melhoria contínua. Disse ainda à Jane que ontem ela mencionara uma sensação de maior frouxidão dentro do cotovelo esquerdo, uma maior suavidade, portanto o Seth tinha razão: essas melhorias em particular já estavam em curso, mas foram desencadeadas pelas sugestões da Jane.

(Esfreguei o Rescue Cream do Steve nos nós da mão direita da Jane, como tinha começado a fazer ontem. Estamos a usar essa zona como terreno de teste.

(A Lorrie entrou para lhe pôr as gotas nos olhos.

(Cortei as unhas da Jane — e descobri, para minha agradável surpresa, que o trabalho foi muito mais fácil do que antes. Pareceu-me concluído em poucos minutos, quando antes hesitava em começar. A maior capacidade de movimento já presente nas mãos da Jane ajudou bastante, sobretudo na direita.)

(Trabalhei um pouco no correio. A Sharon entrou para verificar a tensão arterial da Jane às 16h20.

(A Jane começou alguns movimentos com o pé esquerdo, depois com o tronco e a cabeça, para a frente e para trás contra a almofada. Os movimentos eram suaves, mas a respiração dela tornou-se mais pesada.

(Movimentos bastante fortes da cabeça e ombros, de um lado para o outro e de cima para baixo. Sons, gemidos e queixumes. Estes foram os melhores movimentos da Jane em bastantes dias. O pé esquerdo também.

(Mais do mesmo. Depois o pé direito da Jane começou a mover-se pelos dedos. “Oh, oh, oh” — bons movimentos da cabeça e do tronco, com sons, e os pés a alternarem os movimentos também. “Mas eu não estava preocupada por não fazer os movimentos,” disse a Jane, “particularmente depois de os braços terem começado a fazer o seu trabalho ontem à noite.”

(Movimentos bastante fortes do tronco, de um lado para o outro. “Esses braços e ombros estão mesmo mais soltos,” disse a Jane enquanto se movia. “Incluindo as omoplatas e a coluna...” E se a coluna se soltasse, pensei eu, muitas coisas boas estavam destinadas a seguir-se.

(Virei a Jane para o lado esquerdo, depois massajei-a com Oil of Olay como de costume. O tabuleiro do jantar não tinha chegado. Ainda não estava lá quando acabei a minha sesta às 17h30, por isso pedi ajuda à Cathy para o localizar. Só apareceu às 18h15, quando a Sharon Poley o trouxe. Isto baralhou-nos o horário e fez-me sair tarde da Jane, às 19h30 — mas vejo que, apesar de um jantar atrasado, consegui acabar a sessão de qualquer maneira. São 21h45 quando termino de escrever isto. Rezei com a Jane antes de a deixar para a noite. Ela prometeu telefonar mais tarde, se conseguisse.)

SESSÃO APAGADA

2 DE DEZEMBRO DE 1983

(A Jane não teve sessão ontem, 1 de dezembro, por isso vou resumir aqui as atividades do dia. Disse que a Wendy, a terapeuta da hidro, a examinou na rotina semanal e voltou a dizer-lhe que estava “a recuperar muito bem”. Contudo, segundo a Jane, a Wendy não olhou muito para as úlceras nas costas.

(A Jane almoçou e jantou bem. A Georgia tinha trazido os menus para a semana, mas eu não tive tempo de preencher todos. Os antebraços da Jane continuam “macios” e o dedo indicador da mão esquerda ainda dobra um pouco.

(A Jane leu a sessão de ontem, melhor do que no dia anterior. Não foi fácil, no entanto, e eu ajudei-a de vez em quando. Como antes, porém, melhorou à medida que avançava.

(A Jane fez alguns movimentos de várias partes do corpo. “Sinto aquele ímpeto para me sentar outra vez, lá na coluna”, disse ela um par de vezes. Isto foi novidade para mim, já que não me lembrava dela alguma vez ter tido espontaneamente vontade de se sentar antes. Um excelente sinal, claro.

(Fez alguns movimentos laterais com a cabeça e os ombros, com sons, gemidos e queixumes. Umas quantas vezes, quando descansava, adormeceu enquanto eu trabalhava no correio. Alguns dos movimentos foram um pouco mais fortes, mas nunca violentos. Conseguiu, contudo, fazer bons movimentos com a cabeça, rodando-a em círculo numa direção e depois na outra. Quando a Lorrie entrou para medir a sua temperatura — 36,4 °C — a Jane teve dificuldade em parar tempo suficiente para que fosse feito. “Custou-me imenso parar.” E começou de imediato outra vez, mal a Lorrie saiu.

(A planta do pé direito da Jane moveu-se um pouco. Também teve novas sensações de mudança na garganta, debaixo do queixo. Não conseguia alcançar, por isso esfreguei a zona por ela. Fez mais alguns movimentos gerais.

(2 de dezembro. Disse à Jane que, quando acordei por volta das 6h00 da manhã, tinha-me apanhado a preocupar-me tanto com ela como com os assuntos do seguro, e que tentei usar sugestão, como o Seth mencionou recentemente. Ajudou, mas a preocupação devia ter persistido, pois acabei

por tomar bicarbonato por volta das 11h00. Estive bem o resto do dia, contudo.

(Quando cheguei ao quarto 330, encontrei a minha mulher triste e de olhos marejados. Estava também invulgarmente calada. “Amo-te”, disse-lhe, e enxuguei-lhe as lágrimas. “Acho que toda a gente tem o direito de se sentir em baixo de vez em quando”, acrescentei.

(No quarto ao lado do nosso — 332 — ouvi um choro e lamento familiares numa língua estrangeira. Era a senhora russa, Christina, com mais de 90 anos. Estivera ausente durante meses. A Christina não parava de chamar pela Georgia, que lhe tinha ensinado o nome da última vez. Afinal, a memória ainda funciona, pensei.

(Pouco depois de eu ter chegado, a Georgia entrou, sorridente, para nos dizer que, nessa manhã, o médico lhe tinha dito que não precisava afinal de ser operada. Eu já lhe tinha dito o mesmo na semana passada. Ela concordou, mas percebi que as implicações maiores lhe escapavam, e não insisti.

(A Jane não comeu muito ao pequeno-almoço, só cereais, porque a jovem que a alimentou não conseguiu, por alguma razão, dar-lhe devidamente os ovos e o bacon — a irmã da Cathy. Por isso, ao almoço estava com fome e comeu bem.

(Cigarro. A Mary Ann esvaziou o Foley. Tem irrigado bem — o cateter.

(A Jane começou a reler a sessão de anteontem. Fê-lo muito melhor hoje do que ontem — “embora não seja o meu melhor”. Quando lhe limpei os óculos, vi que os olhos estavam bastante vermelhos — parte do processo de cura, disse eu.

(Terminou a sessão com muito bom desempenho. Trabalhei no correio. Uns minutos depois, a Jane começou a ler em voz alta a sessão do dia anterior — 29 de novembro. Mais uma vez, leu-a de uma ponta à outra com facilidade. “Por vezes as letras ficavam mesmo muito nítidas”, disse ela, satisfeita. Terminou a sessão às 15h34.

(Pouco depois, disse que queria ter uma sessão. A Christina continuava a chamar no quarto ao lado.)

Ora bem: desejo-vos uma tarde muito carinhosa.

(“O mesmo para ti, Seth.”)

A tua reação à crise de melancolia do Ruburt foi excelente — da mais alta qualidade. (Com um ligeiro tom de divertimento.)

Ele estava zangado consigo próprio por se sentir em baixo, e achava que tu também ficarias zangado. À medida que o dia foi avançando desde a manhã, consegui contrariar muitos pensamentos negativos, até que finalmente se sentiu cansado e triste. O facto é que o corpo dele está realmente a melhorar a um ritmo excelente, com novas e bastante entusiasmantes melhorias quase prontas a manifestar-se.

É, claro, importante que ambos mantenham o espírito o mais elevado possível, mas que sejam compreensivos convosco próprios quando se sentirem em baixo, e que não acrescentem novas culpas à tristeza momentânea.

Os olhos do Ruburt continuam a melhorar, e cada vez mais partes do corpo estão a ser incluídas no programa de regeneração. Posso ou não regressar, novamente segundo esses ritmos de que falo, mas estou sempre acessível para ajuda ou perguntas.

(“Está bem. Obrigado.”

(Não tínhamos tido interrupções, por uma vez. Eu apenas enxuguei as lágrimas da Jane e ofereci-lhe algumas palavras de conforto, depois esqueci o assunto. Apercebi-me mais tarde de que tinha feito isso, e de que a Jane também, pois já estava de volta ao seu comportamento habitual.

(Logo após a sessão, a Jane começou a mover a cabeça e os ombros, mas a Cathy entrou para medir-lhe a temperatura — 36,6 °C.

(Depois de a Cathy trazer à Jane sumo de arando com ginger ale, a Jane voltou a mexer a cabeça e os ombros. O pé esquerdo também. A parte superior do tronco girava com os seus esforços. “Ohhhh, Bob....”

(Apliquei o Rescue Remedy Cream nos nós da mão direita da Jane, como de costume.

(A Jane rodou o ombro esquerdo em círculos. “Sinto-o mesmo como cetim quando faço isto”, disse ela. “Lá vai o pé esquerdo outra vez.” Depois, cabeça e ombros, com movimentos bastante aceitáveis.

(A pedido da Jane, toquei no ponto do pescoço que fazia a sua cabeça ir fortemente de um lado para o outro contra a almofada. “Consigo sentir outros pontos aí que ainda estão tensos”, disse ela, “em contraste com os soltos.” Experimentei alguns outros locais no pescoço, com poucos resultados.

(Preparei-me para virar a Jane. Massajei-a como de costume com Oil of Olay. A Sharon trouxe o tabuleiro do jantar antes de eu acabar. Fiz a minha habitual sesta. A Jane voltou a comer muito bem. Dei-lhe um

cigarro às 19h00, rezei com ela às 19h05 e saí para a noite. Ela disse que tentaria telefonar.)

SESSÃO APAGADA

3 DE DEZEMBRO DE 1983

(A Jane já estava deitada de costas quando cheguei ao quarto 330 esta tarde; a Gail Greene tinha tido de a virar para poder verificar o cateter, que ao início se recusava a irrigar.

(Enquanto nos preparávamos para o almoço, disse à Jane que esta manhã tinha acordado a remoer outra vez — sobre a Jane, mas sobretudo acerca dos longos atrasos em resolver os benefícios do seguro médico principal da Blue Cross. Tentei contrariar as preocupações durante o trabalho da manhã e por vezes consegui, mas os receios não me largaram; todos os dias espero notícias no correio, mas nunca chegam. Disse à Jane que talvez nunca recebêssemos resposta da Blue Cross, já que eles já tinham rejeitado o pedido uma vez porque o hospital se atrasara a enviar os registos médicos dela. Houve outros episódios de atrapalhação também, desnecessário detalhar aqui. Mas contei à Jane toda a história, em parte, para que ela soubesse o que me preocupava. Queria que o Seth comentasse, caso houvesse sessão hoje.

(Também falei do sonho que tive no mês passado, em que via os cheques no parque de estacionamento, ao pé do pneu dianteiro do nosso carro. O Seth dissera então que o sonho era legítimo e que significava que a origem dos cheques ficava longe — no norte de Nova Iorque. A minha própria interpretação, disse à Jane agora, era a mesma de antes — que, como os cheques pareciam tão pequenos, significava que ainda não estavam fisicamente próximos de nós — em outras palavras, que havia um período de espera em que, esperava eu, se moveriam cada vez mais perto de nós.

(Disse ainda à Jane que o Steve Blumenthal telefonara esta manhã, depois de receber a carta do Saul Cohen a rejeitar o acordo das cassetes. O Steve vai enviar pagamento pelas despesas legais que tive até agora com a questão das cassetes. Dei-lhe outra oportunidade de desistir.

(A Jane acabou um excelente almoço. Cigarro.

(Começou a ler a sessão de ontem e saiu-se razoavelmente bem. Trabalhei no correio. A Jane não se lançou em nenhum exercício. Às 15h39, a Lynne mediu-lhe a tensão arterial. Às 15h40, a Cathy mediu-lhe a

temperatura — 36,5 °C. Às 15h55 apliquei o Rescue Remedy Cream do Steve nas articulações da mão direita da Jane. O Steve tinha-me dito esta manhã que ela devia usá-lo durante algumas semanas e então ver resultados.

(O tempo passou depressa enquanto trabalhei no correio. Chegaram ontem dois grandes lotes de cartas novas, mesmo quando eu pensava que estava a pôr tudo em dia.

A voz de Seth da Jane estava bastante calma. Ela queria responder às minhas perguntas, embora tenha começado mais tarde; já começava a pensar que passaria sem sessão hoje.)

Ora bem: desejo-lhes uma tarde carinhosa.

(“Boa tarde, Seth.”)

A questão do seguro será resolvida a vosso contento, como vejo as probabilidades até aqui. O atraso deve-se a incompetência burocrática — mas, volto a dizer, será resolvido a vosso contento.

(“Obrigado.” Quase de imediato comecei a sentir-me melhor.)

As melhorias do Ruburt continuam. Concentra-te nessas melhorias e, como já disse antes, elas multiplicam-se. Disse-te também que melhorias bastante animadoras se mostrarão em breve, e quando isso acontecer muitos dos vossos receios ficarão para trás.

De todos os modos, revejam as sessões sempre que possível. Entretanto, saibam que estou presente, quer fale ou não, e que estou disponível para a vossa ajuda ou perguntas.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“O que pensaste das minhas especulações sobre a vida e a idade, nascimentos e probabilidades?”)

Foram excelentes. *(Pausa.)* Estás vivo quer estejas *(com meia gargalhada)* morto ou não. Já o disse antes. A morte e a vida são de facto uma e a mesma coisa. Apenas o vosso foco de atenção difere.

Posso ou não regressar. Novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente, ainda assim.

(“Obrigado.”)

(Sugeri ler à Jane algumas das primeiras sessões do novo grupo, antes de a virar, e assim fiz. Ouvimos a Christine, a senhora russa de 90 anos, a chamar como ontem. Pensei que soava mais distante, como se a

tivessem mudado de quarto, mas quando saí esta noite vi-a no quarto mesmo ao lado do 330, como de costume.

(As minhas perguntas ao Seth sobre vida e morte surgiram estranhamente dos meus problemas com o seguro esta manhã. Preocupava-me o facto de estar a remoer o assunto, porque não queria atrair probabilidades negativas. Isto levou-me então a especular sobre realidades prováveis em geral, enquanto conduzia para o hospital esta tarde.

(Disse à Jane que me ocorreu a ideia — longe de original, disse eu — de que nunca morremos sequer como criaturas físicas, até chegarmos a idade avançada numa ou outra realidade provável. Que, mesmo que morramos na infância, ou em idades sucessivas mais tarde, cada um de nós vive até à velhice em algum lugar. Vamos excluindo as mortes prematuras da nossa consciência à medida que avançamos pelas probabilidades. Claro que tem de haver um ponto de corte físico algures — mas mesmo aí, disse eu, podemos entrar noutra vida e recomeçar de novo nesses termos.

(Disse à Jane, antes do almoço, que por vezes percebo claramente o que o Seth está a dizer — o que ele realmente está a dizer — e que essa consciência crescente nos últimos meses tem tido um efeito bastante profundo no meu pensamento. De tempos a tempos tenho vislumbres, embora imperfeitos, de que viver é fácil, de que estamos seguros, todos e cada um de nós, de que nunca somos aniquilados, de que preocupações mundanas sobre dinheiro, seguros, empregos e assim por diante são, em termos mais profundos, irrelevantes. Não estou a desvalorizar essas coisas, mas a tentar colocá-las em perspetiva. Perseguimo-las por várias razões — mas não são o fim nem o tudo, como estamos tão habituados a considerá-las.

(Tenho a certeza de que disse mais na altura, mas não parece regressar facilmente à memória consciente enquanto termino esta sessão já tarde.

A Jane jantou bem, mesmo que o serviço de dietética tenha enviado o menu errado. A Margaret Bumbalo telefonou e deixou o meu jantar na caixa do correio. Ia visitar a Jane mais tarde.

Como sempre, massajei a Jane com Oil of Olay e rezei com ela antes de sair às 19h08.)

SESSÃO APAGADA
4 DE DEZEMBRO DE 1983

(Na noite passada tive um sonho muito vívido em que vendia três das minhas pinturas. Uma delas era das últimas que pinteí antes de a Jane ir para o hospital. Vendi-a por 30 dólares a um homem mais velho que voltou várias vezes à minha parede exterior, onde eu já tinha exposto o meu trabalho antes de decidir comprá-la. Fiquei bastante satisfeito. É o pequeno quadro de um sonho meu, em que estou na beira de um telhado, a olhar para baixo, para uma rua da cidade.

(O dia estava frio — 34 graus Fahrenheit — com uma camada de neve semi-congelada a cobrir tudo; tinha-se acumulado durante a noite. Conduzi com cuidado até ao quarto 330. A Jane disse-me que tinha coisas para me contar quando a pus de costas. Almoçou bem, embora a dieta tivesse deixado de fora o gelado da bandeja.

(A Phyllis, a enfermeira, não tinha tratado da Jane ultimamente. Hoje foi destacada para o quarto dela, contudo, e de manhã, quando começou a trabalhar com a Jane, comentou várias vezes a marcada melhoria na capacidade de movimento da Jane e a velocidade com que as escaras estão a sarar. A Jane disse que a Phyllis fez os comentários por iniciativa própria, sem ser perguntada. De facto, vi que a Phyllis tinha colocado pensos muito mais pequenos na úlcera do joelho da Jane, no cotovelo, etc. O joelho está a sarar de forma notável.

(Devo acrescentar que aquelas cavidades abertas nas nádegas da Jane do ano passado estão quase preenchidas, numa demonstração notável de cura, quanto a mim. Ainda se vê carne rosada e tenra, mas penso que o processo de cicatrização continuará até todos os sinais dessas feridas desaparecerem.

(Depois do almoço, lembrei à Jane que um ponto muito importante a reter é o regresso, o início, de vários gestos e impulsos automáticos que ela tinha perdido há anos. Como o impulso de segurar novamente um cigarro na mão direita, ou de usar o copo com a mão esquerda para coçar a coxa direita, ou de segurar o copo de manhã para bochechar enquanto a enfermeira lhe lava os dentes. A Jane já segura o copo, mas agora quer mantê-lo durante toda a operação, diz ela, durante vários minutos.

(Pelo lado negativo, o pessoal ainda tem às vezes dificuldades em irrigar o cateter — mas assim que a Jane começa a beber mais, a urina fica limpa, e também os espasmos musculares desaparecem.

(14h33. Depois de um bom almoço, a Jane fumou. Depois começou a ler a sessão de ontem — mas com hesitações, não tão bem como ontem. Limpei-lhe os óculos para a ajudar a ver melhor, e isso ajudou quando voltou à leitura. Acabou às 14h55 enquanto eu respondia a correio.

(A Phyllis esvaziou o Foley, e eu apliquei o Rescue Remedy Cream nos nós dos dedos da mão direita da Jane. Pode dizer-se que esses nós parecem aceitáveis, tudo considerado. É cedo para dizer se a pomada ajuda.

(A Jane fez alguns movimentos leves com o pé esquerdo e com a cabeça e os ombros. “A porta está fechada?”

(Mandíbula a cair e a rodar, acompanhada de alguns sons guturais. Pé esquerdo a mexer-se. “Estou a fazer alguma coisa com as ancas — não sei o quê....” Descansou.

(A LuAnn entrou para pôr gotas nos olhos, a Cathy para medir a temperatura — 97,8 — e a Lynne para a tensão arterial. Foram-se todas cinco minutos depois. Fiz correio.

(“A grande articulação por baixo do meu dedo do pé direito formiga que se farta”, disse a Jane. Pé esquerdo a mexer-se, cabeça e ombros também. Gemidos e grunhidos.

(Massajei certos pontos na testa da Jane e na parte de trás do pescoço. Quando toquei num certo lugar atrás, a cabeça dela começou de repente a bater de um lado para o outro contra a almofada com muita força. Respiração pesada, sons.

(Mais movimentos de cabeça e ombros, de lado a lado; correio.

(Quando a Jane começou a sessão, já um pouco tarde, a voz de Seth estava bastante forte, embora controlada.)

Agora: despeço-me com outro afectuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Faço-me conhecer apenas para reforçar aquelas condições em que a cura é acelerada. Essas condições estão sempre presentes — mas mesmo a mais breve das sessões reforça esses aspectos que aceleram a cura. As sessões são como uma pedra de toque que vos põe em contacto com aquelas porções maiores de vós próprios que existem com pleno conhecimento dentro e para além dos reinos do espaço e do tempo. Posso ou não regressar — mas sabeis que estou presente e acessível.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“O que pensas do meu sonho de ter vendido os meus quadros na noite passada?”)

Um excelente sonho, em que os quadros representam quadros — mas também mostram que o fruto dos teus outros esforços terá êxito no mercado — que o mercado te recompensará — e isso também inclui a situação do seguro.

(“Obrigado.”)

(A Jane também tinha notado a voz mais poderosa de Seth; ficou um pouco surpreendida. Talvez devêssemos ter perguntado acerca deste fenómeno, mas não o fizemos.)

(No momento em que o Seth mencionou a ligação ao seguro, tudo se encaixou com o meu sonho — claro, percebi, ambos tinham a ver com recebermos dinheiro de fontes externas. A Jane reagiu da mesma forma, disse ela. Foi uma notícia animadora. Foi também uma daquelas ocasiões em que me perguntei porque não tinha visto o óbvio — óbvio apenas quando alguém no-lo aponta....)

(Virei a Jane e massajei-a com Oil of Olay como de costume. Comeu bem depois de eu ter feito uma sesta. Começou a chorar um pouco quando lemos juntos a oração antes de eu sair às 19h10; disse que chorava porque eu me ia embora. Disse-lhe que, quando estava sozinho em casa, muitas vezes a imaginava lá também. Se eu estava no escritório de escrita, por exemplo, pensava nela no dela, ou na cozinha, ou na galeria, ou até a andar, a lavar a loiça, talvez, ou a ligar a televisão. Amo-te, Jane.)

SESSÃO APAGADA

6 DE DEZEMBRO DE 1983

(A Jane não realizou sessão ontem, dia 5 de dezembro, mas gostaria de registrar alguns pontos. A Jane teve de trocar o cateter três vezes enquanto estive lá ontem. Obviamente não funcionou bem nas duas primeiras — pouco antes do almoço, por volta das 13h50, depois do almoço, por volta das 14h30. A Jane comeu bem entre toda a azáfama, contudo. A última tentativa foi às 16h35 e correu bem, sem grande esforço, feita pela LuAnn e pela Lorrie.

(A Jane tentou ler a sessão do dia anterior, mas não se saiu bem. Estava também com espasmos, mas conseguiu terminar a sessão finalmente. Como acontece muitas vezes, leu melhor à medida que avançava.

(O principal que quero registrar é que, depois de o cateter ter sido mudado pela última vez, a Jane quase se virou sozinha para o lado esquerdo. Isto é muito importante. Ela acha que a LuAnn pode ter dado o primeiro empurrão para a pôr em movimento. Ao mesmo tempo, a Jane não sabe como o fez — a acção foi, evidentemente, como devia ser, em grande parte automática. Ouvi-a exclamar acerca da façanha no momento, sem dar grande atenção, já que tinha recuado a minha cadeira para um canto para sair do caminho enquanto o pessoal trabalhava com a Jane; estava a fazer correio. Mas isto é um grande avanço para a minha mulher.

(“Se consegues fazer isso”, disse-lhe quando estávamos sozinhos, “parece que todas as restrições estão levantadas” — querendo dizer que ela devia continuar a melhorar.

(Terça-feira. Na noite passada tive um sonho muito interessante e, ao mesmo tempo, quase incómodo: sonhei que, enquanto estava com a Margaret e o Joe Bumbalo e o filho deles, John, descobria que era um homossexual latente. Não sei como descobri. A Margaret disse-me algo como: “Então, afinal não foi assim tão mau, pois não?”, enquanto todos nós estávamos sentados num baloiço na varanda da frente deles. No sonho também estavam uma mãe de aparência oriental, não muito velha, com uma filha bonita, de belos olhos amendoados e uma postura muito calma. Foi o tipo de sonho ao qual se volta várias vezes, e presumo que me tenha esquecido de partes dele. Quando me levantei às 6h15, com o sonho ainda na mente, pensei a princípio que pudesse ter conotações reencarnatórias, mas na verdade não me pareceu.

(Descrevi o sonho à Jane antes do almoço e pedi que o Seth comentasse, caso houvesse sessão. Por alguma razão, não consegui fixar uma interpretação. Disse à Jane que o sonho não continha quaisquer actos sexuais. Pensei também que pudesse envolver o John, que tem cerca de 40 anos e é solteiro.

(O dia esteve mais quente — 40 graus — mas muito húmido, e acabou com chuva forte quando parti para casa. O quarto 330, no entanto, esteve frio a tarde toda, mesmo depois de o técnico da calefacção mexer no termóstato. Durante grande parte da tarde a Jane consentiu em ter o pano da Suíça por cima dela.

(A Jane não foi ao hidro esta manhã, já que o tanque avariou. Conheci o Steve, o assistente que cuida dela no hidro. Já o tinha visto muitas vezes nos corredores, e ele a mim — mas nenhum de nós tinha feito a ligação com a Jane.

(A Susie visitou-nos — a andar sem canadianas. O progresso dela é espantoso. Já está a usar o segundo gesso, de plástico leve.

(Trabalho em correio, e vem o técnico da calefacção.

(Aplico o Rescue Remedy Cream nos nós dos dedos da mão direita da Jane.)

Ela disse que ambos os braços estão a funcionar melhor, e que a pele entre o polegar e os dedos, e entre cada dedo, na mão esquerda, amoleceu consideravelmente. “Antes parecia couro”, disse ela.

(A Jane tentou reler a sessão de 4/12, mas não conseguiu avançar muito. O olho esquerdo estava a funcionar mal, enevado. O direito está bem e vê cores bem, disse ela, mas por alguma razão os dois olhos juntos não conseguiam ler em condições. Conseguiu avançar lentamente, e foi fazendo um pouco melhor à medida que prosseguia.

(Em intervalos durante toda a tarde podíamos ouvir, mesmo com a porta do 330 fechada, uma mulher chamada Louise a gritar sem parar: “Ajudem-me, ajudem-me, ajudem-me, ajudem-me, ajudem-me...” Vezes sem conta. Achei os seus gritos ao mesmo tempo fascinantes e perturbadores, enquanto me interrogava sobre que tipo de mecanismos mentais estariam por trás do seu comportamento. Ontem tínhamos ouvido dizer que ela estava a incomodar muita gente no andar. A voz parecia, por vezes, ser apenas uma reacção automática e inconsciente a quaisquer obscuros processos mentais que estivessem a decorrer na sua mente ou no seu cérebro — sinais vocais lançados para o mundo, talvez sem significado

para os outros mas provavelmente significativos para a própria a certos níveis. Devia ter pedido ao Seth que comentasse.

(O que me lembra que, depois de nos ter deixado, a Susie foi ao quarto ao lado provocar a Christina, mas por alguma razão a Christina não respondeu com a sua mistura russa de gritos ininteligíveis e súplicas pela Georgia.

(Trabalhei no correio enquanto a Jane fumava. “Bem, Bob, podes muito bem ficar com isto”, disse ela um pouco depois. “Vou tentar ter uma sessão...”)

Ora bem: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Quanto ao teu sonho: *(pausa.)* Estavas a captar telepaticamente alguns dos pensamentos do Joe Bumbalo, que desconfiava do John, porque os talentos e capacidades dele lhe pareciam demasiado femininos.

Ao mesmo tempo, o Joe tem-te em grande consideração — mas as tuas capacidades também não eram daquelas que ele tradicionalmente associava à masculinidade: os homens não pintavam quadros. Tinhas consciência destas considerações, e elas formaram parte da base do teu sonho.

O dilema do Joe recordou-te as atitudes dos teus próprios pais, e sentiste simpatia pelo John. Ao mesmo tempo, reconheceste que o trabalho do John como empregado de mesa também o envolvia com o alimento — isto é, física e simbolicamente — e o sonho estava simplesmente a reafirmar o facto de que as faculdades intuitivas, muitas vezes consideradas exclusivamente femininas, envolviam na realidade aquelas qualidades de criatividade e emoção que mantêm as unidades familiares unidas. Promovendo a vida na arte, e também a vida física como geralmente é entendida.

Posso ou não regressar, de acordo—

(Uma nova enfermeira, estudante, entrou para medir a tensão arterial da Jane a meio da frase. Não reparou em nada. A Jane retomou logo que a senhora saiu do quarto. 16h01.)

—de acordo com aqueles ritmos de que falo, mas sei que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

Mudanças significativas estão também a ocorrer continuamente nos braços do Ruburt. As mãos e os dedos — e a sua força geral também está a aumentar.

(“Está bem. Obrigado.”)

(Li a sessão à Jane. Disse-lhe que o Seth tinha feito um excelente trabalho a analisar o sonho. Lembrei-lhe a mulher oriental e a filha do sonho, já que o Seth não as tinha mencionado. A Jane pensou que eu me tinha esquecido de lhe falar desses elementos, embora eu achasse que sim. De qualquer modo, por iniciativa própria ela disse que as mulheres orientais representavam ainda mais, para o Joe Bumbalo, a ideia de que as capacidades do filho John não eram americanas — que, na verdade, eram antiamericanas, estranhas à sexualidade masculina, femininas. Fez uma excelente observação.

(Essa atitude também se enquadrava com o que o Joe me tinha dito durante a World Series de basebol do outono passado: ao olhar para os jogadores, com o cabelo comprido, bigodes e barbas, o Joe perguntou-me onde estava a juventude da América. “Estás a olhar para ela”, disse-lhe eu. O Joe disse que não era correcto os jovens deixarem-se ficar assim. Não me parece que tivesse consciência do humor de toda a situação. Conteí isso à Jane na altura.

(O resto da tarde, até eu sair às 19h10, seguimos a rotina habitual de virar, massagem com Oil of Olay, sesta, jantar, TV e oração. A Jane portou-se bem. Disse-lhe que, no geral, toda a sua postura e o aspecto do corpo tinham melhorado bastante. É agora óbvio que está a ganhar peso e a mexer-se melhor. E dias melhores virão, sem dúvida.)

SESSÃO APAGADA
7 DE DEZEMBRO DE 1983

(A Jane estava perturbada quando cheguei ao 330 ao meio-dia: o cateter tinha-lhe sido completamente arrancado de manhã, depois do hidro, quando a Georgia e o Steve a transferiram de volta para a cama da maca. O pessoal tentou voltar a pô-lo, mas não conseguiram que drenasse. Antes disso tinha funcionado bem. “A sua mulher já não me vai falar mais, depois do que lhe fiz esta manhã”, disse-me a Georgia quando eu caminhava pelo corredor em direcção ao 330. Tinha sido introduzido um novo cateter, mas esse não estava a funcionar quando cheguei.

(A Jane almoçou bem. A Jan e a Georgia apareceram.

(Cigarro.

(Duas novas raparigas — uma estudante — entraram para ver se conseguiam pôr a funcionar o cateter já colocado. Trabalhei no correio.

(Decidiram que o tinham reinserido o suficiente para que funcionasse. A Jane teria de esperar para ver se a urina começava a correr.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem. Saiu-se muito melhor do que ontem.

(Terminou a leitura. Espasmos. O cateter está a vaziar. Fumou.

(Toquei no botão de chamada para pedir ajuda com o cateter. Devo acrescentar que durante toda esta confusão a Jane ficou bastante perturbada; percebia-se na sua atitude os velhos sentimentos que tivera em casa sempre que os sintomas pioravam. De certa forma, eu sabia que ela não devia estar a reagir assim.

(A LuAnn perguntou à Jane se podia esperar até às 16h30 para mudar o cateter. Pediu-lhe também que bebesse mais entretanto.

(A Teresa [a doente a quem eu chamava Louise] tinha estado calada desde que cheguei ao hospital hoje.)

Agora: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Não há nada de errado com a bexiga do Ruburt. Ele não tem infeção. O incómodo e desconforto que surgem do uso do cateter são o resultado final daqueles poucos receios e dúvidas persistentes que o Ruburt ainda tem. Eles são projetados para fora, sobre as condições que rodeiam o uso do cateter. E claro, a desagradabilidade aumenta o desconforto físico.

Logo que possível, revejam algumas das nossas sessões. Esta própria sessão deve ajudar, reforçando a energia e fé do Ruburt, e acelerando as condições de cura.

Posso ou não regressar, mas sabeis que estou presente e acessível.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Podes dizer alguma coisa sobre aquela mulher — a Teresa — que está sempre a gritar ‘Ajudem-me, ajudem-me, ajudem-me’? Fico fascinado com ela.”)

A mente dela está distraída. Não sabe em que mundo vive. É de facto como se tivesse duas mentes — uma a habitar um mundo e outra noutro. Confundi as leis dos dois mundos (pausa), e é como se tivesse ao dispor um alfabeto inteiro, mas as letras estivessem fora da ordem correta, de modo que era quase impossível ler as frases, por assim dizer, que daí resultavam.

(“Sou eu”, disse a Jane.

“Obrigado.”

(“As enfermeiras disseram-me que essa mulher tem historial de problemas mentais”, disse a Jane, “e que foi diagnosticada como esquizofrénica.” Eu ainda não a tinha ouvido esta tarde. A Jane disse que a ouvira ontem à noite e hoje de manhã.

(A afirmação do Seth de que a Jane não tem infecção lembrou-me que há meses a Marcia Kardon nos tinha dito, muito categoricamente, que quando uma pessoa tem um cateter “apanham sempre — sempre — uma infecção”. A Jane lembrou-se dessa sugestão negativa.

(Li a sessão à Jane. Às 16h10 a Teresa começou a fazer-se ouvir — mas a voz soava abafada, como se falasse por trás de uma porta fechada. Depois a Jane disse-me que a Teresa só tem pouco mais de 50 anos, e que a Georgia disse que ela é bastante racional entre os seus episódios de pedir ajuda. Fiquei surpreendido com ambas as afirmações.

(A Jane fez alguns movimentos cautelosos com os ombros. “Ainda parecem cetim”, disse, mas foi cuidadosa para não se mexer demasiado e não fazer o cateter vazar mais. “Tenho vontade de te dizer para te mexeres à vontade”, disse-lhe eu, “e esqueceres o cateter.” Lembrei-me de lhe dizer que, ao rever muitas das sessões pessoais que tivemos na altura em que o Seth também falava sobre sonhos, ele insistia vezes sem conta que, cada vez que o corpo dela tentava curar-se, resultando em músculos

doridos, a Jane voltava a enrijecer. Ela interpretava mal, sistematicamente, as mensagens que o corpo lhe dava. “Se tivesses prestado atenção a essas mensagens, e ultrapassado esse obstáculo”, disse-lhe eu, “podia ser que não estivesses aqui agora.”)

(A LuAnn e a Sharon entraram para mudar o cateter justamente quando eu começava a ler algumas sessões à Jane. Tiveram alguma dificuldade, mas conseguiram finalmente. Tiveram de revirar a Jane de um lado para o outro enquanto mudavam o resguardo e o lençol de baixo; a Jane chorou — a primeira vez que a ouvi fazê-lo em várias semanas.

(A Jane acabou de volta de costas e fumou um cigarro. A LuAnn tinha-lhe dito para a chamar — a ela, LuAnn — sempre que tivesse problemas com o cateter.

(Chegou a bandeja do jantar enquanto eu virava a Jane, massajando-a como de costume com Oil of Olay. Seguiu-se a nossa rotina habitual de sesta, jantar — a Jane comeu bem — cigarros, televisão à noite, sobremesa e oração. Saí às 19h05.

(Fui afinal à festa de cocktails a que os Leahys me tinham convidado. Havia neve suficiente quando saí do hospital para me fazer conduzir com bastante cautela até casa. Estavam 20 graus quando me levantei esta manhã, e três horas depois, enquanto escrevo este registo, não está muito mais quente.)

SESSÃO APAGADA

8 DE DEZEMBRO DE 1983

(A Jane estava bem quando cheguei ao 330; o cateter dela estava a funcionar bem. O dia estava a 32 graus, com a neve a derreter um pouco. A Jane foi ao hidro esta manhã. Disse que a Gail Greene e outros lhe disseram hoje que as úlceras estão todas muito melhores, e que as duas do joelho direito, especialmente a do lado de dentro, estão quase saradas. Algumas nas costas reduziram-se a pontinhos, disse a Jane. Eu não as via há muito tempo.

(Isto é sem dúvida uma excelente notícia, disse eu à Jane. Ela tinha outras boas notícias — mas primeiro contou-me que na noite passada tinha estado mesmo deprimida por algum tempo. A boa notícia é que a Toni, a auxiliar da noite, sugeriu que a Jane visse se conseguia usar o botão de chamada da enfermeira. Nem me tinha ocorrido que isso pudesse ser possível. Nem à Jane. Descobriu, para sua agradável surpresa, que consegue usá-lo — de costas, neste momento. Não de lado. Mas mais uma vez, um novo movimento e força foram acrescentados. Excelente, Jane.

(A Jane almoçou bem. Estava tudo calmo nos corredores quanto à Teresa e à Christine, embora antes de a Jane terminar se tenha ouvido o alarme de emergência junto aos elevadores à porta. Um doente no 333A estava com problemas cardíacos — então as pessoas vieram a correr pelo corredor a empurrar a máquina de emergência para coração/respiração, incluindo o Dr. Fred Kardon, que nos cumprimentou ao passar pelo 330.

(Depois de um cigarro, a Jane começou a ler a sessão de ontem. Saiu-se razoavelmente bem entre pausas e hesitações, e terminou às 15h16. Não foi o melhor nem o pior.

(Comecei a trabalhar no correio enquanto a Jane iniciava alguns movimentos com o pé esquerdo e a cabeça e os ombros. Nada forte nem violento. Descanso.

(Entre visitas do pessoal para lhe medir os sinais vitais, massajei vários pontos na cabeça e no pescoço da Jane. Um ponto no pescoço deu uma boa reação, a cabeça a bater para trás e para a frente contra a almofada. Temperatura 97,8. Brinquei com a Sharon Poley dizendo que era na verdade 92,1.

(Cabeça e ombros, de lado a lado e às voltas, sons e respiração mais forte, também o pé esquerdo. Certifiquei-me de que a porta estava o mais fechada possível. A Jane fez mais alguns movimentos antes da sessão.

Fiquei surpreso quando ela sugeriu a sessão, já que por alguma razão pensava que não ia ter uma.

(Pouco antes da sessão, vimos um noticiário de uma comissão do congresso em Washington, com alguns cientistas conhecidos a testemunharem sobre os prováveis efeitos posteriores de uma guerra nuclear — como o instigador acabaria também por se destruir, mesmo que o atacado nunca lançasse um contra-ataque. Por causa das mudanças de temperatura na Terra, e assim por diante.

(Fiquei horrorizado à medida que o que estava a ver começava a assentar. A Jane também. “Achas que a espécie humana é insana?”, perguntei-lhe. Estávamos a ver homens adultos a discutir o fim da espécie — com meios dados aos políticos pela ciência. “Gostava de ouvir o teu rapaz comentar isto”, disse eu à minha mulher.)

Ora bem: outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Tenho alguns comentários sobre a saúde do Ruburt.

Os processos de cura aceleraram consideravelmente, de modo que a cicatrização das úlceras muito em breve (*sublinhado*) será um facto consumado. Estão todas a sarar rapidamente.

O corpo não terá de gastar muito mais energia a sarar feridas, libertando ainda mais energia para se dedicar às próprias articulações e músculos, e aos ligamentos. E à medida que o progresso melhora, velhos hábitos corporais também são interrompidos e já não servem o seu propósito.

(Pausa.) Diz ao Ruburt que o seu ânimo pode de facto elevar-se facilmente. Que as suas emoções naturais estão a começar a sentir a sua nova liberdade — por isso só tem de acompanhar, e não temer quaisquer períodos de melancolia. Estes desaparecerão gradualmente quase por completo à medida que as melhorias continuarem.

(Pausa.) O vosso mundo não se vai destruir. Em termos de probabilidades o mundo está ao mesmo tempo salvo e perdido. Aqueles que acreditam na paz encontrá-la-ão, e encontrarão um mundo em que a paz reina.

Posso ou não regressar, mas novamente, sabeis que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(Disse à Jane que fiquei certamente contente por ela ter feito a sessão, pois continha excelentes notícias. Fiquei quase eufórico, e senti de novo aquela onda de esperança e expectativa que aprendi ser tão valiosa. Os sinais de cura na úlcera do lado de fora do joelho direito estão muito pronunciados, comparados com o tamanho da ferida ali quando rebentou depois de ela partir a perna. Disse à Jane que a pequena sessão tinha sido a melhor até agora — que, se valesse de alguma coisa, a punha na parede. Mas ela não a conseguiu ler.

(Os comentários do Seth sobre guerra e probabilidades significam, evidentemente, que na sua visão a Jane e eu passámos para uma realidade provável onde a guerra nuclear não acontecerá. Pelo menos assim espero.

(Mais uma vez virei a Jane para o lado esquerdo. O movimento ainda lhe incomodava o joelho direito, perto da fratura, mas já não tanto como antes. Seguiu-se a nossa rotina de massagem com Oil of Olay, sesta, depois jantar. Enquanto a Jane comia sobremesa vimos a nave espacial aterrar na Califórnia — ainda uma visão emocionante mesmo depois de tantas terem acontecido. Depois do cigarro após a sobremesa, li a oração com a Jane, e saí para casa às 19h05. Dorme bem, querida.)

SESSÃO APAGADA

10 DE DEZEMBRO DE 1983

(Não houve sessão na sexta-feira, 9 de dezembro. O dia foi ocupado mas rotineiro, em que fizemos as nossas coisas habituais. Quando a Jane leu a sessão do dia anterior saiu-se bastante bem — muito melhor do que tinha feito no dia anterior.

(O técnico da calefação veio bater no aparelho para nos dar algum calor. Trabalhei no correio. A Jane comeu bem; o cateter está a funcionar bem e a irrigar como deve ser.

(Duas ocorrências dignas de nota: a Peggy Gallagher visitou pela primeira vez em vários dias. Notou imediatamente, e disse, que a Jane estava com muito melhor aspeto, a mover-se melhor e a ganhar peso. A outra é que às 16h27 a Jane chamou a minha atenção para um novo movimento dela: estendeu a mão direita através da barriga e para baixo até à cama no lado esquerdo, para apanhar uma migalha de tabaco ou de côdea de pão. Não conseguiu apanhar realmente a migalha com os dedos, mas fez o movimento preparatório para o fazer — mais uma estreia para

ela. Mais uma vez, deixei o botão de chamada preparado para ela antes de sair às 19h05.

(Hoje, 10 de dezembro, o dia esteve mais quente — 35 graus — mas chuvoso e algo sombrio. A Jane estava bem. Disse-me que tinha de contrariar as sugestões negativas que lhe foram feitas no hidro esta manhã pela Lottie e pela Georgia, relativas a novas escaras que estariam a surgir ao lado das antigas — em outras palavras, que teria sempre escaras. A Jane disse-lhes de forma muito firme que não teria, e que não queria tais sugestões. A Georgia concordou, embora não saiba até que ponto poderá ter ficado surpreendida com a reação da Jane no momento.

(A Jane almoçou bem e fumou um cigarro. Correio.

(Começou a reler a sessão de anteontem. Saiu-se razoavelmente bem após um início um pouco lento.

(Para o que vale: a Jane disse-me que a Teresa [“ajudem-me, ajudem-me, ajudem-me”] está muito melhor agora porque alguém percebeu que lhe estavam a dar demasiada medicação. Isso tinha-a piorado. Eu não a tinha ouvido nem hoje nem ontem, e pensei que a tivessem mudado de quarto. A Christine ainda está ao lado, a fazer barulho, chamando alto por vezes pela Georgie.

(A Jane terminou a leitura da sessão. A Georgia entrou para se despedir por hoje.

(Trabalhei no correio e sugeri à Jane que tivesse uma sessão antes de começar o desfile para o 330, para lhe verificar os sinais vitais.)

Bem: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

A propósito da menção do Ruburt às sugestões negativas dadas esta manhã — lembrem-se, como já disse antes, que os médicos e enfermeiros são também vítimas desses hábitos e comportamentos.

São menos saudáveis do que o resto da população. As escolas de medicina propagam tais ideias, infelizmente. O grande complexo que lida com o desenvolvimento dos novos medicamentos e assim por diante forma a sua própria organização, de modo que a concentração é sempre em mais medicamentos, e o conceito de qualquer saúde natural perde-se no processo.

É uma excelente ideia o Ruburt mencionar-te tais instâncias de sugestões negativas, como fez hoje. Isso torna mais fácil triunfar sobre tais

conceitos. Ele portou-se bem ao contrariá-las hoje — e cada uma dessas vitórias liberta-o ainda mais dessas tretas. (Muito enfaticamente.)

O mesmo se aplica a ti, em menor grau. Ao fazê-lo, ambos fortalecem a força um do outro.

Posso ou não regressar, novamente de acordo com aqueles ritmos de que falo — mas sabeis que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(“Não sabia que já era tão tarde”, disse a Jane.

(Perguntei-lhe se tinha encoberto outros casos de sugestões negativas como as que lhe tinham feito hoje, mas ela disse que não achava. Acrescentou que já não eram frequentes há algum tempo. “É fácil para mim dizer”, disse eu, “mas tens de te impor quando isso acontece nessas alturas. É a tua vida, a tua saúde, e isso é muito mais importante do que o que eles pensam—

(Fomos interrompidos pela Sharon Hawley quando entrou no 330 para medir a temperatura da Jane — 97 — e a tensão arterial e o pulso. Na nossa conversa depois, a Jane disse que agora responde a sugestões negativas muito mais depressa e energicamente do que antes.

(Depois de a Lorrie lhe pôr gotas nos olhos às 16h01, a Jane fez alguns movimentos bastante leves com o pé esquerdo e com a cabeça e os ombros. O tempo passou rapidamente. Ajustei-lhe a prótese inferior, usei o Rescue Remedy Cream na mão direita, fiz um pouco de correio e trabalhei na lista de compras.

(A Jane comeu bem depois de eu a ter virado, massajado com Oil of Olay, feito uma sesta e preparado a bandeja do jantar. Li a oração com ela às 18h50 e saí às 19h05 para ir às compras no Acme, no lado sul. Estava a jantar às 20h50. (No mercado, comprei à Jane uma planta de poinsétia para a época festiva.)

SESSÃO APAGADA

11 DE DEZEMBRO DE 1983

(Quando cheguei ao 330 às 13h05 de hoje, descobri que a Jane estava livre de mais duas zonas patológicas nas úlceras – tinham desaparecido do interior do joelho direito e do ombro direito. Além disso, a úlcera do exterior do joelho direito tinha encolhido tanto que já não necessitava de irrigação a cada turno diário do pessoal. Tal é o notável progresso de cura dela, como o Seth tem referido. Noutras palavras, podemos assinalar mais três melhorias.

(Levei comigo lenços de papel, rebuçados, pipocas e a planta de poinsettia que comprei para a Jane ontem à noite no Acme. Virei-a de costas depois de ter fumado um cigarro. O quarto não estava demasiado quente.

(A Jane comeu bem ao almoço. O pessoal do dia decidiu que eu provavelmente compraria um tronco de gelado para a festa de Natal deles, onde seriam servidas muitas guloseimas; eu também poderia levar algumas para casa. Houve muitas brincadeiras. “Que o turno da noite se arranje sozinho”, disse a Jan. A Georgia tinha entrançado o cabelo da Jane de manhã, de ambos os lados, já que a minha mulher não foi ao hidro.

(A Jane terminou o almoço. Expliquei-lhe as duas cartas que encontrei no correio ontem à noite da Blue Cross. Uma era um erro de faturação de benefícios que já tinham expirado na nossa cobertura normal. A outra pedia mais tempo para que fosse tomada uma decisão sobre o pagamento dos benefícios de medicina major. Já recebemos ambos os tipos de comunicação antes. Na verdade, encaixam na referência do Seth a “trapalhadas e burocracia” na sessão de 3 de dezembro, há oito dias. Disse-lhe que amanhã mostraria estas últimas cartas ao Andrew Fife, do setor de faturação.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem enquanto eu tratava do correio. Saiu-se razoavelmente bem. A Christine, da porta ao lado, continua a queixar-se. A Teresa está ou calada ou ausente. A Jane terminou a sessão às 15h02, depois de se ter saído bem.

(Sugeri-lhe que fizesse uma sessão, se fosse fazê-la, antes que as pessoas comessem a vir verificar os sinais vitais. Ela tinha feito apenas alguns movimentos hesitantes. Quinze minutos depois, o Seth surgiu com uma boa voz, embora controlada.)

Bem: desejo-lhes outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Mais uma vez, recibes provas adicionais da recuperação de Ruburt, e da capacidade do corpo de se curar a si mesmo se apenas lhe for dada a oportunidade.

À medida que isto acontece, também os padrões habituais negativos de pensamento estão a ser curados. O corpo entusiasma-se ao curar-se. E em breve o próprio estado mental de Ruburt irá melhorar substancialmente, de modo que os bons estados de espírito se tornarão o modo natural e aceite de funcionamento.

(O Seth fez esta observação porque antes da sessão a Jane tinha comentado que ainda pode ficar “bastante em baixo às vezes.”)

O interior e o exterior estão tão relacionados que quando um muda o outro também muda. O caso do seguro é exatamente como te disse. Posso ou não regressar, consoante os ritmos de que falo.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Tenho reparado ultimamente que ele não se mexe tanto como antes. Isto deve-se ao facto de estar focado noutras coisas agora, ou—”)
A energia do corpo tem estado em grande parte dedicada à cura das escaras e à atividade interior — o afrouxamento de músculos, articulações e ligamentos. A cura das escaras, claro, tornará o movimento muito mais fácil. Sabe que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(A Jane bebeu um ginger ale. Como de costume, pensei que a sessão tinha terminado por hoje. Não tivemos interrupções.

(A Jane mal começara alguns pequenos movimentos quando o pessoal — Cathy e Lorrie — entrou para lhe medir a temperatura — 36,4 °C — pressão arterial, pulso, etc. Depois fumou um cigarro e recomeçou alguns exercícios, movendo a cabeça e os ombros para os lados e para cima e para baixo, em ritmo com o pé esquerdo que mexia suavemente. Fez alguns sons; a respiração acelerou.

(Então, inesperadamente, três minutos depois, disse que o Seth queria voltar.)

Uma nota adicional.

Ruburt deve agora lembrar-se de que tem, de facto, uma natureza robusta — que não é frágil, e que a sua pele não é delicada e sensível, mas

saudável. Isto ajudá-lo-á a contrariar algumas das sugestões negativas não ditas — de que, por causa do seu pequeno tamanho, é frágil —

(A Jane começou de repente a tossir. Pediu um lenço de papel. Pensei que o material da sessão a pudesse ter incomodado, já que parecia, por ele, que as sugestões negativas dadas ontem pela Georgia ainda lhe estavam na mente. Mas ela disse que não, que parecia haver “cola” no novo inserto Sea Bond que eu tinha colocado nos dentes inferiores durante a pausa, para que pudesse jantar com conforto. Disse que conseguia senti-la. Em retrospectiva, lembrei-me de que, quando apliquei o material, pareceu aderir mais rapidamente do que o normal — portanto devia conter mais adesivo que o habitual. Saiu do mesmo pacote dos outros usados recentemente.

(Quando perguntei, a Jane disse que, em várias ocasiões, tinha ouvido de pessoas do pessoal que achavam que a pele dela era frágil e se romperia facilmente — “que um bom vento me levaria, coisas assim...”

(“Bem, devia estar na tua mente”, disse eu.

(“Não tenho pensado nisso, no entanto”, retorquiu, “mas quando ele mencionou percebi ao que se referia...”

(E quase de imediato a Jane começou alguns movimentos ligeiros. Mais uma vez, achei a sessão excelente, outro exemplo positivo do seu progresso e aprendizagem. Gostei especialmente da parte que dizia que a cura interior e a exterior decorriam em conjunto — muito importante e encorajador. Não contava que o Seth se referisse à questão do seguro, no entanto.

(Mais uma vez, a Jane juntou bem depois da massagem, e eu tinha dormitado. Li-lhe a oração às 19h05, e saí poucos minutos depois, quando a Cathy e a Sharon vieram tratá-la. O Steve e a Tracy tinham telefonado durante o jantar, e a Jane disse que os veria. Eu não esperava. As duas funcionárias queriam claramente despachar a Jane antes de chegar companhia.)

SESSÃO APAGADA

12 DE DEZEMBRO DE 1983

(Cheguei às 13h05. Chovia muito, mas estava quente — cerca de 2 °C — e molhei os pés porque tinha deixado as galochas no 330. Sequei os sapatos no aquecedor, que agora funciona bem. A Jane estava pronta a ser virada de imediato: sentia-se desconfortável com uma almofada dobrada colocada debaixo do pé direito, que o elevava demasiado e forçava o joelho direito enquanto estava de lado. A Mary Ann tinha-a colocado lá, com uma estudante; tinham tratado da Jane de manhã. A Jane disse que o ato foi feito antes de ela se aperceber, e já tinham ido embora.

(Pedi-lhe para tentar estar atenta a tais situações e apanhá-las antes de acontecerem, mas ela disse que isso era muitas vezes impossível. Depois perguntei-me se deveria ter feito o meu pequeno discurso, já que sublinhava coisas negativas.

(A Jane comeu muito bem. Uma hora depois telefonei ao Andrew Fife, do setor de faturação; estava fora por 15 minutos, disse uma rapariga, e ligaria de volta. Comecei as minhas notas diárias. Quando o Andrew telefonou, fui ter com ele, mostrando-lhe as duas últimas comunicações da Blue Cross, com os novos números de reclamação da conta da Jane; ele copiou-as, e reiterou que a companhia estava a adiar: “Ajuda o fluxo de caixa deles, mas não faz nada pelo nosso.” Estão envolvidos muitos milhões de dólares, sobre os quais a Blue Cross pode cobrar juros adicionais adiando os pagamentos aos clientes, disse.

(Havia um quadro mensal em cima da secretária do Andrew, e eu li-o de cabeça para baixo. O nome da Jane estava na primeira página. Devem-nos cerca de 50 000 dólares da seguradora agora, pela reclamação de medicina major, mas segundo o quadro, deveremos apenas 3 501,54 desse montante. O Andrew não discutiu isso comigo. Tentou telefonar para Syracuse, mas a linha estava ocupada. Ele falará com eles e dir-me-á o que descobrir. A busca continua. Disse à Jane que estava a ter em mente a informação do Seth sobre trapalhadas burocráticas; parece que tem razão.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, e teve algumas dificuldades no início. Ajudei-a algumas vezes, e acabou por ler com bastante estilo.

(Tratei do correio. A Jane fez alguns movimentos ligeiros com a cabeça, ombros e pé esquerdo. As úlceras continuam a evoluir bem. Arranjei os dentes inferiores dela com um inserto novo, mas não pareceu ajudar.

(Massajei alguns pontos na testa dela, mas só obtive uma resposta ligeira de um no pescoço.

(A Sharon Poley mediu a temperatura da Jane — 36,7 °C — pressão arterial e pulso. A Jane disse que queria fazer uma sessão antes que fosse mais tarde. (A voz de Seth estava boa, os olhos geralmente fechados ou quase.)

Ora bem: desejo-lhes outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Cada pessoa tem uma forma única, natural, inata de lidar com o universo, e de se relacionar com a realidade interior e exterior.

Quando esta troca natural continua, o indivíduo está feliz, saudável e sente-se uno com o próprio universo. As crianças possuem esta facilidade natural desde muito cedo. *(Pausa.)* A sabedoria convencional tenta, no entanto, padronizar esse comportamento, numa tentativa de formar uma visão geral coesa da realidade. As pessoas são, por isso, ensinadas a abdicar da sua própria visão privada do universo e a substituí-la por uma imagem pré-embalada, bastante insípida, de modo a que todos concordem mais ou menos com esta versão padrão.

As pessoas devem, claro, poder partilhar as suas visões da realidade com os seus semelhantes — mas, na vossa sociedade, ensinam-vos a substituir uma versão estilizada pela visão da realidade altamente individual e única que é a vossa própria.

Como resultado, muitas pessoas sentem-se mal consigo mesmas, ou desligadas de algum paraíso vagamente recordado da infância precoce.

(Longa pausa.) Desenvolve-se uma tensão na personalidade à medida que esta tenta ser fiel à sua própria visão privada da realidade, mesmo enquanto procura conformar-se obedientemente à visão publicamente aceite.

Daí resultam muitas vezes insatisfações e doenças, já que a personalidade tenta avançar em duas direções ao mesmo tempo e agradar tanto às partes privadas como às públicas da sua experiência. Em muitos casos as pessoas esquecem-se *(longa pausa)* do seu método nativo e natural de ver a si mesmas e ao mundo, e voltam-se para a versão estilizada — e ao fazê-lo perdem de vista partes vitais da sua própria identidade.

Façam uma pequena pausa, e eu regressarei.

(“Está bem.”)

(“Ele está a dizer algo novo aqui?” perguntei à Jane mal saiu do transe.

(“Não sei.” Dei-lhe um resto de ginger ale onde o gelo já se tinha derretido.

(“O que quero dizer,” disse eu, “é que acho que ele está a dizer algo novo sobre ti. Posso estar a precipitar-me — mas está a dar-me uma imagem ligeiramente diferente de ti.”

(“Não sei,” disse a Jane. “Dá-me um cigarro. Talvez seja um desdobramento de algo que disse à Debbie na outra noite. Ah — deixa-me oito dólares, queres? Peço à Debbie para comprar alguma coisinha. Nem sei se vem cá esta noite—”

(Não perguntei à minha mulher para quem eram os oito dólares. “Podes começar um novo livro do Seth quando quiseres.”

(A Jane quase riu. “Estava a pensar nisso. Isto quase soa a isso.”

(Estava a pensar que o Seth estava prestes a dizer que parte do problema da própria Jane era a sua luta consciente para seguir o seu próprio caminho com as suas capacidades invulgares, apesar do seu condicionamento precoce — religioso e não só.)

(Retoma antes que eu tivesse oportunidade de discutir isso com ela.)

Isto leva muitas pessoas a sentirem-se como se fossem viajantes em terra estranha — mas em vez de receberem cartas íntimas de casa, recebem apenas postais estilizados, que em nada se assemelham à casa que vagamente recordam.

As mensagens são tão gerais que poderiam referir-se a qualquer número de pessoas. Esses postais trazem, geralmente, as versões estilizadas (*longa pausa*) da realidade que são enviadas por várias religiões ou organizações. Cada pessoa nasce, no entanto, com a sua — deixe-me corrigir — cada pessoa nasce aí com uma religião privada e natural, que brota das fontes da psique individual e que fornece um método fácil e feito à medida de lidar com a realidade interior e exterior. É importante, portanto, que tais pessoas redescubram a sua herança natural e se ponham de novo em contacto com esta “religião” interior e natural.

Fim da sessão.

(“Obrigado.”)

(“Em que é que andas a pensar?” perguntei à Jane.

(“Não sei,” riu-se ela. “Estou a tentar não pensar nisso. Dei por mim a pensar em algo assim esta manhã.”

(A bandeja do jantar chegou. Estava na hora de a virar para o lado esquerdo. “Agora o meu pé está a mexer-se, e outras coisas,” disse a Jane, mal mencionei virá-la. Fiquei muito satisfeito por vê-la “a expandir-se”, por assim dizer, com o material da sessão, ainda que este continuasse, na maior parte, a aplicar-se a ela.

(Quando lhe li a minha nota na pausa, sobre a reação dela a um passado religioso convencional, ela concordou sem reservas. Suponho que afinal isto não seja informação nova, pensei, e no entanto senti que era. Talvez, antes, tenhamos atribuído demasiado os sintomas da Jane à sua vontade de se restringir para se obrigar a trabalhar, porque temia que, se fosse deixada sozinha, não o faria. Mas o verdadeiro conflito poderá ser que o seu condicionamento religioso precoce lhe proibia, sobretudo, de trabalhar com as suas capacidades naturais até ao grau que lhe era próprio. A sua desconfiança de si mesma era a camada consciente sobre atividades culturalmente proibidas.

(Acho então que há aqui algo em que o Seth poderá comentar. Não seria por acaso que esta sessão surgiu quando surgiu — à medida que a Jane começa a curar-se fisicamente, também o faz psiquicamente, como o Seth comentou que aconteceria na sessão de ontem.

(É mais um avanço. Jane.)

SESSÃO APAGADA

13 DE DEZEMBRO DE 1983

(Ainda chovia quando cheguei ao 330 esta tarde; tinha chovido toda a noite e manhã. Temperatura cerca de 2 °C. A Jane estava em boa forma e almoçou bem. Disse-lhe que tinha uma pergunta para ela, e ela disse que tinha uma para o Seth.

(Depois de In Search Of terminar na TV às 14h30, a Jane leu o rascunho da minha nota para a sessão 896 de Dreams, em que eu queria saber se ela alguma vez se tinha feito adoecer [como eu] quando criança, para evitar algo de que queria fugir. Ela disse que sim, e deu-me a informação de que precisava para completar a nota amanhã de manhã.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem — não muito bem ao início, mas melhor à medida que avançava.

(Uma rapariga do gabinete do Andrew Fife telefonou a dizer que o Andrew tinha falado com um dos supervisores da Blue Cross em Syracuse sobre a nossa reclamação de medicina major. O homem disse que puxaria

o nosso processo, o reveria todo e ligaria de volta ao Andrew amanhã. A informação seria-nos transmitida, presumivelmente no 330. Logo veremos.

(A Jane terminou a leitura da sessão. A Debbie tinha estado com ela na noite anterior, e recebeu o dinheiro que eu lhe tinha deixado. Há um embrulho em papel pardo no armário do 330, que não devo tocar.

(Pensei ter ouvido a Teresa [ajuda-me, ajuda-me], como se viesse de trás de portas fechadas. A Jane disse que a Teresa “estava mesmo a ir-se embora ontem à noite.”

(A Jane tirou os óculos para limpar os olhos — depois voltou a pô-los sozinha. Não facilmente, mas conseguiu — outro feito, creio. Usando sobretudo a mão esquerda.

(Depois disse que, de vez em quando durante algumas horas na noite passada, ficou muito em baixo — horrível, disse — a chorar e a chamar por mim. Foi antes da meia-noite. Depois ficou bem e dormiu bem. Na verdade não elaborou muito o episódio. Achei que o ataque poderia enquadrar-se no material recente do Seth de que os períodos de abatimento se dissipariam gradualmente.

(A Jane fez alguns movimentos suaves com a cabeça, ombros e pé esquerdo — no mesmo nível que tem feito nos últimos dias. Poucos minutos depois disse: “Sempre que começo a preparar-me para uma sessão, as pernas começam a mexer-se — mas não me devo queixar disso, pois não? Acho que vou tentar começar.”)

Ora bem: desejo-lhes outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Há comentários relativos ao estado de Ruburt. Tinhas toda a razão no teu material *(no fim da última sessão)* acerca do condicionamento religioso de Ruburt, em ligação com os seus problemas físicos.

Queria também comentar o seu período de abatimento, já que certamente foi perturbador para ele. Foi, à sua maneira, terapêutico: ele libertava velhas tensões acumuladas, e exigiam esse tipo de descarga bastante explosiva. Havia também outras pessoas num estado deprimido no seu andar. Ele deixou-se influenciar parcialmente pelos humores delas, e depois usou isso para libertar velhas tensões — tensões que, dantes, como vês, se tinham alojado em músculos e ossos.

(Longa pausa.) Essa libertação abrirá caminho para mais progressos. Façam a vossa pausa.

(“Obrigado.”)

(Não tivemos interrupções. Li a sessão à Jane. “Esta sessão pode ser bastante significativa”, disse eu. Fiquei também intrigado. Perguntei à Jane se a utilização da palavra “explosiva” pelo Seth era apropriada, e ela disse que sim. Isto fez-me perceber que o episódio tinha sido muito mais forte e duradouro do que eu pensara.

(A Debbie saíra às 21h00. Pouco depois a Cathy e outra rapariga entraram e viraram a Jane de lado. O período de abatimento começou depois disso. A Jane disse que chorou mesmo em voz alta — chamando pelo meu nome para a ajudar a recuperar, e assim por diante. Isto prolongou-se por algum tempo. A Cathy entrou uma vez e perguntou-lhe qual era o problema. “Preciso de dar a mim mesma um pontapé no rabo”, respondeu a Jane, e pediu à Cathy que a voltasse a pôr de costas. O choro continuou depois disso também, mas, antes da meia-noite, disse a Jane, o período de abatimento tinha passado. Dormiu bem a seguir: “Sim, acordei esta manhã e o meu estado de espírito estava bem — senti-me bem espontaneamente. Decidi que era melhor começar a registar as vezes em que me sinto bem espontaneamente...”

(Pareceu ser tudo, pelo menos por agora. A Jane começou alguns pequenos exercícios.

(A LuAnn entrou para aplicar gotas nos olhos da Jane. “Bem, livrámo-nos de um grande problema,” disse. “Mudaram a Teresa para o centro psiquiátrico. Ela precisa de cuidados individuais, e aqui não os podemos dar. Manteve toda a gente do andar acordada ontem à noite. O médico dela tentou uma medicação, depois retirou-a para experimentar outra, e também não resultou....”

(A Jane fez alguns exercícios.

(Um jovem enfermeiro ou auxiliar entrou para medir a temperatura e o pulso da Jane. Cumprimentei-o com voz meio surpreendida. A Jane riuse depois de ele sair. “Esse miúdo ficou tão chocado por me ver nua que, quando me tirou o pulso, eu conseguia sentir o pulso dele a bater tum-tum-tum....”

(A Lynne entrou para medir a tensão arterial da Jane. A Jane disse que tinha sido ela quem lhe dissera, quando foi pela primeira vez colocada no 330, que quando fosse transferida outras pessoas não teriam tempo para lhe dar um cigarro, etc.)

(A Fran entrou para recolher o pagamento da televisão da semana. Falámos dos velhos tempos em Nova Iorque e aqui — Sam's, etc. Massajei a testa da Jane em alguns pontos — boa reação.

(“Achei que o Seth ia voltar”, disse a Jane, “mas está a ficar tarde.” Eu disse-lhe que estava pronto a qualquer momento. Retomar a sessão às 16h45.)

Ora bem: amanhã continuarei com o novo material que vos tenho dado, e desenvolverei vários pontos que até agora apenas mencionei. Como de costume, o próprio formato da sessão constitui uma estrutura para a aceleração do processo de cura — e também enriquece a vossa própria vida.

Posso ou não regressar, consoante aqueles ritmos de que já falei, mas saibam que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(Estava praticamente escuro lá fora. Eu via que continuava a chover, como acontecera toda a tarde. A chuva inclinava-se diante do candeeiro da rua ali perto.

(Disse à Jane que era muito interessante a forma como o Seth tinha dito que ela se alimentara dos sentimentos dos outros no seu andar na noite passada. Então não se tratava apenas de telepatia. Perguntei-me quantas vezes a mesma coisa aconteceria nos hospitais. Deve acontecer o tempo todo — e noutros lugares onde as pessoas se juntam, por outras razões também. Seria certamente um uso prático dessas capacidades psíquicas, pensei.

(E Jane, agora digo-te que, tal como tiveste uma crise de choro ontem à noite, também eu tive em várias ocasiões desde que entraste no hospital em abril passado. Lembro-me de uma vez em que acordei na cama, depois da meia-noite, e rebentei em lágrimas ao pensar em ti. A crise deve ter durado pelo menos meia hora; prolongou-se e prolongou-se. Outras vezes começava a chorar de repente ao tomar o pequeno-almoço, ou ao ouvir uma canção familiar na televisão, ou sentado à máquina de escrever a trabalhar em Sonhos.

(Sempre soube que esses episódios eram terapêuticos. Começaram a abrandar depois de retomares as sessões no início de outubro, e agora já não tive mais nenhum — não de choro aberto — há várias semanas. Mas durante muito tempo — meses — vivi com as lágrimas logo à superfície, por assim dizer, enquanto me perguntava o que nos ia acontecer, porque

estavas tão doente, o que tínhamos feito de errado todos aqueles anos, e assim por diante. Aprendi a viver com esses sentimentos, mas era um tipo de vida diferente de qualquer outro que eu já tivesse conhecido. Durante bastante tempo resignei-me a eles.

(“Deshipnotizei” a Jane como de costume com Oil of Olay antes de tirar a minha sesta. Ela jantou bem, e saí às 19h05 depois de lhe ler a oração. A porta do edifício das artes médicas estava trancada, por isso não pude usá-la como abrigo a caminho do carro, que estava estacionado mais longe do que o habitual. Tive de dar a volta debaixo da chuva intensa e fiquei bastante molhado antes de chegar lá. Troquei de roupa quando cheguei a casa, antes de cozinhar o jantar. São 22h00 enquanto escrevo esta última linha.)

SESSÃO APAGADA

14 DE DEZEMBRO DE 1983

(Cheguei ao 330 pouco depois das 13h00. Para variar não chovia. A Jane estava bem e tinha dormido bem na noite anterior. Quando a virei, disse que de manhã, no hidro, tinha sentido mais movimentos na perna direita — tinha-se aberto mais — e também nos músculos da parte superior das costas e no pescoço.

(Almoçou bem. Felizmente recebemos o que tínhamos encomendado ontem, embora a dieta tivesse perdido os nossos menus, disse-nos a Sra. Misnick, desse departamento.

(Depois de um cigarro e de ver In Search Of, a Jane começou a ler a sessão de ontem. Lenta no início, mas melhor à medida que avançava, com pausas. O Seth tinha falado da sua tristeza e do choro da noite passada.

Quando a Jane chegou ao fim da sessão e leu as minhas próprias notas sobre as minhas crises de choro, começou a chorar enquanto lia em voz alta — mas continuou, e terminou com bom estilo. Senti lágrimas, a ouvi-la.

(“Ia contar-te sobre elas algum dia”, disse eu, referindo-me aos meus próprios períodos de abatimento, “mas ainda não o tinha feito porque não queria que te sentisses mal. Simplesmente saiu na sessão de ontem, espontaneamente — não planeei que fosse assim.”

(“Mais vale dares-me um lenço de papel”, disse ela, e assoou-se depois de terminar a sessão. O Tom and Jerry acabava na TV.

(Massajei vários pontos no pescoço e cabeça da Jane — obtive bons resultados em movimentos.

(A Jane disse que estava a sentir “o impulso de me sentar outra vez, na espinha.” Exercícios e respiração forte — cabeça e ombros, pé esquerdo e pé direito.

(Ambos os pés a mexerem-se bem. A Jane também conseguiu virar a cabeça para a direita, sobre a coluna do pescoço, para olhar um pouco para mim, de uma forma que normalmente não consegue fazer. “Sinto-me como se estivesse numa sela”, disse ela. Dei-lhe um ginger ale.

(Massajei-lhe de novo a testa direita. Mais movimentos de cabeça. Depois outra vez. “O interior dos meus olhos faz coisas — não sei o quê, quando os faço.”

(Cathy. Ginger ale. Temperatura, 36,8.

(Sharon H. Tensão arterial, pulso. A Sharon disse-me que de facto ouvi a Teresa (“ajuda-me, ajuda-me”) ontem à noite quando estava a sair do hospital pela urgência.

(A Teresa tinha sido devolvida do centro psiquiátrico por causa de “um engano nos papéis, ou algo assim.”

(A Lorrie entrou para dar gotas nos olhos à Jane. Os movimentos que a Jane tem feito hoje têm sido mais ou menos a média para ela agora já há algum tempo. Não tratei do correio. Agora que todos os sinais vitais estavam tratados, a Jane disse que queria ter uma sessão. Certifiquei-me de que a porta do quarto estava fechada.)

Agora: desejo-vos outra boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Muitas vezes os pais minam a confiança dos filhos repetindo sem parar negativas. Como, “Não faças isto”, ou “Não faças aquilo.”

(Longa pausa.) Acabam por realmente ameaçar os filhos, embora geralmente não percebiam, claro, o que estão a fazer. Uma mãe pode dizer: “Não corras, ou vais cair”, ou “Não fales tanto, ou as pessoas não vão gostar de ti.” Seja como for, muitas vezes as crianças crescem com a ideia de que o comportamento adequado consiste principalmente em evitar o perigo. A ênfase não é no prazer, mas na evitação da dor. As crianças são ensinadas a reprimir as suas emoções em vez de as expressar.

É importante que os adultos (pausa) revelem tais casos da sua própria infância. Como adultos, podem formar uma espécie de pai compreensivo na sua própria mente, até aprenderem a ser solidários com o seu próprio

comportamento, e até perceberem que a própria vida é uma expressão — não uma repressão.

Tais padrões negativos na infância fazem com que os adultos tenham medo da liberdade — porque a liberdade parece implicar uma ameaça à vida e à saúde. Há também pessoas, claro, que nunca caem em tais ciclos infelizes, mas que permanecem exuberantemente livres e saudáveis. Ainda assim, saúde para a maioria das pessoas significa a ausência de doença, em vez de um estado de vitalidade exuberante, desafio e realização.

A exuberância parece ser uma qualidade pertencente apenas à infância ou à juventude precoce — mas, em vez disso, a exuberância é o sinal de uma vitalidade saudável. O sinal da natureza sem entraves, e é a herança de todas as criaturas vivas. É à sua exuberância vagamente recordada que muitos adultos olham com sentido de perda e nostalgia.

(A Jane acabara de terminar a frase quando bateram à porta. A Sra. Misnick, do setor da dieta, entrou. “Tem o menu de hoje?”

(“Enviei-o com a bandeja depois do almoço”, disse eu. Só mais tarde me ocorreu perguntar-me se ela queria realmente dizer os menus de hoje, que a dieta tinha perdido, ou o que preenchi hoje para as refeições de amanhã. Ficou apenas um momento. “Está bem”, disse eu à Jane.)

Os pais podem tornar-se particularmente conscientes dessa alegria perdida ao observarem os próprios filhos nas suas brincadeiras naturais. As brincadeiras das crianças são extremamente importantes para o seu desenvolvimento — e, quando brincam, as crianças utilizam aqueles poderes requintados de imaginação, confiança e expectativa que constituem a nascente do crescimento e da realização. *(Pausa.)* Pessoas exuberantes são saudáveis. Apreciam a riqueza e a variedade da vida. Muitas crianças, no entanto, são infelizmente ensinadas pelos pais a desconfiar da exuberância e do entusiasmo. E são instruídas, em vez disso, a serem quietas, bem-comportadas e obedientes.

Os animais podem ser obedientes aos seus donos e, ao mesmo tempo, saudáveis e exuberantes, mas nos termos da natureza, não importa o que os costumes sociais digam, nenhuma pessoa pode ser obediente a um mestre e ser saudável e exuberante ao mesmo tempo.

As pessoas anseiam naturalmente pela liberdade, assim como as plantas anseiam pelo sol. Sem uma dose saudável de liberdade e exuberância, a própria vida parece perder o seu significado.

(*Longa pausa.*) Comentários para Ruburt: o movimento adicional de hoje mostra ainda mais os seus progressos, à medida que corpo e mente lançam fora as velhas correntes da repressão.

Posso ou não regressar. Mas saibam que estou presente e acessível.

(*“Obrigado.”*)

(*A Jane tinha-se saído bem, disse-lhe eu. Ela bebeu um pouco de ginger ale. “Não sei se devo dizer-te isto ou não”, disse, “mas nos últimos dias tenho tido a suspeita de que ele começou outro livro. Talvez não quisesse contar-me para eu não me chatear com isso. Mas quando ele diz ‘comentários’ penso que está a separar o material de livro das coisas sobre mim....”*)

(A Jane disse que iria rever as últimas sessões e mostrar-me onde acha que o livro começou, mas eu disse que provavelmente era bastante óbvio. A ideia de um novo livro do Seth não me incomodava. “Por mim está bem”, disse. Achei que era na verdade um avanço significativo, pois mostrava que ela tinha chegado a um ponto do seu progresso em que sentia que podia dedicar algum tempo a trabalho criativo que não era apenas para si.

(Saí às 19h05, depois da nossa rotina habitual de Rescue Remedy Cream — que tínhamos esquecido ontem, pela primeira vez — massagem com Oil of Olay, uma sesta, o jantar e a oração.

(E o telefone do 330 não tocou. E não tive notícias da faturação, nem do Andrew Fife, sobre mensagens recebidas de Syracuse. Consegui manter a mente afastada de toda a situação por períodos consideráveis, embora ocasionalmente o assunto regresse e eu me apanhe a pensar nisso. Mas esses períodos parecem desaparecer, para minha agradável surpresa.)

SESSÃO APAGADA

15 DE DEZEMBRO DE 1983

(Esta manhã, por volta das 11h15, recebi uma chamada de uma rapariga do departamento de faturação do hospital. Disse-me que a Blue Cross tinha rejeitado a reclamação de medicina major para a Jane, para surpresa deles. Eu fiquei surpreendido e não surpreendido, mais não do que sim, suponho. A rapariga parecia embaraçada por me dar a notícia. Eu disse que veria o Andrew Fife depois das 14h30 desta tarde. Ela disse algo sobre a Jane e “cuidados de enfermagem especializados”, mas não percebi bem, e deixei passar. Logo pensei num recurso através do Pete Harpending, claro, e numa possível ação judicial.

(Ontem encontrei no correio uma carta do Steve Blumenthal a pedir cópias de praticamente todos os registos que temos, e assim por diante — não vale a pena entrar nisso aqui. Pensei durante a noite sobre o negócio das cassetes, e esta manhã decidi que não valia a pena avançar com ele, pelo menos por agora. Não quero o stress adicional.

(Quando cheguei ao 330 ao meio-dia, a Jane disse-me que, de manhã, depois do hidro, se tinha virado sozinha para o lado esquerdo, pela primeira vez. A Georgia estava lá, e viu, juntamente com a Gail Greene, que estava realmente a cuidar dela de manhã.

(Tinha-me debatido comigo mesmo sobre não contar à Jane as notícias do seguro até ter oportunidade de perguntar ao Seth sobre isso enquanto ela estivesse em transe, mas depressa decidi que isso não seria justo. Conte-lhe então, pouco depois de chegar ao 330. Meio a chorar, disse que a sua boa notícia de se virar sozinha mal se comparava com a má notícia do seguro. Eu sublinhei que o facto de se virar era, de facto, uma excelente notícia, e significava que estava a caminho de coisas ainda melhores. É vitalmente importante, disse eu, e o seu contínuo progresso tem o poder de resolver os nossos outros desafios, como observei já há algum tempo numa sessão.

(A Jane sabe disso. Ao mesmo tempo, começou a ter espasmos na bexiga depois de eu lhe dar a notícia. Esta manhã o cateter dela tinha irrigado bem, embora a urina estivesse turva. Referi que, obviamente, gostaria que o Seth comentasse a questão do seguro. Esta manhã tinha relido as suas breves passagens na sessão de 3 de dezembro, em que notara que o assunto seria resolvido de forma satisfatória para nós. Agora, claro,

perguntava-me o que se passava. Questionei-me sobre uma mudança de probabilidades.

(A Jane almoçou bem, contudo. Às 14h30 limpei os nossos óculos e telefonei à faturação. O Andrew não estava, mas a rapariga disse que ele ligaria de volta. Vimos In Search Of, e eu li à Jane o pequeno artigo de jornal sobre a morte do Newell Mullin, que é o pai da Sue Watkins. Ela começou a ler a sessão de ontem quando o Andrew Fife telefonou às 15h12.

(Disse-me que uma recusa dessas era a primeira vez que via acontecer, e que não compreendia. Tentou explicar-me os cuidados da Jane, mas só percebi em parte. A seguradora disse-lhe, creio, que segundo os registos médicos, a Jane não precisava de estar hospitalizada — uma atitude estranha, e em que nenhum de nós acreditava. Sugeriu que eu visse o Pete Harpending, o nosso advogado, imediatamente, dizendo que tínhamos um bom caso. Dele obtive o nome do supervisor de reclamações da Blue Cross, bem como o de uma pessoa, Mary Krebs, chefe da Revisão de Utilização, que determina em que nível de cuidados um paciente está no hospital.

(O Andrew Fife disse que a Blue Cross não gostaria da publicidade de um processo num caso como o nosso, mas eu disse que eles deviam passar por isso o tempo todo. “Soa-me como eu”, disse ele. As minhas notícias ao regressar ao 330 não ajudaram em nada a Jane, mas achei que, considerando tudo, ela estava a lidar bem.

(Estava desconfortável, contudo, e falou em ser virada — o que é muito invulgar para ela a esta hora do dia. Decidiu voltar a ler a sessão de ontem em vez disso. Começou bem, mas começou a hesitar por vezes. Ainda assim prosseguiu pela sessão fora, com um ou outro empurrão meu.

(Disse-lhe que, pelo que sabia, a posição incompreensível da Blue Cross representava mais do comportamento burocrático descuidado de que o Seth falara a 3 de dezembro. Ainda me lembrava do meu sonho sobre os cheques lá fora, junto ao carro, e assim por diante. A Jane disse que não se lembrava de sonhos recentes sobre o assunto. Achei que tinha feito um bom trabalho a manter a mente afastada disso, eu próprio, disse-lhe.

(A Lynne mediu a tensão arterial da Jane, que estava muito boa: 12/8. Apliquei Rescue Remedy Cream nos nós dos dedos da mão direita da Jane. Às 16h01 a Dawn mediu a temperatura — 36,4 — e o pulso.

(“Oh, dá-me um cigarro e vou tentar fazer uma sessão curta”, disse a Jane. “Fiquei tão zangada que não ia fazer nenhuma.” Ela não voltou a mencionar o facto de se ter virado.

(Mesmo quando estávamos prontos para a sessão, a Sharon Hawley entrou para ver sobre as gotas para os olhos. Saiu para buscar ginger ale com gelo. Esperámos. Não voltou. Mostrou-me como a urina da Jane estava turva, quando perguntei. Depois de ela sair, e enquanto esperávamos que regressasse, massajei vários pontos no pescoço, testa e topo da cabeça da Jane, e obtive excelentes respostas na maioria. A massagem da coroa trouxe a melhor resposta — forte movimento de lado a lado, respiração pesada, uma sensação, disse a Jane, no pescoço, ombros, braços e descendo pelas costas. Ao mesmo tempo, os pés tinham-se mexido um pouco.

(“Estou farta de esperar” [pela Sharon, que de facto nunca regressou], disse a Jane, e começou a sessão.)

Orta bem: desejo-lhes outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Não deixem que considerações negativas vos fechem os olhos ao considerável progresso de Ruburt. É obviamente um excelente ponto de avanço o facto de ele ter conseguido virar-se sozinho. A mão direita também se soltou, e outras áreas do corpo estão a responder.

O resultado final do negócio do seguro será satisfatório para vós. Não vejo um processo judicial envolvido. É mais fácil para mim perceber o resultado final, no entanto, do que seguir os altos e baixos que ocorrem pelo meio.

(Longa pausa às 16h20.) A cegueira burocrática causa o atraso. Não quero que isso perturbe o progresso de Ruburt, pois mesmo agora o seu corpo acelera o processo de cura. Espero ter ajudado de algum modo. Posso ou não regressar, de novo consoante os ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Decidi desistir do negócio das cassetes com o Steve. O que achas disso?”)

Não importa de uma forma ou de outra — o que pode parecer uma afirmação estranha, mas mais tarde verás o que quero dizer.

(“Sou eu”, disse a Jane após uma pausa.

(“Está bem. Obrigado”, disse eu ao Seth.)

(“Não sei o que ele disse”, disse a Jane, “mas enquanto falava tive a sensação de que isso — o negócio do seguro — não ia arrastar-se para sempre — não se prolongaria”, disse ela. “Não apanhei um limite de tempo, contudo, que me lembre.”)

(A Jane tentou deslizar os óculos pelo nariz, depois de limpar os olhos, e pô-los de novo. Não conseguiu colocá-los bem, por isso ajudei-a com um pequeno toque.)

(Sublinhei mais uma vez que não queria que a questão do seguro interferisse na sua recuperação, e foi por isso que tinha mostrado uma aprovação tão forte do facto de se virar sozinha esta manhã. Fiz isso antes de lhe contar a notícia do seguro, aliás.)

(Disse-lhe que ainda tinha esperanças de que tudo corresse bem, e que, acima de tudo, queria que ela se mantivesse no caminho da recuperação.)

(Virei-a um pouco mais cedo, para variar, usei o Oil of Olay para uma massagem desipnotizante, depois dormi até às 17h30. Ela comeu razoavelmente bem. Rezei com ela às 19h00, e saí cinco minutos depois. Ela deve telefonar se conseguir.)

(Disse-lhe que não sabia o que faria amanhã de manhã. Planeio telefonar ao Pete às 9h00, e a partir daí logo veremos. Tinha dito ao Andrew Fife que o Pete lhe telefonaria, provavelmente a pedir registos, e que o Fred Kardon podia ser chamado ou convidado a dar uma declaração, e assim por diante. Logo veremos. Posso ter de gastar tempo a reunir os nossos próprios registos.)

(Mas dorme bem, Jane, e continua com a tua recuperação como de costume. Isso é o principal. Pode até ser a única coisa de verdadeira importância, pois pode transformar o nosso futuro.)

SESSÃO APAGADA

16 DE DEZEMBRO DE 1983

(Por estar impaciente depois do pequeno-almoço, telefonei ao escritório do Pete Harpending às 8h30. Ele não estava. Deixei uma mensagem e ele ligou quinze minutos depois. Expliquei-lhe a situação do seguro. O Pete disse que poucos desses casos chegam a litígio — o que me surpreendeu um pouco. Na sua própria experiência, só tratou de um caso desses. Dei-lhe os nomes e o número de telefone da Kathy Hagen, a supervisora da Blue Cross que aparentemente tinha rejeitado a nossa reclamação de medicina major, e li-lhe a declaração sobre isso que o Andrew Fife me tinha dado ontem à tarde. Depois dei ao Pete o número de telefone da Mary Krebs, da Revisão de Utilização no hospital; ela determina o nível de cuidados ao paciente, revê registos médicos, etc. O Pete disse que voltaria a telefonar.

(Fui trabalhar em Dreams. O Pete telefonou às 10h30. Já tinha falado com o Andrew Fife e a Mary Krebs, e visitado o chefe do escritório local da Blue Cross, no andar por baixo do dele. Tentou contactar a Kathy Hagen em Syracuse, mas ela tinha saído para o dia. De seguida vai telefonar ao Fred Kardon. Toda essa atividade deixou-me animado.

(Também disse ao Pete que o Andy Fife me tinha dito que a Jane fora rejeitada pelas outras instituições da zona, porque, na opinião delas, exigia demasiados cuidados pessoais. Isto era novidade para a Jane e para mim; eu tinha-me esquecido que a Jean Sweeney-Dun me levava a visitar esses lugares há meses. Depois disso a Jane partiu a perna. Ontem achei que o A. Fife se tinha enganado, mas ele repetiu o mesmo ao Pete e deu-lhe números de processos e formulários.

(“De qualquer forma”, disse o Pete, “sei que pode não ser fácil, mas quero que tu e a Jane não se preocupem. Temos de lutar contra isto. A posição deles é ridícula.” Ele disse isto depois de o A. Fife lhe ter exposto a situação: que a Jane não precisava de hospitalização. O Pete quer que o Fred K. escreva uma carta, ou algo assim.

(O resto da manhã foi calmo. Escrevi uma nota num cartão de condolências para a Sue e a mãe.

(No 330, a Jane disse-me que tinha tido de trocar o cateter por volta das 23h00 da noite anterior — fizeram-no quatro vezes até ficarem bem, disse ela. Dormiu bem depois disso. Eu acordei às 2h30 da manhã a remoer sobre o seguro.

(“Talvez consigas pressionar o Fred sobre a carta”, tinha eu dito ao Pete. Até agora, os acontecimentos alinham-se com o material do Seth de ontem sobre a provável inexistência de processo judicial, uma resolução precoce da questão do seguro, e também com os sentimentos da própria Jane sobre o assunto, no fim da sessão de ontem. O Pete não me pediu quaisquer ficheiros ou registos, como eu esperava.

(Também acho que o Pete descobriu que a Kathy Hagen não é a supervisora máxima em Syracuse, como pensei pelo que o Andy Fife disse, mas que também ela tem supervisores.

(A Jane almoçou bem e começou a ler a sessão de ontem às 15h00. Ia hesitante, mas conseguiu lê-la bastante bem, de modo que, no geral, saiu-se bem, disse-lhe eu. Ela disse que, quando entrei ao meio-dia, não me perguntou como tinha corrido a manhã porque queria esperar até depois do almoço, caso eu tivesse más notícias. Eu disse-lhe que me sentia bastante animado pelas implicações da manhã, e que a partir daí faríamos o que fosse possível.

(A Jane também já se livrou da mancha do exterior do joelho direito. A úlcera que se tinha formado ali depois de partir a perna direita fechou-se agora. Ainda tem um caminho a percorrer até poder ser considerada totalmente curada, mas fez progressos notáveis, disse-lhe eu. A vermelhidão desaparecerá e crescerá pele normal e fresca.

(A Jane fez alguns movimentos com a cabeça e ombros, perna esquerda e anca. Sons, não violentos. Massajei vários pontos no pescoço, testa e topo da cabeça, e ela respondeu então com fortes movimentos da cabeça. Disseram-na ficar sem fôlego. Gemidos. O pé esquerdo mexeu-se mais.

(Disse à Jane que a Margaret Bumbalo me tinha telefonado às 12h30, quando me preparava para sair de casa, e disse que havia duas corças no quintal dela — por isso tive de demorar uns minutos a observá-las. Passaram tranquilamente pela Holley Road para a nossa entrada, mordiscando folhas caídas de sumagre e os arbustos. A Margaret vai visitar a Jane dentro de um ou dois dias.

(Tentei tratar de algum correio. A Cathy mediu a temperatura da Jane — 36,7 — e trouxe-lhe ginger ale fresco com gelo.

(A Lynne mediu a tensão arterial e o pulso da Jane. Sem dizermos nada, comentou como as úlceras da Jane estavam a sarar bem, e como ela estava muito melhor. Quando finalmente as pessoas pararam de entrar, a

Jane disse que queria mesmo ter uma sessão. A voz de Seth estava bastante boa. O dia estava seco, mas nublado, e a luz já começava a desaparecer.)

Agora: desejo-vos outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

As pessoas devem ser intrinsecamente livres, ou começarão a impedir a sua própria expressão.

Começarão a seguir um caminho de negação e repressão, e a ficar cada vez mais receosas de expressar os seus próprios talentos ou capacidades. Os pais muitas vezes promovem tais ideias ao ensinar às crianças que vivem num mundo perigoso, cheio de inimigos. Essas crianças, muito cedo, ficam assustadas com o seu próprio impulso para a expressão. Têm medo, mais uma vez, da liberdade, porque para elas a liberdade implica perigo e até ameaça de morte.

Essa repressão não se mostra apenas no mundo físico do comportamento, mas também atua no mundo interior do próprio corpo, reprimindo os impulsos que levam ao movimento físico. Os jovens podem até reprimir os próprios processos de pensamento, já que temem as suas próprias inclinações e têm medo de agir de acordo com os seus pensamentos. Para escapar ao conflito entre pensamento e ação, esses jovens podem apenas permitir que os seus pensamentos vagueiem por direções convencionadas e padronizadas.

Os seres humanos, e todas as criaturas, na verdade, têm um forte impulso interior que leva à ação e à expressão. Se algo impede essa fluidez e coordenação natural (pausa), então todos os aspetos da expressão ficam de uma forma ou de outra impedidos. As células e órgãos e músculos e ossos crescem exprimindo a expressão natural e inata característica da sua espécie. Há uma ordem espontânea que dirige os seus movimentos e os conduz sempre adiante, rumo a mais expressão e realização.

Verdadeiras grandes capacidades artísticas, criativas, atléticas e sociais estão inerentes em cada indivíduo humano. Cada pessoa tem, portanto, a capacidade de ser um génio em muitos níveis. *(Longa pausa.)* Essas capacidades podem estar em grande parte latentes agora — mas são, ainda assim, parte da herança humana.

No momento presente podem apenas representar ideais distantes, pelos quais a humanidade se mede, mas muitas delas podem, de facto, ser realizadas no mundo tal como ele é, se apenas as pessoas se tornarem mais

conscientes das suas capacidades expressivas, de modo que a direção principal das suas vidas seja expressiva em vez de repressiva.

Comentários. Ambos lidaram bastante bem com a situação de ontem (*quanto ao seguro*) — de modos muito melhores, por exemplo, do que fariam há anos nas mesmas circunstâncias.

O hospital, apesar das suas intenções de cura, é muitas vezes uma instituição repressiva em vez de expressiva. O progresso de Ruburt tornou-se, contudo, suficientemente notório para ser comentado por outros, de modo que também estão a começar a mudar as opiniões das pessoas e as suas atitudes em relação a vós. Nessa medida, o ambiente torna-se menos repressivo, e começa a acumular um banco de sugestões benéficas, que podem revelar-se tão úteis quanto as sugestões negativas foram prejudiciais.

Mais uma vez, concentrem-se nessas melhorias — pois os processos de cura estão de facto a acelerar-se.

Posso ou não regressar, consoante os ritmos de que falo — mas, mais uma vez, saibam que estou presente e acessível.

(“Sim. Obrigado.”)

(“Lembras-te, no início destas sessões, quando me perguntei o que aconteceria quando as pessoas comesçassem a notar as tuas melhoras?” perguntei à Jane. Ela acenou. “E”, disse eu, “não é certamente coincidência que estejas a trazer este tipo de material agora, quando a tua própria cura está em ascensão.”

(A Jane, talvez o Seth nos possa dizer da próxima vez como poderíamos ter reagido ainda melhor ontem ao desafio do seguro.

(Não tive tempo de entrar nisso hoje, mas o material do Seth fez-me lembrar de novo que sei que a minha própria mãe conseguiu fazer-me ter medo de certas áreas da vida — que, à medida que cresci, saí de casa e tive de lidar com o mundo, tomei bastante consciência de que tinha adquirido certos medos ou inibições. É uma longa história e não pretendo explorá-la aqui; só queria deixar esta nota como lembrete.

(“Esqueci-me de te dizer”, disse agora a Jane, “que o meu braço esquerdo também está a ficar mais solto. Acho que estão a ocorrer mudanças nos nós dos dedos nas costas das mãos também.... O que me lembrou que tinha aplicado o Rescue Remedy Cream mais cedo hoje.”)

(A sessão tinha-se prolongado. Às 16h45, antes de virar a Jane de lado, a Lynne entrou para me dizer que eu tinha uma chamada telefónica

na estação de enfermagem. Era a Catherine Murdock, dos serviços sociais. Disse que na próxima terça-feira, às 13h00, um dos responsáveis pelas admissões no Chemung County Infirmary, a um quarto dali, estaria no 330 para entrevistar a Jane, com um assistente, e se eu poderia também estar presente.

(Respondi que sim. Parece que, em resultado da chamada que recebera do Pete de manhã, a Mary Krebs tinha contactado o Infirmary. Mais ainda, parecia que havia hipótese de surgir uma cama vaga. Foi sugerida a possibilidade de a Jane ser transferida — nada definitivo. Era a última coisa que eu queria ouvir. A Catherine disse que os nomes podiam ser movidos para cima e para baixo na lista do Infirmary — aparentemente o da Jane já tinha sido alterado várias vezes quando se determinou que ela estava demasiado doente para ser transferida. Havia algo sobre ter uma enfermeira particular 16 horas por dia, se o pessoal de lá não pudesse tratar da minha mulher. Respondi que isso era inútil e que não tínhamos como pagar.

(Já estava a pensar que não devíamos avançar em nenhuma direção até a questão do seguro estar resolvida, para que não parecesse que estávamos a agir por medo. Se nos mudássemos agora, pensei, podíamos acabar presos a uma conta de 50 000 dólares, se o seguro se recusasse a cobri-la no nosso antigo esquema. Sabia que ia telefonar ao Pete logo na segunda-feira de manhã para lhe contar isto.

(Sabia também que havia poucos quartos privados no Infirmary, e que se perdêssemos a privacidade isso iria interferir bastante no nosso trabalho conjunto, sendo que o trabalho criativo faz parte da terapia tanto quanto qualquer outra coisa. Porque tinha isto de acontecer agora?, perguntei-me ao desligar, justamente quando parecia que podíamos avançar. Mas, na verdade, esta nova reviravolta era resultado da nossa tentativa de avançar, e podia até acabar por nos beneficiar junto da seguradora, quando lhes fosse dito que a minha mulher não podia ser transferida. Essa era a mensagem que queria passar-lhes, com a ajuda do Pete.

(“Eu não vou mudar-me para lado nenhum”, declarou a Jane de forma categórica quando tentei explicar-lhe a chamada. E talvez essa posição fosse boa, pensei, por ser definitiva. O Seth pode comentar. Disse à Jane que achava que tudo isto era mais uma peça do puzzle a encaixar-se, e que acima de tudo não queria que ela se preocupasse, que

simplesmente esquecesse. “Eu não vou a lado nenhum”, afirmou ela outra vez.

(Então, assim ficaram as coisas. Estamos a sair-nos bem, Jane, e de facto não há nada com que te preocupares. Tudo o que quero é que mantenha a calma e continues a curar-te. (Ainda consegui uma sesta de 15 minutos. A Jane jantou bem. Depois de termos lido a nossa oração juntos, garanti que o botão de chamada dela estava pousado sobre a barriga para que pudesse usá-lo. Ela disse que o tinha pressionado uma vez na noite passada, quando precisou que fizessem algo em relação ao cateter. Usa-o agora de forma rotineira — um grande avanço, disse eu. (A Debbie tinha visitado mais cedo, ao entardecer.

(A Jane telefonou-me por volta das 21h35 desta noite, enquanto eu escrevia isto. A Cathy ajudou-a. Eu tinha agradecido à Cathy por ajudar a Jane a telefonar-me várias vezes recentemente. Dorme bem, meu Amor. Amanhã é outro dia.)

SESSÃO APAGADA

17 DE DEZEMBRO DE 1983

(A Jane quis ser virada de costas logo de imediato. Disse-lhe que a Orlene Gladston me tinha telefonado da Califórnia de manhã, para nos desejar um Feliz Natal e perguntar pelo estado da Jane, e que o meu irmão Loren, que aos 63 anos é um ano mais novo do que eu, tinha telefonado ontem pelo mesmo motivo.

(A Jane começou a almoçar bem. Está a ter espasmos na bexiga devido ao cateter. O cabelo e o couro cabeludo coçam-lhe — sugeri que fosse da água medicada do hidro, mas ela disse que não. A mim também me coçam os ouvidos, e já há algum tempo. Ontem li no Enquirer que tal pode ser causado por champôs, por isso vou fazer algumas experiências.

(Depois de um cigarro, e de eu tratar de algum correio, a Jane começou a ler a longa sessão de ontem, que eu tinha terminado de dactilografar por volta das 22h30 da noite passada. Antes de ir à casa de banho ajudei-a a segurar os papéis da sessão pela margem esquerda com a mão esquerda — algo que eu esperava que conseguisse fazer, pois aumentaria a sua independência na leitura. Ela começou a ler razoavelmente bem.

(Quando voltei da casa de banho, de repente conseguiu segurar a margem direita dos papéis com a mão direita — um desenvolvimento

totalmente inesperado, que eu não previa ainda de todo. A Jane soltou exclamações de aprovação. “Olha o que consigo fazer.” Essa proeza permitiu-lhe aproximar a sessão dos olhos, de modo a não ter de ler com os papéis apoiados no joelho — segurava-os onde queria. Podia quase segurá-los como qualquer pessoa faria, embora os braços e as mãos ainda não estivessem soltos; mas, disse-me ela, já tinham mudado o suficiente para que agora pudesse fazê-lo. Maravilhoso, disse eu. Sublinhei que era um passo muito importante, e que talvez em breve eu pudesse desmontar Realidade Pessoal, como sugerira há algumas semanas, para que pudesse lê-lo página a página.

(Este avanço, disse-lhe eu, iria libertar-lhe a mente tanto quanto o corpo.

A Jane leu razoavelmente bem, e segurou várias páginas da sessão da mesma forma. No 329, do outro lado da casa de banho, conseguíamos ouvir a Christina através de duas portas, a cantar em russo e inglês. “Parece um lamento fúnebre”, disse eu, mas quando estava na casa de banho e a ouvia melhor, detetei uma sensação distintamente infantil no seu canto, de uma mulher que tem mais de 90 anos.

(Os espasmos atrapalharam um pouco a leitura da Jane. Quando a Lynne entrou para medir a tensão arterial, a Jane mostrou-lhe o que já conseguia fazer de novo com as mãos. A Lynne também reparou como estava muito melhor a úlcera em cicatrização no exterior do joelho direito. A Cathy mediu a temperatura e o pulso da Jane.

(Pelas 15h50, quando lia as duas últimas páginas da sessão, a Jane disse que já o ato de segurar as páginas dessa forma era quase automático, embora, ao acabar uma, a mão esquerda começasse a cansar-se. Agora, disse, todas as enfermeiras e auxiliares reparam quando usa o botão de chamada, e muitas comentam as suas melhoras em geral.

(Abri uma carta de uma leitora que nos tinha enviado os nossos mapas de vida individuais, em resposta a um postal que eu usara para responder à carta dela no mês passado. Os mapas eram ridículos, disse à Jane, e mostrei-lhe como nos davam apenas cerca de quatro meses bons, criativos e seguros por ano! Que disparate, disse eu. Tinham sido preparados por uma astróloga famosa, dizia a senhora. Intrigou-me especialmente o “facto” de o meu mês de nascimento, junho, estar assinalado a vermelho — significando que era um mês de perigo e que eu

devia ter muito cuidado na vida. Risquei mentalmente a escritora da lista de pessoas a quem poderia responder no futuro.

(Massajei o ponto no pescoço da Jane, e obtive boa resposta, como já tinha acontecido esta tarde.

(Bons movimentos, cabeça e ombros e ambos os pés. “Vês, é de novo o impulso da espinha”, disse a Jane, a respirar pesadamente. “Estou a tentar sentar-me outra vez, consigo perceber, mas não consigo fazê-lo cá de baixo na cama. Faz-me sentir toda quente e com comichões....” Já tinha falado várias vezes antes de se sentir comichosa e com formigueiros em várias partes do corpo, como se a circulação estivesse a aumentar.

(Agora a Christina entoava em inglês e russo misturados, cantando pedaços de Merry Christmas, Happy Birthday, Georgia, e assim por diante. Trabalhei no correio e vi partes de um jogo de futebol e de um velho filme de Humphrey Bogart até a Jane dizer que faria uma sessão curta. Agora a Christine estava a incomodar-me um pouco.)

Ora bem: desejo-vos outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Ruburt está atualmente a experimentar uma aceleração em quase todas as partes do corpo — aumento da atividade, e a estimulação da circulação, e em particular a estimulação da atividade nervosa.

Isto pode de facto ser sentido como uma irritação, mas é uma irritação benéfica — a renovada atividade do funcionamento corporal. Um despertar da atividade do corpo. Os resultados, mesmo até agora, foram evidentes na forma como lidou com a leitura esta tarde. Está a experimentar o impulso do corpo, a sua ânsia de movimento, e de reativação.

Acrescentarei ao nosso outro material, mas por agora queria apenas dar-vos esta informação. Posso ou não regressar, consoante os ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(A Jane tinha dito antes de a sessão começar que a cabeça não queria ficar encostada à almofada — que se movia sozinha para a frente. Assim fez agora também. Teve mais espasmos na bexiga, e receava ter deslocado o cateter com os movimentos, embora eu não achasse que tivessem sido tão fortes, exceto os rápidos movimentos de cabeça. Mas ela disse que tinham sido fortes o suficiente.

(Depois de virar a Jane e massajá-la com Oil of Olay, fiz a minha sesta habitual. Pouco antes, a Margaret Bumbalo telefonou e convidou-me

para jantar. A Jane estava a jantar quando a Peg e o Bill Gallagher a visitaram entre as 18h05 e as 18h16, mais ou menos. O Bill reparou que a Jane tinha engordado. Foi ao quarto ao lado e cumprimentou a Christina em russo. Ela ficou encantada — beijou-lhe a mão.

(No entanto, a Jane estava a ter espasmos bastante frequentes na bexiga enquanto comia sobremesa, e receava que naquela noite tivesse de lhe ser colocado um novo cateter. “Só espero que o ponham bem”, disse ela.

(Estava pronto para sair, quando nos lembrámos de que não tínhamos lido a oração. Então saltámos por um dia — mas eu rezarei por ela na cama esta noite. Quando voltei da casa dos Bumbalo, a Louise Stamp telefonou. Tinha estado a espiar as luzes de minha casa à espera que se acendessem. Alguém tinha-nos enviado um ramo. Quando o Marty o trouxe, descobri que era do Betts e do Loren — o meu irmão e a mulher. É lindo, um ramo de Natal. A temperatura baixou para -5 °C.

(A 22 de dezembro, quando lhe reli a sessão, a Jane disse: “Essa irritação já passou.”)

SESSÃO APAGADA

19 DE DEZEMBRO DE 1983

(Não houve sessão no domingo, 18 de dezembro, mas quero resumir os acontecimentos do dia, pois evoluíram alguns pontos importantes.

(A Jane disse-me que o Fred Kardon a tinha visitado esta manhã. Vai ausentar-se durante uma semana — para a Florida — justamente quando podemos precisar da sua cooperação. Soube que o Fred não tinha tido notícias do Pete. A Jane disse que lhe explicou parte da situação do seguro. O Fred disse-lhe que os outros locais a tinham rejeitado por causa das úlceras. Ninguém nos tinha dito isto — nem sequer o Andy Fife. O Fred disse que a confusão com o seguro é “uma questão de escrever cartas para cá e para lá.” A Jane não tinha a certeza de quando ele partia, mas provavelmente amanhã de manhã, ou até hoje à noite. Vou pedir ao Pete que tente contactá-lo logo de manhã.

(No entanto, um pouco de reflexão mostra que a partida do Fred pode, na verdade, jogar a nosso favor — atrasando qualquer decisão precipitada por parte do Chemung County Infirmary em querer transferir a Jane para lá; se ele não estiver presente para aconselhar, os responsáveis

podem não conseguir tomar uma decisão, exceto deixá-la em paz — o que é exatamente o que queremos.

(De qualquer forma, esta manhã, disse a Jane, o Fred ficou admirado com a forma como a grande úlcera no exterior do joelho direito está a sarar sozinha. A Jane disse-lhe que queria que as pernas endireitassem o suficiente para poder começar a sentar-se. O Fred disse que ainda faltava algum tempo. Em resposta, ela disse: “O Bob e eu massajamos e exercitamos as pernas todos os dias.” E ficou por aí.

(A Phyllis tratou da Jane esta manhã. Não a examinava há algum tempo, e ficou bastante surpreendida com o progresso. Disse à Jane que todos os jovens do andar a admiravam muito pela forma como “aguentou toda aquela dor e sofrimento”. Depois acrescentou: “Esses antibióticos devem ter-te feito muito bem.” A Jane riu-se e respondeu: “Phyllis, não tomo antibióticos há meses. Apenas disse a mim mesma que ia ficar boa.”

(“A sério?”, perguntou a Phyllis. “Bem, talvez....” Estou a parafrasear, claro. Mas o episódio fez-me pensar que é uma pena os estudantes de enfermagem não serem ensinados com factos válidos da vida, em vez dos dogmas médicos que muitas vezes prolongam a doença. E a Jane gosta da Phyllis — é uma boa enfermeira, disse a minha mulher. Mas seria tão bom se lhes ensinassem que o corpo, sem entraves, está mais do que disposto a curar-se.

(Disse à Jane que tinha lido esta manhã, enquanto fazia uma nota para *Dreams*, as três sessões apagadas de janeiro de 1980 — como eram boas, sobre a consciência do corpo e assuntos relacionados, como a cura, e que pena é o material estar ali por ler e por publicar.

A Jane almoçou bem. Depois três membros da equipa entraram para a puxar mais para cima na cama e trocar o lençol. Tiveram de a levantar, o que lhe doeu; chorou. Começou a ler a sessão de ontem enquanto eu tratava do correio, e mais uma vez começou a segurar os papéis pelo lado esquerdo com a mão esquerda. Pouco depois também começou a usar a mão direita no lado direito. Não leu bem hoje, mas acabou por terminar a sessão.

(Às 16h25 a Phyllis limpou os ouvidos da Jane a pedido dela — e com o cotonete retirou do ouvido esquerdo o tubo de drenagem que tinha sido inserido há quase dois anos. Já se tinha soltado. A Phyllis disse que provavelmente o tímpano já está sarado. Depois, quando mudou o penso no nariz da Jane, que a protegia da armação dura dos óculos, descobriu

que o nariz, que estava irritado e ferido, tinha sarado sozinho por baixo do penso, sem que ninguém soubesse, já que estava lá há muito tempo. Pôs um novo, contudo, para proteger a delicada ponte nasal enquanto cicatriza ainda mais. A Jane usa os óculos muitas horas por dia, embora ainda os tire para dormir, disse ela.

(A Phyllis disse que o Luke e a Lois Hutter estavam de visita à casa, com o marido e filhos, no campo, e telefonou para lá para ver se já tinham chegado. Falei com o Luke ao telefone — percebi, no início, que ele não sabia quem eu era. Mas depois, ao habituar-me um pouco mais à sua voz, soava o mesmo.

(Estivemos tão ocupados, até com interrupções durante a minha sesta, que acabámos por não ter sessão. Nem a Jane fez quaisquer movimentos que eu notasse — pela primeira vez em muito tempo. Li a oração com ela às 19h00.

(A Christina Woloschin — fora do quarto todo o dia.)

19 de dezembro de 1983:

(Esta manhã telefonei ao Pete Harpending e transmiti-lhe a informação da Jane de que o Fred Kardon estava fora da cidade esta semana — de férias na Florida. “Nada mau, não é?” Contei ao Pete sobre a avaliação prevista pelas pessoas do Infirmary a um quarteirão dali, e mencionei-lhe que a Jane não queria ser transferida. O Pete disse-me que tinha voltado a telefonar à Mary Krebs, ou que ela lhe tinha telefonado, uma segunda vez naquele primeiro dia da semana passada — sexta-feira. Depois, mais tarde de manhã, tive de lhe telefonar de volta para lhe contar sobre a Sra. Murdock, dos serviços sociais, e a proposta da enfermeira particular 16 horas por dia em ligação com o Infirmary.

(Entretanto, o Steve Blumenthal telefonou, e disse-lhe que a Jane e eu tínhamos decidido não avançar com o negócio das cassetes. Foi mais difícil dizer-lho do que pensei, já que não queria magoar ninguém, etc. O Steve aceitou bem, e vai usar o adiantamento que deu à advogada de Ithaca para ela fazer algumas perguntas à Prentice-Hall, etc. “É um país livre”, disse eu, “pode perguntar-lhes o que quiser, suponho.” Recusei o pedido dele para assinar uma carta de autorização. Disse que não queria o stress adicional associado ao negócio das cassetes, que lidávamos com a nossa editora há muitos anos, e que não queria pôr-me numa posição de confronto em relação a eles. Já tenho confrontos suficientes agora, com

companhias de seguros, médicos, lares, e por aí fora. O Steve vai manter contacto.

(Quando voltei a telefonar ao Pete, contei-lhe sobre o caso do Steve, e ele disse que devia pensar duas vezes antes de cortar algo que poderia dar-nos rendimento extra no futuro. Talvez. Disse-lhe que fechei a porta ao Steve, mas não a bati. O Pete concordou com as minhas razões para encurtar o assunto, no entanto. “Não sei como consegues fazer o que fazes agora”, disse ele.

(Depois o Pete deu-me uma notícia surpreendente: o Jack Joyce faliu em Corning, e está a trabalhar num lar de convalescentes no sul da Pensilvânia, penso que foi o que o Pete disse. Nenhuma notícia sobre o que aconteceu com a Graciella — eu pensava que aquele casamento era um dos ideais. O Pete vai perguntar ao Carnevale e ao Niles se fazem os nossos impostos. Mais uma complicação, disse eu à Jane.

(A Jane almoçou bem. Eu comecei a ficar muito cansado — provavelmente, pensei, uma reação aos acontecimentos da manhã. A Jane disse que a Margaret, que a visitara ontem à noite, estava preocupada com o Joe, e queria levá-lo mais cedo este ano para a Florida.

(Depois o Frank Longwell visitou — trouxe à Jane uma azaleia, uma planta lindíssima. A Jean vem para casa em breve. O Frank parecia melhor, tinha engordado.

(O tempo parecia voar sem conseguirmos fazer nada. Uma nova enfermeira entrou para medir todos os sinais vitais da Jane. A LuAnn tinha-nos dito que ela viria.

A Jane tinha lido o meu resumo dos acontecimentos de ontem, segurando as páginas com ambas as mãos de uma forma que já parece mais normal para ela — como se o fizesse desde sempre. Também me mostrou como conseguia agora virar a cabeça de lado a lado, e em redor, muito mais facilmente do que antes. Muito bem, disse-lhe eu — outro sinal. Quando a LuAnn esteve presente, substituiu o novo penso no nariz que a Georgia tinha colocado para substituir o que a Phyllis tinha posto ontem — o primeiro era demasiado grande, o segundo demasiado pequeno, o terceiro estava mesmo certo.

(Então a Jane disse algo muito importante — que quando a grade da cama estava em baixo, do lado esquerdo, e a televisão estava empurrada para o lado, sentia o impulso de se sentar na cama e pôr as pernas de fora.

Só que ainda não consegue 294stica-las o suficiente. Mas este é um excelente sinal, disse-lhe eu, e um que espero que se desenvolva.

(16h00. A Jane quis ter uma sessão porque não tinha tido ontem, por isso fumou um cigarro rápido enquanto eu dava uma vista de olhos ao correio — do qual trabalhei pouco hoje.)

Agora: desejo-vos outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

O Ruburt sente agora o impulso de se sentar à beira da cama — um excelente desenvolvimento, pois a ação segue o impulso.

O impulso sempre esteve presente, mas antes estava enterrado sob a acumulação de hábitos mentais e físicos negativos. Esses hábitos estão de facto a dissolver-se. Quando Ruburt está sozinho, começou a exercitar-se por si mesmo, e de facto a manipulação desses pontos de pressão nas têmporas é muito importante, e ajudou ainda mais na libertação dos braços e ombros.

Mais uma vez, também vos foi dado testemunho da mudança na opinião dos outros relativamente ao estado de Ruburt. Essas novas opiniões, naturalmente, acrescentam-se às sugestões positivas que tanto vós como Ruburt lhe dão. Assim funciona a vida, de dentro para fora, e a situação de Ruburt é tal que mais progressos em movimento e sensação continuarão a manifestar-se com fluidez e rapidez.

Posso ou não regressar, novamente consoante os ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Está bem. Obrigado.”)

(“Nada mau, considerando a hora”, disse a Jane, satisfeita por ter tido a sessão apesar de todos os outros acontecimentos do dia. Eu estava muito cansado e relaxado. Não usei o pêndulo, por exemplo, mas suspeitava que estava a reagir ao cancelamento do negócio das cassetes. Continuava a preocupar-me que tivesse magoado outros e lhes custado dinheiro, no entanto.)

(“Quando fomos para a Florida no inverno passado”, tinha dito a Margaret Bumbalo à Jane ontem à noite, “nunca esperei voltar a ver-te viva.” E olha o que a minha mulher conseguiu desde então. Agora a Jane fez alguns exercícios com a cabeça e ombros; os pés mexeram-se um pouco também.

(16h20. Mostrou-me como conseguia abrir mais as pernas do que antes, e estender mais a direita para baixo. Já o tinha feito também hoje no

hidro. Reparou também na diferença de comprimento das pernas, da anca ao joelho. “Acho que o Fred pensou que eu nunca voltaria a andar, por isso não importava o que acontecesse à direita depois de a ter partido”, disse ela. Concordei. Nunca tinha tido a perna engessada ou imobilizada, como acontecera com o braço.

(A Jane fez mais alguns exercícios. Gemidos e sons. “Sinto-me como num carrossel”, disse ela, ao mover a cabeça em círculos.

(Concordou que a virasse para o lado esquerdo um pouco mais cedo, porque eu estava cansado. Primeiro tentou fazê-lo sozinha, mas não conseguiu totalmente. Disse que o tinha feito de manhã. Tentou várias vezes comigo, mas ainda não conseguiu. Mas está a melhorar também nisso.)

(Dormi profundamente depois de a massajar com Oil of Olay, como de costume. Ela comeu bem. Li a oração com ela às 19h00 e saí uns minutos depois, depois de me certificar de que tinha o botão de chamada da enfermeira à mão.

(A Christina Woloschin esteve fora do quarto todo o dia.

(Dei dinheiro à Jan Stimson para os rolos de gelado da festa de Natal do pessoal. Não sei quanto é que me vão devolver.)

SESSÃO APAGADA

20 DE DEZEMBRO DE 1983

(A nossa reunião marcada com a Kim Evans, diretora dos serviços sociais no Chemung County Infirmary, e a Connie Lido, enfermeira-chefe de lá, aconteceu por volta das 13h40 desta tarde. A Jane estava a almoçar quando elas entraram no 330. A reunião correu mais ou menos como planeado. Suponho que ambos os lados marcaram pontos, ou trocaram informações, mas disse-lhes que não íamos assinar quaisquer papéis de admissão. A Jane disse-lhes que não queria ir para lá. Recebemos uma surpresa desagradável quando a Kim nos disse que a 18 de novembro o Fred Kardon tinha assinado um papel a declarar que a Jane já não precisava de cuidados agudos. Nunca nos tinham dito isto.

(Disse às mulheres que a Jane e eu estávamos fartos de que estas coisas se passassem nas nossas costas, e que agora não daria mais nenhum passo sem aconselhamento legal. Talvez isso as tenha surpreendido, não sei. Acima de tudo, disse eu, não vamos fazer nada que comprometa o nosso processo contra a seguradora.

(Fui com elas ao gabinete do Infirmary depois da reunião para ir buscar um monte de papéis que a Kim queria dar-me, porque assim poupava-me uma viagem extra mais tarde. Lá, exprimi claramente a minha opinião de que a Jane e eu estávamos a ser manipulados, que eu estava a ficar zangado com toda a gente. Queria que ela recebesse essa mensagem, e disse-lhe que o Pete H. iria telefonar. Ela deu-me muitos números que só percebi parcialmente. Também me perguntou pelos bens da Jane. Quando dei uma estimativa por alto, ela disse que isso excluía a hipótese de pedir algo chamado fundos Hill-Burton para pagamento da conta do seguro, creio. Em outras palavras, parece que é preciso ser indigente para que seja oferecida alguma ajuda.

(A Kim disse que a Jane estava agora em segundo lugar na lista de admissões da instituição. “Pode acontecer amanhã ou daqui a seis meses”, disse ela, referindo-se a uma vaga. Pareceu recetiva quando lhe expliquei a nossa necessidade de privacidade, que era uma terapia vital, e falou em transferir a Jane diretamente para um quarto privado. Mas se isso não resultasse, a Jane teria de esperar a sua vez num quarto duplo — e não havia como saber quanto tempo isso demoraria, disse ela. Portanto, não vejo ali nenhuma oferta real de ajuda.

(“É o sistema”, disse a Connie Lido quando lhe contei que o Fred não nos tinha dito que tinha assinado aquele formulário. No gabinete dela, a Kim Evans disse que o relatório sobre a Jane notava que as suas articulações estavam “congeladas”, e expliquei-lhe que isso não era verdade de todo — mais um exemplo de falta de comunicação. Ela também me explicou algo sobre indigência — como, depois de um certo período de tempo, a Jane e eu seríamos considerados pessoas separadas, para que ela pudesse qualificar-se para pagamentos de Medicaid, creio — e que, mesmo que me viessem pedir para compensar esses pagamentos, eu poderia recusar. Isto está certamente confuso — mas ela fez algumas notas sobre isso, e vou entregá-las ao Pete, ou pelo menos contar-lhe quando lhe telefonar de manhã.

(Em resumo, disse à Kim Evans, o sistema é uma porcaria, e estou zangado com tudo isto. Seja. Como disse à Jane quando voltei ao 330 por volta das 15h00, tudo o que o Infirmary quer é o dinheiro — é por isso que de repente estão interessados nela, porque o nome dela subiu na lista, e sabem que de alguma forma vão lucrar com o caso, seja através de

pagamento direto, seguro, ou o que for. Entretanto, quando ela não estava disponível, não queriam saber.

(Muito mais foi dito por todos, mas não vou tentar reproduzir aqui. Disse à Jane, enquanto lhe dava o resto do almoço já frio, que vou ter de começar a cortar na quantidade de datilografia envolvida com estas sessões, para me certificar de que termino o trabalho de cada dia antes que chegue outro carregamento no dia seguinte.

(A Jane perguntou-se sobre pedir à Sue Watkins que dactilografasse o livro Rembrandt, sem quaisquer notas. Quando lhe perguntei porquê, disse que era para obter dinheiro. Respondi que, quando precisamos de 15 000 dólares por mês, o livro vale pouco. Não queria desvalorizar o livro, mas ele não nos pode ajudar muito — nenhum livro pode nesta altura. Não me oponho a que alguém organize esse livro para publicação, desde que haja quem o queira, e as coisas podem acabar por se encaminhar para isso. A certa altura pensei em pedir ao Tam que o fizesse. É mais um exemplo de ter algo ali que não consigo resolver — muito frustrante.

(Quando a Joan, enfermeira, entrou hoje para pôr gotas nos olhos da Jane, notou imediatamente as melhorias na condição da minha mulher.

A Jane só acabou de almoçar perto das 16h00. Não tinha feito exercícios, nem eu tinha visto o correio. Às 16h12 começou a ler a sessão de ontem — segurando-a direita sozinha com ambas as mãos outra vez — mas não leu muito bem. Estava também a ter alguns espasmos na bexiga, o que não surpreendia. Acabou por conseguir terminar a sessão com a minha ajuda. Eu não achava que ainda conseguíssemos ter sessão hoje, da forma como as coisas estavam a correr, mas mesmo já a ficar tarde, a Jane disse que queria tentar às 16h50. Eu disse para avançar.)

Ora bem: desejo-vos outra boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Lamento que (pausa) os acontecimentos de hoje tenham perturbado o Ruburt, e a ti também.

Não passam de ruídos de insetos — talvez irritantes, mas sem importância. O Ruburt não será forçado a dar quaisquer passos para se mudar para outro local, sem o seu consentimento e aprovação — sublinho aprovação. Esses assuntos são apenas sombras de probabilidades — isto é, experienciados apenas como sombras, e não concretizados, por causa das vossas melhores atitudes e conhecimento. Diz-lhe que o Ruburt não terá

retrocessos, e que as suas melhorias continuarão. Ele poderá ir para casa, e com algum conforto, muito antes do que possas imaginar.

Continuem como têm feito. Mais uma vez, as nossas sessões estabelecem estruturas adicionais nas quais a cura tem lugar, e as melhorias também se mostrarão nas vossas condições de vida conjuntas — por isso tranquilizem-se.

Posso ou não regressar — novamente consoante os ritmos de que falo. Mas saibam que estou presente e acessível.

(“Gostava de dizer umas coisas.”)

Podes, sim.

(“Planeio telefonar ao Pete amanhã de manhã e contar-lhe os acontecimentos de hoje, mas não quero mudar probabilidades ao insistir neles. Ao mesmo tempo, fico zangado quando penso que estamos a ser manipulados, e por aí fora. Sinto um conflito aí. Não quero mudar a nossa situação atual aqui no hospital, quando estamos a ter resultados, por isso não sei bem o que fazer....”)

É perfeitamente razoável contactares o teu advogado e contar-lhe a situação sem insistir nos aspetos negativos, e sem deixares que isso te perturbe demasiado. A sessão em si deverá ajudar a tranquilizar a tua mente em relação à situação.

(“Está bem.”)

(“Sou eu”, disse a Jane.

(A sessão ajudou de forma incrível. Achei-a quase surpreendentemente otimista, comparada com o que tínhamos vivido hoje. Mostra seguramente o caminho a seguir, se quisermos ser livres, embora ao mesmo tempo não possamos desligar-nos da vida diária.

(Ambos nos sentimos muito melhor depois da sessão. Quando já estava a sair para ir para casa, apercebi-me de que me tinha esquecido de ler a sessão à Jane, por isso voltei ao 330 para o fazer.

Material acrescentado na manhã seguinte, quarta-feira, 21 de dezembro:

(Telefonei ao Pete às 9h00 e resumi-lhe o melhor que pude os acontecimentos de ontem. Tenho de lhe enviar por correio todos os formulários e números que recebi da Kim Evans. O Pete disse que, no momento, estava tão confuso quanto eu. “Estas pessoas falam todas a sua própria língua”, disse ele, “e se estás de fora não percebes o que estão a dizer.” Demasiado verdadeiro.

(O Pete surpreendeu-me ao dizer que tinha falado com o Fred Kardon ontem, aqui na cidade. O Fred, disse ele, estava na defensiva. O Pete acabou por se zangar com ele — porque o Fred contradisse-se ao dizer que a Jane precisava de cuidados agudos, mas que todas as outras instituições da cidade a rejeitaram precisamente por essa razão. Não sei se interpretei corretamente ou não, mas o Pete disse que o Fred estava evidentemente a tentar proteger-se. Toda a gente o faz, disse eu. Conteí ao Pete que o Fred tinha assinado aquele formulário a 18 de novembro, a dizer que a Jane não precisava de cuidados agudos.

(Mantive a sessão em mente, por isso não fui ao ponto de dizer ao Pete para começar já a processar toda a gente — embora tenhamos discutido litígios quanto ao seguro. Mas o que quero é que o Pete se familiarize a fundo com todas as facetas do nosso “caso”, para que depois possamos tomar decisões inteligentes. Nem sequer lhe disse isso, mas provavelmente acabarei por fazê-lo. Agora não sei se devo telefonar ao Fred e zangar-me esta tarde, ou o quê, considerando o material da sessão. A sessão pode estar a servir como um travão saudável para eu não ir demasiado longe, demasiado depressa. Se assim for, estou grato.

(O Pete também quer uma cópia da última carta do Steve Blumenthal, por isso preparei uma para lhe enviar hoje com o material do Infirmary. Vou passar pelos correios para comprar selos de Natal. O que é o Natal?)

SESSÃO APAGADA

21 DE DEZEMBRO DE 1983

(Veja as notas preliminares para a sessão de hoje, que dactilografei esta manhã no final da última sessão. Vejo agora que deveria tê-las dactilografado em separado, para virem aqui. De qualquer forma, parei nos correios a caminho do hospital para enviar a Pete todas as informações sobre a Enfermaria e sobre o Steve.

(“Às vezes”, disse eu enquanto falava com a Jane depois do almoço dela, “apetece-me simplesmente mandar tudo para o diabo e esperar até que aconteça alguma coisa — até que alguém nos pressione por causa do dinheiro, ou qualquer coisa assim — e depois entregar tudo ao Pete se for necessário.” A Jane concordou. Mas então, não é isso o que já estamos a fazer, de certa forma? O que eu queria dizer, claro, era que esquecia toda a confusão entretanto. Bem, isso ligava-se ao próprio material do Seth, de

certo modo, e eu estava cada vez mais convencido de que isso nos poderia salvar a vida.

(Mesmo agora, tinha a certeza de que a sessão de ontem me ajudara a moderar as minhas próprias reações aos últimos acontecimentos — e isso era bom, disse à Jane.

(Levei o tabuleiro do almoço para o carro quando a Jane acabou, e encontrei a Marilyn Sullivan, que se apresentou. Serviços sociais. Já tinha falado com ela ao telefone no outro dia acerca da entrevista com a Jane, ontem. Tenho encontro marcado com ela no gabinete na sexta-feira às 14h30. Ela não disse para quê, nem eu perguntei. Acho que já tinha dito ao Pete que falara com a Kathleen Murdock.

(Cigarro. Mexi no correio.

(Dei à Jane a sessão de ontem. Ela segurou-a como de costume, agora, mas lia muito devagar e aos solavancos, fosse a segurar os papéis perto ou longe dos olhos. Terminou às 15h45 depois de bastante esforço.

Sharon H. — tensão arterial.

Sharon P. — temperatura, 36,2 °C, e pulso.

LuAnn — gotas nos olhos. A Christina Woloschin está a fazer um escândalo no corredor, ali à esquina. Ninguém sabe qual é o problema dela. À hora do almoço, a Alexandra, a senhora da limpeza russa com quem fiz amizade na reabilitação, esteve no quarto da Christina a falar russo com ela. Descobriu-se que parte do problema da Christina era que, como ficava sentada no quarto sem luzes acesas, achava que estava na prisão. Tinha medo do quarto escuro.

A Jane quis mesmo assim ter uma sessão, embora nenhum de nós dois estivesse no melhor momento.)

Agora: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Podem abordar a situação do seguro, e a situação da enfermaria, da seguinte maneira — ou pelo menos este exemplo pode ajudar-vos a compreender a natureza das probabilidades de forma mais clara.

Imaginem que têm um livro infantil. Consiste em muitos pontos, que devem ligar e depois colorir. Ao olharem, conseguem ver os contornos esbatidos de muitas imagens ou acontecimentos — alguns favoráveis, outros claramente menos favoráveis, e alguns decididamente desagradáveis. Concentram-se em ligar aqueles pontos que vos darão os acontecimentos mais favoráveis, e são essas imagens que preenchem de

cor. As outras ignoram, e quando a imagem que querem está concluída, olhando para trás conseguem ver como a figura completada encobriu por completo as outras possíveis, de modo que desapareceram totalmente no projeto final.

Por outras palavras, veem o contorno de acontecimentos desagradáveis, ignoram-nos tanto quanto possível, e imaginam como no futuro eles se dispersarão dentro da imagem maior e colorida que criaram.

As probabilidades não escolhidas podem de facto ser completamente transformadas, ou alteradas consideravelmente, e até usadas como trampolins ou pontos de partida para acontecimentos mais favoráveis.

O corpo do Ruburt está a ganhar força rapidamente. Não se preocupem se a sua leitura oscilar, pois as oscilações são uma parte necessária da sua melhoria, à medida que vários músculos experimentam a sua nova capacidade.

Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Sim. Obrigado.”)

(Quando disse à Jane que o Seth apresentara ali uma excelente analogia, ela disse: “Foi assim que soube que íamos ter uma sessão — comecei a receber material sobre essa analogia.”)

(De facto, é uma boa analogia. Quero manter a sessão de ontem e esta disponível para consulta diária, porque quanto mais penso nelas, mais sinto que contêm o conhecimento essencial que temos de pôr em prática.)

(Depois da nossa rotina noturna habitual de virar, massagem, sesta e jantar — o tabuleiro chegou atrasado — e oração, li a sessão de hoje à Jane. Enquanto lia, ela mostrou-me um novo movimento com o braço direito: agora conseguia levantá-lo mais do ombro quando estava deitada de costas, e depois estendê-lo mais para atravessar o corpo e alcançar o ombro esquerdo — algo que não tinha conseguido fazer até hoje. Mais um avanço, Jane. Ela já tinha mencionado sentir mudanças no braço direito um par de vezes esta tarde. Isso implica mudanças na ligação do ombro com o braço direito, assim como no cotovelo.)

(Devo acrescentar que ontem e hoje estiveram muito frios na nossa região, embora hoje um pouco menos do que ontem e anteontem, quando a temperatura andava perto dos zero graus, creio. O frio parece travar tudo o resto que se queira fazer ou sentir. Supõe-se que a temperatura aqueça bastante até ao fim da semana. (Jane, o que é que te vou dar pelo Natal?))

(Uma nota: penso que quando falou das probabilidades não escolhidas serem alteradas pela escolhida, o Seth talvez tenha pelo menos dado a entender algo novo no seu material. Gostaria de ter mais sobre isso...)

SESSÃO APAGADA

22 DE DEZEMBRO DE 1983

(Não tive chamadas nem interrupções de espécie alguma esta manhã, e desfrutei muito da privacidade. O Pete não telefonou, e eu não fiz rigorosamente nada exceto levantar-me, arranjar-me, apanhar o jornal e dar de comer aos gatos, tomar o pequeno-almoço e ir trabalhar na revisão do Capítulo 4 de Sonhos, que acabei de dactilografar há uns dias. Senti-me em paz e tranquilo.

(Tenho a certeza de que a minha atitude melhorada resultou das duas últimas sessões — mais outras recentes — mas renovei a resolução de que devo simplesmente concentrar-me todos os dias no meu trabalho criativo, ver a Jane e ajudá-la tanto quanto puder, e poupar a consciência do meu corpo ao stress inútil de me preocupar com o futuro. Tenho de deixar o resto do mundo seguir o seu próprio caminho. Isto não significa que finjo que não temos desafios, mas que eu, pelo menos, recuso-me a fixar-me neles, para não atrair probabilidades indesejadas. Também renovei a minha fé e expectativas de que a Jane e eu conseguiremos o que queremos. Quando me apanho a começar a preocupar-me com algum contratempo, desvio deliberadamente a mente. É, em última análise, a única forma de funcionar criativamente no dia a dia. Saber isso liberta-me de gastar o meu tempo precioso em posições e atividades de confronto.

(Isto tudo significa, obviamente, que precisamos de ajuda de outros — sejam eles advogados, médicos, enfermeiros, editores, ou quem for — e assim mantemos contacto com o resto do nosso mundo.

Escrevi o material acima depois de a Jane almoçar, e li-lho logo a seguir. Ela tivera uma boa noite e manhã, com alguns novos movimentos na hidroterapia. Quando cheguei às 15h30 estava a ter espasmos nos músculos da parte interna da coxa e das nádegas — as zonas que eu notara tão tensas ontem. Disseram-lhe que isso acontecia muitas vezes quando mexia o braço esquerdo, como se os dois trabalhassem em conjunto. Eu disse que parecia que as pernas estavam a caminho de se

libertar mais — que os movimentos bruscos resultavam de músculos não usados a tentar voltar ao ritmo do movimento quotidiano. Pedi à Jane que tivesse a certeza de não inibir ou bloquear os espasmos, nem se enrijecer por medo de que algo estivesse errado.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem — muito melhor do que tinha feito ontem. Segurava facilmente os papéis na mão esquerda, como é habitual agora. Terminou a sessão em 15 minutos.

(Mostrou-me como ainda consegue alcançar o ombro esquerdo com a mão e o braço direitos, atravessando o peito — um movimento que começou ontem.

(Fumou um cigarro enquanto eu trabalhava no correio. Também disse que queria rever com ela as duas últimas sessões, além de algumas mais antigas.)

Agora: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Comentários sobre o Ruburt. Nesta fase atual está a ativar partes do corpo de maneiras novas. Isso dá um desempenho irregular. Contudo, esta fase terminará em breve. Entretanto, ele deve perceber que o próprio processo é terapêutico. Quando acabar terá muito melhor utilização dos braços e das pernas, pois estes trabalharão em conjunto de forma mais harmoniosa.

A perna direita também está a começar a estender-se — o que é, claro, um excelente sinal.

As notas que lêes ao Ruburt, as manuscritas, são excelentes. Contudo, seria boa ideia que ambos revissem várias sessões. Estávamos a começar a explicar alguns novos pontos acerca das probabilidades, como supuseste.

Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo, mas estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(“Sou eu.” A Jane estava incomodada com espasmos simultâneos nas pernas e na bexiga. Disse que as pernas tinham funcionado bem na hidroterapia esta manhã.

(Pouco depois de a sessão terminar, disse à Jane que tencionava pedir ao Seth que comentasse o sonho vívido que eu tivera na noite passada, acerca dos Gallagher e de um jovem desalinhado que vivia com eles. Já o tinha descrito à Jane mais cedo. Basta dizer que vi a Peg e o Bill a viverem na miséria, numa casa rudimentar num barco ou casa flutuante,

com chão de terra, mobília velha, e por aí fora. Supus que as condições em que viviam, apesar do dinheiro que tinham ganho toda a vida, representavam os seus sistemas de crenças pobres. E que, talvez, o jovem que tinham acolhido representasse a mim próprio como costumava ser, ou uma perpetuação dos sistemas de crenças deles em gerações posteriores.

(A Jane disse que talvez o Seth regressasse mais tarde para falar sobre o sonho, mas isso não aconteceu.

(Comecei a ler-lhe sessões mais antigas. Os espasmos nas pernas da Jane eram frequentes. Disse que nos últimos dias tinha tido mais impulsos de se sentar à beira da cama, desde que o Seth falou desse impulso a 19 de dezembro.

(LuAnn — gotas e tensão arterial.

(A Jane quis fazer alguns movimentos de cabeça e pescoço, esperando que não incomodassem as pernas.

(Sharon P. — temperatura: surpresa, 37,2 °C.

(A Jane fumou um cigarro. Molhei-o para ela. Verifiquei o dedo indicador esquerdo: dobrava-se na articulação do meio mais do que há algumas semanas, quando surgiu o primeiro movimento. Li-lhe mais algumas sessões. Disse que o pessoal comentara outra vez esta manhã a forma como as úlceras dela estão a cicatrizar. A do ombro esquerdo está a preencher-se e a sarar — e tanto a incomoda quando se deita sobre o lado esquerdo.

(Li-lhe mais algumas sessões.

(A Jane tentou virar-se sozinha, mas não conseguiu. Já tentara fazê-lo para mim várias vezes, sem sucesso até agora, mas conseguiu algumas vezes de manhã.

(A Jean Reome telefonou esta tarde, está ansiosa por voltar ao trabalho; falou também com a Jane. A Margaret Bumbalo convidou-me para jantar, e eu não sabia se devia aceitar ou não, já que queria garantir que esta sessão ficasse dactilografada. Mas fui, e foi muito agradável. Em breve irão para a Florida. A Margaret disse que, quando olha para a Jane agora, já vê algo para além de pele esticada sobre os ossos. “Ela já tem ali qualquer coisa — até está a ganhar uma barriguinha.”

(Chovia, e a temperatura estava ligeiramente acima de zero. Saí às 19h09, depois de ler a sessão de hoje à Jane e rezar com ela.)

SESSÃO APAGADA

24 DE DEZEMBRO DE 1983 — VÉSPERA DE NATAL

(Não houve sessão ontem, sexta-feira, 23 de dezembro, mas aqui fica um resumo dos acontecimentos do dia.

(15h40. Voltei ao 330 depois de conversar com a Madeline Sullivan, dos serviços sociais. Não há necessidade de entrar em pormenores sobre o que falámos. Expliquei à Jane que muito da conversa foi uma repetição do que já disse a outros assistentes sociais. Tivemos uma boa troca de ideias, e ela é uma senhora muito compreensiva e perspicaz. Não fez quaisquer anotações, dizendo que geralmente não o faz para evitar que outras pessoas venham rever os seus registos mais tarde. A quem poderá contar sobre a nossa entrevista, não sei.

(Expliquei todos os aspetos da nossa situação da melhor forma possível, e fiz algumas boas perguntas. Penso que deixei claras as nossas ideias atuais sobre o seguro, o nosso trabalho, a necessidade de privacidade, as nossas opiniões acerca de vários médicos e da instituição médica em geral versus a falta de psicologia que tantas vezes revelam, e assim por diante. Ela conhece o Pete Harpending através de uma ligação familiar, e eu disse-lhe que podia ligar-lhe à vontade. Enviarei ao Pete o nome e número dela.

(Ela explicou que a Jane não tinha sido transferida para um quarto no segundo andar porque não havia pessoal suficiente para cuidar dela. [A Jane disse mais tarde que o Fred Kardon talvez tivesse mencionado isso há algum tempo; eu não me lembro.] A Madeline Sullivan disse que estávamos bem quanto ao seguro, e eu ri-me e disse: “Sim, só que não conseguimos receber.” Mas ela sabe por experiência familiar os problemas com despesas médicas, seguros, e por aí fora. Referiu qualquer coisa sobre a política do hospital ser rever os casos ao fim de seis meses, mas não consegui perceber quando teria começado o período atual da Jane. O fim pode ser já no próximo verão, não tenho a certeza.

(Ela falou com o Andrew Fife, e por isso conhece pelo menos algo da nossa situação. Pelo menos pareceu-me, disse à Jane, estar bastante recetiva à nossa forma de pensar. O ponto que sublinhei — educadamente — foi que, neste momento, não daria nenhum passo sem aconselhamento jurídico, e que não faria nada que comprometesse a nossa posição contra a companhia de seguros.

(A Jane começou a ler a sessão de ontem, e saiu-se muito bem, segurando os papéis com a mão esquerda como agora costuma fazer. Acrescento que não tive interrupções de manhã, e gostei de não ser incomodado. Continuo a prosseguir as minhas novas ideias de ignorar tanto quanto possível qualquer potencial contratempo, e de me concentrar todos os dias no meu trabalho criativo.

(Depois de terminar a sessão, a Jane disse que andava a pensar em deixar de tomar o antidepressivo à noite. Há muito tempo, o Fred dissera que não queria que ela deixasse de o tomar, para que não ficasse deprimida como antigamente. Talvez este seu novo pensar seja outro sinal de melhoria? O Fred dissera que o fármaco permanece no sistema cerca de três semanas depois de parar de o tomar.

(A Jane comeu bem hoje. Foi à hidro de manhã mas não chegou a entrar no tanque; este avariou e acabou por ser trazida de volta ao 330, onde a Georgia lhe deu um banho parcial.

(O dia tinha estado frio, e estava muito frio quando parei a caminho de casa para comprar algumas pequenas prendas de Natal para a Jane.)

24 DE DEZEMBRO DE 1983. SÁBADO:

(A noite tinha sido muito fria, e a temperatura ainda estava apenas cerca de -11 °C quando cheguei ao 330 esta tarde. A Jane estava bem. Tinha ido à hidro de manhã, e mudaram-lhe o cateter por volta das 11h00, quando este deixou de irrigar. Disse-lhe que recebera em casa um grande vaso de flores semelhantes a íris, do Larry Allen Hummer. Não recebi chamadas do Pete nem de mais ninguém, o que aliás não esperava. Provavelmente não haverá avanços em assuntos de negócios até depois das festas, o que me agrada.

(A Jane almoçou bem. Preenchi o menu para amanhã, para que eu também recebesse um jantar de Natal completo e pudesse comer com ela. Contei-lhe um sonho muito forte e vívido que tivera na noite passada, em que ela estava totalmente recuperada e com excelente saúde. A cena era em casa de um vizinho da rua onde vivíamos — não na Pinnacle Road — onde decorria uma festa. O Bob McClure, que já morreu, estava lá. Eu dizia a toda a gente que a Jane acabara de recuperar espontaneamente a saúde e a capacidade de andar: conseguia ver covinhas nos joelhos dela enquanto se movia. Ela também contava tudo às pessoas — muitas delas estranhas. Eu sabia que era um excelente sonho.

(Ontem lembrei-me finalmente de contar à Jane outro sonho vívido que tivera na semana passada. Nesse sonho eu mudara-me para um apartamento na West Water, perto do centro. Vi uma grande sala tipo estúdio, bem arrumada, com soalho de madeira polida. Mas quando olhei para fora, vi uma fileira de apartamentos degradados ao lado, e na primeira porta estava uma jovem mãe em roupas esfarrapadas, com vários filhos também esfarrapados sentados nos degraus, a fixarem-me o olhar. Não havia ruído. Relacionei essas pessoas com velhas crenças.

(Depois do almoço, e de tratar um pouco do correio, a Jane e eu trocámos algumas prendas um do outro. Dei-lhe ganchos para o cabelo, pentes e outros acessórios, que gostei de ver que ela apreciou, e ela deu-me um colete que a Debbie comprara para ela, e um guarda-chuva que a Margaret Bumbalo lhe trouxera. Infelizmente, o colete era demasiado apertado para abotoar, e o guarda-chuva não se conseguia fechar devidamente, uma vez aberto, para guardar; percebi finalmente porquê depois de mexer nele meia hora, e após alguma luta consegui fechá-lo e atá-lo para que não abrisse. A Jane estava irritada nessa altura, e eu quase esquecera como tinha rido quando abri o embrulho. Uma boa ideia, e bem que me teria dado jeito tal abrigo na semana passada.

(A Jane não fez exercícios hoje. O tempo passou depressa, e ela acabou por dizer que gostaria de ter uma sessão.

(“Ele falará dos meus sonhos?”, perguntei.

(“Não sei, Bob.”

Agora: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

O sonho do Ruburt de ontem à noite, e o teu, atraem ambos excelentes probabilidades para o domínio da realidade física.

Eles apontam para as direções que as vossas vidas tomarão.

Os outros sonhos sobre os Gallagher (ver a sessão de 22/12), e o local lúgubre na Water Street, retratam apenas o resultado final de crenças negativas — e os Gallagher representam crenças negativas que, mesmo assim, foram vossas amigas, isto é, fostes amigáveis com essas crenças negativas.

Posso ou não regressar, de acordo com esses ritmos de que falo —

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Qual foi o papel do Bob McClure no meu sonho de ontem à noite, em que a Jane andava?”)

O McClure representava crenças, de novo, que em tempos foram amigas, mas que já passaram.

Dou-vos a ambos a minha bênção pelo significado desta época, tal como foi estabelecido muito antes do tempo do Cristianismo.

(“Sou eu.”

(“Obrigado.”

(16h36. “Ainda bem que ele apareceu, seja como for,” disse a Jane. “Já estava a começar a duvidar.”

(Nota que o Seth se referiu a um sonho que a Jane tivera na noite passada. Ela descreveu-o quando cheguei ao 330, mas por alguma razão não fiz anotações sobre isso neste registo. Talvez amanhã — dia de Natal — ela me refresque a memória e eu possa incluí-lo na próxima sessão.

(Intriga-me a frase final algo misteriosa do Seth, acima, acerca desta época tal como foi estabelecida muito antes do tempo do Cristianismo. Algo semelhante em significado à nossa época natalícia? Não me importava nada de obter mais informações sobre isso, Jane.

(E ver-te-ei no dia de Natal, e trocaremos as prendas que ainda tivermos. Isso será agradável, Querida, mas as verdadeiras coisas pelas quais estou grato não podem ser colocadas em palavras. Estou grato por ainda estarmos juntos, e a funcionar, e por todas as coisas que essa afirmação implica. É muito mais do que pensei que teria de esperar nesta época do ano. E estou ainda mais grato por termos tanto mais para esperar — que muitos anos ainda nos aguardam, de criatividade e liberdades de tipos que provavelmente agora só conseguimos conscientemente sonhar. 1984 será um bom ano, Jane, nunca te esqueças disso. Boa noite.

SESSÃO APAGADA

25 DE DEZEMBRO DE 1983 — DIA DE NATAL

(Devia ter registado com a sessão de ontem que, na sexta-feira, recebi da Blue Cross quatro notificações de recusa de pedidos de reembolso — referentes a abril-julho, agosto e setembro. Sem explicação para os meses em falta. Farei cópias para enviar ao nosso advogado, e mostrarei os originais ao Andrew Fife, na contabilidade, para que ele próprio tire cópias para o nosso processo.

(Hoje, dia de Natal, estive mesmo muito frio — temperaturas negativas durante a noite, e apenas -12 °C quando saí para o hospital ao meio-dia. Aqueci o carro antes, como já tinha feito ontem. A Jane estava bem. Não houve hidro de manhã. No 330 encontrei presentes dos Bumbalo para nós os dois. A Georgia fez à Jane uma pequena manta de lã, muito bonita. A Peg e o Bill Gallagher visitaram a Jane às 23h00 da noite passada, entrando de forma clandestina pela saída de emergência, disse a Jane, e deixaram prendas para nós, incluindo vinho. Eu não esperava presentes de ninguém, e por isso não planeava dar nada a outros além da Jane. A Jane e eu trocámos as nossas próprias prendas — bombons para ela, calças de ganga de marca, pretas e cinzentas, para mim [para minha grande surpresa].

(A Margaret Bumbalo deu à Jane uma borboleta de vidro colorido, em vitral azul e amarelo, aberta para ser usada como decoração de parede, presa por uma ventosa. Ao início achei que fosse uma prenda inútil, embora bonita. Mas quando me ocorreu que podia prendê-la a um vidro de janela com a ventosa, transformou-se de algum modo numa decoração da natureza perfeitamente válida e evocativa. E foi uma lição para mim. “Nunca me teria ocorrido comprar uma coisa dessas como prenda,” disse eu à Jane.

(Ao meio-dia a Georgia trouxe um prato enorme de lasanha, salada e asas de frango, do qual quase não comi, no meio de tanta animação. Vários dos funcionários deram pequenas prendas à Jane. A Patty tocou dois solos de flauta para nós, no 330. Mais tarde, durante a tarde, a Jane e eu comemos pequenas porções do bolo de gelado que eu tinha comprado para o pessoal; era muito rico.

(Mas, enquanto comíamos, surgiu outro desenvolvimento no progresso da Jane — e um importante. De repente pediu-me que colocasse o prato de papel com o bolo sobre o colo dela, e que lhe desse a colher.

(Depois começou a alimentar-se sozinha — desajeitadamente, é certo, e com a mão esquerda — mas conseguiu fazê-lo até ao fim, para minha completa surpresa. Ficou muito contente com a conquista. Disse que pedira mentalmente para ter algum novo desenvolvimento a mostrar-me no dia de Natal.

(Também teve alguns espasmos ocasionais durante as atividades da tarde. A Georgia trouxe-nos gelo e cada um de nós bebeu um copo do vinho que os Gallagher tinham deixado. A Jane não fez exercícios. Às 16h01 começou a ler a sessão de ontem. Conseguiu terminá-la, mas teve bastante dificuldade. Acabou finalmente às 16h26. Fumou um cigarro enquanto eu falava de ir ao parque de estacionamento para aquecer o carro. Isso fez-me lembrar os dias de frio intenso em que fazia o mesmo, há anos, enquanto trabalhava na Artistic Card Company — o emprego que nos trouxe a Elmira.

(O pé direito da Jane, na zona do dedo grande por baixo, tinha-lhe causado desconforto durante toda a tarde, como se estivesse a preparar-se para ficar mais ativo. Quis ter uma sessão, ou “fazer alguma coisa” esta tarde, mesmo sendo feriado. Eu também.

(A voz do Seth estava boa, a dicção rápida, de forma que tive mesmo de escrever velozmente para conseguir acompanhar.)

Agora: desejo-vos um Feliz Natal, tal como entendeis o termo. E terei prazer em acrescentar algo ao meu comentário (na última sessão) de ontem, relativo às raízes antigas da época festiva, se me recordares disso mais tarde na semana.

(“Está bem. Ótimo.”)

O Ruburt quis surpreender-te com uma nova realização física, ou movimento. Não especificou nada em particular, e assim deixou a porta aberta para que a sua inteligência criativa pudesse escolher sem ser impedida por demasiada coloração consciente — daí a sua primeira excelente tentativa de segurar um prato e alimentar-se, mesmo que o prato fosse de papel.

A tua fé e encorajamento também lhe permitiram alcançar esta melhoria. Como já referi antes, o amor é um aliado poderoso, sobretudo quando não é minado por uma predominância de considerações negativas.

Obviamente, então, o Ruburt continuará a apresentar progressos — e dou-vos os meus parabéns. Pois cada um de vós está envolvido em mudar a

vossa realidade para uma mais benéfica. As melhorias aceleram à medida que prosseguis.

Posso ou não regressar. Novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

(Já quase era hora de virar a Jane de lado, mas primeiro li-lhe a sessão. Quando a virei, massageei-a com Oil of Olay, depois fui aquecer o carro. Estava de novo muito frio, mas o carro pegou bem. Deixei no 330 dois tabuleiros completos para o jantar de Natal. A Jane tinha comido tanto durante a tarde que não estava com muita fome. Eu também não estava esfomeado, por isso fiz uma sesta até às 17h45, e começámos a jantar pouco antes das 18h00.

(A comida estava saborosa — muito melhor do que o jantar de Ação de Graças — e desfrutámos dela sem comer em excesso. Trouxe para casa alguma das sobras de peru e recheio.

(Rezei com a Jane às 19h17, e saí do 330 às 19h25. Suponho, Jane, que a melhor prenda que te podia oferecer eram as minhas notas no fim da última sessão, sobre tentar apreciar o que temos, estar grato por termos o que temos, e saber que as coisas só podem melhorar daqui para a frente. Sei que concordas. Amo-te. Feliz 1984!

SESSÃO APAGADA

27 DE DEZEMBRO DE 1983

(Não houve sessão ontem, segunda-feira, mas aqui fica um resumo dos acontecimentos do dia 26 de dezembro.

(A Sue Watkins estava lá quando cheguei ao 330 às 13h05. Nós os três tivemos uma boa visita, cheia de piadas. A Sue contou-nos um pouco sobre a morte do pai e deixou-nos presentes, que decidimos abrir amanhã. A Sue não sabe se acabará a viver aqui em baixo ou não, vinda do Estado de Nova Iorque.

15h05. A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas não se saiu muito bem. Os olhos estavam muito vermelhos. Limpei-lhe os óculos e mudei o Duoderm na ponte do nariz, o que ajudou.

15h21. Acabei eu de lhe ler a sessão, ela estava com tanta dificuldade. Comeu um bombom enquanto eu tratava do correio. O pessoal verificou os sinais vitais — temperatura: 36,8 °C.

15h56. A Jane mostrou-me como ambos os cotovelos se tinham soltado o suficiente para que pudesse baixar os antebraços mais uns 2,5 cm — um bom sinal, disse-lhe eu. Depois fez alguns movimentos gerais, muito leves. Às 16h15 já adormecia por momentos enquanto eu tratava do correio. Às 17h00 começou o O Homem de Seis Milhões de Dólares na TV, quando eu comecei uma sesta depois de a massajar — des-hipnotizando-a como de costume. A Jane preocupou-se um pouco por não ter feito nada, mas disse-lhe para esquecer. Jantou bem, e saí às 19h15.

Devo acrescentar que às 14h30 telefonei para ver se o Andrew Fife estava no gabinete de contabilidade, já que queria mostrar-lhe os relatórios de recusa de reembolso que recebera da seguradora no dia antes do Natal. Mas ele não estava, tinha tirado o dia.

27 de dezembro, terça-feira:

Não tive chamadas nem outras interrupções esta manhã enquanto trabalhava em Sonhos. O tempo tinha aquecido bastante — até cerca de -5 °C quando saí para o 330. A Jane contou-me que, depois de regressar ao quarto da hidro, tivera uma excelente pequena experiência, algo como um sonho acordado, talvez: tirava de um frigorífico um bife T-bone já cozinhado, e começava a comê-lo enquanto atravessava uma rua. Tinha cozinhado a carne como costumava, disse. O episódio foi bastante significativo, pensei eu, pelas suas ações positivas.

Hoje, quando telefonei para o gabinete dele, soube que o Andrew Fife estava de férias até 3 de janeiro, por isso verei com ele nessa altura. A rapariga com quem falei conhece o nosso caso, por isso expliquei o que queria mostrar ao Andrew. Ela disse que as recusas eram “ridículas”, e que o nosso advogado “ia achar muita piada a isso”. Reproduzi-lhe a fórmula-tipo de recusa em cada um dos quatro pedidos, para que soubesse do que falava.

Trabalhei um pouco no correio. Depois abri os presentes que a Sue nos deixara. Um deles era um grande papagaio de cores vivas, que consegui pendurar na moldura de madeira do quadro de avisos aos pés da cama da Jane, para que ela o pudesse ver. Um presente verdadeiramente criativo e original. Na verdade, disse a Jane, era uma afirmação de realidade mais válida e verdadeira do que o outro presente da Sue — After Man, de Dougal Dixon. É uma projeção ilustrada de tendências evolutivas daqui a 50 milhões de anos. Ao início a Jane e eu perguntámo-nos porque a Sue nos teria dado tal livro, sabendo das nossas opiniões sobre a evolução. De qualquer modo, acabei por concluir que estava contente por o receber, independentemente do que a Sue saiba ou não sobre evolução. Era uma bela compilação de todas as falácias, distorções e ilusões de pensamento relativas à visão científica da evolução.

Naturalmente, o livro foi endossado por todos os cientistas, organizações e críticos certos. “Imagina que essas pessoas endossavam o teu trabalho assim?”, perguntei à Jane. “Deserdava-o”, respondeu ela. Na verdade, os animais, aves e peixes retratados no livro pareciam todos regressivos, em vez de mostrarem o que poderia ser um verdadeiro progresso evolutivo. Achei que refletia mais os medos do autor do que outra coisa. A Jane e eu passámos algum tempo a discutir isso. Mas depois disse-lhe: é impossível escrever sobre evolução sem cair em contradição se se acredita nela. O mesmo vale para as teorias atuais sobre “a origem da vida” em termos científicos. Há uma secção no livro sobre isso, cheia de palavras como “talvez”, “poderia”, “deve ter”, “alguns”, “provavelmente”, etc. Que pena, disse à Jane, ter nas mãos o melhor que o homem consegue fazer hoje para compreender as suas origens. Patético.

A Jane fumou um cigarro depois de eu lhe pôr gotas nos olhos e arranjar os óculos. O pessoal verificou-lhe os sinais vitais — temperatura: 36,8 °C. Parece ter deixado para trás, por agora, a faixa dos 36,1 °C. Quis

pelo menos tentar ter uma sessão. A sua voz de Seth estava boa, a dicção algo rápida.)

Bem, despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

E dou-vos os parabéns pelo vosso aniversário (o nosso 29.º).

(“Obrigado.”)

Uma quantidade incrível de trabalho tem decorrido, permitindo ao Ruburt começar de novo a alimentar-se sozinho. Todo o tipo de organizações internas invisíveis e desconhecidas foram corrigidas e ativadas, de modo que as mãos começam novamente a mostrar sinais de coordenação e força.

(Devia ter acrescentado antes que, ao almoço de hoje, a Jane me pedira para colocar o recipiente de papel com arroz espanhol e carne sobre a barriga dela, para que pudesse comer com uma colher, com a mão esquerda. Ficou muito contente com a conquista; eu também. Quis também experimentar o gelado, mas ainda não o fez.)

Os músculos, e também o funcionamento dos olhos, estão ligados a essas atividades. Essas atividades estão igualmente relacionadas com o funcionamento dos seios nasais. Os padrões de pensamento melhorados do Ruburt, assim como os teus, ajudaram a concretizar estas atividades, e naturalmente continuarão.

A breve experiência onírica do Ruburt, em que atravessava a rua e começava a comer com apetite um bife, ativou inconscientemente todas as partes do corpo necessárias para tal atividade, ainda que em escala reduzida. Isso inclui, claro, os músculos e ligamentos das pernas.

(Diria que aqui se apresenta uma pista valiosa sobre o funcionamento da mente e do corpo: a atividade do estado de sonho prepara o corpo para a sua atividade posterior em maior escala.

(Longa pausa às 16h21.)

O vosso amor um pelo outro, acentuado pela época natalícia e pelo vosso aniversário, também ajudou a dar impulso a esses progressos. O corpo não funciona apenas parte por parte — mas os seus movimentos são também resultado de organizações e ligações invisíveis que unem as várias partes do corpo. Estas organizações internas são difíceis de o intelecto compreender, pois lidam com questões intuitivas e símbolos tal como os sonhos fazem.

Os sonhos envolvem um certo tipo de movimento interior e, de certo modo, os movimentos exteriores também consistem em atividades oníricas, numa realidade de sonho que todos, mais ou menos, concordam ser um mundo separado e objetivo.

A Lorrie entrou para dar gotas nos olhos da Jane, embora eu lhe tivesse dito que já o fizera há umas duas horas. Reli toda a sessão até aí à Jane. Também repeti esse último parágrafo porque, na verdade, ambos achámos que havia ali material novo. Retomámos às 16h29.)

É suficientemente fácil para as pessoas comuns moverem-se (pausa) sem questionar, aceitando plenamente que tal movimento é uma característica natural. Só se torna difícil mover-se quando se começa a questionar a natureza do movimento, ou quando se fica excessivamente impressionado com ele. Então a coordenação suave é perturbada. A pessoa hesita, talvez vacile, e pode sentir-se como se fosse apanhada por um pesadelo.

Funciona todas as noites num mundo de sonhos da mesma forma, e só quando, ou se, começa a desconfiar dos sonhos é que hesita ou vacila, ou sente medo de se mover, e também sente como se estivesse preso num pesadelo. O que acontece em qualquer dos casos é que impede o seu próprio ritmo. Não confia na sua própria espontaneidade de movimento — mas a espontaneidade do movimento é uma verdadeira ordem de toda a vida, seja em que forma for.

Não quero dizer que questionar seja infeliz, ou de alguma forma prejudicial. Estou a falar de uma falta de fé que o faz questionar o que antes tomava como garantido.

Agora despeço-me com um afetuoso boa tarde, mas saibam que estou presente e acessível.

(“Comentarias o livro que estávamos a ver?”)

Levaria algum tempo a fazê-lo como deve ser. Como o Ruburt sugeriu, o trabalho é uma espécie de história. O autor está basicamente demasiado inseguro de si para chamar ao livro ficção ou não-ficção — assim, poupa-se a responder a muitas perguntas inteligentes dizendo que é conjectura, mesmo enquanto se abriga sob o nome da ciência.

Voltarei a este assunto amanhã (pausa), se quiserem mais discussão.

(“Está bem.”)

(A voz da Jane tornara-se rouca, embora nasal. Dei-lhe um pouco de ginger ale. A dicção dela manteve-se boa durante toda a sessão. Disse que queria mais material sobre o livro em questão.

(Sugeri também à Jane que, se começasse outro livro do Seth, o fizéssemos sem notas — só Seth direto, com ela a escrever a sua própria introdução, por exemplo. Eu poderia sempre contribuir com uma introdução também. Mas assim, disse eu, poderíamos publicar trabalhos sem demora, e acompanhar a nossa produção. Nada de ficar dois, três ou quatro anos atrasados. Qualquer outra escrita que eu fizesse poderia ser por minha conta.

(Disse que o Seth talvez já tivesse começado o próximo livro dele, e se fosse assim, ótimo. Disse à Jane que tinha muitos bons trabalhos pela frente ao longo dos anos, e que era altura de decidirmos um sistema que lhe permitisse produzi-los com o mínimo de demora. Ela pareceu concordar com tudo isto, acrescentando que já tínhamos o Rembrandt e o novo Seven em andamento.

(“Mas não me preocupo com o Seven,” disse. “Eu trabalho sempre assim nesses livros.”)

SESSÃO APAGADA

28 DE DEZEMBRO DE 1983

(O tempo tinha aquecido ao ponto de termos chuva em vez de neve — cerca de -1 °C — mas isso ameaçava criar outro problema: estradas geladas. Às 11h00 da manhã já tinha praticamente decidido que a colina estava demasiado perigosa para conduzir; pensei em telefonar para a enfermaria da A-3. Depois passou o camião da areia. Meia hora mais tarde fui verificar a estrada, e parecia aceitável. Fiz a viagem.

Surpresa! Quando a Jane e eu estávamos a preparar-nos para almoçar, vários membros do pessoal — incluindo a Cathy, a Jan, a Mary (a enfermeira-chefe), a Dawn e a Sue — trouxeram um grande bolo em tabuleiro, decorado para o 30.º aniversário de casamento da Jane e meu. Tinham mandado fazê-lo em dietética, no piso de baixo. Ficámos realmente surpreendidos. Para além de tudo, o bolo estava mesmo bom. Várias das raparigas levaram fatias quando voltaram ao trabalho, e a Jane e eu comemos algum depois do almoço. Há bolo suficiente para os três turnos. Trouxe para casa dois pedaços pequenos.

Mas o simples gesto de trazerem o bolo mostrou o que aquelas pessoas pensam de nós — de aquecer o coração, para usar uma frase original. Todas tinham descoberto a data do nosso aniversário através das conversas de Natal, e sabiam que nós próprios não tínhamos feito nada para o celebrar.

A Jane comeu bem e, de sobremesa, teve bolo e gelado. Por sugestão dela, tentou comer a partir de um prato de papel pousado na barriga. Conseguiu comer um pouco com a colher, mas também teve dificuldades. Ainda assim, como disse, era algo em que nem sequer teria pensado há umas semanas — mais um grande sinal, disse-lhe eu.

A Jane começou a ler a longa sessão de ontem, mas não conseguiu lidar muito bem com ela. Eu tentei tratar de correio, mas parei para a ajudar; depois, às 15h16, comecei eu a ler-lhe a sessão. Terminei às 15h27.

A Sharon mediu a temperatura da Jane — 36,7 °C — pulso e tensão arterial, e trouxe-lhe ginger ale fresco.

A Jane descobriu que o braço direito conseguia fletir mais tanto no ombro como no cotovelo — sobretudo no cotovelo — o que é um excelente sinal. Na verdade, conseguiu baixar a mão direita até tocar na coxa, e depois movê-la para fora dela. Melhor do que fizera no outro dia, até. Depois a Jane apercebeu-se de que o braço esquerdo se estava a comportar de forma semelhante, embora mais limitada. Outro passo, disse-lhe eu. Seguiu estes movimentos com alguns suaves exercícios de cabeça e ombros. Ambos os pés mexeram um pouco. O dedo grande do pé direito ainda lhe doía.

“Está a ser feito mais trabalho nesse cotovelo direito,” disse a Jane, e voltou a mover a mão direita para baixo, passando pela parte de fora da coxa, ainda mais do que fizera às 15h49. E não só isso, disse-lhe eu, mas os movimentos pareciam mais fáceis para ela. A principal restrição parecia estar na zona do ombro. Depois o braço esquerdo também melhorou. A Jane rodou as mãos, como costumava fazer, embora não muito. O pé esquerdo mexeu em ritmo.

Tentei tratar do correio, mas estava demasiado sonolento. A Jane continuava a fazer movimentos de ombro. Disse que agora que já ninguém entrava no quarto, gostaria de ter uma curta sessão.)

*Agora: despeço-me com outro afetuoso boa tarde —
 (“Boa tarde, Seth.”)*

—ainda que fale apenas brevemente.

Estão a ocorrer mais progressos no corpo do Ruburt, de uma natureza entusiasmante, e estou encantado com os avanços que ambos estão a fazer. Estão a mudar probabilidades para melhor, e da mesma forma é que as gerações escolhem as suas probabilidades, de modo que, a partir de qualquer século, se formam probabilidades incontáveis.

Compreendeis como os continentes se juntam, e como as probabilidades se unem, por assim dizer, cada uma elevando-se sobre um campo de nutrientes ricos, de forma que mundos existem em todas as porções imagináveis do espaço. Formam-se de acordo com os significados que escolhem, de modo que, de uma maneira ou de outra, os acontecimentos ficam latentes em alguns mundos, enquanto noutros se tornam acontecimentos primordiais.

Nalguns mundos, as vossas personagens fictícias manifestam-se fisicamente como probabilidades. Noutros permanecem sombras psicológicas, enquanto noutros podem manter impulsos fortes, mas servem de trampolim para a personalidade primordial em funcionamento.

O mesmo acontece com os acontecimentos. Nalguns mundos certos acontecimentos permanecem no domínio da arte ou da ficção, enquanto noutros esses mesmos acontecimentos são totalmente ativados.

Pessoalmente, estais agora num período em que mudais probabilidades a um ritmo rápido — como, na verdade, o vosso mundo está a fazer. Numa democracia, o período de eleições e a contemplação de candidatos põem sempre em movimento probabilidades fortes.

Percebo também que o vosso mundo será tocado por muitos acontecimentos entusiasmantes no ano seguinte, à medida que muitos países mudam as suas alianças e novos grupos de aliados se formam. Na probabilidade que, até agora, escolheram globalmente, esses acontecimentos serão benéficos.

Agora, posso ou não regressar, de acordo com esses ritmos de que falo, mas saibam que estou presente e acessível.

(“Está bem. Não queres dizer mais nada sobre esses progressos entusiasmantes no corpo do Ruburt?”)

Já dissemos o suficiente, pois deixamos sempre bastante espaço para que o corpo que tendes escolha as suas próprias manifestações, mas o progresso dele será mais rápido do que imaginam.

(“Está bem.”)

(Mal o Seth começou a falar sobre probabilidades, soube que estava a estender o material iniciado na sessão de 21 de dezembro, em que afirmou que as probabilidades não escolhidas podem ser bastante alteradas pelas escolhidas para ativação. Mais uma vez, isto é um pensamento novo no material.

O comentário interessante do Seth de que personagens fictícias podem manifestar-se em certas probabilidades pode ter sido inspirado pelo programa In Search Of que vimos na televisão entre as 14h30 e as 15h00 desta tarde. Tratava de Sherlock Holmes, e de como essa personagem assumiu qualidades vivas e reais na mente de algumas pessoas.

Depois da sessão a Jane perguntou-me que país era a antiga Pérsia. Ao início, embora tivesse a certeza de saber a resposta, disse Afeganistão. Depois corrigi para Irão, que é o correto. Ela disse que sentia que o Seth podia ter aludido a uma melhoria das nossas relações, enquanto nação, com o Irão, embora isso possa ser difícil de acreditar no presente. [Na verdade, segundo o dicionário, o atual Afeganistão fez parte do Império Persa.]

“Às vezes,” disse a Jane, “fico ou sinto-me entusiasmada com o que ele — o Seth — está a dizer, embora depois da sessão não tenhas nada de concreto para mostrar. Quase senti que no próximo ano ou assim podíamos ver coisas acontecerem que virariam o nosso mundo inteiro ao contrário, e de uma maneira que normalmente seria considerada impossível.”

Ela referia-se ao Irão. Disse-lhe que lhe desenharia um mapa da região depois do jantar, mas nunca o fiz. Expliquei-lhe, no entanto, a posição geográfica atual do Irão, com a Rússia a ocupar o Afeganistão na fronteira oriental do Irão. O Irão odeia os comunistas, mas também a nós. “Se calhar até nos odeiam mais,” riu-se a Jane.

De qualquer modo, ela — ou o Seth — raramente traz esse tipo de material. Será interessante ver o que se desenvolve. Disse à Jane que na semana passada acabara de escrever uma nota para Sonhos sobre a situação geral iraniana. Não pensei que fosse por isso que o Seth mencionara algo sobre o Médio Oriente hoje, contudo; também não tinha mencionado a nota à Jane.

A Jane comeu bem depois da massagem. A chuva tinha parado quando saí às 19h15; a viagem para casa decorreu sem incidentes, embora conduzisse.)

SESSÃO APAGADA

29 DE DEZEMBRO DE 1983

(A nossa vida continua a expandir-se de maneiras inesperadas entre uma incrível variedade de realidades prováveis. E devo dizer que, mais uma vez, a Jane e eu fomos surpreendidos e tocados. Quando cheguei a casa, vindo do 330 ontem à noite, encontrei no correio uma carta da Maude Cardwell, da Reality Change, a newsletter do Seth que ela publica em Austin, Texas. Nela, descrevia como tinha sido abordada por uma subscritora que queria iniciar um fundo para ajudar a Jane e a mim com as despesas médicas. A carta que eu tivera publicada recentemente, na edição de novembro da Coordinate Point International, descrevendo os desafios da Jane, tinha chegado ao conhecimento dessa leitora em St. Paul, Minnesota, que telefonara à Maude com a ideia de um fundo.

(Levei tanto a carta como a edição da CPI para mostrar à Jane e obter a opinião dela. Fiquei apanhado de surpresa com a carta da Maude, incrédulo e ao mesmo tempo grato por alguém querer oferecer dinheiro a estranhos. Pensei em toda a situação ontem à noite enquanto dactilografava a sessão. Acredito que também tenha tido sonhos agitados acerca disso durante a noite, mas não consegui recordá-los hoje.

Lembrei-me, no entanto, de um sonho vívido de ontem à noite, e descrevi-o à Jane. Com um jovem ágil, trepava pela áspera parede exterior de tijolos vermelhos de um prédio de apartamentos — vários andares acima, pelo menos — e entrava por uma janela para o meu próprio apartamento. A Jane não estava no sonho. Estava um pouco nervoso com a escalada pela parede lisa, mas consegui fazê-lo bem. O meu jovem companheiro também. Agora, eu recusava-me a voltar a sair pela janela e a descer pela parede, como uma mosca ou um animal faria. Em vez disso, ao meu companheiro foi atribuída essa tarefa: todos os dias a sua função era sair pela janela com talvez três volumes de argolas do material do Seth debaixo de um braço. Com o outro, e com os pés, tinha de se movimentar de volta pela parede abaixo, apenas com uma corda branca como auxílio, até chegar à rua. Eu via-o fazer isso, e desejava-lhe boa sorte. Não sei o que ele deveria fazer na rua, ou ao nível do chão, com os cadernos.)

A Jane também tinha tido um sonho muito positivo, disse. Envolvia voar, material sobre o mundo — noticiários — e a redescoberta de alguns objetos belos, incluindo um sofá, que talvez tivesse sido dela antes. Para

mim, todas estas atividades significavam que ela se estava a preparar para regressar ao mundo quotidiano da atividade.

A Jane almoçou bem. Depois li-lhe a minha carta e a da Maude. “A tua carta está fantástica,” disse, “um excelente texto.” Não tinha pensado nisso dessa forma em particular. Discutimos muitas possibilidades que rodopiavam em torno da ideia do fundo. A ideia era nova para a Jane, naturalmente, e eu queria dar-lhe tempo para pensar nisso. Disse-lhe que, de qualquer modo, por agora escreveria apenas uma nota de agradecimento à Maude. A Jane disse que também ditaria eventualmente uma carta para o grupo. Estava muito reservada quanto à possibilidade de o Seth entregar uma mensagem para eles. A nossa resposta poderia ir desde sim a não, com qualquer combinação pelo meio. Achei que o Seth poderia comentar hoje, mas não esperava uma resposta detalhada nesta altura. Uma coisa tornou-se bastante clara enquanto falávamos: a ideia do fundo levou-nos de repente a olhar para as nossas crenças e motivações e para o “trabalho” de novas formas — um serviço valioso logo ali.

A Jane começou a ler a sessão de ontem, mas depressa começou a ter dificuldades. Às 15h22 acabei de ler-lhe as três últimas páginas.

Disse-me que hoje, por duas vezes, tivera o impulso de se sentar à beira da cama outra vez. Explicou também que lhe tinham inserido um novo cateter por volta das 11h15 da manhã.

Disse-lhe que as minhas experiências quase oníricas da noite passada provavelmente representavam eu a experimentar várias possibilidades em relação à proposta do fundo.

A Jane estava à espera de que o pessoal verificasse os sinais vitais antes de tentar uma sessão, mas depois decidiu avançar na mesma. A voz de Seth estava mais lenta do que o habitual, e bastante baixa.

Ora bem: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Tendes pouca noção (longa pausa) do sentimento mágico de descoberta (pausa) com que muitos dos nossos leitores encaram o nosso trabalho.

Para eles, parece que reivindicam uma atmosfera rarefeita para além das capacidades da maioria das pessoas. Muitos leitores anseiam por desempenhar algum papel nesse mundo. Anseiam por dar e por contribuir. Querem sentir que podem ter alguma parte naquilo que acreditam ser, sem dúvida, uma grande e ousada empreitada.

É por isso que tantos promovem o nosso trabalho, comprem livros para outros, e formam os seus próprios tipos de organizações de base. (Longa pausa.) Em certa medida sentiram-se excluídos, incapazes de contribuir. É por isso que receberam a carta sobre o fundo. A ideia do fundo representa a oportunidade de muitas pessoas sentirem que fazem parte da nossa empreitada. Querem ser capazes de mudar o mundo para melhor na medida do possível. As pessoas são, sem dúvida, bem-intencionadas, de boa índole, e acolhem a ideia de despende energia, tempo e dinheiro em nosso favor. Na sua maneira de ver, isso dá a muitas pessoas uma oportunidade —

Houve uma batida à porta. Uma nova enfermeira entrou para verificar os sinais vitais da Jane — temperatura 36,7 °C, etc. Também a tensão arterial. A Lorrie entrou para pedir desculpa por se ter esquecido de dar os medicamentos à Jane na noite anterior. Eventualmente, a Jane telefonou e alguém tratou disso.

Quando ficámos novamente sozinhos, lembrei à Jane que, tanto quanto sabíamos, a ideia do fundo era conhecida apenas por duas pessoas, por isso fiquei um pouco intrigado quando o Seth falou, aparentemente, de muitas pessoas quererem contribuir. Retomei às 16h42, depois de ter lido a sessão a ela.

— de pertencer a uma grande empreitada.

No teu sonho eras ambas as pessoas — o jovem e tu próprio. A altura do edifício representava o estado elevado de consciência sobre o qual o nosso trabalho assenta. Esse trabalho tem depois de ser “descido” desse patamar de consciência para o comum, e para as pessoas do mundo — uma empreitada —

A Lorrie voltou para dar gotas nos olhos à Jane. Retomei às 16h08.

— que pode parecer árdua por vezes, quando comesas a pensar no trabalho envolvido, enquanto a outra parte de ti prossegue calmamente, trazendo os livros ao público um a um, por assim dizer. Não quero dizer com “atmosfera rarefeita” que vivam num mundo superior ao das outras pessoas — apenas que o nosso trabalho é, nesses termos, invulgar, altamente original, e de muitas formas misterioso, pois confunde muitos dos conceitos convencionais do mundo diário em que vivem.

Mais uma vez, regozijo-me com as melhorias do Ruburt, e cada melhoria que se mostra é apenas uma de muitas outras que também surgirão.

A oferta de contribuições resulta também, em parte, das vossas próprias mudanças de atitude, e destina-se a informar-vos de que o universo está de facto inclinado na vossa direção.

Agora, posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Obrigado.”)

Concordámos logo que o Seth dissera muito mais sobre a ideia do fundo do que esperávamos nesta altura. Disse à Jane que enviaria uma curta carta de agradecimento à Maude Cardwell. Provavelmente começarei já amanhã.

Em relação ao material do Seth sobre o fundo, disse à Jane, parece-me que a criatividade tem obviamente muitas mais facetas do que normalmente pensamos — se precisamos ou queremos dinheiro, por exemplo, servindo apenas como meio para um fim — fazermos o nosso trabalho — ele será fornecido se não estivermos fechados à ideia. E não importa como surge, desde que seja honesto — através do “ganho” convencional, ou se o encontrarmos no chão, ou se cair do céu, ou se alguém nos der, ou se vier do seguro, ou o que for. A ideia do fundo é um caso ideal, sendo totalmente inesperada. Enquanto falávamos a Jane disse que a ideia poderia até ter ramificações que chegassem ao Pete Harpending, o nosso advogado.

Aliás, não tivemos notícias do Pete esta semana, mas a Jane disse que já não esperava nada, que nada aconteceria em termos de negócios até ao novo ano entrar.)

SESSÃO APAGADA

30 DE DEZEMBRO DE 1983

(Esta manhã, entre chamadas do meu irmão Loren e da esposa, e do filho da Sra. Austin acerca da entrega da roupa lavada, trabalhei no primeiro rascunho de uma carta para a Maude Cardwell, da Reality Change, em Austin, Texas. Esbocei os pensamentos que a Jane e eu tínhamos sobre o fundo que ela sugeriu para as nossas despesas médicas.

Levei a carta para o 330 para mostrar à Jane. Ela tinha ido à hidro esta manhã. Enquanto lá estava, a Lottie reparou que a Jane engordara nos seios e noutras partes do corpo. Depois a supervisora da terapia, Wendy, viu as nádegas da Jane pela primeira vez em muito tempo. Ficou espantada, disse a Jane, com a forma como aquelas feridas em tempos abertas estão a preencher-se.

Na noite passada, disse a Jane, também surpreendeu a Lorrie ao segurar o copo sozinha enquanto bebia ginger ale.

Enquanto almoçava bem, contei-lhe o meu sonho muito vívido da noite anterior — em que a Jane, eu e o pai dela já falecido, Del, tínhamos ido de carro até Bemidji, Minnesota, no verão. No inverno, essa cidade é um dos locais mais frios do país. Descrevi como o Del nos levou a passear pela cidade e pelo campo na sua velha carrinha, e como durante algum tempo ele e eu ficámos separados da Jane. Também vagueei sozinho por lá, mas a Jane e eu acabámos por nos reunir em segurança.

Achei que o sonho era mais um muito positivo, e significava que a Jane e eu deixámos para trás as velhas crenças mortas representadas pelo Del. O facto de estarmos lá no verão também era um bom sinal.

A Jane também tivera um sonho muito positivo na noite passada. Nele experimentava roupas novas — um cinto à cintura, blusas, etc. “A divertir-me mesmo,” disse ela.

Li à Jane o rascunho da carta para a Maude Cardwell, de que ela gostou muito. Sugeriu que acrescentasse uma nota sobre o livro do Rembrandt, o que fiz. Espero dactilografá-la amanhã, antes de o Loren e a Betts chegarem por volta das 11h00. Terminámos a nossa discussão sobre a ideia do fundo às 15h15. A Jane não achou que eu tivesse exagerado na carta, embora eu ainda tivesse dúvidas.

A Jane começou a ler a sessão de ontem. Saiu-se muito melhor do que tem feito ultimamente, embora ainda não muito bem. Terminou às 15h42. “Os meus olhos ficaram cansados.” Mas hoje não estavam tão vermelhos.

A Cathy mediu a temperatura da Jane — 36,8 °C — e o pulso. Poucos minutos depois a Sharon mediu-lhe a tensão arterial. Depois a Jane bebeu ginger ale; segurou o copo sozinha. Enquanto fumava um cigarro disse que queria ter uma sessão. Eu já lhe tinha posto as gotas nos olhos.

(Sem saudações:)

A exuberância e a vivacidade são características naturais de todos os seres vivos.

As células, os tecidos e os órgãos “esperam” crescer, seguindo a sua própria natureza. Esperam desenvolver todas as suas capacidades. Não pensam em termos de impedimentos e, quando encontram um, simplesmente encaram-no como um desafio a ser superado, e depois esquecido.

As crianças possuem essa elevada expectativa, essa promessa de crescimento e desenvolvimento futuros, e sempre que essas expectativas são desencorajadas, nessa medida a qualidade da própria vida é diminuída.

É verdade, no entanto, que muitas das organizações do mundo são formadas em torno de um conceito completamente diferente, oposto — partindo do princípio de que a pior possibilidade, e não a melhor, será ativada na vida dos seus membros.

Muitas igrejas dedicam-se sobretudo à repressão da alegria em vez da sua promoção, e gera-se um medo de um Deus todo-poderoso, de modo que Deus se torna o doador de castigo em vez do doador de amor.

A profissão médica promove inadvertidamente a ideia de doença acima da de saúde e, na sua devoção a descobrir enfermidades, esquece-se muitas vezes do conceito inteiro das defesas naturais e da vitalidade do corpo. Todas estas ideias, infelizmente, tornam-se parte da vida quotidiana das pessoas, minando a sua confiança, o seu orgulho, e quase obscurecendo o estado natural de exuberância e força do corpo. A vida social também se torna contaminada, de modo que as pessoas esperam o pior em vez do melhor desfecho para qualquer empreendimento ou encontro. As leis passam então a basear-se no medo—

A Lorrie bateu, depois entrou para dar gotas nos olhos à Jane. Saiu assim que lhe dissemos que eu já o tinha feito. Percebi que deixou a porta do 330 entreaberta ao sair.

— em vez de em qualquer sentido de justiça, de tal forma que, num sentido muito básico, o homem é considerado um criminoso natural aos olhos da lei, e mais e mais leis são então aparentemente necessárias para proteger o homem “de si próprio.”

(Longa pausa.) Originalmente, as primeiras raças humanas sabiam mais. Através dos séculos, porém, mesmo enquanto as pessoas adquiriam conhecimento valioso pela experiência, começaram infelizmente também a perder ou a distorcer elementos importantes do conhecimento interior que era a sua herança.

Os sonhos, por exemplo, eram outrora tão claros, vívidos e reais como a vida desperta. As pessoas não esperavam que os seus sonhos fossem vagos, ou irrazoáveis, ou caóticos, tal como não esperavam que a experiência desperta o fosse. Homens e mulheres, de facto, aprendiam a lidar com a vida diária — a vida desperta diária — estudando as lições que recebiam no estado de sonho. Em grande medida a jovem espécie dependia dos sonhos para aprender tudo o que precisava de saber, tal como no vosso tempo as pessoas dependem das escolas.

As escolas requerem, claro, um grande corpo de conhecimento já acumulado, por isso, para as primeiras espécies, escolas enquanto tais não tinham sentido. O conhecimento vinha da experiência, e essa experiência era produto tanto dos estados de vigília como dos de sonho. O homem experimentava, na vida desperta, as lições que recebera em sonhos.

(Longa pausa.) Comentários.

Regozijo-me, mais uma vez, em notar as novas melhorias do Ruburt, e a interpretação que fizeste do teu sonho está correta, tal como discutiste com o Ruburt.

Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas saibam que estou presente e acessível.

(“Está bem. Obrigado.”)

Não pedi ao Seth que comentasse a ideia do fundo. Estava quase na hora de virar a Jane e massajá-la com Oil of Olay. Ela comeu bem depois de eu fazer uma sesta. A nossa hora de início da noite decorreu como de costume até que me preparava para vestir o casaco e sair.

“Porque achas que a ideia do fundo surgiu nesta altura?”, perguntei à Jane.

“Não sei”, disse ela. “O Seth diz que as coisas acontecem connosco

conforme a nossa necessidade em qualquer altura. Estamos também mais abertos a coisas agora—”

“Foram outros que captaram a nossa complicação com o seguro e inventaram a ideia do fundo?”, perguntei. “Segundo o material, é assim que as coisas funcionariam.”

A Jane concordou. “O Seth podia dizer algo sobre isso agora, mas é melhor ires andando ou nunca chegas a jantar.”

Hesitei, embora estivesse um pouco cansado. “Sim, mas talvez valha a pena ficar.” Peguei no caderno e sentei-me ao lado dela. O Seth surgiu de imediato.

Tens razão, claro.

O teu sentimento (*sublinhado*) de necessidade foi captado por outros que seguem o vosso trabalho e carreira, e que sentem que vos conhecem a ambos, particularmente através das tuas (*para mim*) notas.

Nenhum dado específico, em si, foi recebido — apenas o sentimento de necessidade — e a isso essas pessoas responderam. Responderam, então, ao vosso sentimento, quer o sentimento fosse ou não justificado de forma básica. Sentiste a necessidade, por outras palavras, embora eu te tivesse assegurado que, globalmente, a questão seria resolvida em vosso favor.

(Eu começava a ter lampejos de várias perguntas que, até onde sabia, não andava a remoer, pelo menos conscientemente. Fiquei surpreendido. “Perguntava-me se aderirmos à ideia do fundo nos atiraria para outra probabilidade,” disse ao Seth — e logo percebi a resposta, já que não era uma pergunta muito inteligente.)

Qualquer novo acontecimento traz consigo novas probabilidades — e, uma vez que agora estão numa estrada favorável de probabilidades, essas portas que se abrem também serão vantajosas. Percebes o que quero dizer?

(“Sim,” disse eu. “Mas não estava necessariamente a pensar que as probabilidades do seguro não resultariam.” Queria dizer mais, mas sentia-me demasiado constrangido pelo tempo e pelas minhas próprias perguntas trôpegas para falar claramente.)

Falei de tais assuntos hoje, quando disse que muitas vezes as pessoas receiam que aconteçam os piores, em vez dos melhores acontecimentos. Percebes-me agora?

(“Sim....”)

Então descansa tranquilo. Aconteça o que acontecer, estão numa estrada vantajosa — e tudo vos será providenciado. Têm apenas de confiar na natureza benéfica dos acontecimentos.

(“Bem. Estou a tentar.”)

Despeço-me, então, espero que de forma reconfortante, com um boa noite.

(“Sim. Muito obrigado, Seth.”)

(Fiquei contente por ter ficado. A Jane fumou um cigarro enquanto eu arrumava as minhas coisas para sair. Inesperadamente, tropecei em várias perguntas. Acima de tudo, não queria que a ideia do fundo, por exemplo, levasse a complicações com o acordo do seguro, disse à Jane, ou talvez a um fracasso de resolução aí. Ou seja, não queria abandonar o ângulo do seguro; sentia que nos era devido algo nessa frente. Sabia perfeitamente que novos acontecimentos trazem novas probabilidades.

(Esta manhã, enquanto trabalhava na carta para a Maude Cardwell, suponho que tomei como garantido que a ideia do fundo poderia suplementar quaisquer benefícios de seguro. Mas depois do jantar, ao falar com o Seth, vi-me a pensar se a ideia do fundo poderia causar uma mudança suficiente nas nossas probabilidades para talvez anular o acordo do seguro, fosse ele qual fosse. Tenho fé de que seremos tratados de forma justa. Quero registar que tenho fé de que tudo resultará, que não ando a saltar de uma esperança para outra abandonando as anteriores.)

SESSÃO APAGADA

1 DE JANEIRO DE 1984

(Não houve sessão ontem, 31 de dezembro, mas aqui está um resumo dos acontecimentos do dia.

O Loren e a Betts visitaram-me entre as 10h30 e as 11h45. Tivemos um tempo muito agradável, e a Betts trouxe um frasco de compota e alguma salada para a Jane. Falámos da doença da Jane, dos nossos problemas com o seguro, do dinheiro em geral e da profissão médica em particular. Disse o que pensava de forma suave, mas percebi que muitas vezes eles não entendiam bem o que eu dizia — embora por vezes a Betts me surpreendesse um pouco ao concordar comigo.

Depois de saírem, tive uma hora para dactilografar a segunda versão da carta para a Maude Cardwell.

A Jane foi à hidro esta manhã. Quis ser virada logo que cheguei ao quarto 330. A Ann Kraky visitou e trouxe uma planta, e tivemos uma boa conversa. O almoço da Jane foi interrompido. A Ann disse que a Elizabeth Wall pergunta por nós — por isso planeio visitá-la um destes dias. Disse-lhe que, por vezes, ainda sentíamos falta do 458; ela também.

A Jane começou a ler a sessão de ontem, e saiu-se muito melhor do que tem feito ultimamente. Passou rapidamente pela sessão, parecia, segurando as páginas com a mão esquerda como de costume. Tratei de correio.

Depois de eu fazer uma sesta, a Jane lembrou-se de me contar que esta manhã, depois da hidro, tivera uma “experiência” em que se viu a cozer um bolo na cozinha do 1730 Pinnacle, a colocá-lo no forno, e por aí fora. Depois sentou-se num banco no balcão, a fumar e a tomar uma chávena de café enquanto via televisão do outro lado da divisória. Um excelente exercício, disse-lhe, muito positivo.

Domingo, 1 de janeiro de 1984. O dia estava muito mais ameno — cerca de -2 °C — quando fui ao 330. A Debbie Harris estava lá, a desejarmos feliz ano novo. No serviço de urgência no piso de baixo encontrei a Peg Lyon, que também falou do 458 — precisamente quando começava a interrogar-me sobre qual seria a situação lá, atualmente.

A Debbie ajudou-me a levantar a Jane mais para cima na cama antes de sair. A Jane não comeu muito bem, e teve de comer cornflakes rançosos em vez da quiche de cogumelos. Não houve hidro hoje nem haverá amanhã.

Esta manhã tinha dactilografado a versão final da carta para a Maude Cardwell, em vez de continuar a mexer nela, e às 15h00 a Jane começou a lê-la. Saiu-se bem — passando rapidamente pelas seis páginas a duplo espaçamento. Gostou da carta.

Descrevi o meu sonho vívido da noite passada — em que andava a remexer numa série de objetos na prateleira de cima do nosso frigorífico. Encontrei várias latas grandes de comida para gato, de várias marcas, que estavam escondidas no fundo da prateleira, atrás de outras coisas. As latas eram de várias marcas, com rótulos de cores vivas. Sabia que se tinham ido acumulando lá durante algum tempo.

A Jane disse que as latas representavam alimento para a criatura, que poderíamos obter quando precisássemos, e que isso também estava relacionado com a questão do fundo. A minha ideia fora que as latas — o ir buscá-las, desenterrá-las — representavam a minha procura de crenças negativas para poder livrar-me delas. Mas a Jane disse que a ideia de alimento estava envolvida.)

(Ela lembrou-se de me dizer que tinha tido espasmos musculares na perna esquerda na noite passada, e que ficou muito irritada com isso, mas que não duraram muito depois de ter tomado o Darvoset.

A Mary, a enfermeira-chefe, entrou para esvaziar a sonda Foley da Jane. Trouxe-lhe ginger ale com gelo e pediu-lhe para tentar beber mais. Eu tratei do correio. Os sinais vitais da Jane foram tomados — temperatura 37,3 °C, um pouco elevada, disse ela — entre as 16h10 e as 16h15. O nosso relógio da televisão tinha parado às 16h00, por isso quando o acertei descobrimos que já era meia hora mais tarde do que pensávamos. Mas a Jane quis ter uma sessão.)

Bem: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

Cada criatura é também dotada da vontade de viver.

É esse desejo de vida e de expressão que, antes de mais, deu o impulso para a entrada na realidade física. A vontade de viver é inerente a cada célula ou micróbio, a cada molécula e a cada segmento mínimo imaginável da vida.

A vontade de viver pode ser encoberta, enterrada por medos e dúvidas, ou até distorcida a ponto de ser irreconhecível, mas continua presente. As pessoas passam, sem se darem conta, de estados de excelente saúde para estados de doença e de volta outra vez — e é sempre a vontade

de viver que guia com sucesso o corpo através de tais mudanças. Certas condições que parecem pouco saudáveis são, na maioria das vezes, parte do próprio estado de saúde. As pessoas olham para uma febre com alarme, por exemplo. Muitas vezes tomam imediatamente um medicamento para baixar a febre, quando na realidade a febre estava destinada a queimar determinados micróbios que eram de facto prejudiciais ao excelente estado geral do corpo.

Se, no entanto, acreditas que tal febre é muito prejudicial, e tens medo dela, acreditando ainda que só uma aspirina ou outro fármaco te poderá aliviar, então torna-se necessário recorrer a esse medicamento — porque não acreditas suficientemente no próprio sistema de defesa do corpo.

A exuberância e a vontade de viver estão intimamente ligadas. As duas juntas promovem o jogo e a criatividade — e, de facto, a ludicidade é uma das marcas de um corpo saudável e funcional. Através do jogo as crianças desenvolvem os músculos e a condição geral do corpo, e isso acontece porque as crianças possuem uma expectativa viva e um desejo de atuar ao máximo das suas capacidades.

Estas faculdades também podem ser distorcidas, no entanto, se as crianças forem ensinadas a duvidar da sua força e agilidade, e em vez disso a serem excessivamente cautelosas e receosas de se excederem. É lamentável que tantos adultos ainda se comportem como se fossem crianças, a serem ralhadas—

A funcionária da dieta trouxe o tabuleiro do jantar. Esteve no quarto apenas alguns segundos, e a Jane não saiu do transe.

— a qualquer momento por adultos, e advertidas a serem cautelosas nas suas atividades. *(Pausa.)* Comentários.

Concordo com o Ruburt que a tua carta é excelente *(para a Maude Cardwell)*.

Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo, mas saibam que estou presente e acessível.

(“Podes dizer uma palavra sobre o meu sonho de ontem à noite?”)

Tu e o Ruburt interpretaram corretamente o sonho — a ideia é que o alimento pode vir em muitas latas diferentes, ou sob muitas aparências já preparadas, já disponíveis e à mão, mesmo que não se apercebam disso logo de início.

(Pausa. “Sou eu,” disse a Jane.)

(“Obrigado.”)

Era hora de virar a Jane, e passámos o resto do tempo juntos na nossa rotina habitual — massagem com Oil of Olay, sesta e televisão, jantar, cigarros, sobremesa e oração. Saí às 19h10. Disse à Jane que ela se tinha saído bem.

Devo notar que desde ontem me tornei consciente de que andava a coçar bastante várias partes do corpo — principalmente as pernas por baixo das meias e os antebraços. A comichão é semelhante à que tenho se usar roupa de lã — só que não estava a usar lã, exceto uma pequena quantidade nas meias que sempre usei.

Depois, no 330, esta tarde, comecei a coçar-me outra vez e descobri manchas vermelhas irritadas em ambas as pernas, e em menor grau nos antebraços. Comecei a sentir-me inquieto — de que a causa não fosse realmente física. Usei brevemente o pêndulo na casa de banho enquanto a Jane fumava um cigarro, e percebi que os efeitos incómodos se deviam ao facto de não estar a trabalhar em Sonhos tanto quanto sentia que devia. Tinha passado bastante tempo com a carta para a Cardwell, sofrido interrupções com a visita da Betts e do Loren, e por aí fora.

Senti alívio depois do pêndulo, e muito mais à vontade durante a tarde. Agora a comichão regressou enquanto dactilografo esta sessão, particularmente nas pernas. Voltarei a usar o pêndulo, mas poderei pedir ao Seth que comente amanhã se persistir. Detesto mesmo tirar tempo da parte da manhã para longe de Sonhos.)

SESSÃO APAGADA

2 DE JANEIRO DE 1984

(A temperatura subiu para quase -1 °C quando saí para o 330 hoje. A nossa entrada estava escorregadia pela primeira vez, pois tínhamos tido talvez 2,5 cm de neve solta na noite passada. Tinha retirado metade para poder espalhar alpista.

A Jane não foi à hidro esta manhã. Disse-lhe que tinha acordado novamente a coçar-me na noite passada, mas que não estava pior. Expliquei-lhe as minhas respostas à comichão através do pêndulo — que estava “com comichão” para voltar a trabalhar em Sonhos depois de várias interrupções.

A Jane mostrou-me que já não usava pensos no ombro nem no cotovelo esquerdo. Cicatrizaram nessas zonas. Os pensos que restam são

numa omoplata — a direita — e em alguns pontos das costas. Todas as úlceras são pequenas, incluindo as das ancas na parte exterior, acima das nádegas. Já não vejo as úlceras que ainda estão cobertas há bastante tempo. Ou seja, agora, quando alguém olha para a minha mulher, não vê pensos exceto um em cada anca. Notável.

A Jane almoçou bem. O desfile da Rose Bowl [futebol americano] passava na televisão. A Georgia está num estado selvagem hoje.

A Jane começou a ler a sessão de ontem, e mais uma vez saiu-se muito bem, como já tinha feito ontem.

Perguntei-lhe se se lembrava de tentar escrever um poema sobre viagem fora do corpo quando vivíamos em 458 West Water, em Elmira. Não se lembrava. Queria citá-lo como nota em Sonhos.

A Jane terminou a sessão, saindo-se muito bem mesmo. Disse que se sentia “mesmo impaciente, como se quisesse levantar-me e fazer alguma coisa — percebes o que quero dizer? Sentar-me à beira da cama ou numa cadeira de descanso. Não me sentia assim há muito tempo.” Disse-lhe que a impaciência era um bom sinal, que poderia dar ímpeto adicional à recuperação. Também tinha tido um sonho na noite passada em que experimentava roupas novas. “Mas é tudo o que me lembro.”

Tratei de correio. Os sinais vitais foram tomados às 15h55 — temperatura 36,7 °C certos. Fiz mais correio. Finalmente disse que queria ter uma sessão.)

Bem: despeço-me com outro afetuoso boa tarde.

(“Boa tarde, Seth.”)

O Ruburt está a experienciar os primeiros (*pausa*) vislumbres da sua energia natural.

Grande parte dessa energia tinha sido usada para curar as escaras, para manter o estado dele estável, e depois para iniciar a renovação de uma excelente saúde. Agora ele começa a ter novamente alguma energia sobrança, por assim dizer. O resto das feridas irá de facto cicatrizar-se completamente em breve.

Será uma boa ideia que tu e ele comecem a exercitar suavemente (*sublinhado*) o joelho e a perna direita, através de movimentos fáceis. Os olhos dele “já se apanharam a si mesmos” — isto é, embora certas melhorias comecem, demora algum tempo até que exista novamente estabilidade, de modo que as novas melhorias se tornem a condição natural e habitual. Os olhos continuarão a melhorar.

Lembra-o, mais uma vez, de confiar na sua própria energia — apenas uma lembrança, pois certamente ele está a começar a fazê-lo.

Tinhas razão ao trabalhares com o pêndulo. A ideia era que as recentes interrupções “entraram-te debaixo da pele” e irromperam, por assim dizer, exprimindo a tua irritação. Essa condição deverá melhorar agora, já que reconheces a sua causa, e a irritação foi devidamente expressa.

O corpo do Ruburt está também a começar a recuperar a força normal, e a cada dia a sua agilidade continua igualmente a melhorar.

Posso ou não regressar, novamente de acordo com esses ritmos de que falo — mas estou presente e acessível.

(“Sim. Obrigado.”)

“Está bem,” disse a Jane. Li-lhe a sessão. Quando a virei de lado por volta das 16h50, e a massajei com Oil of Olay, fiz como o Seth sugerira — movendo-lhe suavemente a perna direita para trás e para a frente várias vezes. Mexeu-se bem, na sua forma ainda limitada.

Agradei os comentários do Seth sobre o meu uso do pêndulo. No geral, desde que comecei a verificar com o pêndulo, a comichão tem vindo a diminuir gradualmente. Estive bastante confortável o resto da tarde no 330, e provavelmente ainda melhor agora enquanto termino de dactilografar a sessão, às 21h20. Mas diria que a coisa mais importante em todo este assunto é que agora tenho a mente livre em relação à aflição: consigo esquecê-la, em grande parte, e sei que os benefícios — a cura menor — fluirão naturalmente. Esse sentimento sempre foi para mim o sinal pessoal de que estava no caminho certo com o pêndulo.

A Jane disse que normalmente vai de lado depois do jantar, das 20h00 às 20h30, até voltar de costas para dormir até à 1h30 ou 2h00 da manhã — varia bastante. Depois volta de lado entre as 3h00 e as 5h00. Depois, quando volta de costas para dormir, já está na posição para o pequeno-almoço.

Poder usar o botão de chamada da enfermeira é uma grande ajuda, disse. “Agora não me sinto desamparada — não tenho de ficar aqui a chamar por alguém. Está muito melhor agora.”)